

SE
HOUVESSE
UM
AMANHÃ

KRISTEL

FINALISTA DO 2º CONCURSO DE AUTORES INDIES DE AMAZON

RALSTON



SE
HOUVESSE
UM
AMANHÃ

KRISTEL
RALSTON



<https://t.me/SBDLivros>

©Kristel Ralston 2020

Se houvesse um amanhã.
Todos os direitos reservados.

*Os trabalhos da autora são apoiados por direitos autorais e registrados na plataforma SafeCreative. A pirataria é um crime e é punível por lei.
SafeCreative: 2005194047136.*

Design de capa: Karolina García Rojo ©Shutterstock.
Tradutor: Andre Riboli.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros métodos, sem prévia e expressa permissão do proprietário dos direitos autorais.

Todos os personagens e as situações desta obra são fictícios, qualquer semelhança com a realidade é coincidência.

Índice

<u>CAPÍTULO 1</u>	
<u>CAPÍTULO 2</u>	
<u>CAPÍTULO 3</u>	
<u>CAPÍTULO 4</u>	
<u>CAPÍTULO 5</u>	
<u>CAPÍTULO 6</u>	
<u>CAPÍTULO 7</u>	
<u>CAPÍTULO 8</u>	
<u>CAPÍTULO 9</u>	
<u>CAPÍTULO 10</u>	
<u>CAPÍTULO 11</u>	
<u>CAPÍTULO 12</u>	
<u>CAPÍTULO 13</u>	
<u>CAPÍTULO 14</u>	
<u>CAPÍTULO 15</u>	
<u>CAPÍTULO 16</u>	
<u>CAPÍTULO 17</u>	
<u>CAPÍTULO 18</u>	
<u>CAPÍTULO 19</u>	
<u>CAPÍTULO 20</u>	
<u>CAPÍTULO 21</u>	
<u>CAPÍTULO 22</u>	
<u>CAPÍTULO 23</u>	
<u>EPÍLOGO</u>	
<u>SOBRE A AUTORA</u>	

"Então eu acordei, e tudo aquilo que um dia
me fez mal já não doía, busquei minha coragem esquecida,
coloquei alguns sorrisos na bagagem e marchei para ser feliz."
—*Kelbin Torres.*

Queridos leitores: Me sinto muito grata por todo o apoio e carinho que sempre recebi de vocês. Depois de quatro anos, quando comecei esta aventura de me dedicar à escrita em tempo integral, "Se houvesse um amanhã" já é meu romance número vinte. Podem ter certeza de que chegarão mais histórias de Kristel Ralston :) Espero que aproveitem este livro. Eu tive experiências interessantes ao visitar algumas das cidades onde a história de Paige e Blake se desenvolve, enquanto minhas musas davam os últimos retoques a cada capítulo deste romance.

Boa leitura!

Cumprimentos.

Kristel.

CAPÍTULO 1

—Só estou lhe pedindo mais uma chance... —disse Paige a seu representante artístico e empresário, em um tom que não deixava transparecer quão desesperada e angustiada se sentia—. Tenho material suficiente para voltar ao ápice da minha carreira. Converse com os proprietários da gravadora, Josh. Eu gostaria de poder explicar o que realmente aconteceu, gostaria mesmo, mas eu não posso... —baixou a cabeça— apenas me dê tempo... Acredite em mim.

Com o olhar aceso pela raiva, depois de ter lido as manchetes daquela manhã, Josh Daniels deixou cair a caneta sobre a mesa. Passou a mão pelo rosto tentando reduzir a intensidade da raiva que sentiu horas antes ao receber as chamadas dos principais repórteres da imprensa cor-de-rosa de Los Angeles. Às vezes, as pessoas da imprensa podiam parecer empáticas, mas outras, eram uma verdadeira dor de cabeça. Ele já não tinha mais desculpas coerentes ou chocantes para inventar em defesa de Paige. Só restava a frase recorrente de sempre: "sem comentários". E isso só gerava mais interesse.

—Você acha que eu tenho uma varinha mágica para cada vez que você for pega saindo bêbada de uma boate ou com algum idiota que diz ser seu amante por cinco minutos de fama? Sou o seu representante artístico, mas, de maneira nenhuma, uma fada madrinha, Paige. Você precisa se dar conta do que está acontecendo ao seu redor. Acabou de ser despedida de uma das gravadoras mais importantes do mundo.

—Nossos advogados podem recorrer à situação e...

A ninguém importava quem era Paige Valois longe dos palcos desde que rendesse manchetes, e no caso da sua gravadora, muitos sucessos musicais. Ela quase podia jurar que três décadas, e não apenas oito anos, se passaram desde que embarcou num avião saindo de Portland para Los Angeles.

Essa viagem não exigiu apenas que deixasse sua vida, assim como a conhecia, para trás; mas também que deixasse seus medos e segredos guardados nas áreas periféricas de Portland. Todos têm motivos diferentes para ter segredos, sem dúvida, e no caso de Paige não era diferente. Havia lembranças de seu passado que preferia deixar nos confins de sua memória; essas lembranças eram dolorosas demais algumas vezes, e desesperadoras em outras. Se Paige decidisse limpar sua reputação perante o público, o custo do seu bem-estar poderia atingir uma pessoa inocente e expô-la a um escrutínio desnecessário e doloroso. Esse era um preço que ela não acreditava valer a pena pagar, principalmente às custas de tudo o que mais amava: a música.

Não tinha ideia de quanto tempo mais poderia resistir à barreira, cada vez mais forte, que se erguia através da imprensa e até mesmo de seus colegas de profissão. Sentia-se presa em um minúsculo espaço onde as paredes começavam a se fechar pouco a pouco à sua volta. Às vezes, isso a incomodava a ponto de querer largar tudo e refugiar-se em algum lugar onde ninguém a reconhecesse. Precisava de um espaço livre de pressões para poder trabalhar em seu próximo projeto.

Paige tinha músicas guardadas que não se pareciam nada com as baladas pop carregadas de otimismo ou alegria que vendem centenas de milhares de cópias em todo o mundo. Essas músicas, que escrevia em seus momentos a sós, nunca haviam sido ouvidas, e eram o reflexo verdadeiro de seu coração e de sua alma a partir de uma perspectiva mais pessoal. Íntima. Ela começava a sentir a necessidade de deixá-las sair à luz, compartilhá-las, mas não podia tomar essa decisão no meio de toda a agitação gerada naquela manhã. Não se tratava do escândalo da

noite anterior, mas da sua demissão da gravadora. Precisava fugir um momento. Apenas um momento...

—Por acaso você acha que eu fiquei sentado a manhã toda refletindo sobre a situação, Paige? —perguntou Josh, tirando-a de seus pensamentos depois de um longa pausa de súbito silêncio.

Ela elevou seus olhos azul-anil.

A beleza de Paige era uma mistura de mulher sensual e atrevida e ao mesmo tempo ingênua e doce. Uma combinação extremamente atraente para os meios de comunicação que, independentemente do que fizesse, a seguiam sempre; algumas vezes para adorá-la, e outras para destruí-la.

Era uma espécie de relação de amor e ódio. Qual relação era perfeita? Apesar da maldade com que alguns jornalistas escreviam sobre ela, Paige procurava deixar as complicações para seus advogados. Tinha o suficiente em sua vida para submeter-se a uma batalha verbal contínua que, no final, não traria resultados. Apesar das fofocas da imprensa, o público a adorava. Os fãs costumavam dizer que Paige tinha os olhos de um anjo, o corpo de uma Madonna, e a voz de uma sereia que era capaz de envolver qualquer um que a ouvisse.

Ela havia conquistado os primeiros lugares das paradas de sucessos musicais, e apesar de ter acabado de ser demitida, Paige sabia que, bem ou mal, seus discos continuariam vendendo. O que a preocupava era a impossibilidade de assinar um novo contrato e de voltar aos palcos. Já tinha dinheiro suficiente. A ambição financeira não movia suas decisões, mas sim a ambição de chegar a mais lugares e tocar mais corações com sua música.

Ela não queria viver de seus sucessos do passado, não importava o dinheiro que lhe rendiam. Paige adorava criar e se perder na adrenalina que a envolvia quando gravava em um estúdio. E essa possibilidade começava a desaparecer...

Era preciso encontrar uma forma de acabar com a sombra que a perseguia desde que o seu primeiro álbum, *Declaração de Intenções*, lhe rendeu seus dois primeiros Grammy. No entanto, sentia-se presa porque não podia por em risco a única pessoa inocente por trás de todos os seus supostos escândalos.

—Não, Josh, obviamente —respondeu exalando—, mas ao menos quero que me conceda o benefício da dúvida e não acredite em tudo o que sai na imprensa. Você sabe como exageram...

—Você está despedida Paige, e isso não é exagero! É oficial, e não duvido que quando ligar nos canais da imprensa cor de rosa isso já esteja espalhado por todo o mundo —exclamou segurando a carta assinada pelo dono da gravadora, Antlers Records Inc., onde estava claro que ela não voltaria a renovar contrato e o contrato atual seria cancelado imediatamente com sua indenização conforme exigia a lei. Eu disse para você continuar em Seattle depois do show de ontem e para não voltar a Portland dentro de uns sete meses. Qual a necessidade de voltar à sua cidade natal sem nenhum motivo urgente? Sempre que você volta a Portland surge um novo escândalo de proporções ridículas. É isso que não entendo, Paige. Não entendo.

—Josh, escuta...

—Não se trata da minha opinião —interrompeu—, mas do dano que a sua reputação pode causar aos meus outros clientes e, conseqüentemente, à gravadora que contrata você ou eles.

—Não consigo entender o porquê...

Josh suspirou com impaciência.

—Porque podem questionar a nossa capacidade, como empresa, de controlar que nossos representados cumpram os contratos. Ninguém duvida do seu talento, mas já existe uma Miley Cyrus no mercado e a imprensa já a martirizou o suficiente. Não queira se tornar uma, pelo menos não com o nome da minha empresa. Você prefere ser admirada por seu talento ou por

seus escândalos?

—Não é isso o que eu pretendo, sua pergunta me ofende porque você bem sabe o quanto eu tenho me sacrificado por minha carreira, Josh —disse olhando para ele furiosa—. Não quero ser nenhuma outra pessoa, apenas Paige Valois. Tudo bem? Preciso de um tempo para lidar com todo esse vendaval. Um tempo... e uma oportunidade.

Ele soltou um grunhido de frustração.

—Indo afogar suas mágoas em outro bar em Portland para ser vista vomitando na calçada?

—Eu não... —suspirou, não tinha motivo para defender-se porque não podia oferecer a Josh o que precisava: a verdade—, você vai tentar encontrar uma gravadora para mim?

—Olha, não pretendo ofender você, sinto muito, mas acho que essa situação de estar nas manchetes o tempo todo, e não exatamente por um assunto que contribua para o seu palmarés, começa a me incomodar mais do que o normal.

—Josh...

—Terei que estudar a situação —disse o homem de cabelos dourados e olhos verdes. Somente os melhores conseguiam contrato com a sua agência de talentos, Journey Media. Paige se sentia privilegiada por fazer parte da empresa, mas se ele não conseguisse encontrar uma gravadora que quisesse contratá-la, apesar de seus escândalos, ninguém mais conseguiria—. Não vou mandar você embora da minha empresa, mas tenho que analisar as opções que nos restam, Paige.

Um leve alívio instalou-se nela, e concordou.

—Tenho tanto ainda para entregar para o meu público —disse com veemência e a ponto de deixar escapar as lágrimas que lutavam para sair—. Josh, não desista de mim. Você sempre acreditou em mim. Não deixe de acreditar agora.

Ele passou os dedos entre os cabelos.

—O contrato com a Antlers Records não tem solução. Eu conversei com eles esta manhã antes de você vir ao meu escritório. —Paige baixou a cabeça—. Verei que outra alternativa posso encontrar. A sua reputação de garota problema não ajuda... Se você não confia em mim o suficiente para falar o que está por trás de todos os seus escândalos para eu tentar mudar a perspectiva da sua reputação com a imprensa, então não há muito o que eu possa fazer... —suspirou— me dê alguns dias para ver o que posso encontrar. Eyna, minha nova assistente, entrará em contato com você o mais breve possível. Enquanto isso, não quero vê-la em nenhum tipo de evento ou assunto público. Nem bom, nem mau. Você pode pelo menos fazer isso?

—Sim. Claro que sim —respondeu um pouco esperançosa.

Paige havia ido ao estúdio de gravação naquela manhã com uma ilusão porque estava trabalhando em uma nova ideia. Na verdade, havia escrito um novo material três semanas atrás. Por isso, teve uma ingrata surpresa quando, ao entrar no estúdio, não encontrou nem os músicos habituais, nem os responsáveis pelo som ou os responsáveis pelos controles.

Quando procurou explicações nos arredores, todos lhe sorriram como se fosse um pedido de desculpas e evitaram dar respostas diretas. Intrigada, e também com raiva, Paige foi até o escritório da secretária do presidente da Antlers Records. A secretária lhe disse que lamentava não poder ajudar e que o melhor seria que ela discutisse os detalhes com o seu representante. Foi então quando Paige soube que a energia de ter acordado com um comportamento otimista não ia durar.

E não havia se enganado.

Josh, mais uma vez, continuava sendo a sua esperança. Nunca poderia ser grata o suficiente. Odiava não poder contar a ele sobre seu passado, mas era o melhor para todas as partes envolvidas.

—Que bom. Agora vamos sair daqui —disse ele, pegando as chaves da Range Rover preta—. Você quer que eu a deixe em um hotel onde a imprensa dificilmente possa ter acesso? Enya cuidará disso, é claro. Ou prefere ir para sua casa em Beverly Hills?

Ela balançou a cabeça em sinal de negação enquanto ajustava o cinto de segurança. Os escritórios de Journey Media eram blindados para que nenhum transeunte indiscreto conseguisse se infiltrar. Naqueles momentos, Paige pensava que poderia agradecer o nível de paranoia de Josh em relação à privacidade.

—Minha casa deve estar rodeada de paparazzi. Talvez eu pudesse ficar com Melinda e as crianças? —perguntou fazendo alusão à esposa de Josh e os dois filhos do casal. Era o mais próximo de uma família normal que Paige havia conhecido e tinha um grande carinho por eles. Sabia que o sentimento era mútuo e sincero. Melinda era só cinco anos mais velha do que ela, e havia se tornado uma grande amiga.

—As crianças ficarão felizes em ver você. Você sabe que é sempre bem-vinda.

—Eu adoraria vê-los.

Paige tinha consciência de que aqueles que a rodeavam não a conheciam, nem ela queria que a máscara de fortaleza que cobria suas dolorosas feridas fosse descoberta. Guardava para si a verdadeira Paige, aquela mulher que tentava dar as costas para o passado, embora ele a atormentasse como um fantasma em plena meia-noite. Além da família Daniels, todas as outras pessoas se alimentavam da sua fama ou de seus contatos para conseguir algo às suas custas. Não era o caso de Josh, porque ambos eram conscientes de que se tratava de um negócio. A amizade que os unia era sólida, e jamais teve interferência no curso da sua carreira.

—Também somos amigos, Paige, e eu entendo que não é fácil ser jovem e famosa.

—Obrigada por não me deixar na mão —murmurou enquanto começavam a sair da sede da Journey Media.

—Não posso garantir nada —respondeu Josh, e um arrepio percorreu as costas de Paige. Seu destino musical estava nas mãos da pessoa que seu representante conseguisse convencer de que valia a pena lhe dar uma última oportunidade—. Temos que resolver essa situação de alguma forma... Espero conseguir.

—Se você não conseguir, acho que este será o fim da minha carreira musical.

—Ser pessimista não combina bem com você —disse ele com um sorriso.

Aquele era o primeiro sorriso sincero que Paige havia recebido toda a manhã, e só por esse gesto sentiu que talvez nem tudo estava perdido. Cruzou os dedos.

A habilidade de Blake para tocar piano e violão não havia passado despercebida para seus pais, renomados cantores de música country que já estavam aposentados dos palcos. Apesar de seu grande talento, Blake odiou cada minuto que havia ficado sozinho em casa, aos cuidados de uma corte de babás e da equipe de serviço, enquanto seus pais participavam de eventos com multidões de pessoas por todo o mundo. Ele nunca quis nada que se relacionasse aos palcos, e —embora relutantes— seus pais não insistiram no contrário. Pauline, sua irmã mais velha, adorava os aplausos e os palcos. Carismática, sociável e com uma voz poderosa, havia se tornado uma célebre cantora country nos Estados Unidos.

Blake preferia estar à sombra. Havia testemunhado a forma como a imprensa encurralava as pessoas famosas a cada instante. Não em vão, ele tinha sido testemunha de duras discussões em casa por causa de boatos maliciosos e falsos. Ele não queria isso para sua vida. Sua vida privada era um campo isolado para a imprensa. Seus pais jamais o obrigaram a nada. Graças a isso,

difícilmente alguém o reconhecia.

Na verdade, ao completar dezesseis anos, enquanto sua irmã assistia a aulas de música e se apresentava em programas de televisão, Blake desfrutou sua adolescência desregrada na Europa, passeando por cidades distantes das grandes metrópoles, onde era apenas parte das estatísticas de alunos estrangeiros. Estudou mestrado em administração de empresas e aproveitou o seu anonimato. Raramente algum jornalista o reconhecia como filho do lendário dueto Howard e, se porventura suspeitasse, não se aproximava. Ele não era notícia.

Para Blake, estar longe dos olhos do público continuava sendo uma importante parte da sua filosofia existencial. Por isso havia contratado Galeana Micontti, especialista em relações públicas, com uma reputação impecável.

Era ela quem dava as caras para a mídia e organizava eventos relacionados aos talentos da gravadora. Ele era o cérebro logístico, contratual, chefe e senhor da sua impecável companhia musical. Seu vice-presidente executivo, Macron, era encarregado de fechar negócios internacionais e consolidar a marca.

Com trinta e cinco anos, Blake havia forjado uma sólida imagem profissional. Seu sobrenome não era uma referência para os demais, pois *Howard* era tão popular como qualquer outro. Ele era conhecido como um empresário confiável e agressivo.

O principal objetivo de Blake era contratar, antes que ninguém, emergentes e promissores talentos musicais. Era muito rigoroso e extremamente seletivo, e talvez por isso —apesar de ser uma gravadora de médio porte em comparação com as outras— os que se atreviam a bater na porta da Lion Records sabiam que tinham que cumprir à risca as orientações ou ficavam sem contrato e à espera de alguém que quisesse oferecer um acordo melhor. Isso não costumava acontecer.

Ser demitido da Lion Records significava o fim de uma carreira promissora que mal havia começado. Blake não tinha más experiências a respeito, e para evitá-las, jamais permitia que um talento musical problemático tivesse apoio do selo da sua gravadora. Gostava de sucesso e não aceitava as merdas de ninguém; era extremamente cuidadoso e seletivo.

O gênero com maior preferência na companhia de Blake era o pop e o jazz. Dois gêneros opostos, mas que ao mesmo tempo permitiam diversificar seus gostos e também afastar-se do gênero musical que caracterizava a sua família: o country. Ele tinha encontrado o modo de desfrutar das duas coisas que aumentavam a adrenalina em seu sangue: música e negócios, e foi assim que surgiu o selo da gravadora Lion Records oito anos antes.

—Blake, você tem uma chamada na linha dois. Josh Daniels.

A voz de Hannah, sua secretária, através do interfone o afastou da estante em que costumava ter sua coleção de moedas antigas.

—Claro. Transfira a chamada para a minha linha privada.

—Feito.

Blake aproximou-se da sua escrivaninha de madeira entalhada do século dezoito. Aquele foi um capricho que lhe custou vários milhares de dólares, sem contar a importação, em uma loja de antiguidades de Colônia, na Alemanha. Quando ele viu a mesa não pôde resistir a tê-la em seu escritório. No momento em que algo que desejava passava diante de seus olhos ou cativava seu ouvido, Blake fazia todo o possível para tê-lo.

Apoiou o traseiro sobre a borda direita da mesa e pegou o fone de ouvido.

—Depois de tantos meses finalmente tenho a certeza de você não foi abduzido pelas sereias gregas —disse Blake, rindo—. Como vão as coisas, Josh?

—Tenho sorte de não ter me jogado de um precipício —respondeu de sua casa em Bel Air— e

você, quais são os novos talentos que você tem em sua mira? Você sabe que eu os representaria com prazer.

—Não se esses representados por você saem na capa toda semana.

—Ah, estamos falando de alguém em particular? —perguntou sentindo o terreno. Ele e Blake se conheciam há vários anos, quando se encontraram em um evento em Londres. Desde então, tinham uma estreita relação de amizade que, salvo em algumas ocasiões, preferiam não misturar com os negócios.

Os conselhos ou comentários sobre a indústria musical não estavam longe das conversas habituais, mas nunca haviam assinado um contrato juntos. Talvez seja por isso que se davam tão bem. Blake não acreditava em coincidências. Apesar de dever muito a Josh, pois o havia salvado de morrer afogado em uma forte corrente marinha no Mediterrâneo durante o verão europeu, ele não misturava apreço pessoal com interesses profissionais. Aquele era um acordo implícito entre ambos, e talvez graças a isso cultivavam quase uma década de sólida amizade. Não se viam com tanta frequência, por suas ocupações mútuas, mas costumavam se reunir duas ou três vezes no ano.

—Uma de cabelos castanho-claros e olhos azul-anil, para ser preciso —disse Blake—. Acabei de ler no jornal há alguns minutos. Por que você simplesmente não a demite? Evitaria muitos problemas. Você está há anos tolerando seu comportamento extravagante.

Josh, observando a forma como Paige brincava com seus filhos a partir da porta entreaberta do seu escritório pessoal em casa, sentiu uma pontada de tristeza. Durante muito tempo havia tentado ignorar a realidade por trás dos escândalos de Paige, mas, na verdade, ele sabia perfeitamente o que acontecia.

Ele nunca contratava uma pessoa sem antes investigá-la profundamente. No entanto, nunca falaria a respeito da verdade sobre a família de Paige se ela não tocasse no assunto primeiro com ele, com Melinda ou com a imprensa. Odiava o fato de não poder defendê-la como merecia. Se sentia mal por não poder nem lhe dizer que podia ajudá-la... Paige tinha um grande coração, e era uma pena que ser tão nobre implicasse afundar a favor de outros. E ele sabia exatamente quem ela protegia com tanta ferocidade.

Apenas porque acreditava em Paige, no seu talento e integridade, decidiu ligar para a única pessoa que poderia lhe dar um auxílio. Blake era duro de roer, mas também justo. Ou pelo menos esperava que pudesse sê-lo com Paige, caso aceitasse fazer uma entrevista com ela.

—Não gosto de enrolar muito, então, você aceitaria recebê-la e falar com ela? É uma mulher muito talentosa...

—E que carrega grandes problemas em sua reputação. Josh, eu não sei por que você se incomoda em me ligar por uma pessoa como ela.

—Talvez você esteja julgando antes de conhecê-la.

—A imprensa tem feito um bom trabalho.

—A imprensa costuma mentir sem escrúpulos.

Blake riu. Sabia o quanto Josh defendia seus clientes. Não lhe surpreendia que estivesse defendendo a sua representada, apesar de que, naquela manhã, a problemática mulher tinha acabado de ser demitida de uma das maiores gravadoras do mundo.

—Josh, eu não acho que faça sentido entrevistá-la. Sua reputação fala por ela.

—A música fala por Paige Valois. É talentosa.

—Mas não é um talento novo; o tipo de talento virgem com quem costumamos sempre assinar na Lion Records. Você sabe disso —disse calmamente, enquanto girava na palma de sua mão livre um cubo de Rubik.

Em Bel Air, Josh esfregou a testa com o indicador. Ouviu o riso dos seus filhos, e observou a cumplicidade entre Melinda e Paige. Xingou em silêncio por não ser capaz de defender sua amiga e cliente diante de Blake naquele momento, para ajudar a explicar porque podia confiar nela. Exalou com impaciência.

—Nunca lhe pedi um favor, Blake. Eu estou pedindo agora. Pelo menos a conheça. Escute e depois decida se você pode contratá-la na Lion Records.

—Não posso prometer nada.

—Não é isso que estou pedindo. Você vai recebê-la em seu escritório?

—Por você ser um amigo que nunca me pediria algo assim se não acreditasse firmemente na pessoa que defende, sim. Vou receber a senhorita Valois.

Josh fechou os olhos um instante. Ainda havia um resquício de esperança para Paige... reclinou-se contra o encosto da sua poltrona de couro italiano.

—Amanhã ao meio-dia?

—Vou pedir que minha assistente combine com a sua.

—Obrigado, Blake.

—Não precisa agradecer. Ainda não sabe qual vai ser o meu veredicto.

Josh riu.

—De qualquer forma, obrigado, amigo.

—Saudações à Melinda e às crianças —disse Blake antes de encerrar a ligação.

A última coisa que o dono da Lion Records pensava em fazer era complicar a vida. Ia explicar à senhorita Valois porque sua companhia, apesar de ela ser talentosa, não lhe daria nenhuma chance. Não conseguiria isso sem provas sólidas. Ele era um homem lógico, e por isso só tinha que ter algo que justificasse a sua rejeição.

Pegou o telefone.

—Galeana, preciso de um relatório completo dos escândalos de Paige Valois nos últimos três meses. Você consegue para hoje ao final do dia?

—Imagino que você queira contratá-la...

—Não imagine coisas, Galeana, não lhe pago pra isso —disse com seu tom empresarial, mas simpático.

—Eu sei, Blake. Você me paga para eu resolver problemas e dar a cara pela sua empresa, graças à fobia de que invadam sua privacidade. —Blake sorriu, sem interrompê-la. Gostava de Galeana ser uma pessoa que não se levava por emoções. Ele já tinha problemas o suficiente com o ego e o sentimentalismo dos músicos com os quais trabalhava para adicionar uma cota extra com sua profissional de relações públicas—. Você terá um relatório convincente ao final do dia.

—Não deixe escapar nada.

—Isso não me impede de lhe dizer que, como responsável pelas relações públicas, pensar em apostar em Paige seria uma dor de cabeça. Isso no caso de que esteja considerando como uma opção...

—Não precisa me dizer o óbvio.

—Que bom que temos a mesma linha de comunicação.

—Se fosse o contrário você estaria trabalhando para outra pessoa.

Galeana soltou uma gargalhada. Seus cabelos e seus inquisitivos olhos castanhos montavam a imagem de uma mulher exótica, embora frívola, na opinião daqueles que a viam se desenvolver com desenvoltura no mundo dos negócios.

Quando Galeana passava da vida profissional para vida a pessoal, era diferente do que os outros costumavam imaginar sobre ela. Tinha quarenta anos de idade, e o físico de uma mulher

de trinta. Seu marido havia morrido nove anos atrás, quando ainda morava em Florença, pelo impacto de uma bala perdida. "Hora e lugar errado", é o que as autoridades italianas repetiram a ela quando terminaram as investigações da morte de Paolo. Desde então, o trabalho era a paixão de Galeana, e seus amantes ocasionais apenas significavam uma fuga do estresse. Era pragmática, porque a vida a havia conduzido para isso.

Poucas pessoas tinham o prazer de conhecer o seu lado acolhedor e divertido. Esse aspecto da sua personalidade havia morrido no dia em que Paolo exalou o seu último suspiro.

Blake e ela sabiam separar as diferentes áreas da vida com a precisão de um cirurgião. Sem arrependimentos. Talvez seja por isso que trabalhavam em tanta sintonia um com o outro.

—Você terá o relatório em seu e-mail as seis da tarde —disse ela, enquanto comunicava através de gestos à sua assistente pessoal que não queria mais interrupções em seu escritório. Ia ser uma longa jornada, e o pedido de Blake só aumentaria o ritmo de trabalho.

—Tudo bem, Galeana.

Ela desligou o telefone e começou a organizar a sua equipa de colaboradores para o resto do dia.

Blake se afastou da mesa e pegou seu casaco do cabide. Sabia que podia confiar profissionalmente em Galeana. A mulher era uma máquina condenada a trabalhar. Tinha a sensualidade inata das italianas e a força de alguém que tinha conseguido superar suas próprias limitações através do seu esforço. A respeitava por isso. Algumas pessoas especulavam sobre a possibilidade de que fossem amantes devido ao nível de entrosamento no trabalho e a quantidade de viagens que costumavam fazer juntos. Longe de interessar-se por esclarecer se eram ou não, Blake não tinha que dar explicações a ninguém.

Eram duas horas da tarde e ele tinha que fazer uma visita, que havia adiado por vários meses, a sua ex-mulher. Ver Sheela nunca era algo agradável. Já fazia cerca de três anos que estavam divorciados, mas a lembrança da traição continuava sendo um espinho que Blake não tinha conseguido arrancar da pele.

No porta-malas do seu Lincoln MKX tinha quatro caixas com coisas que pertenciam a Sheela. Tinha pensado em entregá-las, mas sempre aparecia algum imprevisto que o obrigava a desistir da ideia. Considerar que alguém da sua empresa se encarregasse do assunto seria um absurdo, e até mesmo uma brecha em sua vida privada. Quem sabe as bobagens que sua ex-mulher poderia dizer.

Embora as caixas de papelão não ocupassem muito espaço no seu sótão, representavam uma silenciosa lembrança de quem havia vivido durante dez anos a seu lado. Uma década com altos e baixos.

Casar tão jovens havia sido um erro...

Abrindo a porta do seu luxuoso escritório, no coração do centro empresarial de Los Angeles, Blake ajeitou os óculos de sol antes de mergulhar no mundo barulhento.

CAPÍTULO 2

Três anos e meio antes.

Nas nove últimas semanas, Blake havia trabalhado até altas horas da madrugada tentando resolver com sua equipe jurídica um problema com relação a direitos autorais. Poderia ter delegado todo o processo a seu vice-presidente executivo, Macron Twarn, no entanto, não se tratava de um assunto banal, nem de um cantor qualquer envolvido no olho do furacão.

O assunto estava ligado a um dos mais promissores talentos que Blake havia escutado nos últimos tempos. Estava apostando forte no menino, e lhe irritava o fato de que a concorrência tentava tirar o prestígio de Cole Klaus porque este havia preferido a Lion Records, em vez de outra gravadora, para seu primeiro trabalho musical. O acusavam de plágio. Bobagem!

Os negócios eram apaixonantes, mas também frustrantes, embora, neste caso em particular, Blake se irritava com todo o imbróglcio sem sentido. A paciência nunca tinha sido o seu forte..., e duvidava muito que conseguiria, num futuro próximo, fazer com que se tornasse uma de suas virtudes.

Pegou uma xícara de café que tinha começado a tomar mais cedo, o líquido já estava meio frio, no amplo balcão de mármore. Bebeu um gole com calma. Tinha trinta e um anos de idade, e já havia conseguido uma expansão do seu negócio, muito considerável. Além das conexões sociais que possuía, graças as suas contínuas viagens, e também os contatos de Macron, havia aprendido que a perseverança tinha mais peso do que a influência. Para Blake, o sucesso ainda estava longe de ser alcançado, pois era ambicioso e perfeccionista em seu lado profissional.

Nada era suficiente para ele. Precisava sempre de mais.

As nove semanas trabalhando sem descanso já começavam a cobrar seu preço. Sentia-se exausto, mas satisfeito com a perspectiva que tinha dos próximos meses. Tinham sido dias com resultados frutíferos. Depois de tanto analisar a situação legal dentro da empresa, havia conseguido iniciar o processo para uma profunda reestruturação das bases jurídicas e de comunicação com as quais trabalhariam, não só com Cole Klauss, mas com todos os artistas da gravadora. Assim evitaria que se tentasse difamar o trabalho de seus músicos.

O segundo semestre do ano seria menos exigente no escritório, e isso o fez se sentir menos culpado por ter esquecido, uma semana atrás, seu décimo aniversário de casamento com Sheela. Ficava surpreso por sua esposa, apesar de ter um temperamento forte, ter mantido a compreensão e a calma perante a desculpa de que o trabalho havia tomado mais tempo do que o esperado. Não era uma mentira.

Em compensação, havia prometido uma viagem para as Ilhas Fiji, que ela aceitou com um sorriso antes de passarem uma de suas habituais noites de sexo apaixonado. Podiam ter passado anos, mas a chama que existia entre ambos —apesar das grandes brigas que costumavam ter ultimamente— continuava viva.

Tudo estava indo bem, do ponto de vista de Blake, por isso podia deixar o comando da empresa, por uma semana, a Macron. Dessa forma não sentia que havia deixado peso demais para seu sócio. Não só isso, mas também poderia desfrutar de suas primeiras férias desligado por completo —ou dentro do possível— em algumas ilhas paradisíacas longe da loucura que significava trabalhar em Los Angeles.

Deixou a xícara vazia sobre a mesa.

Os músculos das costas estavam tensos, e ele precisava de uma massagem urgente. Talvez mais tarde pediria que sua assistente agendasse uma sessão com sua massagista habitual. Virou a cabeça da esquerda para a direita, tentando fazer com que os nós que se formaram em suas costas desaparecessem.

Caminhou sobre o carpete que cobria o piso dos escritórios e afastou-se da cafeteria. Seus olhos ardiam e a dor de cabeça parecia aumentar a cada pouco. Seu cérebro clamava por um descanso.

Blake pegou seu casaco do cabide. Seu escritório tinha um estilo muito acolhedor, graças a um decorador que sua irmã, tão teimosa como era, insistiu que contratasse. Como lhe negar alguma coisa? Apenas tinha contato com Pauline devido às contínuas viagens artísticas que ela realizava e quando faziam a reunião anual do Dia de Ação de Graças, e também a de Natal, uma missão quase impossível na tentativa de seus pais de ter toda a família reunida.

Pensar em sua família fazia Blake sorrir, mas, se tinha certeza de algo, era de que não queria ter filhos. Ele se considerava egoísta demais para deixar suas ambições profissionais de lado por causa da paternidade. Menos mal que Sheela pensava do mesmo modo. Talvez isso os tornasse perfeitos um para o outro.

Foi até uma estante de canto de vidro e desconectou o celular que havia deixado carregando momentos atrás. A bateria estava carregada cem por cento.

Franziu a testa ao ver que a tela notificava várias mensagens sem ler. Já era mais de meia-noite. Esperava que não fosse nenhum tipo de urgência na filial da empresa em Londres.

Deslizou o dedo sobre a tela para ver as mensagens de texto.

"Blake continua em suas reuniões estúpidas. Já estou com saudade de vê-lo outra vez."

Blake ficou com a mente em branco, mas continuou lendo enquanto experimentava a sensação de que alguém havia lhe tirado o ar dos pulmões. "Não pode ser possível", disse a si mesmo.

"Me divorciarei de René. Só lhe peço para ser paciente, Sheela."

"Ser um segredo sujo não é algo que me agrada..."

"Vamos ficar juntos, querida. Me dê um tempo"

"Talvez seja melhor pararmos de nos ver se você não tem certeza que quer arriscar-se, Ernest"

"Quando eu não tive certeza de que quero estar perto de você? Não planejamos assim, mas quem planeja por quem irá se apaixonar?"

"Preciso repensar..."

"Quando você vai para as Ilhas Fiji?"

"Ainda preciso decidir... Vou dormir, Ernest".

"Dentro de dois dias nos veremos novamente, e planejaremos tudo com calma. Não tenha receios de que tudo ficará bem. Ninguém me faz sentir como você, querida. Você entende?"

"Sim... Preciso trocar os lençóis antes que Blake chegue".

"Sim, sim. É melhor, querida. Beijos".

A súbita raiva que devastou os sentidos de Blake clamava por vingança.

Quis jogar o telefone contra a parede, mas precisava de um motivo para seguir esse impulso. Como era possível que Sheela o tivesse enganado?, perguntou a si mesmo andando de um lado para outro com tanta fúria que lhe surpreendeu o carpete não arder em chamas sob a sola de seus sapatos de grife.

Por masoquismo, curiosidade ou simples morbidez, procurou se o histórico de mensagens estava guardado na nuvem. Não ficou surpreso ao ver que estava. Terminou de ler com um nó

em sua garganta, ferido e decepcionado. O caso de Sheela com seu companheiro habitual de partidas de tênis aos fins de semana, Ernest Darth, já tinha mais de três meses, de acordo com as datas das primeiras mensagens. Como havia sido tão idiota para não suspeitar? Ou talvez tenha preferido ignorar os sinais?

Se sentia confuso e, de repente, completamente desequilibrado. Em sua vida nem tudo era branco ou preto, não, mas, neste caso, não conseguia encontrar essa imparcial zona cinzenta. A dor de cabeça aumentou subitamente, e sentiu a garganta seca e áspera. Foi buscar um copo de água. Embora não acreditava que pudesse surtir muito efeito quando o que realmente precisava era gritar até ficar rouco, praguejar e encarar Sheela naquele exato momento.

Apertou tão forte o copo de vidro que o quebrou entre os dedos, causando pequenos ferimentos em suas mãos. Colocou a palma da mão direita sob a torneira de água gelada e fechou os olhos. Tentava respirar com calma, sem sucesso.

Afastou-se da pia e foi até o kit de primeiros socorros. Limpou com álcool e, depois, cobriu as pequenas feridas com curativos. Voltou ao seu escritório. Deveria deixar o telefone? Provavelmente. Se já tinha encontrado a raiz, então agora chegaria até os ramos mais longos da infidelidade, disse a si mesmo.

Deslizou o dedo sobre a tela e respirou profundamente.

Havia uma galeria de fotografias explícitas na nuvem de Sheela, nua, e outras dela com Ernest em várias posições sexuais na cama. *Sua cama* de casal. O nível de raiva e humilhação que sentiu naquele momento não se comparava com nenhum outro que tivesse vivido.

Costumava se surpreender com as pessoas que cometiam crimes a sangue frio, e as condenava. Não entendia como alguém podia se deixar levar pela raiva ou qualquer outra emoção impensável a ponto de tirar a vida de outro ser humano. Agora, infelizmente, entendia, pois seu desejo de procurar Ernest e esmagá-lo a golpes parecia aumentar conforme passavam os minutos. A vontade de gritar insultos contra Sheela não ficava atrás; matá-la com um tiro? Não, fácil demais. Queria vê-la sofrer de uma forma profunda e contundente.

Talvez se tratasse de algum caso do destino o fato de que essas mensagens da conta de Sheela tivessem chegado a ele. Nunca antes, desde a primeira vez que compartilharam o mesmo usuário para o download de música ou livros em contas separadas, haviam se misturado os arquivos de um com os do outro. Nunca. Blake imaginava que talvez se tratasse de algum tipo de opção que, por engano, ele ou Sheela pudessem ter ativado sem pensar. Mas as formas já não importavam. Tinha acabado de descobrir o caso de sua esposa com um de seus amigos mais próximos.

Se não tivesse considerado o imbecil de Ernest como amigo, talvez não se sentisse tão furioso com ele. Geralmente, os casados se voltavam contra a pessoa alheia ao casal por causa infidelidade, e isso era algo que Blake considerava uma estupidez. O compromisso de fidelidade era feito pelo casal, e os únicos culpados no caso de infidelidade era um dos dois, porque o compromisso de lealdade cabia a eles e a ninguém além deles.

Mas, neste caso, era totalmente diferente com Ernest, porque ele havia recebido a confiança, a amizade e a entrada para o círculo pessoal que Blake cuidava milímetro a milímetro. Sheela e Ernest eram igualmente culpados. Não sairiam impunes, pensou, furioso. Guardou o telefone em sua maleta e foi em direção à porta.

Não queria tomar nenhuma decisão sob influência da raiva. A academia que frequentava habitualmente ficava aberta vinte e quatro horas por dia. A esteira de corrida ia gastar seu desgosto e raiva. Apreciava sua liberdade e, por isso, seguir seus instintos assassinos não iria ajudá-lo nessa missão. Havia outras formas de vingança.

Não pensava em voltar para casa naquela noite. A traição se paga com traição?

Provavelmente, entretanto, não pensava em cair nesse jogo mesquinho. Não devia mais nenhum tipo de explicação à Sheela. Agora só tinha em mente encontrar o melhor advogado especializado em divórcios.

Uma semana mais tarde.

Sobre a estante da sala de música da mansão que os Howard tinham em Los Angeles estavam as fotografias que comprometedoras de Sheela com Ernest. O silêncio era opressor e estava carregado de acusações fruto de uma longa discussão que havia começado com ela negando tudo. Depois seguiram-se as perguntas, bastante diretas, de Blake. Perante a relutante intenção de Sheela de aceitar a sua infidelidade, Blake puxou de uma divisória várias fotografias que um detetive particular tinha conseguido. O resto, as mais comprometedoras, estavam sob a custódia de seus advogados.

—Sheela Nallumt ficou sem palavras, impressionante... —disse Blake, perante o silêncio de sua mulher quando ele finalmente a encarou. A equipe de assessores jurídicos que ele havia contratado pediu que tentasse fingir e ignorar a infidelidade durante uma semana, porque era a única forma que poderiam coletar todas as provas necessárias para montar um caso sólido perante o juiz.

Blake não havia treinado para ser um ator, e só o fato de ver Sheela dormindo em sua cama depois de sair da academia, no dia em que soube da traição, o fez querer sacudi-la para pedir explicações. Ter autocontrole foi uma dificuldade inexplicável. Como diabos ela conseguia dormir tão tranquila com a sua consciência? Mas, pensando bem, não tinha uma. Ele era o tipo de homem que se entregava verdadeiramente, quando se comprometia a alguma coisa, e o fazia plenamente. Por isso, era sua decepção. Acreditava que em Sheela havia encontrado alguém com os mesmos valores.

Ele não voltou a dormir em sua cama.

Quando Sheela perguntou o motivo, ele disse que não queria acordá-la ao chegar em casa tarde do escritório. Evitou devolver os beijos com a paixão de sempre. Não podia ser diferente. Embora tivesse preferido que ela não se aproximasse fisicamente, tinha a voz de seus advogados lhe pedindo para esperar.

Depois de tantos anos juntos, em algum momento do curso da vida, ele e Sheela haviam começado a perder um ao outro. Ou, talvez, ele tenha sempre sido um otimista e romântico guiado pelo exemplo que havia visto no casamento de seus pais. Estúpido idealismo juvenil. Agora lhe cobrava.

A vida estava lhe dando uma sonora bofetada. Ninguém o golpeava duas vezes. Nem podia dar a outra face. Pensava em dar um bote dilacerante.

Blake sabia que uma batalha jurídica complicada se aproximava, especialmente porque ele foi muito tolo quando jovem e achava que seu casamento duraria para sempre; recusou-se a assinar a separação de bens, apesar da insistência de sua família. Seus pais, é claro, estavam protegidos, assim como Pauline, mas, ele não. Em teoria, cinquenta por cento de todo o seu império da gravadora, que começava a se consolidar cada vez mais no mercado, pertenceria também a Sheela no momento em que a sentença de divórcio fosse proferida.

Ele não permitiria isso.

—Foram alteradas —disse ela sem olhá-lo nos olhos.

—Você acha? Alguém se incomodou em fazer isso porque você é uma celebridade? — perguntou com sarcasmo, atirando com a mão e espalhando as fotografias no chão.

—Blake... —murmurou Sheela com a voz trêmula enquanto ele se aproximava, sem pôr uma mão nela, fazendo-a recuar até que sentiu a fria parede em suas esbeltas costas femininas.

—Escute bem, Sheela, é melhor que você não tente brigar pelo que, relutantemente, eu penso em lhe dar como parte do divórcio. Minha paciência acabou.

—Divórcio? Não, eu não quero divor...

O dedo de Blake lhe pressionou os lábios, e ela fechou a boca sem protestar.

—Tem se rolando com Ernest como uma prostituta. —Segurou a mão de Sheela antes que ela lhe desse um tapa—: Nem tente, mulher —disse friamente —, foram dez putos anos que você jogou no lixo. Não vou me desculpar por chamá-la exatamente como você merece. Uma mulher que se considera uma dama jamais vai contra os princípios que a tornam digna dessa categoria, e se você não entende, tente ser fiel a si mesma como pessoa. Você traiu aquilo que prometeu quando nos casamos.

—Blake...

—Nenhuma razão pode justificar que, apesar das minhas tentativas de conversar depois dos nossos desencontros e do meu interesse em continuar esse casamento, você tenha tomado o caminho mais fácil. Uma absoluta covardia... Não a reconheço.

—Você estava ausente e Ernest... Não foi algo planejado...

—Merda, Sheela! —exclamou ele, com a respiração agitada. Ele se afastou como se tivesse tocado ácido—. Eu pensei que você poderia ter um argumento melhor nessa situação. Você o ama? —perguntou com ressentimento e rangendo os dentes.

Ela estendeu a mão para alcançar a mão de Blake, mas ele se afastou.

—Me responda, droga!

—Blake...

O último resquício de esperança de ouvir palavras de Sheela demonstrando arrependimento, desapareceu. Em vez de pedir desculpas ou até mesmo expressar algum remorso, o que ela estava tentando era justificar a sua infidelidade de mais de três meses. Três longos meses!

—Pegue todos os seus pertences —encerrou ele, sem emoção na voz—, talvez em uma sociedade mais arcaica eu poderia lhe dar a mansão, mas, quer saber? Você não merece nada de mim.

—Como soube? —murmurou ela, consciente da gravidade da situação. Poderia explicar o quão excluída havia se sentido enquanto Blake dedicava tempo a sua empresa em vez de passar com ela, mas era uma perda de energia. Ela não havia planejado se sentir tão atraída por Ernest. Muito menos deitar-se com ele. Um encontro, a solidão, algumas bebidas e uma conversa cheia de compreensão mútua criaram a atmosfera propícia... Não entendia como Blake podia saber, a menos que o próprio Ernest tivesse contado em um ataque de sinceridade masculina, mas duvidava. Duvidava totalmente.

Blake soltou uma risada amarga.

—Tenho que agradecer aos problemas tecnológicos ou ao mau hábito dos usuários de iPhone de apertar botões sem saber o que fazem. Compartilhamos o mesmo usuário, caso não lembre, para baixar músicas e comprar livros.

Ela abriu e fechou a boca. Franziu a testa.

—Não entendo... Eu...

—Nem precisa —respondeu Blake, com desprezo—, eu vou para um hotel durante quatro

dias. Quando voltar, não quero ver em minha casa nada que lhe pertença. Meus advogados entrarão em contato para formalizar a nossa separação. E não pense, nem por um segundo, que você vai usar o meu dinheiro para contratar seus advogados e usá-los contra mim. Seria o cúmulo do cinismo, embora, a essas alturas, já não sei do que você é capaz. Estou me separando de você em todos os aspectos.

Sheela olhou para ele com lágrimas nos olhos. De repente, deu-se conta do que tinha acabado de perder... O coração batia a mil, e a vontade de poder voltar no tempo e apagar suas ações se tornava uma necessidade imperiosa. Deveria terminar sua relação com Ernest... Ou talvez nunca tê-la iniciado... Blake tinha razão, ela tinha sido uma covarde. Que merda havia tentado provar, e para quem? Tinha acabado de destruir dez anos de casamento, por três meses de sexo.

Pelo menos lágrimas!, pensou Blake ao olhar para aqueles olhos que, em outro tempo, o observavam com transparente interesse. Agora estavam repletos de segredos e intrigas que ele não queria descobrir ou revelar.

—Blake... Podemos tentar virar a página? Entendo que nesse momento eu sou a pessoa que você menos suporta, mas...

Ele a olhou com uma sobrancelha levantada.

—Eu acho que você deveria fazer um exame da sua cabeça, Sheela. Você acha que eu voltaria? Acha que eu tenho tão pouco respeito por mim mesmo como, evidentemente, é o seu caso?

Sheela enxugou as lágrimas que rolaram por seu rosto. Se Blake não tivesse descoberto, o mais provável é que ela —mais cedo ou mais tarde— tivesse se dado conta do seu detestável erro, e ambos estariam nesse momento planejando a viagem para Fiji em vez de falar sobre sua separação definitiva.

O desespero a dominou a ponto de pensar em se ajoelhar e pedir desculpas. Fechou os olhos um instante, porque não ia descer a um ponto ainda mais baixo do que já tinha chegado a pisar com sua infidelidade.

—Me desculpe...—começou ela, passando a língua sobre os lábios secos pela tensão. Abraçou a si mesma—, deveria ter pensado... Deveria...

—Deveria ter fechado as pernas para outros homens, Sheela! Isso era o que deveria fazer, em primeiro lugar, para evitar isso —exclamou antes de afastar-se e pegar a pequena maleta onde carregava seu computador.

Saiu sem olhar para trás.

Três semanas depois, em uma audiência muito calma, embora não sem tensão, o casamento Nallumt Howard foi dissolvido.

Sheela receberia a casa de férias em Malibu, algo que Blake lhe daria de qualquer forma, pois não lembrava de tê-la usado por mais do que dois verões. Não lhe cabia nenhuma pensão, pois ela havia negado pedir alguma, e os advogados do seu agora ex-marido não ofereceram; também negou qualquer participação na Lion Records. O dano que havia causado a Blake era muito grande, e o que menos queria era fazer com que ele arruinasse, com seus contatos, qualquer empresa que ela pretendesse iniciar por conta própria.

Sabia que ele iria se cobrar, mais cedo ou mais tarde, mas, por enquanto, Sheela estava a salvo. Havia comprado um pequeno apartamento em Playa del Rey com suas economias, a apenas dez minutos do aeroporto internacional de Los Angeles, e pensava em vender a casa em Malibu para investir em estudar e se formar como Chef Pâtissier. Era algo que havia adiado por

muito tempo e talvez agora fosse a oportunidade para começar de novo, literalmente. Ernest lhe prometeu que se divorciaria também de sua esposa, e ela acreditava.

Blake era agora um homem livre.

A sensação de alívio ao sair do julgamento era acompanhada pela crença de que os espinhos que agora rodeavam suas emoções não desapareceriam. Também não se importava. A casa que havia compartilhado com Sheela agora estava à venda, e ele tinha em mente uma cobertura na cidade. Sua ex-esposa só tinha de provocá-lo mais uma vez, no presente ou no futuro, e ele destruiria, sem pensar, qualquer coisa que ela considerasse importante.

Perdoar Sheela? Nunca.

CAPÍTULO 3

*Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos.
Tempo presente.*

Blake estacionou nos arredores do conjunto residencial em que Sheela vivia. Playa del Rey ficava longe da sua propriedade em Bel Air, mas dava no mesmo. Ia acabar com aquela estupidez. Ao vender a casa que haviam compartilhado durante seu casamento fracassado, os novos donos disseram que haviam ficado alguns pertences no sótão, assim, quando Blake foi ver, eram coisas de Sheela. Teve que carregá-las até o sótão do prédio onde tinha sua cobertura.

Apertou os dedos contra o volante até que as juntas ficaram brancas. Soltou os dedos depois de alguns instantes, e tirou o cinto de segurança, relutante.

Não sabia se sua ex-mulher estava saindo com alguém. O que tinha certeza era de que ela havia mantido uma relação intermitente com Ernest durante mais de um ano desde o divórcio, pois este jamais teve a intenção de separar-se de Cheery —sua esposa—. O triângulo amoroso que se formou na época chegou a ser o alvo de muitas fofocas. Blake odiava saber que seu nome poderia estar na boca de outras pessoas, e pior quando se tratava de assuntos íntimos do casal; estar separado de Sheela era um alívio em todos os sentidos. Não frequentava os mesmos círculos sociais que ela, menos mal, embora isso não impedia que as fofocas chegassem —de uma forma ou de outra— a seus ouvidos.

Nas poucas e infelizes ocasiões em que se comunicavam, Blake e Sheela, costumava fazê-lo através de mensagens de texto ou uma breve ligação. O assunto era um só: Tritão. No divórcio, ela quis ficar com a guarda do labrador cor de caramelo que havia resgatado de um abrigo de animais. Ele não se opôs, pois, afinal de contas, Sheela tinha mais tempo para cuidar melhor de Tritão. Ser Chef em um restaurante, e fazer a exótica carta de doces, não se comparava às viagens imprevistas no caso de Blake, assim como às alterações de horário repentinas e aos investimentos calculados para monitorar em Wall Street. Então, sim, embora parecesse injusto, porque ambas as profissões exigiam esforços, em questão de "tempo", Sheela tinha mais flexibilidade do que Blake.

—Boa tarde, senhor Howard—disse o recepcionista quando o viu entrar.

Aquela não era a primeira visita do jovem empresário ao condomínio. Nas outras vezes, como sempre, o motivo era relacionado à saúde de Tritão, que já tinha dez anos. Dois anos atrás haviam detectado uma infecção nas vias urinárias, e como Sheela tinha que viajar a Seattle para o aniversário de seu pai, foi Blake quem cuidou do cachorro durante três dias. No ano anterior, Tritão teve uma inflamação no olho depois de bater acidentalmente contra a quina de uma cômoda de Sheela. Preocupado com o cachorro, Blake deixou de lado uma reunião importante para correr até o apartamento da sua ex-mulher.

O fato de Blake não querer saber de Sheela não tinha nada a ver com Tritão. Ele tinha muito carinho pelo bichinho, e talvez fosse o equivalente ao filho que não teve. Blake tinha uma queda pelos cães e pelos animais em geral.

—Mitch, que bom ver você —cumprimentou Blake—, preciso entregar umas caixas no apartamento da minha ex-mulher.

—Claro, senhor.

Aquele não foi um comentário, mas uma ordem implícita de que ele queria que o homem careca e de bigode se encarregasse de ajudá-lo a carregar as caixas, do carro até o elevador.

—Antes que me peça para chamar a senhorita Nallumt, ele avisou que teve que sair por um imprevisto. Deixou isso comigo para você —procurou em uma das gavetas da sua mesa até que encontrou um envelope cinza e o entregou a Blake—, aqui está.

Blake não se surpreendeu com a mensagem em que ela lhe pedia desculpas por sua súbita ausência sem avisar por mensagem ou ligação alguma. Ele amassou a carta de poucas palavras entre os dedos. A jogou na lata de lixo mais próxima.

—Então, me faz um favor, Mitch —disse olhando para o homem.

—Sim, senhor?

—Você se encarrega de entregar essas caixas à Sheela?

—Claro que sim, não se preocupe com nada. Assim que fizer a troca de turno, eu pessoalmente as subo até o apartamento da senhorita Nallumt.

—Obrigado —respondeu antes de abrir as portas de vidro do edifício, e sair.

Às vezes, Blake se arrependia de não ter dado um golpe fatal contra Sheela quando descobriu a infidelidade, e até mesmo contra Ernest. Talvez, muito internamente, já sabia que o fim de seu relacionamento estava por vir, mas lutar ou tentar levar adiante algo em que ele acreditava havia sido sempre seu costume, principalmente em sua vida pessoal. Ver uma década de casamento acabar daquele modo ingrato foi um duro golpe, em especial porque Sheela foi sua melhor amiga desde a escola secundária e seu vínculo se tornou mais intenso quando se casaram. Ele não costumava depositar sua confiança em qualquer um, e agora —longe da questão profissional— em ninguém.

Havia aprendido sua lição. Teve a sua quota de mulheres consentidas e habituadas a riqueza, sem nenhuma outra ambição além de serem o troféu de um homem rico. Eram divertidas por um tempo, mas depois se tornavam monótonas. Mesmo depois de superar Sheela, algo que demorou uma semana, para sua própria surpresa, seu conceito de relações amorosas mudou muito. Continuou sendo fiel à sua palavra quando estava com uma pessoa. Mas não olhava para trás quando considerava que o vínculo já não era mais enriquecedor, a partir de qualquer perspectiva.

O baixo conceito que tinha de Sheela o impediu de gerar algum tipo de emoção em relação a ela, além da indiferença, e era melhor assim. Se tivesse realizado sua ideia inicial de destruí-la, juntamente com Ernest, a satisfação teria sido momentânea. O passado não mudaria por uma vingança cumprida.

Blake havia refinado seu gosto por suas parceiras. Agora preferia as mulheres que tinham um cérebro em pleno funcionamento e coragem para lutar suas batalhas em vez de se esconder atrás de desculpas. Preferia uma mulher naturalmente linda do que uma que tivesse passado pela sala de cirurgia por simples vaidade.

Ele não buscava amor; tinha deixado de acreditar em sua existência. Só queria a companhia intelectual e sexual de alguém, enquanto durasse. Podia viver uma vida plena sem misturar emoções profundas, na verdade, havia passado os últimos anos perfeitamente dessa maneira. A emoção, a adrenalina e o prazer que o trabalho lhe proporcionava não se comparava com nada. E quando queria uma mulher, a tinha. Nunca havia tido problemas com isso, e não acreditava que num futuro próximo ou distante a situação pudesse mudar.

Não era soberbo, mas sincero.

Jennifer era o nome da mulher com quem estava saindo esses dias. Parecia se ajustar perfeitamente aos termos de compromisso sem laços emocionais que ele pregava. Gostava dela e iriam para seu terceiro encontro.

Sorriu. Não havia nenhum homem que não sorrisse diante da perspectiva de um dia estimulante entre os lençóis ou contra a primeira superfície que seus instintos escolhessem como cenário sexual.

Ligou o motor de seu carro e iniciou o GPS, não sem antes certificar-se de que *One Republic* tocasse nos alto-falantes.

Paige tinha mudado de roupa várias vezes naquela manhã.

Conhecia o nome de Blake Howard, mas não seu rosto. Não de adulto pelo menos, mas sim em velhas fotografias com seus famosos pais e sua irmã, há muitos anos atrás. Havia procurado no Google. Quem não pesquisaria um pouco? Era muito curioso como os meios de comunicação, apesar de louvar a estratégia empresarial e a gestão das carreiras musicais dos incríveis jovens cantores, não mencionavam a vida pessoal de Blake. Aparentemente haviam perdido o interesse desde que foi para a Europa, sendo muito jovem, para estudar.

A pessoa que costumava dar a cara à imprensa —eficientemente— em nome da Lion Records era uma tal de Galeana Miconetti. Uma mulher imponente, aos olhos de Paige, cuja capacidade para limpar desastres e reputações manchadas era reconhecida.

Paige sabia que nenhum bom profissional de relações públicas buscaria problemas de graça, por mais talentoso que fosse um artista. Se a opinião de Galeana tinha um voto na decisão de lhe dar ou não a oportunidade de fazer parte da Lion Records, as apostas eram que iria recusar a sua adesão. Como melhorar a impressão que podiam ter dela, quando os ventos sopravam contra? A falta de uma resposta contundente ou tranquilizadora deixava Paige na expectativa.

Esse não era o caso de seu representante.

Josh se mostrou otimista quando lhe deu a notícia de que ainda havia um cartucho para queimar na renomada indústria musical norte-americana. O fato de Blake Howard a receber em seu escritório era um ato que outros no meio considerariam quase generoso. Josh apenas aconselhou que Paige fosse natural durante a reunião, e que com a sua voz apagaria aquilo que não podia ser alterado nas fotos e nos meios de comunicação. "Minha última chance." Esse era seu pensamento constante.

Além do talento, a imagem era importante.

Ia usar um vestido marrom com um cinto turquesa um pouco justo na cintura. Tinha mangas curtas e suaves que se moviam ao ritmo de seus passos. O decote arredondado permitia deixar à vista o seu elegante pescoço. Calçou suas sandálias vermelhas com salto amadeirado e colocou uma faixa na cabeça combinando com o seu calçado para manter os cabelos ondulados atrás das orelhas.

Caminhou até o corredor. Decidiu escrever para Josh para informá-lo que já estava pronta, no entanto, antes que pudesse fazê-lo, recebeu uma chamada. Quando viu de quem se tratava, Paige sentiu um nó na garganta.

Desejava sinceramente ignorar a chamada, mas não podia. Apertou os lábios com resignação, e deslizou o dedo sobre a tela.

—Olá, Anthony —murmurou com voz tensa—. A que devo o prazer de ouvir sua voz neste lindo dia? —perguntou, sarcástica.

—Não banque a idiota comigo, estrela de araque —respondeu num tom desleal — preciso de vinte mil dólares hoje.

—Eu não sou uma máquina de fazer dinheiro, —disse a seu cunhado com seriedade—. Você deveria trabalhar como todo mundo, em vez de passar seu tempo me chantageando.

Estava tão cansada. Por recusar-se a lhe dar dinheiro da última anterior, agora estava pagando as consequências. Estava a ponto de perder a sua carreira musical.

—Quero vinte mil dólares na minha conta bancária hoje à noite —insistiu de forma pejorativa—. Também que assine uma garantia para a compra de uma fazenda nos arredores da cidade.

—Uma fazenda! —exclamou Paige, antes de soltar uma gargalhada—. Por favor, Anthony, você não consegue nem cuidar da sua oficina mecânica...

—A sua vida não tem como finalidade me aconselhar —interrompeu—, não queira se fazer de esperta, você já sabe quem paga as consequências das suas provocações, além de você mesma, é claro.

Fechou os olhos. Estava há quatro anos sofrendo as chantagens de seu cunhado. E o pior de tudo não era o dinheiro, mas o motivo pelo qual ela não podia recusar continuar entregando os valores —ridiculamente altos em muitas ocasiões— que o fracasso Anthony exigia para se manter no anonimato, e também fazer com que Coral tomasse sua medicação. Embora não fosse Coral quem preocupava Paige, nem o dinheiro.

—Um dia sua sorte vai acabar.

—Faltam muitos anos para isso —disse muito confiante de si mesmo, pois sabia qual era o calcanhar de Aquiles de Paige.

—Quando Shawn crescer...

—Pegue o primeiro avião para Portland, hoje. Transfira o dinheiro pra mim e assine a garantia para que me entreguem a fazenda em duas semanas. Você está avisada. Não é um favor o que eu estou pedindo.

—Uma ordem, eu suponho —respondeu com acidez—. E o que acontece se eu não quiser aceitar. Talvez o seu joguinho esteja começando a ficar menos interessante para mim, Anthony, e sentar-me diante de uma câmera e falar do meu passado familiar já não seja nenhum problema.

—Da forma como vão as coisas, não acho que você queira se arriscar. De qualquer maneira, acho que acabaram de demiti-la da gravadora, ou será que me enganei? E se sua memória estiver falha, então posso citar todos os escândalos que sempre gera na imprensa. Ou você voa para Portland hoje ou aceite as consequências.

Paige esfregou as têmporas com os dedos da mão que estava livre.

—Você é...

—Hoje à noite —declarou— e não tente bancar a inocente comigo. Conheço os segredos sujos da sua família, e em especial aquele que pode mandá-la para a prisão. E então, o que seria do pequeno Shawn sem você e com sua mãe mais preocupada em agradar a mim do que a ele?

—Shawn não merece nenhum dos dois.

—Adeus, estrelinha caída em desgraça —disse, zombando.

Anthony desligou o telefone antes que ela pudesse fazer qualquer comentário.

Estava há quatro anos, a idade exata de seu sobrinho Shawn, suportando as chantagens de Anthony. A simples ideia de que aquele psicopata causasse algum dano ao pequeno, lhe causava uma sensação de impotência. Não podia falar com ninguém. Se ela limpasse seu nome, então todos os panos sujos da sua família seriam expostos e causariam humilhação e vergonha a Shawn quando fosse adulto. Não podia permitir isso. Era o que ela queria evitar mais do que qualquer coisa no mundo.

Talvez agora perderia o que fazia sua alma vibrar, a música, mas, em troca, sua consciência estaria tranquila. Nem sequer valia a pena lembrar o que havia sido sua infância infame, porque relembrar aqueles traumáticos anos de sua vida ainda lhe causava pânico.

Deu meia volta e subiu as escadas até seu quarto.

Pegou uma mala e começou a colocar seus pertences. Mandou uma mensagem a Josh, pedindo que adiasse a reunião com Blake Howard porque tinha que voar com urgência para Portland.

—Você está louca, Paige? Não pode deixar Blake esperando. Ele não vai querer recebê-la em outro momento. Não tenho mais opções para você se esta falhar —disse Josh, mais preocupado do que com raiva, ligando para ela sem nem terminar de ler a mensagem de texto.

—Eu preciso ir para Portland. Preciso ir imediatamente.

—Você sabe o quanto é importante a sua presença na minha família, mas são negócios. Escolha: Portland ou a possibilidade de sair do lamaçal em que está metida com a imprensa por sua reputação de garota problema.

—Josh —disse com a voz entrecortada, sentando-se na cama— não posso. Eu preciso voar para casa. Eu... Eu gostaria de poder contar pra você, de verdade, mas então...

—Pode confiar em mim —respondeu com suavidade. Ele queria dizer que sabia o que ela enfrentava, mas não podia até que ela, voluntariamente, decidisse contar sobre os fantasmas que a atormentavam.

—Josh... —murmurou, derrotada.

Ao ouvi-la, ele suspirou, contrariado. Sentia pena pelas coisas que estavam acontecendo com Paige, e admirava a coragem com que tentava continuar. Por conhecer o tipo de pessoa e profissional que era, não deixava de apoiá-la.

—Vou tentar falar com Blake, mas não posso prometer nada —disse ele com desconforto enquanto esfregava a testa.

—Diga que é uma emergência.

—Vou fazer isso. Sabe que eu acredito em você —disse numa tentativa de reforçar a confiança dela.

Ele nunca falava de negócios com Melinda, mas sua esposa não era boba —não teria casado com ela se fosse— e suspeitava de que por trás do vibrante sorriso e do espontâneo encanto de Paige se escondia um passado muito difícil. Para Josh, Paige era a irmã que ele nunca teve. Se pudesse ir a Portland e chutar o traseiro das pessoas que estavam lhe causando sofrimento, o faria.

—Me avise o que ele responder, por favor —pediu ela.

—Ficaremos em contato.

—Josh...—chamou ela antes que encerrar a ligação.

—É mesmo?

—Obrigada por não me deixar na mão.

—Agradeça ao seu talento, Paige.

Paige ficou olhando para o telefone na palma da sua mão direita, e somente então percebeu que estava chorando. Já havia feito sua escolha e os números estavam lançados.

Uma vez tinha visitado um cassino. A roleta não era o seu jogo. E não acreditava que a roleta da vida fosse diferente daquela na casa de apostas. Sua carreira estava acabada... Precisava ser otimista, mas estava cansada de lutar contra a corrente. Sentia-se como um náufrago tentando chegar à margem quando as ondas ultrapassavam sua força e altura, arrastando-a de um lugar para outro, sem clemência nem fôlego.

Cabisbaixa, pegou suas malas e chamou o motorista para ir ao aeroporto.

CAPÍTULO 4

Blake batucava com os dedos sobre o braço da cadeira. Seus dias de descanso estavam acabados, no entanto, ele se considerava parte do pequeno número de pessoas que pagava com juro os grandes gestos sem interesse envolvido. Josh tinha salvado sua vida, e por isso concordou em entrevistar Paige Valois no início, agora tinha aceitado o encontro em um dia diferente do planejado. Duvidava muito que a cantora maluca teria tido uma emergência. Na verdade, o mais provável —em sua opinião,— era que a súbita mudança de planos tivesse algo a ver com o álcool ou um amante que a manteve acordada até altas horas da noite. Embora tenha guardado esses pensamentos para si mesmo.

Por outro lado, considerava que isso era apenas uma pauta da previsível perspectiva de que Paige deixaria de cumprir qualquer tipo de contrato. Por que ela não se dedicava a posar para as revistas de moda ou cantar em shows de escalas menores?, perguntou Blake a si mesmo.

O relatório que a equipe de trabalho de Galeana havia feito era impecável. Os detalhes dos escândalos de Paige preenchiam várias páginas. Fotografias comprometedoras. Viagens de excessos. Amantes diferentes a cada três ou quatro meses. E parecia ter uma habilidade especial para cometer todas essas bobagens em sua cidade natal: Portland. Não havia dúvida de que era uma mulher muito bonita, mas talvez isso fosse suficiente para um empresário financeiramente ambicioso, que apenas procurava uma imagem bonita com talento medíocre para convencer aqueles conformados com um bom efeito sonoro, embora a voz verdadeira deixasse muito a desejar.

Ele não comungava com essa forma de trabalhar.

Blake buscava potência, qualidade, beleza, integridade e muita ambição por conseguir espaço em um mundo cheio de egos, mas não necessariamente de talentos. Por isso, sua companhia era muito seletiva, e cada artista que colaborava com a Lion Records tinha um selo de qualidade como respaldo.

Que humilhante devia ser para a família Valois ver alguém do seu próprio sangue cometer tantas burrices, pensou Blake enquanto revisava o relatório de Galeana tendo o som do relógio acompanhando sua presença no salão principal da sua propriedade em Colorado Springs. Era domingo, e havia decidido —com a "emergência" da tal Paige— voar até sua propriedade localizada na avenida Cascade. Ele não se movia pelos caprichos de ninguém, e se estivesse interessada em salvar sua carreira, Paige faria o possível para conseguir isso, mesmo que isso significasse deixar de lado um domingo em que poderia continuar desfrutando de sua imoral existência.

Josh tinha o aniversário de sua sogra, e garantiu a Blake que se perdesse a reunião familiar teria que passar uma semana dormindo no sofá em vez de dormir acompanhado da sua esposa Melinda. Blake apenas riu com o comentário, e garantiu que tentaria ser o mais justo possível com Paige.

A mulher em questão estava vinte minutos atrasada. Em uma cidade de menos de meio milhão de habitantes, era ridículo que um avião se atrasasse, principalmente durante um domingo às quatro da tarde, quando o tráfego aéreo de Colorado Springs era baixo. Ou, talvez, Paige havia decidido que tinha outro "imprevisto" ou "emergência" e não pensou em ter a decência de informar através de Josh. Não ficaria surpreso.

Blake não estava só sexualmente frustrado por ter adiado o seu encontro com Jennifer, mas

também tinha tido uma noite ruim. Sua irmã Pauline, que estava nas últimas semanas de sua segunda gravidez, pediu que ficasse com sua filha de seis anos, enquanto Allan e ela iam para o hospital.

Os pais de Blake estavam visitando alguns amigos em Utah, assim, o único membro da família que estava livre para socorrer qualquer emergência era ele. No final, acabou por ser apenas um mal-estar por algo que Pauline tinha comido, e o bebê nasceria na data prevista, não antes. Sua irmã continuaria fora dos palcos por até cinco meses depois de dar à luz.

Blake adorava Carrie, sua sobrinha, e tinha a sorte de que era uma menina muito tranquila, mas como o via poucas vezes, queria chamar a atenção a cada momento. Um pequeno detalhe que se estendeu até passada a meia-noite, e depois —por ele ter permitido que comesse tantos doces— teve vômitos às duas da madrugada. Blake teve que trocar os lençóis, dar banho, ligar para o pediatra, dar algo para repor seus líquidos e dormir em um colchão inflável ao lado da cama de Carrie até que adormeceu. Teria sido mais fácil conseguir com que a Apple e a Microsoft deixassem de ser concorrentes nas grandes feiras de tecnologia, do que conseguir passar uma noite sem sobressaltos cuidando da criança.

Esgotada era um eufemismo para o estado de seu corpo.

Paige tinha passado dois dias de inferno. Depois de lidar com Anthony, e aturar sua conversa fiada, pensou que poderia ver Shawn. Adorava seu sobrinho. Não deveria ser uma surpresa, mas foi, seu cunhado informar sobre a ausência do pequeno argumentando que estava em uma visita à casa de seus pais durante o fim de semana. Que tal? Era realmente um imprestável. Sua irmã, Coral, era um zero à esquerda, e, naquele fim de semana, estava escalada no setor de tecnologia na loja onde trabalhava como balconista.

Não queria incômodo nem discussões com sua irmã, e isso costumava ser inevitável quando se encontravam. Eram como o dia e a noite. O pior era a recriminação de Coral sobre o passado do qual Paige tinha conseguido fugir. A considerava culpada por tudo de ruim que lhe acontecia, seus fracassos na hora de encontrar um melhor emprego, as infidelidades de seu marido, e até mesmo pelo fato de que Shawn, em vez de desejar ouvir um "boa noite" de sua mãe, preferia a ligação diária de sua tia Paige antes de adormecer.

Uma vez entregue o dinheiro a Anthony, e assinada a garantia para que o banco lhe desse o empréstimo para pagar a fazenda —que provavelmente ela acabaria assumindo— preferiu voltar para o seu hotel. Usava uma peruca e um estilo de roupa diferente para que não a identificassem. Tudo correu bem desta vez, e sabia que, em grande parte, devia-se ao fato de que seu cunhado não estava usando suas artimanhas para criar algum outro escândalo na imprensa.

Josh tinha sido muito inteligente ao pedir para Blake adiar quarenta e oito horas, e não vinte e quatro, a reunião. Depois de seu ingrato encontro com sua família, dormiu durante várias horas e quando acordou o domingo já tinha chegado. Organizou tudo rapidamente e chegou ao aeroporto justo a tempo.

Pensou que o encontro seria em Los Angeles, mas se surpreendeu que Blake não só aceitou a mudança, mas também que a reunião ocorresse no estado do Colorado, no domingo. Era um pedido incomum, mas Josh garantiu que não teria outra oportunidade, pois Blake era um homem muito ocupado, e que teria que respeitar o que o CEO da Lion Records exigisse. Paige não reclamou, apesar de sentir-se nervosa porque estaria sozinha tentando defender sua carreira diante de um empresário sem a intermediação de seu representante.

Seu futuro profissional estava na corda bamba, e acataria qualquer condição na tentativa de

vislumbrar uma oportunidade concreta para dar um novo impulso a sua música. Embora, aparentemente, o sistema de aviação não colaborava com suas intenções. O avião havia atrasado, e seu celular estava sem bateria. Como ligar para Josh? Não tinha nenhuma saída além de esperar vinte minutos até ter carga suficiente em seu telefone para poder continuar o seu caminho.

Não tinha um motorista em Colorado Springs. Além disso, era uma cidade que não conhecia muito bem. Poderia fazer como uma pessoa normal e pegar Uber ou Lyft para se mover de um lugar para outro, sem o perigo dos paparazzi.

Quando conseguiu uma carga considerável em sua bateria, chamou o carro.

—Um dia bonito hoje, não é? —perguntou o motorista do Lyft depois que ela estava confortavelmente acomodada.

Paige contemplou o céu azul e as montanhas. Não era o seu ambiente preferido, mas sabia apreciar a natureza. Era sua primeira vez visitando aquele destino. Não tinha amigos ou conhecidos nos arredores, e talvez fosse uma boa ideia. Sentia falta do anonimato que as grandes cidades do país não lhe ofereciam. Talvez, em Colorado Springs, poderia encontrar isso momentaneamente.

Apesar de gostar do seu trabalho, o ritmo extenuante que implicava construir uma trajetória musical havia lhe deixado exausta. Às vezes, tinha vontade de poder descansar, mas com os recentes acontecimentos aquele era um luxo pelo qual não podia pagar.

—Sim, é sim. Será que estamos muito longe do endereço para onde estamos indo? —perguntou gentilmente.

O homem, de pele morena e cabelos pretos, sorriu através do retrovisor.

—Um pouco, mas na vida o melhor é sempre desfrutar a viagem. —Paige não podia estar mais de acordo, e aquele era um lembrete de que o seu dia a dia passava rápido demais, sem permitir que desfrutasse das pequenas coisas—. Cascade é uma das avenidas com os imóveis mais caros da cidade e, na minha opinião pessoal, os mais bonitos arquitetonicamente. São casas que foram construídas com o dinheiro de antigas fortunas americanas e, talvez, por isso os preços são tão altos no mercado.

O motorista ligou o rádio em volume baixo. As notas de Jazz inundaram o automóvel.

—Agora você me deixou curiosa, querendo saber mais deste lugar —disse Paige, enquanto se afastavam do aeroporto pela autoestrada.

—Vou contar um pouco mais sobre a minha cidade pra você, e a época da *gold rush* nos Estados Unidos, que chegou até o nosso estado. Eu nasci em Denver, mas me mudei para Colorado Springs há vinte anos. O amor —a olhou pelo espelho retrovisor— às vezes leva as pessoas a incluir em seus sonhos e objetivos alguém especial.

—Com certeza —murmurou Paige. Amor? Não tinha tempo para essas bobagens—. Me conte a sua história —disse enquanto se acomodava contra o assento traseiro do automóvel.

O restante da viagem foi tranquilo, e conseguiu esquecer-se do fim de semana infeliz em Portland.

Paige ouviu muito interessada o relato do motorista, fez algumas perguntas, e quando começaram a percorrer a avenida Cascade ficou impressionada. A área tinha alguns toques semelhantes à região de Georgetown, em Washington D. C., e, ao mesmo tempo, parecia totalmente diferente. Talvez pelas montanhas que rodeavam a paisagem, a música dos pássaros cantando e o vento fresco da primavera. Cada cidade possuía uma energia única, e, neste caso, não era uma exceção.

O automóvel parou em uma esplendorosa construção de estilo vitoriano de dois andares com um grande jardim frontal. O portão de grades pretas que protegia o exterior era baixo e tinha um

pequeno interfone de um lado.

—Aproveite a sua estadia —disse o motorista, depois de ajudá-la com a bolsa de mão e um *carry-on* que era toda a bagagem de Paige.

O céu azul, a brisa sinalizando o final da primavera e um ambiente tão acolhedor não podiam ser o prenúncio de um péssimo dia, pensou enquanto olhava com seus expressivos olhos a imponente porta de madeira da casa de dois andares. Já tinha tido a sua parcela de desconforto em Portland e não acreditava ser capaz de suportar uma carga extra.

Fechou os olhos um instante e deixou que o vento a sossegasse. Pressionou o único botão que havia no interfone instalado na parede de pedra.

Algumas partes da casa, que datava do ano de 1920, pediam aos gritos por uma restauração. Blake precisava fazer uma relação das áreas que exigiam uma atenção especializada. Não tinha tempo para se mudar para controlar as obras, por isso, o melhor seria contratar uma pessoa que —de agora em diante— assumisse a função de governanta. Descuidar da propriedade tinha sido uma negligência, mas iria consertar isso e depois colocaria a casa à venda.

Blake gostava do silêncio. Embora naquele ambiente, com todos os móveis cobertos para proteger contra o pó, ter o som do relógio cuco como sua única companhia lhe parecia um pouco assustador. Aquele era o momento de se desfazer das propriedades que não utilizava, pensou ele, enquanto se levantava da poltrona e se dirigia à cozinha.

Não tinha dúvidas de que, em menos de sete dias, já teria ofertas de compra. Muita gente estava começando a se mudar para a cidade rapidamente desde que haviam aprovado o uso legal da maconha. Algo curioso e também absurdo, do seu ponto de vista.

Blake tinha comprado algumas sacolas com comida e itens básicos para passar o fim de semana. Talvez poderia estender sua estadia de dois dias na cidade, e assim, garantir que encontraria o melhor agente em assuntos imobiliários.

Foi até o armário e pegou um pouco de açúcar. Encontrou várias cápsulas para a cafeteira Keurig. Preparou a máquina de café e depois ligou-a. Afastou-se do lado direito do balcão de mármore negro para acender o fogão e colocar a frigideira para aquecer. Deixou o azeite de oliva aquecer por alguns minutos antes de colocar os aspargos e adicionar uma pitada de sal e outra de pimenta. Depois, pegou no refrigerador uma bandeja com peito de frango e o picou antes de temperá-lo.

Misturou os alimentos e começou a mexer com uma colher de madeira a cada pouco. Ia cozinhar frango com aspargos ao curry.

Não era o melhor cozinheiro do mundo, mas sabia cozinhar alguns pratos. Morar sozinho desde jovem fez com que aprendesse coisas que, sob o teto e conforto de seus pais, não teria aprendido. Quando estava sozinho, e tinha tempo, cozinhas para aliviar o estresse. A senhora Daryl McRae, que trabalhava diariamente para ele limpando sua casa na Califórnia, gostava de fazer piadas dizendo que as mulheres desconheciam suas habilidades culinárias e que era uma pena ele não dar a si mesmo uma nova oportunidade para ter uma esposa. Daryl estava com ele desde os últimos três anos de seu casamento com Sheela, e conhecia os segredos do seu divórcio. Era uma mulher discreta e o mais próximo possível de um familiar, sendo assim, uma pessoa de extrema confiança.

—Muito bom —murmurou enquanto experimentava um pouco do caldo que começava a tomar uma textura mais consistente na frigideira.

Finalmente ia poder desfrutar de um pouco de solidão e talvez aproveitaria para cumprimentar

alguns amigos que, pelo que sabia, passavam as férias por essas épocas hospedados em Glen Eyrie Castle. Uma casa muito bonita, na verdade, mais que um castelo para qualquer pessoa que já tivesse estado na Europa, embora seus arredores fossem ótimos para poder esvaziar a mente.

Quando Blake tinha certeza de que a comida estava ao ponto, desligou o fogão.

O único motivo pelo qual havia decidido viajar para sua casa em Colorado Springs era para pressionar Paige e lhe causar um pouco de desconforto. Não era uma atitude característica dele, mas algo o impulsionou a agir desse modo. Pessoas como ela mereciam uma lição de responsabilidade e humildade; se ninguém pensava em dar isso a ela, então ele não teria nenhum problema em dificultar sua vida para que ela aprendesse a valorizá-la. Por outro lado, causando inconvenientes àquela mimada, ele aproveitava para dar uma olhada em sua propriedade.

Se Paige não tinha conseguido um voo para estar na hora acordada em que deveriam se encontrar, não era o seu maldito problema. Ia dar mais meia hora para que chegasse. Também não pensava em ligar para Josh. Convenhamos, era ela a interessada em sair da vala que se aproximava caso não conseguisse um contrato musical com uma empresa respeitável. A reunião era às quatro da tarde e já eram quatro e trinta. Ia dar trinta minutos adicionais, e isso só porque se sentia generoso.

Misturou a comida que tinha na frigideira.

Se Paige não chegasse até as cinco da tarde, então daria por encerrada qualquer possibilidade de reunião. Poderia ficar sem opções. Por ele, melhor.

Blake foi até a adega, no sótão, onde costumava guardar uma coleção de vinhos. Ao menos era o que lembrava. Sorriu ao encontrá-los. Havia teias de aranha e um cheiro característico de umidade. Nada que uma boa empresa de limpeza não pudesse resolver.

A última vez que visitara a cidade havia sido há seis anos, para comemorar o 4 de julho, com Sheela. Havia aproveitado as montanhas, o frio, e depois receberam a visita de vários amigos que ficaram com eles por três dias. A mansão tinha seis quartos no andar superior, com espaço suficiente para dar privacidade a todos. O andar de baixo possuía uma sala de música, sala de jantar, uma sala de chá com a biblioteca incluída, e um cômodo onde ficavam todos os prêmios que os pais de Blake e Pauline tinham acumulado ao longo de suas carreiras.

Blake lembrava que, durante sua infância, costumava passar as férias nos famosos resorts de Aspen com sua família, e depois passavam alguns dias em Colorado Springs, fazendo caminhadas no Garden of the Gods Park, no Cheyenne Mountain State Park, e em outros lugares, embora seu favorito era o Midland Trail. Lembrava-se com saudade especialmente dos almoços com seus pais em The Broadmoor, um resort de luxo às margens do lago artificial Cheyenne, que havia recebido centenas de celebridades, artistas e proeminentes figuras do esporte desde a sua construção.

Terminou de comer confortável e displicentemente.

Já eram cinco e quarenta da tarde. Um tempinho na piscina não faria mal.

"Não pode ser tão surdo", pensou Paige com o incômodo. Estava há quinze minutos chamando na porta, sem obter resposta. Nem sequer conseguia alguma forma de entrar em contato com Betty, sua assistente e estilista, porque ela estava em seus últimos dias de férias na Jamaica. Frustrada e com o sol queimando sua pele, sem se importar em ser acusada de vandalismo, pegou suas malas e as jogou com força até que atravessaram por cima do pequeno portão. O barulho deveria causar algum tipo de reação do interior. Afinal, estava fazendo um alvoroço considerável.

Nada. Nenhuma resposta. O barulho maior vinha dos carros que passavam a cada instante e da natureza dos arredores.

Como sua bagagem estava dentro da propriedade, Paige decidiu convidar a si mesma para entrar. Com uma habilidade que não colocava em prática desde a escola secundária, apoiou as mãos sobre o muro de pedra e pulou. Limpou as sandálias, mas seu vestido de verão azul ficou manchado com alguma coisa que estava em cima do muro. Algo como fuligem ou barro.

Decidida a não permitir que o empresário a ignorasse, muito menos depois da viagem que havia feito, procurou uma entrada alternativa para a casa. Só queria ser atendida e saber se poderia dormir tranquila diante de uma perspectiva otimista para a sua carreira ou se teria que começar a procurar outra forma de conseguir apoio musical com uma empresa respeitável. E se disparassem os alarmes e chegasse a polícia? Não se importava. Um escândalo a mais não causaria um prejuízo maior do que já carregava.

Havia dois corredores. Um em cada lado da casa. Ia tentar a porta principal. Não havia campainha, apenas uma aldrava. Franziu a testa. Quem ainda usava uma aldrava no século vinte e um? Bateu. Sem resposta. Aborrecida, segurou a maçaneta da porta e a girou. Um clique e se abriu. "Que idiota deixa a porta principal sem chavear?", perguntou a si mesma antes de entrar discretamente.

No ambiente restavam resquícios de algo que havia sido cozinhado. Parecia delicioso. O estômago de Paige grunhiu, lembrando-a de que havia recusado a comida oferecida no avião e agora estava com fome.

—Senhor Howard? —perguntou ao silêncio da casa—. Olááá!

Olhou para a esquerda, onde um lindo jogo de jantar para oito pessoas ocupava um grande espaço rodeado de cortinas grossas, enfeites que deveriam custar uma fortuna, e uma cristaleira com pequenos jarros de cristal. Ao seu lado direito havia um salão com um piano de cauda branco no centro e o piso coberto com um grosso tapete persa em um tom lavanda bem clarinho. Era uma combinação incomum e a impressionava pela elegância e simplicidade.

Uma escada levava ao andar superior, mas nos arredores havia muito para explorar, pensou Paige. Gostaria de fazer um tour, mas não estava no meio do calor das montanhas para agir como uma menina aventureira em uma casa onde havia acabado de entrar como ladra.

O silêncio que a rodeava até pouco tempo foi rompido por um barulho de água distante. Franziu a testa. Avançou com passos rápidos até o final do corredor. Não era por acaso que tinha um ouvido muito bom. Que tipo de artista musical seria se não tivesse os ouvidos afiados?

Chegou até uma porta de vidro colorido. Abriu-a e ficou sem ar.

CAPÍTULO 5

A sensação de que alguém o observava, persistia.

Blake estava há um bom tempo na piscina. Apesar do estado de casa, ele havia se certificado de que aquela área do pátio estivesse em ótimas condições.

Se alguém tivesse burlado a segurança, então o alarme da casa teria soado muito tempo atrás, e por conseguinte, a polícia já estaria batendo à sua porta. Mas tudo parecia estar em calma.

Não conseguia continuar na água enquanto aquela incômoda ideia de estar sendo observado persistia.

Com algumas braçadas chegou até a borda da piscina. Sacudiu a cabeça, uma vez fora da água, para remover as gotas do rosto e se levantou, apoiando seu peso nas mãos, para emergir. Nu. De que outra forma poderia se sentir mais livre do que estando na pele de Adão?

Já em pé, parou repentinamente.

—Que diabos?! —exclamou ao elevar o olhar.

Uma mulher o observava com os olhos arregalados na soleira da porta de correr de vidro. Não se tratava de alguma desconhecida, pelo menos não pelas fotos e notícias, mas estava cara a cara com Paige Valois.

Sem evitá-la, começou a enumerar em sua mente os atributos femininos: curvilínea, lábios carnudos, cabelos ondulados e sedosos, pernas torneadas, e um corpo em forma de relógio de areia, envolvida em um vestido azul-turquesa que destacava sua pele clara e combinava com os famosos olhos azuis que seduziam fãs de vários lugares do mundo. As fotos não lhe faziam justiça.

—Eu... Eu... Na verdade...

—Poupe seus comentários —respondeu perante as palavras gaguejadas e nervosas de Paige.

Ele não tinha nenhum problema com sua nudez. Se sentia muito à vontade com seu corpo, e com a generosa dotação que a natureza lhe havia concedido. Em vez de perguntar como diabos havia entrado em sua mansão, decidiu fazê-la se sentir mais desconfortável. Era evidente que Paige estava envergonhada.

Blake sorriu ao notar como Paige tentava —sem sucesso— manter o olhar afastado do seu membro masculino, enquanto ele cobria com deliberada lentidão com a toalha. Ergueu uma sobrancelha, e ela imitou o gesto. Aproximou-se dela.

—Senhorita Valois, eu suponho —disse ele.

Paige o observou. Em sua trajetória artística havia conhecido homens lindíssimos de diferentes partes do mundo. Pretendentes não faltavam, nem as mais malucas propostas, no entanto, nenhum daqueles homens tinha conseguido alterar sua respiração como Blake Howard havia feito naquele momento, nem causar palpitações em sua intimidade como se tivesse ativado uma bomba relógio.

Atraente, bonito, cativante...? Não. Nenhum desses adjetivos eram suficientes para descrevê-lo. Aquele homem era, sem exageros, o pecado e a tentação ambulantes. Tinha o tipo de postura que fazia com que as mulheres mais recatadas quisessem se tornar liberais, e as liberais sentissem a necessidade de reivindicar uma experiência a qualquer preço... com ele.

Era um grande prazer ver aquele corpo espetacular. De ombros largos, abdômen definido, peitoral trabalhado e um pouco salpicado com pêlos dourados que lhe davam um aspecto sensual, aquela anatomia seria objeto de estudo sobre a beleza da virilidade masculina na antiga

Itália ou Grécia. Naquela época dos grandes pintores e escultores.

As pontas dos dedos de Paige pareciam formigar diante do impetuoso desejo de conhecer a textura daquela pele dourada pelo sol, e também de poder deslizar seus dedos entre os cabelos loiros. Como seria beijá-lo?, perguntou a si mesma, sem saber que estava umedecendo os lábios com a língua e que ele a olhava com um sorriso presunçoso.

—Você gosta do que vê? —perguntou Blake, de braços cruzados, e com uma crescente ereção causada pelo vento, mesclada com sua pele nua e molhada, bem como pela visão de uma mulher que acariciava sua anatomia com aqueles olhos azul-anil—. Se preferir posso tirar a toalha de novo, assim você pode apreciar à vontade.

Paige limpou a garganta. "Será idiota", pensou para si mesma. Engoliu as palavras que queria dizer, afinal de contas, ela tinha invadido a propriedade ilegalmente... e ele tinha o poder de arruinar ou salvar seu futuro musical. Um futuro que o seu desprezível cunhado havia se encarregado de colocar na corda bamba.

—Não estou acostumada a ser recebida por homens nus e com o membro viril para me cumprimentar com entusiasmo, —respondeu, sem pausas— mas obrigada por sua oferta. Não é muito tentadora.

Se ele ia agir sem vergonha, e ela já havia tido a audácia de entrar sem ser convidada, então Paige continuaria o papel. Não tinha nada a perder.

Ele a surpreendeu, de novo, desta vez com uma sonora gargalhada. E o efeito que a vibrante risada gerou foi como um maremoto. O largo sorriso o fazia parecer menos sombrio em sua aparência e iluminava seus traços atraentes. Borboletas no estômago? Sim. A frase tão brega, se aplicava naquele momento.

—Vejo que tem uma língua afiada —disse ele quando cessou o profundo som de sua risada—. Eu adoraria ter tempo para lhe mostrar que poderia mudar de opinião sobre a falta de tentação na minha "oferta", senhorita Valois, mas eu acho que está aqui a negócios e não por prazer, a menos que eu esteja enganado —disse em tom brincalhão.

—Nem sempre se pode ter razão —disse com acidez.

Blake gostou do modo como Paige procurou manter o tom, apesar de estar com suas bochechas coradas. Começava a acreditar que aquela mulher poderia ser perigosa, e não apenas por sua má reputação como cantora. Recuperou a expressão séria.

Ajustou a toalha que estava começando a deslizar de seus estreitos quadris, dos quais seguiam pernas fortes e de músculos bem marcados. Blake gostava de surfar na Califórnia, e também ia à academia diariamente. Não havia outro modo, além do sexo, com o qual podia aliviar a tensão que aquele tipo de negócio lhe causava.

—Espero que não pretenda que eu me desculpe por nadar nu em minha casa —disse, sem tentar mudar de assunto.

—Então, sua propriedade precisa de um sistema de segurança mais eficiente.

Ele inclinou a cabeça para um lado. Elevou o rosto para um ponto à sua esquerda. Paige acompanhou seu olhar. Um relógio.

—Você perdeu sua oportunidade, senhorita Valois, falando banalidades e fazendo o papel de *voyeur*. Meu tempo vale muito dinheiro, e o seu tempo de graça comigo acabou —disse diretamente, nem por isso menos consciente de que o seu próximo passo seria ligar para a agência de segurança para processá-los pela má gestão. Se não tivesse sido Paige a entrar em sua propriedade, talvez algum bandido teria feito—. Eu lhe dei duas oportunidades. Na primeira, você teve uma "emergência". Não, não me interrompa. —Paige lhe lançou dardos com o olhar—. E na segunda, chega depois da hora combinada com Josh e, quando estou diante de você, usa seu

tempo apenas para burlar a segurança da minha mansão como uma ladra comum e ainda se atreve a me criticar. Mal, muito mal.

—Não...

—Num domingo, o dia em que as atividades relacionadas ao trabalho são poucas ou inexistentes, você se dá o luxo de chegar atrasada. Você bebeu além da conta ontem à noite e estava tentando sobreviver à ressaca esta manhã? Ou será que algum amante a entretteve demais sob os lençóis? —continuou, sem lhe dar oportunidade para resposta.

Ela apertou os dentes. Achava injusto que a acusasse sem conhecê-la. Não seria a primeira pessoa, nem a última, a formar um conceito sobre ela com base nas mentiras da imprensa, já estava habituada e aquilo não era mais um grande problema, no entanto, por uma razão desconhecida, o fato de aquele empresário em particular acreditar nas mentiras que os jornais diziam lhe causava uma sensação de algo que não conseguia identificar. Ou talvez fosse o desespero pelo fato de que sua carreira parecia rolar barranco abaixo.

Paige priorizou o que estava em jogo. Discutir com Blake Howard só aumentaria suas chances de fracassar, por mais que naquele instante estava se portando como um cretino.

—Sinto que, pela sua atitude e palavras, não quer me dar a oportunidade de ouvir minha voz, nem tampouco os argumentos a favor da possibilidade de assinar com a Lion Records, senhor Howard. Peço desculpas por ter entrado na sua propriedade e invadido —fez um gesto com a mão como se cobrisse o físico de Blake— o seu espaço pessoal, mas eu teria sofrido uma insolação se aguardasse além dos quinze minutos que fiquei chamando pelo interfone sob o sol sem ter nenhuma resposta do interior da sua mansão. Acontece que eu fiquei sem bateria, e tive que esperar ter um pouco de carga até poder chamar um Uber. Eu gosto de ser anônima quando posso e, às vezes, consigo aproveitar isso em cidades pequenas como esta... —explicou, apesar de não costumar dar explicações a ninguém. Estava engolindo seu orgulho por uma causa que valia a pena—. Não se trata de irresponsabilidade, senhor Howard, trata-se de circunstâncias além do meu controle.

—Vou lhe fazer a cortesia de chamar um Uber, já que parece ser o seu meio de transporte para tentar ser igual aos habitantes comuns deste país, e assim você pode voltar a seu hotel ou ao aeroporto, se preferir.

Paige tinha tido um fim de semana de merda, e não pensava em permitir que aquele homem —por mais que alterara sua capacidade de manter-se tranquila— a despachasse como se fosse uma mendiga e ele, o rei. Belo idiota.

—Eu não preciso dessa cortesia —disse a ele—. A única coisa que quero é que me escute cantar. Meu talento é real e...

Blake levantou a mão. Uma mão elegante e masculina. Dedos fortes. Ela ficou em silêncio diante do gesto, mas não teria sido a sua reação natural estando numa mesa em igualdade de condições.

—Eu escutei você cantar. Li sobre suas peripécias pela vida. Não preciso de uma pessoa problemática que prejudique o prestígio que Lion Records se esforça em manter —disse ele antes de começar a caminhar para o interior da casa.

Paige o parou colocando a pequena e quente mão sobre seu ombro. Ele a olhou nos olhos. Ela não havia conhecido nenhuma outra pessoa capaz de olhá-la daquela forma. Apesar da profundidade do seu olhar, não se sentia intimidada, mas sabia que por trás daqueles olhos pareciam se esconder muitos segredos. Exatamente como em seu caso pessoal. A corrente que cruzou de uma pele a outra propiciou um silêncio capaz de se quebrar com a ponta de uma agulha. Se um deles se aproximasse um pouco do outro, apenas um pouco, as faíscas que

pareciam ameaçar aumentar para labaredas fariam exatamente isso. O impacto entre Paige e Blake era tal que os olhares de ambos ficaram entrelaçados por alguns segundos que pareceram horas.

Foi ela quem rompeu o contato físico. Limpou a garganta, mas não desviou o olhar de Blake. Nem ele dela.

—Me escute cantando, Blake —pediu, chamando-o pelo nome pela primeira vez—, e se depois de escutar você ainda achar sinceramente que a minha voz não tenha talento suficiente ou que usei dos artifícios tecnológicos todos esses anos para soar bem, então vou aceitar que você não queira que eu faça parte da Lion Records.

Ele ergueu uma de suas densas sobrancelhas. Aceitou a ideia de tratar um ao outro de uma maneira menos formal.

—E caso eu considere sua voz como sendo resultado de uma indústria dedicada a louvar o físico mas não o talento? O que estaria disposta a fazer para limpar sua reputação desgastada? —perguntou com curiosidade. Algo na forma de falar de Paige conteve sua tentativa de despedi-la. Havia um tom de sinceridade, misturado com uma pitada de desespero. Talvez ela não estivesse consciente disso, mas ele havia vivido o suficiente para saber diferenciar essas pequenas sutilezas.

—Qualquer coisa —respondeu ela sem pensar duas vezes. Porque era a resposta mais sincera e verdadeira. Estava disposta a tudo por sua carreira.

Blake esboçou um meio sorriso. Não queria Paige em sua empresa. E devia um favor a Josh. Ia encontrar uma forma de satisfazer ambas as condições sem que fossem inconvenientes.

—Eu vou tomar um banho —seu sorriso, cheio de maldade, se alargou— a menos que você queira conversar enquanto me observa.

Paige arqueou uma sobrancelha, corada e com raiva.

—Talvez tenha me surpreendido ao vê-lo nu, mas não pense que o acho atraente. Se você continua acreditando em tudo o que os tabloides dizem, então você deve saber bem que você não é o primeiro homem que eu vejo sem roupa, mas é o primeiro que encontro nesse estado durante uma reunião de trabalho. De qualquer forma, pode tomar banho com calma.

Blake inclinou-se o suficiente até que seus narizes quase se tocaram.

—Você tem uma língua afiada, senhorita Valois.

Agora que havia percebido que ela era mais bonita do que nas fotos, só de pensar na quantidade de homens que haviam tocado seu corpo, o aborrecia. "A frustração sexual tem as mais estranhas consequências", disse a si mesmo.

—Não tinha nada a perder. E já que estamos no mesmo lugar, num domingo, negar uma audição seria uma deliberada injustiça.

Blake acenou com indiferença para uma porta que estava fechada.

—Na minha sala de leitura. Se você quiser usar um piano ou um violão, estão ali para serem utilizados, mas você terá que ver se estão afinados porque há muito tempo que não piso nesta casa —disse afastando-se dela—. Eu desço em pouco tempo.

—Obrigada....

—Não me agradeça. Não acredito que, depois de ouvi-la, vou vê-la outra vez em uma próxima ocasião. E se você tentar entrar em alguma das minhas propriedades desta forma arbitrária, pode ter certeza de que seu entrevistador será um policial —disse Blake com sarcasmo antes de começar a subir as escadas.

—Um policial que não esteja nu, eu espero... —respondeu Paige sem evitá-lo. O súbito interesse em provocá-lo a pegou de surpresa, mas já não podia pegar de volta as palavras.

Blake parou de repente. Sem virar-se, falou sobre o ombro.

—Já que você não ficou com vontade de algo mais que apenas me ver nu, então tenho certeza de que a imagem de um encontro pele com pele se dissipará em breve dos seus desejos.

—Eu não...

—Eu desço em um instante —acrescentou, fazendo de conta que não tinha ouvido a tentativa de resposta de Paige, antes de continuar o seu caminho e desaparecer escada acima.

Ela sentiu que o oxigênio voltava a seus pulmões. "Você ficou louca ou o que?", perguntou a si mesma olhando para o teto da casa, antes de tomar seu caminho até a porta. Agora tinha que buscar suas malas que já deviam estar meio derretidas com o calor de verão na cidade.

Apressou o passo e buscou na memória para encontrar a música que poderia interpretar para passar a melhor impressão a Blake. Temia que ele fosse um dos jurados mais difíceis, e se ela não estivesse de acordo com os padrões de exigência musical de Blake —que eram muito elevados, como Josh lhe havia dito— quanto à sua qualidade vocal, então não haveria nada mais para negociar e tudo estaria perdido. Não importariam os Grammy ou qualquer outro prêmio internacional. Ela era consciente de que, se outros haviam abalado seu talento, a opinião de alguém tão intelectualmente valorizado a nível musical e empresarial como Blake valeria mais do que a bajulação recebida em seus anos de carreira, a qual havia contribuído para que seu ego estivesse mais do que saudável.

Ela não se considerava uma pessoa religiosa, mas se tivesse que escolher uma circunstância para fazer uma prece, então aquele era o momento. Com as malas em um canto da sala de leitura, escolheu um lugar perto da lareira para exercitar suas cordas vocais.

Era melhor, enquanto fechava os olhos para se concentrar, deixar de pensar em algum corpo masculino nu banhado em gotas de água.

CAPÍTULO 6

Blake não tinha ouvido uma voz tão bonita em muito tempo.

Ela era um pacote completo. Um talento inato, um corpo que tirava o fôlego, e um rosto perfeito. Agora entendia por que causava tanto alvoroço em seus seguidores e por que a imprensa adorava fotografá-la. Ele era sincero, e precisava aceitar que a mulher em sua frente havia ganhado com vantagem os prêmios recebidos em sua jovem carreira. Entretanto, era uma pena que a sua reputação longe dos palcos estivesse cheia de lama.

—Não?

Diante da pergunta de Paige, ele se deu conta de que havia permanecido em silêncio vários minutos depois que ela terminou de cantar. *At last*, de Etta James. Lhe surpreendeu que não tivesse escolhido uma música de sua própria autoria.

Foi a música de Etta James que ele havia dançado durante sua festa de casamento com Sheela, e sempre que a ouvia as memórias amargas não demorava em aparecer. Naquele momento, na voz sedosa de Paige, tinha acabado de transformar seu conceito.

Blake não gostava de mudanças, principalmente em suas emoções em relação ao seu passado, pois achava que elas tinham forjado a pessoa em quem havia se tornado agora.

Intrigado com o efeito que ela tinha acabado de causar em seus sentidos, esfregou a testa e a olhou como se tivesse acabado de voltar de algum lugar distante. O tipo de lugar em sua mente onde costumava guardar lembranças que preferia ignorar a todo custo. A negação era um mecanismo de defesa eficaz, pelo menos era o que tinha verificado ao longo dos últimos três anos como solteiro e em sua tentativa de eliminar em seu sistema qualquer vestígio de Sheela.

Algumas pessoas costumavam dizer que *recordar é viver*, mas ele não estava de acordo. Quando existiam lembranças dolorosas, o que menos queria era recordá-las.

—Repita a pergunta, por favor —pediu consciente da sua distração.

—Se você prefere que eu cante outra música, uma do meu álbum desta vez, ou se você tem uma sugestão diferente para uma variação tonal...

Blake se levantou abruptamente.

—Não —respondeu, cortante, ainda sob o efeito mágico da voz feminina. Tinha se sentido transportado por um instante ao passado, quando ele ainda acreditava no amor e nas possibilidades de ser feliz— é o suficiente.

Decepcionada, Paige, assentiu. Havia usado uma versão diferente da famosa canção de Etta James, uma versão que aperfeiçoou durante o seu voo desde Portland. Os arranjos eram caprichosos, apesar do pouco tempo que teve para se preparar, e até mesmo conseguiu pensar nos acordes de violão caso tivesse —como tinha sido o caso— a opção do acompanhamento de um instrumento musical.

—Compreendo —disse em um tom neutro.

Deixou o violão de lado e levantou-se da pequena poltrona onde havia se acomodado enquanto cantava.

—A que horas sai o seu voo? —perguntou Blake.

—Eu não tenho nenhum. Josh não me disse nada em particular sobre horários, só que eu estivesse aqui determinada hora porque o resto você decidiria... —apontou para o canto onde estavam as suas duas pequenas malas— então, dadas as circunstâncias, é melhor eu ligar pra alguma companhia aérea agora mesmo —disse com um sorriso que não tinha nem um pinga de

alegria.

Blake inclinou a cabeça para um lado, estudando-a, já mais calmo.

—Você sempre presume as respostas de outras pessoas antes de sequer ouvir?

Ela deu de ombros.

—Não pareceu muito interessado em ouvir mais nada da minha parte. Eu tive um fim de semana bastante complicado para suportar mais uma crítica ácida como a cereja do bolo —disse enquanto se dirigia para recolher seus pertences. Precisava tomar um banho demorado e dormir muitas, muitas horas—. Obrigada pelo seu tempo, Blake. —Abaixou-se para pegar a mala de mão.

Ele encurtou a distância que os separava e a segurou pela mão que se levantasse e se virasse para ele. Não podia decepcionar Josh rejeitando alguém que realmente tinha talento, mas podia fazê-lo perceber que ela não era o tipo de artista que a Lion Records precisava, e faria isso sutilmente. Porque era essa, e apenas essa, a razão pela qual Blake não podia deixar Paige Valois sair sem maiores satisfações.

—E onde você vai? —perguntou, com um tom mais suave.

Ela olhou para ele como se fosse um idiota.

—Procurar um hotel, é claro, e depois agendar um voo para Los Angeles. Aprecio o seu tempo...

—Tenho uma proposta para você, se é que realmente está pronta para trabalhar na Lion Records e se comprometer, para amanhã à tarde. Poderia acabar com esse assunto agora, mas graças a sua invasão à minha propriedade —Paige ficou vermelha— eu percebi que preciso ajustar a segurança dessa casa e ninguém trabalha aos domingos por aqui.

—Eu... Ah, obrigada. Obrigada!

A expressão no rosto de Paige mudou por completo.

O sorriso que iluminou seu rosto deixou Blake deslumbrado. Ele sentiu um calor repentino tentando se infiltrar em seu peito. Solto sua mão, como se assim pudesse se livrar da sensação que Paige havia começado a causar nele desde o primeiro momento em que a encontrou olhando para ele do outro lado da porta de vidro que dava para o seu vasto jardim externo.

—Você não precisa me agradecer enquanto não sabe as condições.

—Espero que não sejam muito cruéis —disse, sem deixar de sorrir.

—Não há meio termo comigo. Tudo ou nada.

—A minha carreira depende deste acordo, e é algo que Josh deve ter conversado com você. Eu sempre tive poder de decisão no que desejo como artista. Não faço isso por dinheiro, porque já tenho o suficiente. É importante para mim, mesmo se eu correr o risco de perder tudo, negociar a minha liberdade criativa e certos detalhes relacionados a minha vida pessoal. Eu estou em uma posição de risco iminente, eu sei, mas antes que você pense no que pode oferecer como empresário, considere isso que acabei de dizer.

Blake assentiu.

—Eu sou uma pessoa justa, Paige, embora rígido e exigente nos negócios. Depois de me ouvir, então você pode decidir se vamos seguir adiante: advogados e representantes antes de assinar o contrato provisório.

—Provisório? —indagou com incerteza.

—Um período de teste. —Não ia dizer que não havia proposto isso para ninguém anteriormente. Nem diria que a sua intenção era de que ela descumprisse o contrato de teste—. Devido aos seus antecedentes com a imprensa, apesar do seu excelente talento musical, não posso assumir riscos elevados.

—É justo e eu compreendo.

—Que bom.

—De qualquer forma, eu vou ficar em The Broadmoor, porque é a única referência que eu tenho de um lugar para ficar em Colorado Springs, ainda que eu imagino que seja um pouco longe daqui. Voltarei amanhã à tarde.

Paige não gostava da ideia de um contrato de teste. Era uma estrela internacional! No entanto, estava a ponto de cair em desgraça, sendo sincera, e não tinha muito o que escolher, nem exigir. Blake estava jogando uma boia salva-vidas e não iria rejeitar, embora não gostasse da forma como vinha.

Se sentia nervosa e extasiada com aquela menina inexperiente que Josh descobriu cantando anos atrás, bem diferente da artista que dominava os palcos mundiais com impressionante facilidade. Não gostava do modo como Blake parecia influenciar no seu humor, mas ela atribuía isso ao cansaço e ao terrível período pessoal que estava atravessando. O que mais podia ser? As notícias boas em sua vida pareciam escassas naqueles dias. Qualquer resquício de esperança podia fazer com que seu sorriso aumentasse e seu coração batesse mais forte e com mais energia.

—Minha mansão tem espaço suficiente —disse Blake com indiferença—, você pode ficar em um dos quartos que tenho disponíveis. Qual você quiser. Todos os quartos estão com lençóis limpos, desde a última vez que eu estive aqui, mas se por acaso você achar que precisam de uma limpeza, pode descer até o porão onde fica a área da lavanderia. Você sabe lavar, não?

—Eu não sou uma inútil, Blake, ao contrário do que a imprensa pretende fazer parecer...

—Não que ofender você, só foi uma pergunta e nada mais, não precisa se sentir na defensiva. —Paige assentiu—. Em todo caso, você terá privacidade, por isso não se preocupe. Vai ficar sozinha na mansão, porque eu tenho que sair o resto do dia.

—Entendo.

—A reunião entre eu e você não será aqui. Não gosto de misturar meus ambientes. Negócios são negócios. Casa é outra coisa. —Paige concordou novamente—. Conversaremos durante o voo no meu jato privado para Los Angeles amanhã à tarde. Tudo bem?

Paige assentiu, sem deixar de pensar na ironia do comentário, pois era ela quem havia invadido a privacidade neste caso. A oferta de Blake era um ramo de oliveiras, e embora seus instintos de conservação lhe exigiam que desse meia-volta e reservasse um hotel, seu lado mais ousado a incentivava a desejar conhecer um pouco mais —e em seu próprio espaço— o esquivo homem que era Blake Howard para a imprensa.

Paige notou que os movimentos de Blake ao caminhar eram elegantes, semelhantes ao de uma pantera, confiantes. O jeans preto que vestia se ajustava às suas pernas fortes, e a camisa branca —com três botões abertos— o faziam parecer mais com um ator de Hollywood do que um empresário. Talvez tinha muito a ver com o fato de ter sido criado sob a influência de pais famosos e sentir-se confortável em sua própria pele. Impossível não ser assim, pensava ela, quando Blake tinha uma espantosa semelhança com o ator britânico Charlie Hunnam. Certamente ele sabia que as mulheres o achavam atraente. Ela não tinha precisado de um babador há pouco tempo atrás?

E, na opinião de Paige, existia algo rebelde e selvagem no modo como Blake parecia analisar tudo com o seu olhar. Era intrigante, e ela gostava de enigmas. Se tivesse tido que escolher outra profissão além de cantora, provavelmente teria escolhido ser detetive particular.

—Vou ficar aqui, então, Blake —disse.

Ele apenas assentiu, antes de dar meia-volta, deixando seu envolvente aroma do *aftershave* flutuando no ambiente. Seus passos foram se afastando pouco a pouco.

O silêncio tratou de fazer companhia a Paige. Ela sentou-se sobre o macio tapete branco com preto, de repente, muito cansada, sentindo como se a força que sempre a acompanhava havia lhe deixado.

Sentiu lágrimas molhando seu rosto, mas não tentou interrompê-las.

Tinha vontade de rir e abraçar alguém, mas nunca havia ninguém ao seu lado com quem compartilhar sinceramente a sua alegria ou sua tristeza. Era o preço da fama, e sabia disso. A felicidade no mundo das celebridades costumava ser uma cortina de fumaça, e como era infame que todos geralmente desejassem ter uma vida como a sua. Não era ingrata. Estava vivendo o seu sonho, embora nunca tivesse pensado em qual seria o custo.

Escondeu o rosto entre as palmas das mãos.

Até aquele momento não havia se dado conta do nível de tensão que havia experimentado, e agora, na solidão, deixou que as lágrimas caíssem. Momentos mais tarde, exausta, subiu as escadas.

Blake não tinha vontade de voltar para casa.

Em uma tentativa de fingir que Paige não o havia afetado, se ofereceu para ficar em um dos quartos da mansão. Agora entendia que havia sido um erro. Estava sentado no balcão de um de seus bares preferidos na cidade. McCabe's Tavern. Sempre pedia o mesmo: Reuben Sandwich e uma cerveja para acompanhar. Para seus padrões habituais se tratava de um jantar muito barato, no entanto, ele sabia apreciar os pequenos detalhes da vida.

Bebeu a Guinness calmamente. Já era a quinta cerveja em suas contas, e os ponteiros marcavam quase meia-noite. As pessoas conversavam ao redor, as garçonetes iam de um lado para o outro, e a algazarra era cada vez mais ensurdecadora.

Ele odiava as multidões, mas gostava do anonimato. Por isso, pelo menos uma vez no ano, ia fazer de conta que não lhe incomodava que o bar —algumas horas atrás não tão cheio— agora estava um pouco mais cheio. Era domingo, mas havia vida noturna, talvez por ser verão e pelos turistas que chegavam em busca de aventuras nas montanhas.

Já havia ligado para sua assistente para que cuidasse dos assuntos necessários enquanto ele estava fora de Los Angeles e, nesse processo, pediu a seus advogados que demitissem a empresa de segurança por negligência. Ele pagava um valor alto por um bom serviço. Tentaria não negligenciar novamente aquela propriedade. O fato de não ser um local de férias entre seus destinos habituais não lhe dava licença para desperdiçar um espaço tão bonito em meio à natureza.

Em sua tentativa de fazer Paige sentir-se desconfortável, não só tinha encontrado os defeitos em sua mansão, mas também acabou experimentando um desconhecido sentimento de estar deslocado. O efeito bumerangue, sem dúvida.

Não conseguia tirar da mente a imagem de Paige, tocando violão com suavidade, como se estivesse acariciando algo precioso e único, enquanto sua voz de veludo enchia os sentidos durante o tempo que durou a ortodoxa audição. Ela cantou com tanta paixão e entrega que o levou a se perguntar se em todos os âmbitos de sua vida agia com tamanha emoção. Como seria a expressão do rosto de Paige enquanto estava deitada na cama desfrutando do prazer?

O súbito desejo de saber como seria ter aquela boca carnuda rodeando seu membro, enquanto ele descobria os úmidos lábios íntimos em uma sessão de corpos nus, o inquietava. Talvez nunca antes tinha experimentado o que Paige conseguiu provocar naquela tarde com sua voz. Tratava-se de algo profundo e ele não gostava da ideia de não conseguir definir seu próprio estado de

ânimo.

—Costumo frequentar esse bar e, como é época de turistas, fico feliz de ver alguém interessante hoje —disse uma voz desconhecida perto de Blake.

Ele virou a cabeça. Uma loira o olhava com um sorriso resplandecente enquanto se acomodava no assento vazio ao seu lado. Tinha os olhos bem maquiados e uma boca de sorriso fácil que se complementavam com um decote monumental que o convidava a querer conhecer mais aquela pele morena.

Blake tragou outro gole da garrafa até terminá-la. Deixou no balcão a bebida vazia, e a garçonete lhe serviu outra.

—Você está sozinho ou com seus amigos? —perguntou com indiferença enquanto começava a beber a sexta cerveja.

Todo o ambiente que o rodeava parecia conspirar contra sua tentativa de manter-se sereno. Em Colorado Springs havia muitas lembranças. A última vez que tinha dividido sua cama com alguém naquela cidade havia sido com sua ex-mulher. E não queria que continuasse assim.

—Depende, você vai me convidar para uma bebida?

Blake demorou um momento antes de responder.

—Talvez eu queira fazer algo mais do que isso —respondeu com um meio sorriso.

A mulher riu. Era um riso agradável, mas não causavam arrepios a Blake como uma certa voz melódica que tinha enchido sua mansão com música horas atrás. Quase cinco horas...

—Me chamo Heidi —disse, apoiando o cotovelo no balcão e a bochecha na palma da mão, de modo que podia observá-lo confortavelmente.

—Blake.

—Você não tem sobrenome?

—Para o que eu preciso, não. —Bebeu outro gole de sua cerveja.

Heidi voltou a rir.

—Talvez eu gostaria de saber o que é que você quer, além de me convidar para uma bebida esta noite, Blake.

Com um gesto para a bartender, pediu que esta servisse um copo de whisky irlandês a Heidi.

—Um brinde então para acabar com as dúvidas —disse ele com uma piscadela.

Não costumava ir para a cama com mulheres que conhecia em um bar. Essas coisas já havia deixado de lado há muito tempo atrás. Da última vez que fez isso, Blake estava curtindo na Europa e foi antes de conhecer Sheela no festival de música de Glastonbury, enquanto estudavam juntos na Grã-Bretanha.

Desde o seu divórcio, ele preferia conhecer mulheres em ambientes corporativos e com as mesmas inspirações que as suas: sem compromisso. Apesar de sua filosofia habitual em relação ao sexo oposto e aos romances ocasionais, algo naquele dia estava inclinado para o lado pouco convencional. O que mais poderia acontecer se acrescentasse um pouco de luxúria com uma estranha? Ele não tinha compromissos sentimentais e não estava saindo exclusivamente com ninguém. Era um homem livre. Apesar de que, naquele momento de sua existência, se sentia frustrado, e tudo graças a uma problemática cantora que teria que demitir de sua gravadora antes de começar a trabalhar os primeiros meses com ela.

Sabia que Paige estava desesperada e se apegaria às normas, o problema era que ele teria que fazer com que ela as quebrasse, e assim poderia tirá-la do seu sistema. Não gostava de sentir as emoções à flor da pele, e por esse motivo também pensava em aceitar uma aventura com a mulher que estava se oferecendo a ele. Era uma forma de exercer o controle que tanto gostava de ter em sua vida, especialmente depois que Sheela o enganou e quebrou todas as estruturas de

suas crenças no compromisso e no amor.

Ele sentiu o calor irradiar do corpo feminino ao seu lado, e com isso voltou à realidade. Ao McCabe Tavern na Tejon Street.

Inclinando-se mais para Blake, Heidi começou a puxar conversa, e aproveitou para roçar seus seios contra o braço masculino. Blake conhecia todos os truques femininos, e como tirar proveito deles. Moveu ligeiramente o antebraço até que sentiu o mamilo de Heidi ficar ereto sob o tecido da blusa de listras azuis com branco.

Mantiveram uma conversa curta; aquele tipo de conversa circunstancial para passar o desconforto da primeira aproximação e experimentar um pouco o terreno. E experimentar o terreno implicava a mão feminina deslizando pela coxa de Blake de maneira dissimulada, porém confiante. Ele não protestou. Se olharam conscientes do fogo que tinha começado a avivar. A noite prometia.

CAPÍTULO 7

Paige levantou-se agitada do colchão. Não sabia se havia gritado ou gemido de desespero, como costumava fazer. Ficou em pétreo silêncio, esperando que Blake aparecesse perguntando o que diabos estava acontecendo ou que tivesse chamado a polícia acreditando que ela precisasse de socorro diante da presença de algum intruso.

Passaram-se os minutos, e o silêncio continuou. Tinha sorte, pensou, que Blake talvez tivesse um sono muito profundo. O silêncio era tão sepulcral como havia sido toda a tarde. Um relógio com luz fluorescente indicava que ainda era antes da meia-noite. Sua respiração tinha um ritmo irregular. Com a mão no peito, tentou se acalmar e praticar seus métodos de relaxamento.

Lembrou que estava em um lugar seguro. Que ninguém iria procurá-la, de repente, para assustá-la, e que também não teria que presenciar atos que nenhuma menina de doze anos deveria presenciar em sua casa.

Tinha acabado de ter um pesadelo que não tinha há meses. Ela pensava que tinha tido êxito em sua tentativa de enterrar sua traumática infância nos recônditos meandros de sua memória. Não era o caso.

Vestida apenas com calcinha e sutiã, Paige foi até o lavabo para beber da torneira. A água da cidade estava entre as de melhor qualidade em todo o país, e ela não era uma mimada que só bebia num copo de água. Além disso, não tinha vontade de descer e encontrar-se com Blake. Não conhecia todos os espaços da mansão, e preferia evitar um novo constrangimento com ele.

Voltou para a cama, mas não conseguiu pegar no sono.

No escuro, com o ar-condicionado ligado, sentou-se em posição de lótus e abraçou uma das almofadas que havia ao seu redor. Tentou por um instante meditar e se acalmar.

Ficou pelo menos cinco minutos tentando seguir os passos que a sua professora de ioga em Los Angeles havia lhe ensinado para se concentrar. Não deram resultado. O pesadelo conseguia causar esse efeito. Em algumas ocasiões, a meditação conseguia acalmá-la, mas, desta vez os pensamentos não são aquietavam.

As situações surgiam como de uma fonte, mas o passado não podia ser alterado.

Sem poder, vieram à sua mente as cenas do episódio que mudou a sua vida e a de Coral. Apesar de que os anos haviam passado, e que o caso estava encerrado, suas ações a perseguiram sem piedade.

Quatorze anos atrás.

Portland, Oregon.

O dia de aula tinha sido entediante. Não só isso, mas havia chegado —pela primeira vez— o período menstrual. Era horrível sentir dor e tudo a irritava. A estranha sensação de que os meninos da turma haviam reparado que ela agora tinha seios a envergonhava. Por que a olhavam, se não fosse isso? Já era esquisita pelo fato de ser a melhor na aula de física, porque adorava, e agora tinha que somar a isso o fato de ter seios. Que sorte a dela, sim?, pensava Paige. Os doze anos eram, em sua opinião, a pior idade de um ser humano.

Relutantemente deixou a mochila sobre o sofá grande cor de laranja. Seu padrasto, Euseb, tinha mania por cores extravagantes. Isso lhe causava um enorme choque visual, mas não se atrevia a reclamar nem a dar sua opinião em voz alta. Havia ficado de castigo uma tarde em que recebeu um tapa de sua mãe por responder —segundo ela, de maneira errada— àquele que era seu marido já havia quatro anos.

Entretanto, ainda se lembrava de Calder, seu pai, com saudade. Ele havia morrido de um ataque cardíaco. Morte súbita, assim costumavam chamar a causa de sua morte. Quando Calder estava com elas, sua vida era cheia de sorrisos e sem gritos ou pancadas.

Paige odiava Euseb.

—Paige, sua pequena escória, por que não deixou o banheiro limpo? —gritou Euseb de algum canto do porão. O homem parecia ter um radar para saber quando ela ou Coral chegavam em casa.

Sentiu o corpo tremer de medo. Olhou para sua irmã. Das duas, Coral, era a mais assustada. Quando a voz de Euseb ressoou em casa, Paige viu o terror naqueles olhos tão azuis como os seus. Segurou sua mão com firmeza.

—Co-co —disse com o apelido carinhoso pelo qual costumava chamá-la—, não vai acontecer nada. Não se preocupe.

A voz de Coral falhou quando disse com um sussurro.

—Vai nos bater. A mamãe não está em casa... Vai nos bater —repetiu.

—Nossa mãe também não nos defende —resmungou Paige—, não se preocupe com nada Co-co, vamos resolver como sempre fazemos, esteja a mamãe em casa ou não.

Kyria Valois era uma mulher bonita. De ascendência grega e nórdica, havia deixado de herança os olhos e o cabelo às suas filhas, assim como aquela sensualidade inata das descendentes das antigas civilizações do mundo. Desde a morte de seu marido, Kyria havia perdido o sorriso, o rumo e também a capacidade de pensar com coerência quando estava sob os efeitos do álcool. Este último, há pouco mais de dois anos, havia se tornado um costume de consequências drásticas para suas filhas.

—Paige... —sussurrou Coral—, não quero ficar sozinha.

Euseb sabia qual das duas irmãs era a mais tímida. Se metia sempre com Coral, e quando Paige a defendia, recebia pancadas que costumavam deixar hematomas em seu corpo.

Na primeira vez em que Kyria ouviu da boca de Paige sobre as agressões de Euseb não acreditou e disse que estava inventando tudo porque não suportava que alguém pudesse viver na casa após a morte de Calder. Aquele comentário a machucou profundamente e, daí em diante, tudo o que começou a ser forjado em seu coração em relação a sua mãe foi apenas ressentimento. E a única coisa que fez foi aumentar.

—Eu estarei com você. —Coral assentiu—. Eu limpei esta manhã, Euseb! —gritou Paige, fazendo um sinal para que sua irmã subisse as escadas e seu padrasto não as visse juntas.

Dois minutos mais tarde, apareceu um homem moreno, de olhos verdes e musculoso. Sua aparência era intimidante, especialmente pela cicatriz que atravessava sua bochecha esquerda e a tatuagem de uma águia no antebraço direito. Desde que se casou com Kyria não voltou a tentar ganhar a consideração das duas meninas. Não lhe interessava. Já havia conseguido o que queria: uma mulher para dominar e para tratá-lo como rei.

—E por que tem uma coisa nojenta com sangue na lata de lixo? —perguntou cruzando os braços.

Só havia um banheiro em toda a casa, porque o cretino marido de Kyria tinha decidido usar o outro como depósito extra para suas porcarias.

Os turnos para usar o banheiro eram um pesadelo. Na pressa de chegar a tempo à escola naquela manhã, Paige talvez poderia ter esquecido de cobrir melhor o papel higiênico ou o que quer que fosse que Euseb estava se referindo. Sua irmã tinha passado pelo período quatro meses antes, por isso, graças a ela descobriu como passar por aquilo sem problemas e sem ter que pedir que sua mãe comprasse uns absorventes.

Ela engoliu em seco.

Não sabia o que dizer, estava com vergonha. Ficou vermelha, sabia disso, por isso não foi capaz de encará-lo como costumava fazer em outras ocasiões. Euseb se aproximou e agarrou-a pelo queixo com firmeza para que o olhasse.

—Putinha, então você já é uma mulherzinha, é?

Paige tentou esquivar-se, mas ele não permitiu.

—Eu...

Euseb soltou seu rosto como se lhe cause repugnância. Enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de dez dólares. Ofereceu a ela de forma aborrecida.

—Vai comprar umas cervejas. Se disserem que você é menor de idade, já pode levantar a blusa e mostrar os peitos —disse com uma gargalhada cruel, apontando para seus seios—, assim vão saber como cobrar quando você não puder pagar as minhas bebidas. O que está olhando? —perguntou balançando a nota—. Saia de uma vez para comprar o que estou pedindo! Não quero desculpas ou sua irmã vai pagar as consequências.

O cheiro repugnante de vodka que exalava do hálito de Euseb incomodava Paige, e suas palavras eram ofensivas, mas não era idiota para ficar respondendo. Ele nunca a havia agredido. Não ela, mas sua mãe sim. E era horrível o que vinha depois. Ele decidia que precisava de uma testemunha do mal comportamento de Kyria, e agarrava à força uma das duas irmãs para que presenciassem os golpes. A mãe das duas, em vez de se defender, o que fazia era justificar o comportamento de Euseb dizendo que era sua culpa ele a agredir, legitimando a reclamação, qualquer que fosse, pela qual estava sendo agredida.

Paige pegou o dinheiro e saiu correndo como se o demônio a perseguisse.

Não foi a primeira vez que teve que escapar e implorar a Ferdinand —o dono de uma pequena loja de mantimentos local— que, já que não podia dar o licor a ela por ser menor de idade, que o mandasse para casa. Em troca desse grande favor, ela ensinava matemática para a filha de sete anos do dono da pequena loja de bebidas e lanches, de graça. Era uma troca justa e a livrava de uma surra.

A casa de dois andares em que morava tinha uma porta que dava para o quintal dos fundos. Costumava usá-la quando Euseb —que estava em constante busca de trabalho, e quando conseguia algum o perdia em três semanas por estar bêbado— estava bebendo, ou quando chegava de suas aulas de canto extracurriculares e ouvia quebrar algo. Aquele era sempre o prenúncio de uma longa briga.

Agitada, abriu a porta e caminhou com cautela uma vez que Ferdinand havia lhe garantido que enviaria as cervejas o quanto antes possível nos próximos vinte minutos. Ela tinha que gastar tempo. Não podia entrar sem nada na mão. Já havia combinado. O pacote de seis garrafas era deixado em um canto do quintal e ela o buscava quando via que o entregador acendia uma lanterna três vezes. Então, correndo, ela pegava o pacote e o deixava na cozinha, não sem antes dar um grito para Euseb para dizer que sua cerveja, ou, às vezes, a vodka, estava gelada esperando por ele.

Havia demorado um pouco mais que o normal, só esperava que sua irmã não tivesse sucumbido à tentação de descer até a cozinha para comer. Coral tinha problemas. Um ano e

meio antes, Paige a convenceu de ir ao psicólogo escolar, que a diagnosticou com transtorno esquizoafetivo do tipo bipolar. Um quadro muito complexo que, finalmente, explicava por que sua única irmã tinha tentado o suicídio duas vezes e mudava de humor de forma súbita. Não se tratava apenas de Euseb, porque ele só conseguia acelerar a angústia que poderia desencadear uma crise para Coral.

Paige havia comentado com sua mãe, e esta disse a Coral que ela só precisava tomar os medicamentos. O dinheiro para pagar a receita dos medicamentos de sua irmã, todos os meses, sempre chegava, porque sua mãe era motorista de um carro turístico local e ganhava uma quantia que lhes permitia viver decentemente, embora não como estavam acostumadas como quando Calder vivia.

Depois de se casar com Euseb, Kyria —com o vício recém descoberto de seu novo marido por licor— começou a justificar a violência verbal —às vezes física— dele. Usava grande parte do dinheiro para que seu marido comprasse o que quisesse, na verdade, era ele quem cuidava da renda da casa. Por acaso não era o cúmulo da estupidez? Paige tinha tão pouca idade e se dava conta, mas Kyria era a adulta da casa!

Era difícil aceitar que uma mãe preocupada, carinhosa e cheia de risos, de repente, tinha se transformado em uma sombra do que era no passado. Dizia que amava Euseb e que ele era um bom homem. Depois de cada surra, ela justificava dizendo que tudo passaria quando ele encontrasse um emprego estável como o que tinha durante os primeiros cinco meses logo que casaram. Quando Euseb chegava com um buquê de flores e as levava para tomar sorvete ou a algum restaurante bonito, as lágrimas de Kyria pareciam desaparecer e aumentar a sua intenção de dar a ele uma segunda chance... Gestos que saíam do bolso de Kyria, mas, quem poderia contradizer sua mãe ou dizer algo contra Euseb?, Paige se perguntava, aflita diante da impotência, e também perante o trauma que ela e sua irmã estavam vivendo a cada instante.

Em uma ocasião, a agressividade de Euseb enviou Kyria ao hospital. Quando a equipe médica perguntou se ela queria prestar queixa, diante de um olhar arrependido e quase choroso de Euseb, disse que não. Foi nessa ocasião que Paige soube que sua mãe não faria nada para se livrar daquele homem, apesar da dor que lhe causara.

Para Paige tudo aquilo era tremendamente incoerente. Podia faltar dinheiro para um medicamento de Coral, mas não para os vícios de Euseb.

Em muitas ocasiões, ela teve que encontrar algum modo de conseguir dinheiro —quando não havia em casa— para ajudar a sua irmã. Vender tarefas escolares, fazer trabalhos voluntários para a enfermaria da escola e receber como pagamento alguma das pílulas que Coral precisava tomar diariamente. Era humilhante. E agora, havia chegado o período.

Subiu correndo as escadas e encontrou Coral guardando vários pertences em uma pequena mala. Paige, que ouvia como Euseb aumentava o volume do rádio, se aproximou de sua irmã.

—E onde você vai? Você está louca, Co-Co?

—Eu não posso continuar aqui. Esses gritos me enlouquecem, eu não consigo dormir, não consigo estudar, não consigo comer —disse entre lágrimas—, eu quero ir para a tia Magda no Missouri.

—Tia Magda tem cinco filhos, e nós não a vemos há dois anos. O que você acha que ela vai fazer quando chegar de repente? —perguntou, tentando ganhar tempo.

—Não sei... Mas não quero continuar aqui. Não posso ver como esse homem bate na minha mãe e nos pega para sermos testemunhas dessas surras. Quero contar para alguém... Quero poder desabafar e que acreditem em mim. Eu quero que esse pesadelo acabe, Paige!

—Shhh, calma. Eu tenho uma ótima ideia.

As lágrimas continuavam rolando pelo rosto de Coral, mas assentiu.

—Que ideia?

—Eu estou no coral da escola. Tem um concurso local de canto. O prêmio é de cem dólares e uma bolsa escolar por um ano.

—E o que eu tenho a ver com isso? —perguntou.

Apesar de ser tímida, a verdade é que Coral era a mais temperamental das duas. Paige preferia agradá-la do que deixar que arrumasse algum problema que conseguisse aborrecer Euseb e, com isso, uma surra ou um bofetada para alguma delas. Odiava ter que andar pisando em ovos em sua própria casa.

—Se eu conseguir fazer com que alguém veja que eu tenho talento então poderemos sair daqui. Poderei ser famosa e...

Coral deu uma gargalhada que machucou Paige. Começou a fechar a mochila.

—Famosa? Você? Não sonhe, irmãzinha. Vivemos nessa porcaria graças ao papai ter morrido e agora temos que suportar este pesadelo, como você se atreve a sonhar?

—Co-Co...

—Não! Eu quero ir embora daqui. Eu quero sair daqui —disse e começou a chorar.

Paige, sem poder evitar, a abraçou e deixou que chorasse.

Semanas depois, ganhou o concurso local de canto, mas nada aconteceu como esperava. Aqueles cem dólares, que para ela eram o início do seu processo para sair de casa, foram tomados por Euseb. "Uma menina da sua idade não deve lidar com dinheiro", disse ele e, sem mais nem menos, a deixou com sonhos destruídos.

Quatro anos depois, cansada dos maus-tratos de Euseb —embora já psicológica e mentalmente neutralizada pelas terapias com seu psiquiatra—, das birras e dos altos e baixos de Coral, e da apatia de sua mãe, decidiu tomar medidas drásticas. Não incluíam a polícia, mas sim um segredo que estava escondido em seu quarto.

Não teve que esperar muito para que a situação se tornasse insustentável, depois de alguns frustrantes meses de inconstante paz na casa. Promessas feitas, promessas quebradas. Violência e risos ao mesmo tempo. Uma cruel brincadeira do destino que ela já não estava mais disposta a suportar. Um destino do qual ela pretendia tomar as rédeas, e cuja única fuga havia sido os seus dias no coral da escola e o tempo na escola secundária. Cantar a enchia de paz e a transportava para uma realidade diferente, onde as cores eram vivas, onde os sonhos eram possíveis, onde ainda existiam as famílias felizes.

Uma noite, durante uma confusão entre Euseb e sua mãe, Paige viu a forma como seu padrasto rasgou sua blusa, lhe tirou o sutiã e tentava penetrá-la contra a parede. Estava tentando estuprar a sua mãe! Não tinha ideia se era a primeira vez que aquilo acontecia, mas sabia que era a primeira que ela presenciava.

Horrorizada, impressionada e machucada, não podia adiar mais a decisão que passava em sua mente já há muito tempo.

Com a ameaça de suicídio de sua mãe caso fosse à polícia para denunciar Euseb, e também encurralada por seu padrasto com a ameaça de convencer Kyria a lhes tirar do fideicomisso que Calder havia deixado para quando ela e Coral fizessem os dezoito anos, Paige sentiu que se não fizesse alguma coisa ia ficar louca. Foi até seu quarto, Coral —para variar— havia fugido com seus amigos, e não estava tomando a medicação. Tinha tido dois episódios de loucura, e nas brigas com Euseb não era mais como uma menina tímida, mas uma adolescente rebelde, que jogava coisas, e era capaz de enfrentar a socos, levando golpes que a deixavam na cama por dois dias, e uma mãe que, além de ser vítima de violência e cúmplice do abuso, apenas limpava

as feridas antes de sair para trabalhar, como se nada tivesse acontecido.

Paige sabia que haviam tido sorte, mas não teriam mais muita, disso tinha certeza. Talvez porque durante um longo período Euseb foi embora de casa, e nesse tempo houve paz e casa parecia começar a se tornar um refúgio duradouro... Até que Euseb voltou, quem sabe de onde, para pedir outra chance a Kyria. Uma chance que, é claro, ela lhe deu. E os abusos, as brigas e os gritos começaram outra vez.

Muitas mulheres vítimas de violência doméstica morriam nas mãos de seus opressores. Ela não pensava em continuar sendo uma vítima silenciosa. "Você tem a força para sair, Paige. Você é corajosa", lembrou das palavras da sua psiquiatra da escola. Se não tivesse sido pela doutora James, o mais provável era que tivesse terminado vítima das drogas em sua ânsia de esquecer sua sangrenta realidade. Mas tinha encontrado a música. A música a havia salvado.

No entanto, estava cansada de viver com medo, com um sentimento de culpa, ataques de pânico e ansiedade. Sua vida não estava nas mãos de Euseb Garovsky.

Com as mãos trêmulas, procurou debaixo da cama e puxou uma peça de madeira velha, quando encontrou o que procurava, pegou a pequena caixa. Sua via de escape, e também a de Coral e de sua mãe.

Paige tinha conseguido um trabalho de meio período, mas não era suficiente para ser independente e pagar um apartamento compartilhado. Logo aconteceria um concurso interescolar de canto, ela queria ir, queria vencê-lo. Não conseguiria se o pesadelo em sua casa continuasse. Não conseguiria.

Carregou a arma. Abriu a porta do quarto de sua mãe com força.

Quis vomitar ao ver seu padrasto encaixado no interior de Kyria, nua, e esta com o rosto roxo e transfigurado de dor e impotência, mas ao mesmo tempo de prazer. Era uma cena tão grotesca que embrulhou seu estômago.

—Saia daqui, sua cadela maldita, se não quiser trocar de lugar com sua mãe! —disse cambaleando. Bêbado, e certamente drogado também, pensou Paige.

—Não mais —sussurrou ela, antes de apertar o gatilho.

Com a pistola ainda fumegante, Paige caiu de joelhos e chorou enquanto ouvia —como se fosse algo distante— os gritos de sua mãe. Ela não estava em condições de gravar nada do que estava acontecendo com clareza.

O que aconteceu a partir daquele momento pareceu se desenrolar em uma espécie de névoa. Segundos depois, ou talvez minutos ou horas depois, chegou Coral; Paige soube porque acreditou ver seu próprio reflexo no espelho do quarto de sua mãe, de pé na soleira da porta.

Kyria tentava, em vão, ajudar o homem que estava deitado no chão, mas Coral não chorou, não gritou, na verdade, parecia estar tão atordoada pelo orifício ensanguentado na face de Euseb quanto estava Paige. Como um robô, Coral pegou o telefone. Quando terminou a chamada para o 911 se virou para a irmã.

—Paige, o que você fez? —perguntou, horrorizada.

—Adoro as propriedades dessa área da cidade —disse Heidi com voz melosa. Com a mão no membro de Blake, sobre a calça, rebolou.

—Eu não trouxe você para apreciar a vista noturna —respondeu excitado enquanto abria a porta da casa.

Apoiou Heidi contra a porta e pressionou seu corpo. Colocou as mãos sobre os seios e os acariciou. Fechou os olhos e deixou-se levar, enquanto se acariciavam com intenso desejo. Não

queria preliminares, apenas penetrar a suavidade de um corpo feminino. Desfrutar do prazer de um orgasmo. Se perguntava se alguma vez tinha ouvido uma mulher gemer tão forte, quando chegou aos seus ouvidos um gemido.

Demorou vários segundos até Blake perceber que Heidi já tinha parado de tocá-lo, e que o gemido que acabara de ouvir —não pela primeira naqueles minutos— não vinham da mulher que estava diante dele, mas que eram na realidade gemidos que vinham do andar superior de sua casa. Sua mente se acalmou, pouco a pouco, mas seu membro ia demorar até relaxar.

—O que está acontecendo? —perguntou Heidi, com o cabelo bagunçado, o vestido despido até a cintura e com os mamilos escuros, eretos.

—Eu... Demônios —murmurou quando ouviu um novo gemido—, vou chamar um táxi pra você. Eu esqueci de resolver uma coisa antes de ir para o pub.

—Por quê? O que está acontecendo? —perguntou, incrédula, ao mesmo tempo em que tentava recuperar, sem sucesso, a atenção de Blake segurando sua face com a palma da mão. Ele se afastou, como se alguém o estivesse observando ou fosse pegá-lo a qualquer momento. Era um homem adulto! —. Pensei que íamos ter uma noite interessante.

—Eu também —recompondo-se incomodado, mas não com Heidi—, sinto muito, eu gostaria. Talvez não seja uma boa ideia esta noite...

Não por boa vontade, depois de vários segundos, Blake ofereceu a Heidi um fim de semana completo pago no The Broadmoor como compensação por aquele momento incômodo. Ela, embora resmungando, aceitou e lhe como encontrá-la antes de entrar no Uber e desaparecer no meio das lembranças da madrugada.

Ele subiu os degraus de dois em dois.

Devia ter imaginado que Paige não demoraria para encontrar algum idiota disposto a passar a noite, em sua casa! Era a segunda vez, em menos de três dias, que aquela mulher conseguia deixar sua vida sexual a um ponto crítico. Tinha acabado de frustrar a possibilidade de uma noite memorável de êxtase físico sem restrições.

"Maldita mulher", pensou disposto, não apenas a mandá-la embora de sua casa, mas a ligar para Josh e dizer que não podia continuar considerando dar uma oportunidade a uma mulher que só tinha em sua agenda criar caos ou deitar-se com o primeiro homem que aparecesse em sua frente. Mas estava em uma cidade desconhecida para ela! Em que hora do dia ou como havia conseguido ligar?, perguntou a si mesmo, furioso.

Blake abriu a porta.

A cena que encontrou diante dele o deixou sem palavras.

CAPÍTULO 8

Portland, Oregon.
Quatorze anos atrás.

O júri se reuniu para debater na Corte principal de Forest Grove, um dos piores lugares para se viver em Portland, seis dias depois de uma audiência que —considerando a pequena área em que Paige e sua família viviam— parecia rápida demais. Com as mãos entrelaçadas e tentando conter os nervos, Paige esperava o veredicto.

O advogado que o Estado havia lhe atribuído, porque sua mãe se recusava a emprestar dinheiro ou fazer qualquer esforço para livrá-la da prisão, garantiu que não era um caso simples devido à falta de provas contra Euseb. Não só por isso, mas porque Kyria recusou-se a testemunhar a seu favor. O que dizer de uma mãe assim?, Paige se perguntava com o coração partido em dois.

E durante aqueles dias infernais em que a polícia a tratava como uma doente e nenhum de seus amigos queria ter algo que ver com ela, foi a atitude de Coral que mais a machucou. Já fazia vários anos desde que Paige havia deixado de protegê-la, pois Coral alegava ser suficientemente adulta para cuidar de si mesma. Ao longo desse período, houve duas tentativas de suicídio de sua irmã, fruto das crises por sua condição do transtorno esquizoafetivo do tipo bipolar, além da falta de intenção de tomar a medicação e também das humilhações nos corredores da escola. Coral era popular, e Paige, a excluída.

Não era algo paradoxal a forma como as situações se voltavam contra alguém?, perguntava-se ela, enquanto observava a sala vazia ao seu redor. Além de criticá-la e lançar olhares de desprezo, os que estavam na sala de julgamento eram a família de Euseb, Coral, sua mãe, os advogados, e um jornalista sensacionalista de um pequeno jornal semanal. Quem estava interessado sobre o que acontecia em um bairro pobre e distante de Portland?

Paige virou a cabeça, e sua irmã olhou para o outro lado imediatamente. Sim, lhe doía por ser tão mal agradecida, mas, de qualquer maneira, não teria feito as coisas de outra forma ao longo daqueles anos. Era seu sangue, como poderia não se interessar por Coral? Coral sempre a repreendia por deixá-la de lado, tentava desprezá-la porque não se interessava pela ciência ou pela maldita matemática, ou qualquer outro argumento que surgia na mente imaginária de sua única irmã.

Paige se lembrava de como, depois de ter a casa cheia de paramédicos e policiais no dia do assassinato, em vez de receber palavras de apoio por parte de Coral, esta aproveitou para dizer que Paige era uma idiota e que tinha arruinado tudo, que não servia para nada, apenas para causar problemas ou sofrimentos para sua mãe. A acusou de ser sempre ela quem tentava chamar a atenção a qualquer preço.

—O excelentíssimo juiz Fraser Peremmo —anunciou uma voz, conseguindo tirar Paige de suas amargos lembranças—, todos de pé.

O representante do júri alcançou um papel ao homem de uniforme, que, por sua vez, o passou para o juiz. Ele leu em silêncio e, em seguida, apertou os lábios. Paige se perguntou se por acaso aquele gesto era uma antecipação do veredicto, e sua pressão foi aos pés. Engoliu em seco, e viu todas as suas aspirações destruídas em um segundo. O concurso de canto

interescolar era sua única saída, mas já não acreditava que isso fosse possível. Quem permitiria que uma detenta fosse participar um concurso de canto?, perguntou a si mesma com amargura, enquanto se colocava em pé.

—O júri, por unanimidade, declara Paige Lanna Valois, inocente da acusação de homicídio premeditado...

Paige ficou olhando para o juiz com espanto e não conseguiu assimilar o que ele continuava dizendo. Não conseguia assimilar completamente o que estava ouvindo, enquanto seu advogado assentia e começava a guardar os documentos.

—Não aceito! —gritou Kyria—. Ela matou meu marido. Tem que ir presa. Vocês entenderam? —olhou para o júri, e os doze membros a observaram, por sua vez, com espanto—. Tem que ir presa como assassina!

Os guardas da Corte seguraram Kyria, enquanto esta tentava alcançar Paige, sem sucesso. Coral apenas ria de uma forma irônica ao lado do cara com quem estava saindo, Hugo Janestein. Paige considerava aquele rapaz uma má influência para sua irmã, mas, de que valia a sua opinião naquela situação? Era tão insano e ridículo que lhe doía o fato de que as duas mulheres que deveriam protegê-la não faziam isso. Simplesmente não entendia.

Uma mulher emocionalmente dependente e incapaz de superar a perda de seu primeiro marido, se envolvia com um estúpido agressor, e esquecia por completo o que era ser responsável por duas meninas. Não só isso, mas também se recusava a largar uma pessoa que lhe causava dor física e transtornos emocionais. Como não percebia? Agora, Euseb, estava morto. Estavam livres.

E ainda havia Coral. Ela tinha sido uma menina tímida que, conforme crescia, se tornava mais rebelde e também vítima, voluntária quando se recusava a tomar seus medicamentos, de um transtorno mental complexo. Havia ganhado na loteria com sua família, pensava Paige.

O barulho na Corte era quase completo, e apenas os gritos de Kyria ressoavam.

Com desespero, Paige olhou para sua mãe. Ao lado de sua progenitora, lhe dando apoio, estava Coral. Não entendia como era possível que, as duas mulheres por quem ela havia dado tudo, a tratassem daquela forma.

Sentia-se traída. Sozinha.

Com as pernas trêmulas, nervosa ao mesmo tempo em que experimentava a emoção de sentir-se livre de ir para a prisão, foi guiada pelo braço por seu advogado. Sentindo que não havia mais o que dizer naquela fase de sua vida, Paige tomou uma decisão. Sem se importar com nada mais do que ela mesma —pela primeira vez— ia deixar para trás sua família. Não podia voltar à casa onde, tinha certeza, já não era bem-vinda. A casa tinha lembranças amargas da sua vida, e a simples ideia de passar todos os dias pelo quarto onde havia atirado contra Euseb lhe embrulhava o estômago.

Uma vez, havia prometido a Coral que não a deixaria e que poderia contar sempre com ela. Agora, dadas as circunstâncias, Paige acreditava que era melhor tomar o seu próprio rumo. E, apesar de saber que era a decisão certa, o sentimento de proteção que sentia por Coral não a abandonava. Afinal, era sua irmã gêmea.

Blake se aproximou com cautela.

A cama estava bagunçada. Os travesseiros no chão. E Paige parecia estar em uma luta consigo mesma entre os lençóis. Murmurava incoerências, e a luz da lua que atravessava os painéis das janelas permitia entrever uma testa molhada de suor, enquanto os cabelos bagunçados cobriam o

travesseiro sobre o qual tinha apoiada a cabeça. Só era possível ver os traços da sua roupa de baixo em meio aos lençóis de algodão.

Toda a raiva que tinha sentido ao imaginá-la fazendo sexo com um homem, e até mesmo por sua noite frustrada com Heidi, se desfez como fumaça ao vento. Sentou-se ao lado da cama e segurou firme o braço de Paige.

—Me larga! Euseb, me larga! Bastardo maldito—gritou, se debatendo nos braços que a oprimiam de repente. Não queria que lhe fizesse o mesmo que a sua mãe. Tinha que se livrar. Manteve os olhos fechados com veemência, pois a simples ideia de ver o rosto de Euseb a enojava.

Blake franziu a teste, mas só tentou acordá-la novamente.

Dessa vez, para se proteger dos arranhões que havia sofrido segundos antes, ele a abraçou contra si e esperou que ela deixasse de fazer força. A sacudiu com suavidade para que abrisse os olhos. Parecia tão indefesa e apavorada que Blake sentiu uma estranha pressão no plexo solar, algo muito semelhante à dor compartilhada. Estranho, pensou ele.

—Paige —disse com calma, sem deixar de segurá-la firmemente— você está segura. Não vou fazer mal a você. Shhh... Calma. Abra os olhos. Olha para mim. Sou eu, Blake.

Sentiu ela parar suas tentativas de afastá-lo. Como se finalmente suas palavras tivessem surtido efeito em qualquer que fosse a névoa mental que ela estava experimentando. Não a afastou de seus braços. Se encaixaram perfeitamente.

Ainda com a cabeça contra o pescoço masculino, agora muito consciente de que tinha acabado de reviver o terrível pesadelo de seu passado e que Blake —ninguém mais, ninguém menos— estava presenciando uma de suas estranhas lutas com suas lembranças ruins, sentia-se exposta e não desejava nada além do que pedir a ele que saísse. Achava que não seria capaz de levantar o rosto. Não queria ver a expressão de embaraço e pena em outro ser humano. Já havia passado por isso há muito tempo atrás com um cara. E foi, além de constrangedor, o preâmbulo do final de um relacionamento de um ano e meio. Amor? Não, ela não acreditava numa bobagem assim. Além disso, não queria a pena de ninguém.

Blake já tinha uma imagem muito negativa dela, e isso só iria piorar a situação. Será que ela era uma mulher sem sorte?, pensou com acidez, enquanto sentia que os fantasmas do passado se dissipavam e sua respiração voltava ao ritmo normal.

—Você está melhor? —perguntou ele afastando-a com delicadeza.

—Sim —murmurou com a cabeça olhando para baixo, e o cabelo cubrindo seu rosto—, obrigada.

Ele subiu as mãos para tirar o cabelo de seu rosto, e colocou as mechas atrás das orelhas de Paige. O aroma de mulher e o perfume de violetas que parecia ser sua marca, penetraram nas narinas masculinas, e ele inalou aquela essência como se fosse uma droga que pela primeira vez conseguia transportar seus sentimentos a um plano diferente. Blake não era o tipo de pessoa que costumava se preocupar com o estado de outro ser humano num nível pessoal, a não ser com sua família, mas era ele quem tinha promovido o encontro com Paige em Colorado Springs, e agora tinha que enfrentar as circunstâncias. Embora nunca tivesse pensado que a situação se desenrolaria até aquele ponto em que se encontravam.

—Você quer falar sobre o que aconteceu? —perguntou com prudência. Não queria se envolver em algo muito pessoal, porque isso daria motivo para que ela se acreditasse no direito de questioná-lo também.

Paige, consciente do calor que emanava de Blake, e da sua presença masculina invadindo o quarto como se fosse um quatinho minúsculo com o mínimo de espaço, quis fugir, mas seu

corpo pensava algo totalmente diferente. Olharam-se nos olhos por alguns segundos, e o ambiente esquentou como labaredas.

—Você deveria voltar para seu quarto —murmurou em forma de resposta quando seus sentidos, já totalmente alertas, detectaram um aroma doce: perfume de mulher—, parece que eu interrompi algo importante.

Com toda a dignidade, consciente de que estava apenas de roupas íntimas, Paige tentou desviar-se da proximidade de Blake. Enrolada da forma como estava entre os lençóis, apenas conseguiu se balançar para um lado de maneira pouco elegante. Agitada, levantou o olhar de supetão, e flagrou os olhos profundos de Blake olhando para um ponto da sua anatomia feminina.

Uma alça do sutiã havia escapado, e o tecido de seda deixava seu mamilo rosado à vista. Foi arrumar a roupa com nervosismo, quando a mão masculina a parou segurando seu pulso.

—Essa não é uma resposta à minha pergunta —disse com a voz grave. O mamilo à mostra, ereto, parecia clamar a atenção de sua boca. O peito de Paige, sob a luz tênue que atravessava a janela externa, parecia uma cara porcelana que seduzia qualquer homem de respeito a saborear as delícias da natureza ao tocá-la.

—Você deveria me soltar —disse, olhando para ele, e com o coração batendo a dez mil batimentos por segundo, dessa vez por uma razão completamente diferente.

Blake sabia que tinha que afastar-se dela. Sabia, mas no instante em que aquela sensual parte da anatomia feminina mostrou-se diante dele, tornou impossível que seu cérebro coordenasse suas ações com sua reação física. Não desejava nada além de saboreá-la, e apagar com suas carícias o pesadelo ao qual ela havia estado presa.

Ele a observou.

—Por quê? —quis saber enquanto deslizava os dedos pelo braço de Paige, deixando assim sua mão livre, até chegar aos ombros.

Com uma mão acariciou a pele, e com a outra deslizou para baixo a outra alças do sutiã. Sem deixar de olhar para ela, e consciente do momento em que ela deixou para trás a sombra de seus pesadelos, contornou com a ponta dos dedos a borda rendada que percorria a seda e introduziu os dedos até acariciar o mamilo, sem deixá-lo descoberto. Parou, pedindo permissão com o olhar, porque não pensava em avançar se ela preferisse ficar sozinha. Nesse momento, seu raciocínio lógico tinha fugido para algum lugar desconhecido do quarto.

—Porque isso não está certo... Eu...

—Gostaria de conversar sobre o que a atormentava há um momento?

—O que eu quero é esquecer isso por completo —sussurrou ela.

Aquela era a verdade. Fazia muito, muito tempo, desde a última vez que dormiu com alguém. A ideia de que Blake a tocasse tão intimamente parecia ser algo proibido e natural ao mesmo tempo.

—Você acha que eu consigo? —perguntou, com confiança, retomando a carícia ao mamilo, enquanto sua outra mão agarrava o peito direito por completo, apreciando seu peso, sua textura macia, e consciente de que tinha o membro duro forçando contra o zíper da calça através da sua cueca. Nada parecia tão importante como conhecer o prazer que o corpo de Paige poderia lhe oferecer.

—Sim... —murmurou perdida nas carícias de Blake.

Os seios de Paige ficaram expostos. Dois montes de aréolas rosadas, e mamilos —em um tom semelhante, mas ligeiramente mais escuro— tentadores para quem sabia apreciar os pequenos detalhes da anatomia feminina.

—Você é linda, sua pele é tão macia e o seu corpo certamente teria causado o caos na antiga Grécia.

—Uma guerra?

—Se você fosse o prêmio, eu seria o primeiro na linha de fogo.

Paige deixou o riso escapar de sua garganta. Absolutamente não conhecia aquele homem, mas sentia-se dominada por seu sex appeal masculino. Não só isso, mas também começava a descobrir um lado brincalhão —sim, estava consciente de que tudo estava muito relacionado a alcançar um objetivo sexual— mas não deixava de lhe causar um arrepio. Tinha a leve impressão de que, longe dos negócios, Blake Howard, era encantador.

—Se você diz, tenho que acreditar —disse estendendo as mãos para fazer o que havia desejado desde que o viu nu na piscina.

Blake riu com um som rouco que saiu de sua garganta. Um som que se assemelhava ao chocolate quente em pleno inverno: doce, quente e fascinante.

Ela deslizou as palmas das mãos até o cinto do jeans e o tirou de seu caminho. Depois continuou, sem deixar de olhá-lo nos olhos, e Blake, sem deixar de tocar-lhe os seios com uma cadência suave, até que agarrou o membro duro entre suas mãos. Era quente, pulsante, e Paige percorreu seu comprimento, maravilhando-se com a grossura e o tamanho. Engoliu em seco. As palmas das mãos de Blake eram quentes e tinham uma mistura embriagante de delicadeza, desejo e força. Seu toque era erótico, e a imagem do que poderia acontecer em seguida entre ambos fez com que a umidade que se estendia por seus lábios íntimos femininos como milimétricas gotas de orvalho aumentasse. Sua pele vibrou por completo.

A realidade era determinada apenas pelo que ambos sentiam naquele momento. Suas posições pessoais, as reticências por aquilo que o outro representava no dia a dia e até mesmo a rapidez com que tudo parecia estar acontecendo, não tinham mais sentido e importância. Não existia outro pensamento em Paige e Blake além da urgência de saciar o desejo que ressoava como tambores em um espaço acústico perfeito, como uma vibração intensa e ao mesmo tempo sutil.

Ele se acomodou com um movimento inesperado, diante da expressão de surpresa de Paige, até que seu peso ficou sobre o corpo feminino, tendo o cuidado de não esmagá-la. Sorriu.

—Eu adoraria continuar por esse caminho, mas provavelmente terminaríamos mesmo antes de ter começado —disse ele segurando sua mão com um sorriso.

Ela torceu a boca.

—Eu não gosto que me digam o que fazer.

Blake, diante do desafio, riu.

—Entendo —disse no ouvido de Paige.

Desceu a boca pelo pescoço, de forma provocante. Ela podia sentir os traços que a umidade de sua língua ia deixando enquanto se afastava de um pedaço da sua pele para procurar outro. Jogou a cabeça para trás, dizendo com seu corpo que ansiava por aquela boca pecaminosa. Ele compreendeu perfeitamente o gesto.

Blake apoiou o cotovelo esquerdo sobre o colchão, colocando os dedos da mão direita entre o suave cabelo. Tomou os lábios de Paige, devorando-os com os seus. Percorreu o caminho que a natureza havia traçado para dar a eles a forma sensual que possuíam. Os gemidos de aprovação dela aumentaram sua libido, fazendo com tivesse pressa. Não podia se apressar. Queria aproveitar aquele momento. Como um bêbado que desejava absorver a última gota da mais cara garrafa de licor.

Aproveitou sua boca uma e outra vez. Dava leves mordiscadas, lentamente e depois de forma intensa, antes de saboreá-la por inteiro. A sensação de Paige correspondendo seus beijos com a

mesma ferocidade era viciante; podia sentir sua língua e seus dentes mordiscando-lhe os lábios, respondendo às suas exigências e também deixando claras as suas. Pedindo e dando ao mesmo tempo.

Se olharam nos olhos enquanto a mão de Blake arrancava com impressionante facilidade sua calcinha de finíssima seda. Nua, com o corpo ardente, Paige tentou manter a respiração.

—Quero tirar sua roupa também —disse a Blake.

—Nada a impede —respondeu ele.

Paige o empurrou para que agora ele ficasse sob o seu peso. Se sentia livre, sem inibições, e era revigorante. Não queria pensamentos carregados de remorsos. Fazia muito, muito, muito tempo que não se deitava com ninguém, mas fazer sexo era uma daquelas coisas instintivas que depois de aprendidas não eram esquecidas. E ela, embora só tivesse tido dois parceiros sexuais —apesar das calúnias dos meios de comunicação— em toda a sua vida adulta, confiava em seu físico e em sua capacidade para pedir e dar prazer.

Blake ficou boquiaberto ao tê-la sobre ele. A observou tirando sua roupa em alguns segundos. Não que ele tenha deixado de dar uma rápida ajuda. Não havia nada que desejasse mais do que sentir pele com pele, e quando finalmente ficaram nus o impacto daqueles lindos olhos tocou em um canto do seu corpo que pareceu ter ganhado vida de repente. Somado à imagem erótica dos seios generosos e dos mamilos eretos apontando para ele, além da fina cintura, era o sorriso de satisfação de Paige que conseguia enfeitiçá-lo. Tinha os pelos pubianos perfeitamente depilados e não pôde conter-se. Esticou os dedos e viajou com seu toque desde o pescoço, passando por entre seus seios, descendo pelo abdômen, até depois pousá-los na entrada daqueles lábios íntimos que guardavam segredos e prazeres.

—Blake... —ela sussurrou.

Paige sentiu o pênis ereto contra o seu traseiro. Queria esfregar-se contra ele, até que deslizasse em seu interior, e cavalgar sobre ele com força até atingir o clímax.

Moveu o corpo de forma provocante sobre o dele.

—Me beije —pediu.

Ela não demorou em agradá-lo. Inclinou-se e procurou sua boca. Enquanto se beijavam lentamente, Blake segurou os seios de Paige com as palmas das mãos e os acariciou. O beijo começou a ficar mais intenso.

Paige chupou a língua de Blake e o beijo tornou-se mais profundo e exigente. Os gemidos de ambos enchiam a atmosfera do quarto em um contato de pele com pele.

—Paige, se você não fizer alguma coisa agora mesmo, então eu...

Com o cabelo alvoroçado e a umidade em sua vagina, ela não deu tempo de Blake terminar a frase. Ajeitou seu corpo até que o grosso e longo membro se encaixou entre seus lábios.

—Camisinha —murmurou Blake.

—Tomo pílula... —sussurrou ela, antes de dominá-lo por completo. Foi lento, mas, ao mesmo tempo rápido. Causou um leve ardor. Fazia muito tempo desde a última vez que havia se deitado com alguém.

—Diabos, você está tão... molhada —disse esticando os dedos para tocá-la.

—Não pare de se mover comigo, por favor —pediu ela.

—Não pararia, nem que viesse o teto baixo —respondeu com dificuldade, enquanto continuava movendo seus quadris, acompanhando o ritmo de Paige e também marcando o seu próprio, enquanto via os seios femininos balançando ao compasso dos movimentos de ambos.

Paige estremeceu ao sentir como os dedos de Blake a masturbavam, enquanto seus corpos estavam unidos em uma sensual fricção. Sentia como se cada impulso dos quadris de Blake com

os seus a alargasse mais e mais.

—Blake...

—Eu sei, eu sei —murmurou consciente de seus corpos suados.

Em nenhum momento deixou de tocá-la, acariciá-la. E quando ela se inclinou um pouco mais, pedindo em silêncio que abocanhasse seus mamilos, Blake não hesitou. Chupou os bicos eretos, um de cada vez, com fome e gula, ao mesmo tempo em que suas partes íntimas se desafiavam a alcançar juntas o prazer.

O prazer e a dor pareciam se misturar, porque Paige nunca havia sentido a deliciosa tortura que experimentava naquele instante. A boca de Blake devorando seus seios; os dedos a masturbando com insistente perícia; e seu membro chegando até o mais profundo de intimidade, conquistando tudo, arrasando as dúvidas e levando consigo todos os vestígios de prazer que seu corpo produzia.

—Eu quero ver o seu rosto quando chegar ao orgasmo —declarou Blake, antes de girar o corpo de ambos para que ele ficasse no comando, sem desconectar seus corpos tão intimamente unidos.

—Não é justo —murmurou Paige— eu estava...

Ele a silenciou com um beijo voraz.

—Estava. Você está falando em passado —resmungou.

Ela o olhou antes de começar a sentir os espasmos que marcavam o início de um ardente orgasmo. Quando Blake sentiu como os músculos mais íntimos começavam a se contrair ao seu redor, e a forma como ela tremia por inteiro, enfiou seu membro com força até que um grito de culminação explodiu. Segundos depois, movendo-se com ímpeto, Blake atingiu o clímax. Continuou os movimentos até diminuir o ritmo por completo.

—Incrível... —murmurou ele, apoiando a testa na de Paige.

Segundos depois, Blake se acomodou do outro lado da cama. Se tentava pensar em algo, não conseguia. Seu cérebro estava em branco, e seu corpo completamente saciado. Só precisava fechar os olhos para recuperar seus sentidos.

—Não sei o que dizer... Sim... —respondeu ela, em estado de choque pelo incrível nível de prazer físico que tinha acabado de viver.

Já tinha tido orgasmos, sim, alguns com seus poucos relacionamentos e outros por sua própria conta, mas este orgasmo em particular tinha acabado de deixá-la alucinada e não se parecia nem de perto— com nenhuma outra sensação de êxtase que tivesse vivido. Fechando os olhos e tentando não racionalizar o momento, Paige chegou a uma triste conclusão. Uma conclusão do tipo que surge da parte mais íntima do ser humano. Não importava com quem estivesse se relacionando nos próximos meses ou anos. O que o seu corpo tinha acabado de sentir, a vibração da sua pele em contato com a Blake e a descarga elétrica na espinha dorsal antes de alcançar o clímax, não voltaria a experimentar com outro homem.

Não houve mais palavras entre ambos naquela madrugada.

Pela primeira vez na vida adulta de Paige, não tinha medo de pegar no sono diante da possibilidade de ser invadida pelos fantasmas do passado.

CAPÍTULO 9

Blake acordou cedo. Instintivamente procurou por aquela que havia sido sua amante na noite anterior. O espaço onde ela deveria estar se encontrava frio e vazio. Abriu os olhos para certificar-se de que havia apalpado todo o espaço do lençol ao seu lado.

Esperou alguns minutos, imaginando que Paige estava no banheiro. Passou um tempo e decidiu chamá-la. Quando pressionou os dedos contra a madeira, a porta se abriu por completo. Não havia ninguém. Confuso, pois era a primeira vez que uma mulher o deixava só, Blake saiu do quarto para ir até o seu.

Enquanto tomava banho e trocava de roupa, pensava na apaixonante noite que tinha passado com Paige. Agora, com os cinco sentidos funcionando de novo em seu sistema, considerava o ocorrido como um grande erro de sua parte. Que diabos o havia impulsionado a tal deslize?

Vestiu o casaco sem muito cuidado.

Não conseguia tirar da mente a imagem de Paige assustada e se debatendo contra qualquer que fosse o fantasma que a atormentasse. Quem era Euseb?, perguntou a si mesmo incomodado, pois a simples ideia de que alguém poderia ter machucado aquela mulher a ponto de torná-la tão vulnerável, quando era evidente que lutava para manter-se forte, o enfurecia.

A imagem de uma mulher indefesa não era o que Paige refletia na mídia. Entretanto, apesar das fotos e relatos, a expressão de tortura que Blake havia visto na noite anterior não era fingimento. Como também podia garantir, com base em sua experiência, que as reações físicas dela na cama tinham sido reais. Quem realmente era Paige Valois?, perguntou-se.

Ele não acreditava na inocência das mulheres. Às reflexões anteriores, somava-se aquela em que se perguntava se por acaso tinha sido um truque e ele teria caído na armadilha. Porque, se fosse isso...

Desceu até a cozinha. Encontrou-a tomando uma xícara fumegante de café, distraída, enquanto lia algo no *tablet*.

Ficou parado sob o umbral da porta.

Ela ainda não tinha percebido sua presença. Teve tempo de contemplá-la. Sem maquiagem, com uma blusa branca simples e o cabelo solto, parecia muito mais linda do que ontem. Por que as mulheres tinham que se cobrir sob camadas e camadas de maquiagem, quando a beleza natural podia conquistar mais do que um pouco de falsos produtos misturados?

—Bom dia, Paige —disse Blake, caminhando em direção à cafeteira.

Ela ergueu os olhos e quase cuspiu o café com a inesperada entrada. Estava tão concentrada pensando em como enfrentaria o momento em que se encontrassem que queimou a língua. Para diminuir o impacto, aguentou a vontade de tossir e, pelo contrário, esboçou um sorriso. Pegou o guardanapo e secou os lábios.

—Bom dia —respondeu antes de voltar a pregar a vista no Tablet.

Tinha começado a ler as notícias, mas estava há mais de meia hora na mesma página. Paige decidiu acordar o mais cedo possível, não tinha a menor ideia de como lidar com noite anterior, não com aquele homem em particular. Também não era uma especialista em sexo de uma noite.

Sem pesadelos, embora assustada diante das inúmeras sensações que Blake havia causado em seu corpo, decidiu não ser uma daquelas mulheres que pretendiam fazer drama ou esperar um elogio ou uma oferta, de qualquer tipo, de seu parceiro. A falta de autocontrole não podia ser mudada. Uma justificativa para a sua consciência? Tinha aceitado o consolo oferecido por um

homem que tornou impossível manter a sua capacidade de resistir. Ela não tinha o costume de fazer sexo só por uma noite com *ninguém*. Não sabia o que Blake tinha de diferente. Talvez o fato de que a havia encontrado em uma situação vulnerável, que jamais acontecia diante de estranhos, tivesse um grande peso na sua decisão de baixar as defesas e abrir-se fisicamente a ele.

Quando chegou a luz do dia, seus pensamentos se tornaram pragmáticos e não quis abrigar nenhum tipo de sentimentalismo. Ser pragmática e rígida consigo mesma, como costumava acontecer quando uma situação a afetava a ponto de ameaçar assustá-la terrivelmente, era a única opção.

—Eu pensei que você tivesse ido embora —disse Blake, confuso ainda pelas sensações que Paige havia despertado nele, a um nível íntimo demais para que pudesse lidar com elas naquele momento.

Sua reação imediata, e inconsciente, era blindar-se ainda mais... Como poderia enfrentar a situação de outro modo? Por isso não permitia que nenhuma pessoa, depois de Sheela, penetrasse seu escudo emocional. A mulher que estava em sua casa naquele momento o intrigava, e ele podia dizer isso de pouquíssimas mulheres.

—Por que eu iria embora quando temos uma negociação para tratar? —perguntou com o mesmo tom casual que Blake tinha acabado de usar. Não mencionou nada da noite anterior, então, ela seguiria seu próprio roteiro.

Blake colocou uma colher de açúcar no café, e depois tomou com calma. Tentava encontrar algum subterfúgio ou intenção suspeita na pergunta de Paige, mas não encontrou. Olhou para ela enquanto deixava a xícara azul sobre o balcão de mármore. Ele costumava tomar as rédeas na cama, sempre, mas na noite anterior permitiu que fosse ela quem desse as diretrizes iniciais. Não se arrependia, tinha sido divertido mudar os papéis por um instante...

—Você tem razão —murmurou—, mas pensei que você não se interessaria já...

—Não se engane comigo, Blake. Você não me conhece na verdade, meu único objetivo é retomar com força a minha carreira musical, não ter um romance com uma pessoa. Qualquer ideia alheia aos negócios não me interessa —disse, sem fazer mais comentários que pudessem fazer referência à noite que haviam passado juntos. Se levantou apertando o Tablet contra o peito, pois era a única maneira de evitar lançá-lo na cabeça de Blake—. Vou arrumar minhas malas —olhou o relógio— para o voo da tarde.

Blake descruzou os braços e se aproximou de Paige.

—Eu não gosto de quebra-cabeças.

—Não deixei nenhum pra você.

—Sabe, Paige? Eu mudei de ideia —disse de repente.

Ela sentiu como se o sangue tivesse abandonado seu corpo. Iria cancelar a possível negociação porque haviam dormido juntos? Se fosse isso, não conseguiria perdoá-lo. Talvez ficasse a lembrança da melhor noite de sexo de sua vida, mas nunca compensaria a falta do carinho de seus seguidores, a possibilidade de gravar em um estúdio e perder-se entre os acordes do seu violão.

—Sim? —perguntou com uma voz firme, embora por dentro estivesse tremendo.

—Não vamos voltar para Los Angeles —disse num impulso impróprio dele, mas sentiu que era o mais correto—, então você pode organizar suas coisas para ficar uma temporada em Colorado Springs.

Ela olhou para ele com uma expressão de confusão em seu lindo rosto.

A simples ideia de que Paige voltasse para a selva midiática o colocava na defensiva, e era

justificável antes da assinatura de um contrato e diante do dano que as imprudências de Paige poderiam causar à Lion Records. De repente sentiu que, de alguma forma, ela tinha uma dívida com ele. Não tinha nada a ver com a noite que passaram, mas sim com as histórias que, tinha certeza, Paige Valois escondia atrás daquela máscara de suficiência e coragem.

Naquela manhã não havia vestígios da mulher assustada ou vulnerável. Uma muralha havia se erguido ao seu redor. Exatamente como acontecia com ele. Era irônico Blake querer descobrir o que Paige protegia, quando ele não tinha intenção de fazer o mesmo. Assim eram os negócios.

—Do que você está falando? A minha vida está em Los Angeles, e tenho família em...

—Não me interessam as suas razões pessoais, seus amantes, nem os seus compromissos. Você quer ter sua carreira musical de volta? Então vai ter que aceitar as cláusulas. A primeira é esta.

Paige olhou para ele com raiva.

—E fazer o que exatamente nesta cidade?

—Vai mudar a sua imagem pública.

Ela cruzou os braços, antes de deixar o Tablet em uma cadeira alta, próxima.

—Não me diga, e como você pretende conseguir essa tremenda maravilha?

Sem responder, Blake tirou o telefone do bolso e ligou.

—Oi, Galeana. Decidi assinar contrato com Paige Valois. Eu preciso de você aqui hoje à tarde. Sim. Não tenho que discutir meus negócios com você. É uma ordem. O meu piloto vai estar pronto no hangar do aeroporto. Tchau.

Olhou para Paige.

—Você estará em boas mãos.

—Eu quero meus advogados e Josh nisso! Não discutimos as cláusulas.

Aspirando o aroma de camomila do cabelo de Paige, Blake se aproximou. Enrolou o dedo indicador em uma mecha de cabelo. Sorriu com malícia.

—E como você gostaria de discutir?

—Como combinamos ontem. No voo de volta para Los Angeles.

—Mudei de ideia.

—Por quê? —perguntou, aborrecida.

—Porque eu posso, Paige. Eu sou o dono da empresa, você, nem sequer faz parte dela. Quer falar sobre as cláusulas? Bom. Vamos fazer isso agora. Vamos buscar um dos melhores bagels da cidade e você vai decidir se o que eu tenho em mente é conveniente pra você ou não.

"Como ele se atrevia a falar daquele modo?", perguntou a si mesma com raiva. O fato de terem dormido juntos não lhe dava o direito de se dirigir a ela como se fosse um animal de estimação dispensável e manipulável quando bem entendesse.

— Você não me perguntou se eu estou de acordo em ir comer onde quer que tenha pensado — resmungou, irritada—, e minha vida pessoal não é um assunto de negócios. Eu não sou uma planta que você muda de uma terra para outra, como se fosse nada. Não quero que me reconheçam nesta cidade. A menos, é claro, que você queira deixar de lado o anonimato sob o qual tem vivido durante esses anos e prefira ser fotografado ao meu lado. Na verdade —estalou os dedos— isso facilitaria o trabalho de convencer a imprensa que vou assinar com a Lion Records, porque —mesmo se eu não assinar— você ficaria comprometido. Só a ideia de que pudesse ter uma mínima aproximação profissional comigo já criaria polêmica e me abriria as portas em outras gravadoras. Quer saber? Aceito ir comer esses bagels.

Blake, que se havia afastado até a porta, girou sobre seus calcanhares e voltou para perto de Paige. Eles estavam tão próximos que se um dos dois fizesse um leve movimento seus corpos poderiam se tocar. O ar ficou tenso, e ela percebeu que seus mamilos responderam de imediato à

aproximação masculina. Com a blusa branca que estava usando naquele momento, era impossível que sua reação corporal não transparecesse. Amaldiçoou em silêncio.

Ele conhecia o corpo de Paige perfeitamente, e sua reação física diante da sua aproximação não lhe passou despercebida. Talvez, pelo jeans preto que estava vestindo, ele podia esconder melhor como seu membro estava duro apenas pela ideia de tocá-la outra vez. Dessa vez queria saboreá-la intimamente e fazê-la clamar pelo prazer que ele podia proporcionar.

Em vez de agir, e ciente de como o ar parecia espalhar faíscas capazes de acender um fogo que poderia consumi-lo até deixá-lo exausto como na noite anterior, preferiu usar sua máscara de indiferença. Esboçou um meio sorriso.

—Não tenho que perguntar nada. Eu sou o chefe, ou pelo menos é o que eu imagino que você tenha vindo buscar na reunião de ontem —disse, sarcástico— e será melhor que você lembre. Por outro lado, a sua vida pessoal fica amarrada às limitações que Galeana Micontti colocar em sua ordem do dia.

—Ninguém vai dizer como viver a minha vida, Blake Howard —retrucou.

Ele deu de ombros.

—Veja da forma como achar melhor. Limpar a sua imagem, seguir orientações, ou simplesmente viver do passado sem a possibilidade de voltar a tocar em público e saborear o sucesso de suas próprias músicas ouvindo em todos os dispositivos digitais.

—Será...

—A menos que essa leve estranheza que eu aprecio em seu caráter esta manhã tenha a ver com outro detalhe apenas físico em comum —continuou, fazendo um gesto em tom de deboche—. Você fará o que disseram para fazer. Na minha empresa não brincamos de ser famosos. Procuramos talentos.

Com as mãos cerradas, Paige o fulminou com o olhar.

—Vou mostrar que o meu talento não é recurso de tecnologia!

—É claro, eu não tenho dúvida disso. Você tem muitos talentos, no entanto, acho que vou deixar de lado a sua oferta de conhecer um pouco mais deles —disse piscando o olho.

Ela conteve a vontade de lhe dar um tapa. Como se atrevia? Blake começava a minar as suas tentativas de manter fora do tabuleiro a noite que tinham passado juntos, e agora ele pretendia usar a paixão e o desejo compartilhados como um pretexto para insultá-la. Cretino! Manteve a calma, a duras penas, e só porque o seu futuro continuava nas mãos de Blake.

—Um cavalheiro jamais...

Calou-se de repente, porque ele colocou um dedo sobre seus lábios. A fúria que sentia era tão grande que não acreditava ser capaz de aguentar mais um minuto...

—Você precisa aprender um detalhe sobre mim, Paige. Não sou um cavalheiro.

—Que difícil perceber —respondeu, sarcástico.

Ele se afastou.

—Faça as ligações que você tiver que fazer para sua equipe de trabalho habitual —disse retomando um tom indiferente e que a deixou na defensiva. Paige preferia esse tom ao jogo de frases que ele tinha começado a jogar com ela minutos atrás—. Eu tenho coisas para fazer fora, hoje...

—E Galeana? —perguntou relutante.

—Minha profissional de relações públicas, vai chegar em Colorado Springs dentro de seis horas. Ela deixará você a par de alguns termos.

—São tão importantes as exigências dela...?

—Se você não estiver satisfeita com Galeana, não teremos mais nada para conversar, nem que

venha sua equipe jurídica ou Josh, não fará sentido.

Sentiu uma pontada de ciúmes, nada bem-vindo, pelo modo como Blake parecia adorar o nome daquela mulher. Sim, Galeana possuía uma ótima reputação no mundo da música como cartaz da organizada imagem da Lion Records, mas Paige também havia ouvido rumores de que era amante de Blake e que a isso se devia a inabalável lealdade mútua.

—É ela quem realmente cuida da Lion Records, então, e não você? —perguntou com malícia, para ocultar o estranho mal-estar que causava imaginá-lo com a bela italiana na cama. Ou com qualquer outra mulher.

Blake não se deixou levar pela tentativa de Paige de aborrecê-lo. Estava a ponto de mandar tudo para os infernos, acabar com a tensão que atravessava seu corpo lembrando das curvas de Paige na pele de Eva, e devorar aquela deliciosa boca, sem lhe dar trégua para pensar muito. Sua necessidade de tê-la era tão grande que começava a perturbar a si mesmo.

Não podia deixar de se perguntar se, por acaso, Paige usava o truque da mulher indefesa ou angustiada ou com problemas apenas para amolecer alguém que não queria lhe dar o que desejava. Ou se, por acaso, utilizava seus encantos físicos para trocá-los por favores comerciais, ou alguma outra coisa ligada a sua ascensão profissional. Sim, sabia que estava sendo um canalha por pensar daquela forma, mas como não pensar?

Detestava sentir-se dominado pelas emoções físicas. Ele gostava de manter o controle de sua vida, e isso incluía as mulheres. Maldita Paige Valois por ter grudado em sua pele.

Já tinha cometido um grande erro ao permitir que Sheela continuasse em sua vida mais tempo do que o necessário, e isso que ela nunca havia lhe dado indícios de que poderia traí-lo como fez tão traiçoeiramente. Agora, com a reputação que Paige carregava, as bandeiras vermelhas se agitavam por todo lado e ele as havia ignorado na noite anterior. Não faria novamente.

—Quer você goste ou não, o seu futuro profissional continua em minhas mãos. Se preferir esperar até a tarde, não há problema. Vou colocar meus advogados em uma sessão de videoconferência com os seus e com Josh, caso sua equipe não consiga um vôo de Los Angeles para esta tarde. Você já consumiu muito do meu tempo. E eu tenho coisas mais importantes pra fazer.

—Como você quiser —murmurou ela antes de deixar a cozinha e subir com pressa os degraus que levavam ao quarto de hóspedes.

Tinha vontade de bater a porta com força, mas essa reação infantil era desnecessária. Sentou-se na beirada do colchão. Os lençóis, é claro, continuavam amontoados. O leve aroma de Blake continuava no ambiente.

Tinha sido uma noite de sexo incrível. Longe de sentir-se saciada, tudo estava acontecendo ao contrário, e sabia que aquela necessidade súbita de mais prazer havia sido causada por um homem que, sem dúvida, havia recebido uma confirmação errada sobre a reputação que a mídia tinha criado em torno dela.

Não gostava de viver sob as condições de outras pessoas, mas, toda a sua vida por acaso não tinha sido dessa forma? Primeiro, sua mãe. Depois, Euseb. Somada a eles, Coral, e finalmente o cretino de Anthony.

Renunciar a sua vida em Los Angeles durante uma temporada, embora não quisesse admitir, era um alívio. O que a incomodava era fazer isso como uma obrigação sob as ordens de Blake. Precisava falar com sua equipe de trabalho, mas antes tinha que fazer uma ligação para a sua pessoa favorita. Shawn. Seu sobrinho de quatro anos.

Discou o número da casa de sua irmã. Aos domingos, em geral, Coral não trabalhava, e o imprestável Anthony devia estar brincando de administrador na fazenda que ela tinha acabado de

assinatura como avalista.

—Quem é?

"Típica bondade de minha irmã."

—Oi, Coral...

—Ah, você, a estrela dos palcos, que milagre faz você ligar para o lado pobre da família?

Paige tentou se acalmar. Não queria brigar com Coral.

—Eu quero saber se você está tomando sua medicação, e se Shawn está acordado.

Coral soltou uma gargalhada...

—Agora você se preocupa comigo.

—Sempre me preocupo...

—Não quando eu precisava, Paige —disse sem dar uma resposta ao que sua irmã queria saber —, você foi embora sem olhar para trás depois de ter conhecido aquele seu amante no concurso interescolar.

—Josh é meu amigo, e nunca foi meu amante —disse, cansada— uma única vez, pode deixar de me acusar por ter ido embora de Portland em busca de uma vida melhor? Pode? —perguntou com ressentimento—. Afinal, você também tem se beneficiado disso. Mas se as coisas continuarem no ritmo que vão, e continuar colaborando nas ideias sujas de Anthony, então você terá que ver como resolver as coisas.

Depois de ter perdido o concurso interescolar de canto, derrotada e desiludida, Paige tinha deixado o teatro onde ocorrera o evento. Foi quando então Josh se aproximou para perguntar se ela gostaria de conversar sobre a possibilidade de se tornar um dos maiores talentos jovens da sua agência.

Livre das acusações de homicídio, com a mãe no psiquiatra pago pelo estado e por seu seguro do trabalho, e Coral dormindo com um e outro numa série de rebeldia sem controle, Paige decidiu que não havia lugar em Portland para ela. Abandonou o último ano da escola secundária, e depois de se reunir com Josh, sua vida não foi mais a mesma.

—Enquanto você dorme com empresários, eu tenho que aguentar as infidelidades de Anthony. Ele gasta todo o dinheiro com vadias! Agora, era o que me faltava, você tentar fazer um jogo psicológico comigo!

Paige não tinha intenção de se defender quando isso implicava lançar pérolas aos porcos, nem dizer à irmã que ela tinha um marido chantagista e aproveitador. Dinheiro? O homem esbanjava tudo em sabe-se lá que tipos de negócios. Não queria causar mais desconforto entre ambas, mas era tão desgastante falar com Coral.

Não podia dizer que Gabriel Patterson, o dono do supermercado para o qual trabalhava, era um bom amigo da escola secundária e pela amizade que ainda tinham, havia dado um emprego a Coral. Gabriel era uma pessoa com quem era fácil conversar, e depois das crucificações da mídia toda vez que visitava Portland, sua companhia conseguia dar um pouco de sossego. Foram namorados na escola, mas ele teve que se mudar para Atlanta por causa do trabalho de seu pai, e deixaram de se ver. Agora, havia voltado a Portland, e tinha uma próspera rede de supermercados especializados em produtos muito caros, apenas para uma clientela de alto poder aquisitivo. Reencontraram-se durante uma reunião organizada pela escola em que havia estudado e, desde então, mantiveram contato.

No entanto, Coral jurava que ter conseguido o emprego era seu grande mérito. Durava pouco nos que conseguia, por razões diferentes em cada um. Por seu coração, Paige não conseguia dizer que o trabalho que tinha era, novamente, graças a ela.

Sentia-se responsável pelo futuro profissional de sua única irmã, o qual havia sido

interrompido quando ficou grávida tão jovem e depois quando mergulhou em uma profunda depressão. Outras mulheres tomavam iniciativa e lutavam. Coral era seu oposto, salvo na parte física, por completo. Quando Anthony soube que era o pai do bebê de Coral, se ofereceu para casar-se. Esse, na opinião de Paige, foi o maior erro de Coral. O mais triste era que ela também estava pagando por esse erro.

—Sempre disse que esse homem não era adequado, quando você deu ouvidos pra mim? Você feito uma campanha, em conjunto com Anthony, para arruinar minha carreira profissional. Você sabe quem será prejudicado? Shawn e, por consequência, você. Se as coisas ficarem ruins pra mim, também ficarão pra vocês, e não porque eu quero que seja assim. Você acha justo que sempre metam meu sobrinho no meio desta guerra de infelicidade dos dois, e por causa do estúpido dinheiro?

—Se eu não faço o que ele me pede, vai me abandonar! —disse ela.

—E que mal faria isso? É você quem tem que deixá-lo.

—Você não sabe nada do amor, Paige. Você vive no seu mundo de fantasia.

Ela quis rir diante da ironia da situação.

—Você é igual a mamãe, Coral, com a única diferença que Anthony não a agride, mas vive numa relação de dependência emocional terrível e se recusa a receber ajuda porque acha que com os comprimidos para controlar a sua doença esquizoafetiva bipolar é suficiente. Há outros homens que podem amá-la de verdade! E mais do que isso, você não precisa de um homem para ser feliz!

—Fala a promíscua da família —murmurou com malícia.

Paige soltou um suspiro resignado.

—Coral, eu não quero falar do seu casamento, nem do passado, nem de rancor... Estou muito cansada por toda a situação, graças a você e ao Anthony. Agora, por favor, me deixa falar com Shawn.

—Vi os seus últimos escândalos, você ficou sem gravadora, —continuou, sem dar trégua— o que vai acontecer com o meu filho se eu não tenho como pagar as aulas do jardim de infância, nem a babá?

Paige esticou as costas e deixou-se cair sobre o colchão. Tapou os olhos com o antebraço esquerdo, enquanto com a mão direita segurava o iPhone contra a orelha.

—Quer lembrar que, desde a sua conta do hospital, quando teve o parto, até o mais mínimo detalhe das necessidades de Shawn, sou eu quem pago, porque Anthony sempre está com o orçamento apertado —respondeu com sarcasmo.

—É um homem empreendedor.

—Imagino —disse Paige fechando os olhos—, por favor, Coral. Deixa eu falar com meu sobrinho.

—O que vai me dar em troca?

Não pôde evitar rir, amargamente.

—Qual é o seu preço dessa vez, irmã.

—Preciso de roupas novas para o trabalho.

—Você trabalha como caixa num supermercado, e eles dão uniforme. Para que precisa de mais roupa nova?

—Porque eu quero reconquistar Anthony para que ele deixe de andar com outras, e não consigo fazer isso com esses trapos que você me deixou no mês passado.

Apesar da gravidez de Coral, as duas tinham medidas semelhantes. A única diferença era que sua irmã usava um tamanho de sutiã ligeiramente maior desde que teve Shawn, e seus quadris

eram um pouco mais largos. Paige tinha uma forma curvilínea e se cuidava muito, basicamente pela sua carreira, mas se fosse por ela iria se deleitar muito atacando compulsivamente pizza ou sorvete.

—Esses trapos valem mais de cinco mil dólares. E Anthony não merece os esforços que você faz. Já deveria ter percebido que ele só brinca com você.

—Então... Roupa ou posso desligar a chamada? —perguntou sem querer aprofundar o comentário. Ambas sabiam que, apesar de ser algo sensível e de que Coral defendesse sua postura a qualquer custo, Paige tinha razão.

—Não tem problema, Coral, se o preço para conversar um pouco com o meu sobrinho é deixar crédito pra você nas boutiques da cidade, você ganhou.

—Obrigada.

"Era um alívio que soubesse agradecer", pensou ela com sarcasmo.

—Passa meu sobrinho...

Segundos depois, uma voz infantil, com frases mal bem pronunciadas preencheu os quinze minutos seguintes de Paige. Ouvir as respostas tão honestas e cheias de inocência foram o bálsamo que seu coração precisava naquele momento. Adorava seu sobrinho e ele era a sua razão de lutar. Não queria que um dia, muitos anos mais tarde, se sentisse como uma criança não desejada ou em um lar onde ninguém se preocupasse o suficiente com ele.

O ambiente tóxico, cheio de brigas e acusações, que era a casa de sua irmã, não era saudável para Shawn. Os pais de Anthony não queriam a criança, pois acusavam Coral de ter enganado seu filho para que ele assumisse a responsabilidade de um bebê do qual não era o pai. Isso, apesar dos resultados do teste de paternidade. Por que as famílias tinham que ser tão complicadas?

Tinha que proteger Shawn, porque Anthony era imprevisível. Um dia, de repente, poderia proibí-la de ver seu sobrinho se não cedesse às suas exigências financeiras, e isso lhe partiria o coração. Era apenas por aquela inocente criança que Paige aguentava as chantagens de Anthony e os comportamentos de sua irmã.

Mas era questão de tempo. Ia acabar com aquela situação e Anthony ia pagar com juro por seus abusos. Ela não era Coral. Podia ser paciente, claro que sim, pois assim que tivesse as provas que estava se reunindo contra seu cunhado, a história ia ser completamente diferente. Poderia limpar seu nome, e dar uma vida melhor à sua família: Coral —ainda com seu desprezo — e o pequeno Shawn.

—Tia Pai, quando você vai vir...? —ele perguntou antes de desligar o telefone, em um tom tão triste a ponto de ela quase mandar tudo para os infernos e voltar para Portland. Não podia dizer a ele que naquele fim de semana seus pais preferiram que ela não o visse. O que uma criança de quatro anos sabia de problemas familiares?

Shawn não pronunciava bem todas as palavras e, em vez de dizer Paige, ele dizia *Pai*. Parecia tão doce e cheio de amor que a comovia.

—O mais cedo possível, docinho —respondeu ela com pena por estar tão longe.

Era melhor não pensar em coisas que a deixavam triste. Afinal, tudo o que estava fazendo naquele momento era por Shawn. Qualquer dor ou sacrifício valia a pena quando o bem-estar de seu sobrinho estava envolvido.

Deixou o telefone de lado.

Se iria iniciar um novo caminho, que fosse com otimismo. Não seria fácil esquecer-se de Blake e da noite juntos, mas ela estava disposta a assinar uma trégua, e mostrar a ele do que era feita uma estrela da música que usava sua voz para conquistar cada dólar que entrava em sua

conta bancária.

Enquanto Blake descia as escadas com a mala de viagem, ouviu —atrás da porta do quarto onde havia estado com Paige— como ela entoava uma canção. A voz era clara e carregada de um sentimento incrível. Desde que aquela mulher de olhos azul-anil havia se colocado em seu caminho, as coisas não andavam de acordo com o que dizia sua agenda rigorosa, e isso era um detalhe que ele detestava profundamente. Ficou uns instantes ouvindo.

Balançou a cabeça, para tentar tirar dela aquela voz melódica, e terminou —resmungando contra si mesmo— de descer os degraus. Abriu a porta principal e a fechou com firmeza. Pegou o telefone e discou o número de Galeana.

—Blake —disse em forma de saudação.

—Tem uma coisa que você não deve esquecer. E eu deixo muito claro a partir de agora.

—É claro.

—Não importa o que aconteça durante o seu encontro com Paige Valois, ao final, você precisa fazer com que ela descumpra o contrato. Ficaria mal se eu fizesse isso, mas, é pra isso que eu pago pessoas com o seu perfil, que têm uma ética flexível em relações públicas e jamais é questionada.

—Eu achava que...

—Já sabe que eu não pago você pra pensar sobre as minhas ordens. Esta é muito clara. Vou ligar outra vez daqui um tempo para dar mais detalhes da situação.

CAPÍTULO 10

Depois de ter ficado dormindo durante pelo menos uma hora e meia, bateram à porta, acordando-a.

Paige tinha aproveitado a manhã, após a saída de Blake, e a tarde. Por isso, uma sesta era mais do que necessária. Depois de percorrer os arredores da cidade, e ensaiar algumas músicas, entrou em suas redes sociais —sem mencionar o local onde se encontrava— para que seus fãs estivessem a par de seus comentários.

Devia muito aos seus seguidores, mas também sabia que eram uma arma de dois gumes. Os stalkers não estavam longe, e ela tinha que se proteger. Sua equipe de segurança a acompanhava a todos os lugares, e Josh havia lhe dito que chegariam naquela mesma noite a Colorado Springs. Paige recusou, argumentando que era uma cidade segura e que poucos ou ninguém a reconheceria. Josh não quis ouvir argumentações, e ela aceitou que fosse Hansen, um ex-marinho, para —muito discretamente— mantê-la segura ou a ajudá-la em caso de qualquer emergência.

Voltaram a tocar a campanha.

Paige ficou na cama mais cinco minutos, afinal de contas, não era sua casa e Blake já deveria ter chegado horas atrás de suas "ocupações diversas" ou o que quer que fosse que tivesse ido fazer em *downtown*. Em todo o caso, Blake era quem deveria ver quem chamava na porta.

Passaram-se alguns minutos e a campanha voltou a tocar com insistência.

De má vontade, Paige foi escovar os dentes e amarrou o cabelo com um rabo de cavalo. Gostaria de ter mais tempo para arrumar um pouco a maquiagem, quando viu pela cortina de quem se tratava.

Galeana Micontti.

A temida profissional de relações públicas do mundo musical estava diante dela. Alta, vestida com um impecável terno executivo que reforçava suas formas esbeltas, maquiagem perfeita que destacava as maçãs do rosto altas e a boca generosa pintada de vermelho vinho, era a imagem viva de sofisticação e eficiência. Era uma mulher imponente e, embora quisesse evitar, em sua alvoroçada imaginação surgiram cenas de sexo tórrido em que Blake era o protagonista. "Chega, Valois."

—Olá, Paige —disse a mulher em tom profissional e amigável, não sem deixar de estender a mão. Paige lhe devolveu o sorriso e o cumprimento—. Espero que eu possa continuar chamando você assim. Se tudo correr como esperamos, vamos trabalhar juntas várias vezes.

—Olá, Galeana, claro que sim —respondeu com desconfiança—. Apesar de não ser minha casa, por favor, entre. Lamento tê-la feito esperar, eu pensei que Blake iria abrir a porta...

Galeana apenas sorriu, e logo que estavam confortavelmente sentadas no salão principal, soltou a bomba.

—Blake voltou para a Califórnia.

—Blake volt... —ia repetir. Franziu a testa e acrescentou—: Não entendo. Eu pensei que iríamos discutir a situação aqui, com o meu representante, e com os advogados de ambas as partes através de videoconferência, e com base nos resultados eu ficaria ou não em Colorado Springs...

—Conheço perfeitamente as suas exigências para o contrato, não se preocupe com isso. Eu falei com ele em detalhes a respeito. Por isso, só seremos você e eu. Depois, se estivermos de

acordo, convocaremos pessoalmente os advogados de ambas as partes e seu representante para deixá-los a par de tudo e esclarecer os pontos antes da elaboração do contrato.

—Meu representante não pode vir hoje pessoalmente. E o que Blake fez me parece uma falta de respeito absoluta —resmungou, sem fingir o desconforto que sentia naquele momento—, o que ele pensa? Sou uma pessoa adulta que não precisa de babá.

O sorriso que Galeana esboçou em seguida foi frio.

—Aqui está —entregou um molho de chaves—, é o acesso ilimitado a toda a casa de Blake durante o tempo em que permanecerá na cidade —disse, sem responder à explosão de Paige— até que consigamos trazer de volta o habitual brilho à sua imagem. Se é que você quer aceitar nossas cláusulas de trabalho, é claro. Caso contrário, você pode voltar à sua vida, e desfrutar dos benefícios econômicos de sua vida profissional.

Paige ficou olhando para ela. Chaves? Blake havia deixado ela atirada na casa como se fosse um pacote descartável. Depois de uma noite juntos, tudo que fazia era tratá-la como se fosse um incômodo, não sem antes insultá-la um pouco com seus comentários idiotas. E agora, em vez de comunicar dignamente a mudança de planos, limitava-se a deixar tudo nas mãos de sua funcionária de relações públicas e, quem sabe, talvez sua habitual amante também, em uma reunião tão importante... Que situação divertida, pensou ela com sarcasmo. E ela que pensava em ter um comportamento otimista e acreditar que a situação não poderia ficar pior. Deus.

—Estou tentando assimilar o que você está me falando —respondeu, pegando as chaves e brincando com elas entre os dedos durante um instante—, mas não consigo encontrar sentido. Pensei que ia negociar isso com Blake e com você.

—Temo que tenha surgido algo de último minuto e Blake teve que voar para a Califórnia —explicou brevemente—, e essas chaves serão úteis se tudo se formalizar, embora você possa ficar em um hotel se preferir, mas a verdade é que eu preferia o anonimato que esta propriedade oferece já que a imprensa não conhece nada.

Paige se levantou.

—Não penso em ficar confinada em uma casa. Além disso, como ele sabe se por acaso eu não vou trazer um dos meus amantes aqui? —perguntou, desafiando a paciência de Galeana, que, aparentemente, tinha muita.

—Sente-se, por favor. Vamos conversar. Eu vou ouvir as suas condições. E você, as da Lion Records. Depois você pode falar suas exigências e eu vou considerar se posso solucionar os impasses. Acha justo?

"Claro, por isso é uma profissional de relações públicas", pensou perante o tom calmo e amigável de Galeana. A atitude elegante que a mulher demonstrava a fazia sentir como uma garotinha esquisita e mimada, quando na verdade só estava exigindo o tratamento justo que merecia. Chateada consigo mesma, e ressentida com Blake, voltou para o seu lugar.

Blake virou a cadeira de seu escritório em Los Angeles. Contemplou a tela da televisão, apagada, como se estivesse observando algo interessante. Na realidade, sua mente estava em Colorado Springs.

Galeana subiu no avião logo depois que ele desceu. Almoçaram juntos e ele a colocou a par da situação de Paige. Explicou suas condições. Sabia que estava sendo muito extremista, mas a sua companhia era sua vida. A empresa nunca falhava. Não podia dizer o mesmo das pessoas que o rodeavam.

Seu sócio era a favor de dar uma chance a Paige Valois. Não apenas por sua qualidade

musical, mas também pela quantidade de fãs que tinha, pois eram leais e a seguiam onde fosse. Esse era o argumento a favor, e Macron pensava que o assunto da reputação tinha uma solução que já estava a caminho: Galeana.

Macron tinha razão, pensava Blake, enquanto ligava no canal de notícias locais. O problema não era se Galeana poderia ou não limpar a imagem de uma estrela dos palcos, mas que Paige aceitasse as cláusulas, as cumprisse, e que não o fizesse sucumbir ao desejo de voltar a beijá-la.

Não podia continuar no escritório. Estava cansado e confuso.

Pegou o casaco.

—Irene, cancele minha última reunião das sete da noite —pediu à sua assistente antes de ir em direção aos elevadores.

—Senhor.

—É mesmo? —perguntou virando-se.

—A senhorita Micontti acabou de ligar. Está na linha dois. Me disse que o seu telefone estava direcionando para a mensagem de voz.

Blake esqueceu de carregar o celular. Que diabos estava acontecendo?

—Me passe ela. —Voltou sobre seus passos. Fechou a porta do escritório com um pontapé e pegou o telefone—: Galeana. Como foi a reunião?

—Olá, Blake. Você está no viva-voz —informou ela—, Paige aceitou todas as cláusulas que você pediu. Nossos advogados podem tratar dos detalhes legais. Tenho estudado a fundo o caso dela e não é tão grave como parece. Não é uma Britney Spears ou uma Miley Cyrus. Tenho algumas ideias que irei discutir com Paige, pouco a pouco. Mas antes, preciso que você saiba algo.

"A nervosinha aceitou todas as cláusulas?", perguntou-se em silêncio, imaginando que não ia gostar do que ouviria em seguida. Embora não o surpreendesse, porque Paige amava a música como se fosse o sangue em suas veias, mas também possuía uma veia combativa. Era essa veia combativa e rebelde que o fazia suspeitar de que havia algo mais que Galeana ainda não havia dito.

—Mas... —deixou a palavra solta.

—Tem uma condição.

—Que surpresa —disse com sarcasmo, confirmando sua suspeita—, qual seria?

—Quer que a base dos próximos três meses onde ficará em "descanso" seja Portland e não Colorado Springs.

—Não.

—Ela acaba de ouvi-lo pelo viva-voz. Nesse caso, Blake, se essa é a sua resposta final, então...

—Espera —disse de repente—, por que Portland?

—Blake —uma voz diferente, e muito conhecida, falou do outro lado da linha—, eu aceito todas as suas cláusulas, por mais ridículas que me pareçam. Só coloquei uma condição. Entendo que estou em desvantagem, mas a minha única cláusula não é negociável. Posso perder tudo, porém, é o que peço.

Por que isso era tão importante? Teria algum amante a esperando?, perguntou Blake a si mesmo. Embora não acreditasse que aquilo fosse possível, pois uma das cláusulas a proibia, durante o período de seu "recesso musical", de ser vista com um homem com o qual pudessem relacioná-la sentimentalmente. E se ela havia aceitado todas as cláusulas...

—Seria bom dar uma explicação. Seus escândalos sempre acontecem quando você está em Portland. Por que gostaria de voltar ao local onde você tem tantos problemas? —perguntou

confuso.

—Se você não me dá informações sobre seus motivos para essas cinco cláusulas ridículas, eu não tenho que dar explicações do motivo da minha. É uma negociação profissional. Você está de acordo ou não? —perguntou Paige.

Ele fechou os olhos como se pudesse saborear a voz daquela bruxinha de olhos azuis. Era ligeiramente rouca quando lhe pedia como e onde tocar, e agora parecia sexy ao telefone. Precisava tirá-la da cabeça.

—Blake, eu acho que é justo —interferiu Galeana—, ela não pediu nada fora do comum, e acho que nós trabalharíamos melhor a imagem de Paige em uma cidade que —aparentemente— já viu o pior dela. Agora comigo liderando sua equipe de relações públicas, você terá o melhor... Se você achar propício, podemos fazer o anúncio de Colorado Springs quando o contrato tiver sido assinado esta semana, e depois ela voa para os lados de Portland. Também não queremos muita exposição em uma cidade capital. Não diremos à imprensa os detalhes, apenas enviaremos boletins com dados atualizados. Não queremos que a assediem. Não é a ideia —disse Galeana com tom conciliador. Agora só falta a sua palavra diante do pedido de Paige. Portland em vez de Colorado Springs?

Durante vários segundos, a linha de Los Angeles permaneceu em silêncio.

—Você tem três meses para corrigir a sua imagem, Paige —disse Blake aceitando a condição que ela desejava—, se você falar apenas uma vez no que foi acordado com Galeana, então estará despedida. É tudo ou nada. Você pode usar a casa onde está agora até voar para Portland, imagino que isso levará cerca de três dias no máximo. Então você está avisada, tudo ou nada.

—Farei a minha parte se você fizer a sua, Blake.

—Nossos advogados entrarão em contato para negociar os assuntos relacionados ao pré-contrato. Quero lembrá-a que esse é um contrato provisório. Se você cumprir com sucesso, então fará parte da Lion Records com um contrato de cinco anos, e negociaremos a parte musical, criativa e as demais partes mais profundamente com você e os advogados. Sempre pensando na possibilidade de uma extensão do contrato de cinco anos, se as coisas correrem bem.

—Nos vemos em Los Angeles amanhã —disse Galeana despendendo-se de seu chefe—. Vou pegar o avião de volta com seu piloto particular. Eu o aviso sobre qualquer novidade.

—Obrigado, Galeana. E Paige, há algo que você precisa ter bem claro.

—Estou ouvindo —disse a cantora com suavidade.

Não estava perdendo Blake por sua atitude da manhã, nem tinha vontade de continuar buscando algo que parecia impossível. Sua cláusula sobre Portland era por causa de Shawn. Estaria mais perto dele, e poderia tomar algumas decisões para adiantar sua causa contra Anthony e encontrar a melhor forma de se livrar de seu cunhado.

—Não dou segundas chances —disse num tom ditatorial.

Paige não sabia se ele estava se referindo a assuntos pessoais em geral ou exclusivamente profissionais. Também não queria se aprofundar no assunto.

—Para que conste no registro mútuo então, eu também não —respondeu Paige antes de encerrar a ligação.

A reação inesperada de Galeana a surpreendeu. A mulher deixou escapar uma risada agradável. Paige virou-se com uma expressão de dúvida no rosto.

—Acho que serão três meses muito interessantes para Blake —disse Galeana antes de começar a recolher suas coisas—. Faremos a sessão por Skype dentro de alguns momentos. Apenas para deixar seus advogados e os nossos a par de tudo. Josh, seu representante, vai estar

presente?

—Sim. Está esperando. Eu gostaria que ele estivesse nesta tarde, mas já tinha a agenda planejada. Não esperava que Blake tivesse mudado as coisas desta maneira...

—Você precisa se acostumar que quando Blake quer alguma coisa, não importa o seu status nem suas necessidades pessoais, para ele só importa uma coisa, Paige: o sucesso e o talento das pessoas com as quais trabalha. Longe disso, é melhor se proteger.

—Não entendo...

—A reunião em pessoa —disse mudando totalmente o assunto e deixando Paige em dúvida sobre aquela mensagem enigmática— terá que ser organizada entre os assistentes executivos dos CEO, tanto da Journey Media como da Lion Records, amanhã ou depois. Você já sabe como funciona tudo.

—Sim, já sei —murmurou.

Paige odiava as charadas.

—Perfeito, então vamos para uma sala menor, onde não haja vazamento de sons —disse olhando ao redor—. A propósito, Blake me disse que já tinha consertado o problema em seu sistema de segurança. Sei que você não tem nada a ver com isso, mas apenas para que você saiba. —Paige, assentiu—. Você conhece melhor a casa que eu...?

—Um pouco —disse. Tinha tido tempo de percorrer a casa toda, sim, mas não quis comentar. A casa era bonita, porém, não existiam fotografias e recordações como em outras casas que pudessem contar a história das pessoas que a habitavam. Outra curiosidade sobre Blake, pensou Paige—. Podemos fazer a videoconferência na sala onde eu fiz a audição ontem. Tem boa acústica, então ficará bem.

—Você guia, então —disse Galeana fazendo com a mão o gesto para que Paige fosse na frente. A cantora sentiu alívio, embora não tivesse razão para isso, de que Galeana não tivesse estado antes na casa. Absurdo, não é?

—Eu tenho uma pergunta.

—Claro.

—Por que não há fotos da família Howard?

Galeana a olhou por um breve segundo, decidindo se deveria ou não comentar a respeito. Inclinou ligeiramente o rosto para um lado.

—Você não sabe nada de Blake, não é?

—Sua vida é blindada. Embora isso você já saiba.

Galeana assentiu.

—Foi muito difícil pra mim conseguir isso, mas você tem razão —sorriu— é blindada... Custa muito dinheiro esconder a vida pessoal quando seus pais são tão famosos, assim como a sua irmã, por isso cuidar de sua imagem e contatos é indispensável.

—Isso não responde minha pergunta.

—Blake usou esta casa depois de se casar.

Paige sabia muito bem o valor do dinheiro. Havia gasto muito para que os registros policiais sobre o julgamento contra ela, anos atrás, não viessem à luz jamais. Conseguiu inclusive que bloqueassem as pesquisas sobre homicídios relacionados a Portland no dia em que tudo aconteceu.

—Blake é casado? —perguntou com falsa serenidade. Não queria dar motivos para que Galeana desconfiasse, pois a mulher era muito astuta. Paige só queria garantir o seu contrato e esquecer o passado. Mas estava louca naquele momento. Blake havia dormido com ela, estando casado? Era capaz de pegar o primeiro avião para Los Angeles e esquecer o bom senso!

Talvez Galeana tenha percebido seu desconforto, mas não suspeitava sobre seus motivos.

—Se divorciou há quatro anos.

—Ah —murmurou com alívio— imagino que não teve a presença da imprensa...

—Comemorou em segredo. Em Bordéus, uma cidade linda da França. Se ele decidir conversar com você a um nível mais pessoal, o que eu duvido, talvez você saiba mais detalhes. Eu só posso dizer que Blake é um empresário justo, mas também impiedoso. Se quiser ganhar o seu respeito, precisa provar que você merece. Só então ele vai deixar de parecer tão tirano. Na realidade, ele não é.

—Você o conhece muito bem pelo que parece —disse Paige com um sorriso, embora por dentro se perguntava o quão bem se conheciam.

—Mais ou menos, —respondeu Galeana de forma imprecisa—. Já é hora de começar a videoconferência —mudou o assunto olhando para o relógio Cartier que carregava no pulso esquerdo— Tem algo mais que você gostaria de dizer para eu considerar?

Paige fez um sinal de negação com a cabeça, antes de sentar-se e conectar-se à internet para iniciar a reunião on-line.

A imprecisão era o inimigo emocional de Paige, mas não estava lá para investigar a vida privada de ninguém, por mais curiosidade que tivesse, mas sim para retomar sua carreira musical. E queria ter sucesso nisso.

CAPÍTULO 11

—São cinco cláusulas pouco convencionais —disse Josh—, mas você não tinha muito poder de decisão para fazer valer a sua posição. Em todo o caso, posso saber por que você colocou Portland como condição para o seu break se é a cidade da qual tanto queria se afastar anos atrás?

O contrato foi assinado esta manhã, com a aprovação das equipes jurídicas da Lion Records, Journey Media, e do escritório de advogados que —individualmente— atendia os assuntos de Paige. Ela não podia falar sobre as chantagens às quais estava sujeita por parte de sua família política. Os advogados exigiriam que fossem tomadas medidas, mas isso implicaria cutucar um vespeiro que ela não acreditava ter forças de suportar esses momentos. Mais tarde, quando seu plano desse resultado, não se importaria se o céu caísse sobre ela.

—Por acaso importa a cidade onde eu queira passar a maior parte do meu tempo? Querem limpar a minha imagem e, bom, eu estou cumprindo suas condições. Mas não vou ser prisioneira de um único lugar. Vou ser discreta. Isso é tudo.

—Eu sei... Mas seu comentário não responde minha pergunta.

—Minha família é importante para mim, apesar de... É importante. Não quero dizer mais nada. E sim, a imprensa inventa coisas, especialmente quando estou em Portland, mas eles também inventam onde quer que eu esteja. —Isso não era uma mentira—. O que deve valer é a minha música.

—Em um mundo ideal, sim.

—Eu acho...

Diante do explícito silêncio de Paige para não entrar em mais detalhes sobre sua decisão de ir a Portland, Josh apenas assentiu.

Agora estavam nos escritórios da Journey Media, em Los Angeles, enquanto Paige contemplava sua rubrica no documento. O representante que havia representado a Lion Records era Macron Twarn, o vice-presidente executivo da gravadora. A ausência de Blake era uma clara mensagem de que o presidente da companhia não queria saber nada sobre ela, nem mesmo no âmbito profissional.

Inexplicavelmente, a atitude de Blake lhe doeu.

Se não tivesse que vê-lo, então ainda melhor. Logo esqueceria dele.

Havia analisado os acontecimentos com ele uma centena de vezes, e —além das contrariedades da troca de palavras— não encontrou algo que considerasse suficientemente contundente para que ele a evitasse da forma como estava fazendo. Teria ele apenas querido verificar se era verdade o que diziam sobre ela na imprensa? Que era uma mulher fácil? Teria fingido um interesse verdadeiro ao vê-la sofrendo com o pesadelo, assustada e vulnerável? A simples ideia disso a repugnava.

—Quero terminar os assuntos aqui em Los Angeles para vir apenas por questões estritamente necessárias. Minha assistente, Betty, vai ficar responsável por qualquer eventualidade e me dará suporte durante o tempo que eu estiver de "férias" ou "respirando um pouco", como disse Galeana Micontti que eu devo declarar caso algum outro jornalista me ligue nesses dias. Já disse o que teria que dizer, não posso fazer mais comentários.

Josh concordou, e depois recostou-se contra o assento, pegou a cópia do contrato.

—As cinco cláusulas principais dizem o seguinte...

—Já sei o que dizem essas cláusulas, —respondeu relutantemente— não sei porque você vai

se incomodar em reler isso se você também já sabe, acabou de assinar esse dossiê!

—Vou parafrasear, só em caso de você ter esquecido em tão poucas horas, o seu conteúdo — disse—, e assim evitamos o jargão legal que, pessoalmente, eu detesto. É interessante parafrasear porque você pode fazer suas observações do que se está querendo dizer nas entrelinhas. Nossa equipe jurídica é ótima, mas nem por isso deixa eu me divertir com isso em particular.

—Você tem um humor estranho, tem certeza de que a Melinda já sabe né?

Ele começou a rir.

—Então, posso continuar?

—Como quiser, Josh.

—Primeiro. Qualquer tentativa de ir para outra cidade, com itinerário incluído, você deve discutir com Galeana e ter a sua aprovação. Segundo. Nem uma foto na mídia com alguém que possa ser adicionado à sua lista de "possíveis namorados" ou "casos". Ou seja, nada de namorados nem de amores, de nenhum tipo ou situações comprometedoras. —Paige suspirou, cruzou os braços e fechou os olhos—. Terceiro. A visita a bares ou clubes está fora de discussão. É proibido totalmente. Quarto. Você deve fazer dois shows gratuitos com fins beneficentes e procurar uma causa para a qual você queira trabalhar durante as suas "férias". Quinto. É Blake Howard quem, sob quaisquer circunstâncias, vai ter a última palavra quanto a processos musicais que você queira trabalhar durante os próximos noventa dias. Não se faz nada sem a sua aprovação.

Paige olhou para o seu representante.

—Em outras palavras, ele é o Deus da música. É a primeira vez na minha vida que terei que consultar os meus passos. Detesto isso.

Josh soltou uma gargalhada. Deixou de lado os papéis.

—Parecem cláusulas elaboradas para controlar um adolescente em problemas, sim, mas ao mesmo tempo muito ajustadas ao olhar de Blake como empresário. Você não pode culpá-lo. A empresa é tudo para ele. Além disso, é como se ele jogasse uma boia salva-vidas pra você, e não tinha opções. O que é mais você poderia negociar?

—Já não importa. Está assinado. O que me incomoda é que eu não tenho controle sobre as invenções da imprensa.

—Por isso, antes de qualquer decisão, a Lion Records vai analisar os eventos... você precisa fazer com que Galeana Micontti seja sua aliada. Ela é excelente em seu trabalho. Você irá se beneficiar e, em seguida, vamos assinar o contrato definitivo. Começando do zero. Sua imagem será renovada, diferente e com altos índices de melhora em relação à que você tem agora de mulher rebelde e superficial.

—Nada do que dizem é verdade... —resmungou.

—Você não pode pedir que todos a adorem sem questionamentos, Paige. Isso só os fãs seus fazem. A imprensa marrom se alimenta do mal que possam causar... e dos pedaços de alguém que está caindo. É a hora certa. Use esse período para criar mais, e de verdade, é tempo de descansar. Você não parou em anos.

Paige assentiu. Necessitava desse *break*.

—Sim. Eu sei. Aliás, não sabia que Blake estava divorciado... Sua esposa certamente viveu um inferno sendo ele tão insuportável.

A expressão de Josh ficou séria de repente.

—O quê? —perguntou Paige—. Galeana Micontti foi quem me disse. Não é que me interesse, mas, de qualquer forma, me parece justiça kármica —disse ela com malícia.

Josh inclinou-se e apoiou os cotovelos na mesa.

—Na questão profissional você pode fazer o que quiser. Desafiar e ganhar mundos com seu talento musical. Mas, se você entrar no lado pessoal, Blake vai encontrar um modo de queimá-la. Você entende?

—Não. —Blake tinha a deixado confusa. E já haviam compartilhado algo mais do que apenas o "lado pessoal", mas não precisava dizer a Josh.

Josh passou a mão pelo rosto.

—Eu conheço você muito bem. É curiosa, sensível e romântica. Você gosta de mistérios, mas não tente descobrir os que se escondem atrás de Blake. Ele não é um homem do qual você pode experimentar ser amiga ou algo mais além do âmbito profissional.

—Josh...

—Por favor. A história dele não é o mar de rosas emocional que talvez você imagine. É um homem justo, mas se sente-se ameaçado, pode ser cruel. Eu vi muitas, muitas mulheres caírem rendidas aos seus pés e então serem descartadas, como se fossem apenas um jornal de ontem. Me entende?

"Tarde demais", pensou Paige. A única diferença era que ela não estava aos pés de ninguém. Pelo menos, estava em vantagem.

—Sim, já entendi. Você pode tirar essa máscara de seriedade? Diabos. Eu só estava tentando fazer uma piada —disse com uma careta.

Levantou-se da cadeira, e arrumou a saia do vestido de verão branco. Tirou os óculos de sol de armação branca e lentes escuras da Versace.

O semblante de Josh estava mais tranquilo.

—Você sabe que eu gosto muito de você, como parte de minha família, e eu não gostaria que a machucassem. —Ela assentiu com um sorriso. Você está avisada. Não gostaria de me ver na necessidade de dar um soco num bom homem de negócios e, além disso, um amigo de tantos anos.

—Certo... Você me acompanha para esse almoço com o dono da loja de produtos orgânicos para animais que quer assinar um contrato comigo para um comercial? —perguntou—. Não precisamos esperar a minha assessora, ela já está com o empresário. Acho que Jennie e Galeana vão passar muito tempo discutindo.

Ambos sabiam que Jennie Epsten tinha um gênio tão ou mais forte que o de Galeana e iria defender os interesses de Paige, embora estes fossem contra as crenças da mulher que trabalhava na Lion Records. Paige queria ver como ambas chegariam a um acordo sobre o que poderia beneficiar a sua imagem e, ao mesmo tempo, cumprir com o contrato que ela tinha acabado de assinar.

Pelo menos não seriam semanas chatas, ela pensou com ironia.

—Isso não será um problema para você —disse Josh sorrindo.

—Já é alguma coisa, —respondeu rindo.

—Você conferiu seu telefone pessoal esta manhã?

—Errrr, nop. Esqueci de carregá-lo hoje pela manhã. Preciso programar a Alexa para me lembrar disso —disse ela, fazendo alusão à assistente virtual da Amazon— e isso se eu não esquecer de programar a Alexa também —comentou.

Josh apertou o botão do elevador.

—Melinda quer que você vá depois de amanhã comer conosco para comemorar o aniversário de Rubens.

—O aniversário! Ah, claro que irei. Falarei com Melinda por telefone mais tarde, e já pergunto o que o pequeno quer de aniversário. Este ano não vou perder, estou de férias! —disse

com um sorriso—. Ele faz quatro anos, certo?

—Sim, senhorita —disse piscando o olho.

Abriram a porta que dava para a garagem da empresa.

—Acho que isso não conta como uma festa de bar, então eu posso participar, antes de ir para minha cidade natal para uma reclusão sem imprensa.

Josh riu. Fez uma negação com a cabeça, e colocou os óculos de sol Ray-Ban.

—Uma festa é uma festa —respondeu ele, seguindo a brincadeira.

—Quer vir comigo? —perguntou Paige apontando para sua Mercedes Benz conversível, último modelo e na cor azul. Tenho segurança extra —comentou em tom de brincadeira fazendo referência à equipe de segurança que já estava na SUV preta de vidros escuros para segui-la discretamente.

—Prefiro ser um pobre diabo que dirige sem guarda-costas —disse com uma risada—. Eu sigo você no meu carro, Paige.

O anúncio sobre o afastamento temporário de Paige Valois das redes sociais e da vida pública por três meses deixou os jornalistas frenéticos. As solicitações de entrevistas enlouqueciam Jennie e Betty. Não aceitavam nenhuma que pudesse causar danos ou dar brecha a rumores infundados.

Era proibido mencionar que a Lion Records tinha uma cláusula condicional de três meses antes de assinar um contrato definitivo com Paige. Ou seja, se a bela cantora não conseguisse passar o período de teste, os meios de comunicação assumiriam que toda a culpa estava no lado de Paige, e não da Lion Records. A assessora de Paige, bem como todos os membros da agência que eram responsáveis pela Journey Media, assim como Betty —embora esta trabalhasse de forma particular e direta com Paige— tinham um acordo de confidencialidade e não podiam revelar o que estava por trás da decisão da cantora de afastar-se do meio público. Também não poderiam indicar a cidade na qual estaria passando a maior parte do que restava do verão e início do outono, por mais que os jornalistas acabariam descobrindo. O combinado era que não saísse da boca dos membros de nenhuma das empresas, advogados, envolvidos na assinatura do contrato de teste de Paige com a Lion Records.

O mundo dos artistas era complexo, cheio de obstáculos e uma mistura de egos desmedidos e outros necessitados de reafirmação, mas todos pagavam um alto preço ao final. Às vezes, era a privacidade, e outras, na maioria das vezes, encontrar-se diante de relações amorosas fracassadas porque os parceiros costumavam estar mais interessados no dinheiro e no glamour do que na pessoa com quem estavam saindo. Era algo do conhecimento geral, mas nem por isso deixava de doer quando os famosos se davam conta da realidade, especialmente quando se acreditavam imunes aos caçadores dos cinco minutos de fama e de fortuna pra toda a vida.

Blake contemplou as ondas desde a sua propriedade, em Newport Beach. Costumava ir aos finais de semana para descansar do terrível tráfego e da confusão que existia em Los Angeles. A partir da sua casa podia contemplar o mar. O pôr do sol no Pacífico era um dos melhores. Respirava paz.

Esperou até que o sol e os seus últimos vestígios de luz se fundissem com o azul do céu. Passou os dedos entre o cabelo úmido. Não deveria ficar inquieto por ter deixado Paige para trás. Estavam vinculados por um contrato comercial, mas não uma relação. No entanto, não conseguia pensar em outra coisa que não fosse ela.

O relatório que recebeu de Galeana o deixou pensativo, em especial uma frase. "É uma mulher

muito capaz de tudo para alcançar o sucesso, mas com a minha experiência, posso dizer que não faria nada que ultrapassasse os limites da integridade". E isso após passar apenas a tarde com Paige. Era difícil que alguém conseguisse uma imagem como essa vindo da boca de Galeana.

Ele, por outro lado, a havia tratado como uma mulher descartável no plano pessoal. E ainda teve a ousadia de enviar Macron para não precisar ver Paige. Comportou-se como um idiota. Talvez fosse melhor assim. Não tinha que se responsabilizar pelas falhas de Paige Valois, ela conseguiria colocar a corda no pescoço por conta própria.

—O que você tem contra ela? —lhe perguntou Macron quando Blake pediu que, com qualquer pequena desculpa, fizesse com que Paige descumprisse o contrato—. Como você acha que eu vou conseguir fazer uma bobagem assim?

Ao contrário dele, Macron não se continha muito ao falar ou dar suas opiniões. Falava frente a frente quando precisava, e se calava quando acreditava ter uma estratégia melhor para alcançar seus objetivos.

—Você não terá que se esforçar muito. Dê uma semana para ela colocar esse acordo na corda bamba, e depois só terá que deixar ela agir um pouco mais para cair no precipício e nós nos livrarmos dela.

—Você está louco, Blake. Essa menina é linda e sua voz, ouro puro. Não sei o que está acontecendo, nem que obrigação você está negociando com Josh, mas se estivesse em minhas mãos, Paige Valois ficaria na empresa. Galeana pode corrigir qualquer estrago, e deixá-la sem nenhum arranhão que cause mais do que apenas uma pequena marca —Macron havia lhe dito, encarando-o com seriedade, horas atrás.

—Pode ser, mas, por acaso você não leu o dossiê que a equipe de relações públicas montou sobre ela?

—Esse mundo de artistas é assim, você já deve saber por experiência própria por seus pais, e acho estranho que você esteja agindo tão energicamente.

—Não quero que manche o que tanto nos custou para construir. Sheela esteve a ponto de tirar tudo de mim, imagina se tivesse conseguido?

Macron havia se aproximado, colocando a mão em seu ombro. Costumava fazer isso quando queria lhe dar algum conselho ou comentar seu ponto de vista por mais que não estivesse de acordo com algo.

—É uma mulher inofensiva, Blake, a menos que você saiba algo desta equação que eu não saiba. E, se fosse isso, não seria melhor enfrentar de uma vez, em vez de usar os negócios como escudo? —deu duas palmadas em suas costas antes de se afastar e, e depois, com a mão na maçaneta da porta, falou—: Eu conheço você há muito tempo, Blake, e não acredito que o faça mal lembrar que nem todas as mulheres são Sheela Nallumt. Nem no âmbito pessoal, e ainda menos no profissional. Nem todas querem enganá-lo, e talvez por isso, você prefira se adiantar enganando a elas. Acha justo?

—Eu sei —replicou Blake. "Ele sabia, de verdade, ou apenas tentava convencer a si mesmo de que sabia?"—. Eu sei.

—Preciso viajar com Mary hoje para San Francisco —ele mudou de assunto—, seus pais compraram uma casa nova e querem inaugurá-la com um churrasco. Minha assistente vai cuidar de tudo que ficar pendente, mas você sempre sabe onde me localizar se precisar da minha presença urgente.

—Parabéns para eles. Mande um abraço à sua esposa, e claro, Macron, eu avisarei se surgir alguma coisa.

Na solidão de sua casa de praia, Blake contemplou as luzes da região começando a ficar mais

fortes sob o manto da noite. Tinha convidado Jennifer para o jantar naquela noite. Ela estava fazendo de conta que estava brava com ele por tê-la deixado muito tempo sozinha, por isso insistiu em ficar em um hotel. Por acaso achava que enganava alguém? pensava Blake enquanto abotoava a camisa vermelho-vinho. Não se importava com os teatros femininos, desde que, no final ele conseguisse se dar bem, como sempre acontecia.

Uma mulher podia tirar outra mulher da mente de um homem. Ele tinha plena experiência nisso e ia colocar em prática dessa vez. Jennifer deixaria de fingir sua raiva e passaria a noite em sua cama. Tudo voltaria ao normal, em especial as imagens eróticas de Paige nua e gemendo seu nome.

CAPÍTULO 12

Paige olhou com alegria a forma como seus sobrinhos, assim se referia aos filhos de Josh porque os considerava como sua família, se divertiam com o jogo de legos que Rubens havia ganhado como presente de aniversário. Eram crianças muito queridas e, embora travessos como toda criança da sua idade, se comportavam bem.

Devido à sua intensa agenda de trabalho, eram poucos os momentos que podia compartilhar com eles, especialmente os aniversários. O qual nunca faltava, não importa onde estivesse, era o de Shawn. Gostava das três crianças da mesma forma, mas o seu sobrinho, por laços de sangue, era alguém muito especial em seu coração.

—Você gosta de como está ficando o castelo, tia Paige? —perguntou Alex, enquanto Rubens —o menor— tentava encaixar umas peças do Lego em outras para conseguir terminar a barreira que segurava uma catapulta. Os outros cinco amiguinhos que haviam sido convidados para a festa se divertiam tentando ajudar ou simplesmente brincavam com outros brinquedos que estavam separados para eles.

Era uma reunião pequena, e, na parte externa, haviam planejado que as crianças usassem a piscina sob os cuidados de duas monitoras contratadas especificamente para zelar pela segurança delas. Já haviam comido, e agora os pais —na ideia de Paige— estavam esperando que as crianças se cansassem e pedissem que os levassem à piscina. Ela também estava com seu bikini pronto, não achava nada mais divertido do que brincar na água, com a liberdade que sentia em poder rir e ficar à vontade com seus sobrinhos. Se importava, por acaso, com o que os amigos dos Daniels poderiam dizer? Impossível. Não fazia diferença.

O lema da casa era ser e deixar ser, e isso incluía que, se alguns dos amigos habituais de Josh ou Melinda encontrassem alguma celebridade na casa —sabiam com quem Josh trabalhava— não a incomodavam e a tratavam como uma mais do grupo. Aquilo era um alívio para Paige, em especial porque, devido à seletividade com a qual os Daniels eram acostumados, ela sabia que podia aproveitar e desfrutar com eles à vontade.

Vestida com uma calça jeans roxa muito confortável, e uma blusa bege sem mangas combinando com as sandálias de tiras finas que adornavam seus pés com as unhas pintadas de vermelho, ela se acorou. Acariciou a cabecinha loira de Alex, e depois repetiu a carícia na cabecinha ruiva de Rubens.

—Está lindo, querido. Você gostou mais do que o carrinho de bombeiros que eu trouxe para você andar no pátio? —perguntou com um sorriso apontando para o quintal com piscina, o qual era visível da sala de sofás azul escuro.

—Sim, tia! Mas Alex quer pegá-lo de mim —disse Rubens fazendo um beijo.

Ela riu e olhou para Melinda, que estava conversando do outro lado da ampla sala com os pais dos amiguinhos que haviam convidado. Josh era o responsável, pelo que parecia, de cuidar que seus filhos se comportassem bem, mas em especial de evitar que seus amigos ficassem sem uma taça de vinho ou uma cerveja.

—Ah, não se preocupe com isso, daqui a quatro meses será o aniversário de Alex, então eu vou comprar um carrinho de polícia. Assim os dois podem brincar no pátio, o que acha?

Ao ouvir o seu nome, o filho mais velho dos Daniels olhou para Paige.

—É mesmo, tia? —perguntou sorrindo.

Ela começou a rir. Ser criança era tão fácil, pensou com saudade ao lembrar de sua infância

cheia de problemas, quando tudo se desvanecia nos labirintos da memória e da fantasia que criava inconscientemente para justificar o que lhe causava dor. Até crescer e não ser mais possível maquiagem a realidade para torná-la mais suportável.

—Sim. —Olhou para as outras crianças que a observavam como se tivesse dito que logo chegaria um carrinho cheio de algodão doce, e sorriu—: Vocês, se tirarem boas notas na escola e comerem vegetais, com certeza poderão vir brincar com Rubens e com Alex. Que tal?

—Siiim! —exclamaram todos em uníssono, atraindo o olhar de seus pais. Estes olharam intrigados para Paige.

Ela sorriu e ficou de pé. Usava o cabelo loiro solto, ao qual sua estilista havia dado volume, fazendo umas ondas suaves. A vantagem de ser famosa, ela pensou, era que se caso se atrasasse, sempre tinha uma estilista pronta para atendê-la em casa.

—Eu prometi que podiam dividir os brinquedos —disse, alegre.

Momentos atrás, quando recém havia chegado, Kirk Lasloz, um amigo viúvo de Melinda, que tinha uma filha de quatro anos, começou a conversar com ela. Era um homem bastante interessante, embora não despertasse nela nenhum arrepio na pele, como fazia outra pessoa que ela preferia não lembrar. Naquele momento, Kirk aproximou-se novamente dela.

De olhos verdes e cabelo preto, não se percebia bem seus trinta e oito anos de idade. Exceto pelos ligeiros fios de cabelo grisalho, e as pequenas rugas que se formavam no contorno dos olhos ao sorrir.

—Eu li nas notícias que você vai tirar um tempo de descanso —comentou com um copo de cerveja, ainda pela metade.

Ela sorriu.

—Sim, já é hora de acalmar um pouco as coisas em minha vida profissional —disse—, espero que não acredite sempre em tudo o que a imprensa diz. A versão em pessoa sempre pode ser pior —disse em tom de brincadeira.

Kirk deixou escapar uma risada grave e profunda. Era uma risada contagiante, pensou Paige, e enquanto ria com ele, olhou para Josh, mas este tinha a atenção em outro lugar.

Todos os presentes observaram, como sempre acontecia quando alguém novo se juntava a uma reunião, a pessoa que tinha acabado de entrar na casa, sem deixar de conversar entre si. Ela, é claro, virou-se para seguir o curso temporal do olhar dos demais, que logo retomaram suas conversas.

"Certamente é uma alucinação", disse ela, sem acreditar no que seus olhos viam. O burburinho ao redor havia retornado, mas para ela tudo havia desvanecido. O que Blake Howard fazia na casa de Josh? Sim, era uma pergunta estúpida, porque sabia que eram amigos há anos —agora sabia—, mas nunca o tinha encontrado em nenhuma reunião, muito menos vinculada às crianças... "Porque sempre estava em turnê", disse uma vozinha em sua cabeça.

Não achou que conseguiria articular alguma palavra, então, limitou-se a esboçar um sorriso educado, antes de virar-se para desaparecer como uma menina assustada no lugar onde considerava mais seguro: o bar da sala de música onde Josh costumava trabalhar com ela quando o tempo estava muito ruim no exterior. Enquanto todos estavam entretidos cumprimentando-se, e antes que chegasse o infame momento de tocar a pele de Blake, mesmo que apenas para estender a mão, Paige avançou por um corredor e entrou na sala.

"Não pode ser. Não pode ser". Não podia culpar nem Josh nem Melinda. Por que teriam que prestar contas a ela sobre a lista de convidados ou considerar a sua opinião sobre seus amigos? Afinal, não sabiam até onde tinha chegado a conhecer Blake. "Demônios", pensou, sentando-se na cadeira alta que estava no discreto bar de madeira.

Enquanto se afastava escondida das pessoas na sala, sentiu o olhar de Blake. A sensação de calor leve nas costas não a enganava. Como aquilo era possível? Devia estar começando a perder a razão.

—Me evitando? —perguntou a voz inconfundível de Blake, assustando-a.

Virou-se devagar. Não queria mostrar o quanto a afetava vê-lo.

—Evito a imprensa, de acordo com um contrato que acabei de assinar há alguns dias, é como devo proceder. Se você não é da imprensa, por que teria que evitá-lo? —disse com uma calma fingida.

Suas narinas se encheram de imediato do aroma de Blake. E como se seu corpo tivesse ganho vida, como uma flor ao sol depois de um longo inverno, sentiu os mamilos endurecendo. Cruzou os braços, e o viu sorrir. "Desgraçado."

Paige pegou o copo de conhaque que tinha acabado de servir segundos atrás e bebeu de um só gole. Grande erro, é claro, mas conteve a vontade de tossir. Fingiu não notar como Blake estava vestido naquela tarde. Como conseguia ficar tão diabolicamente sexy? Não era justo! Vestido com uma calça cáqui, uma camisa branca e sapatos combinando com a calça, era uma ode aos personagens da televisão que qualquer uma gostaria de ter frente a frente e fazer com eles algumas travessuras. Aidan Turner? Sim, como Aidan Turner da série Poldark.

—Lamento não ter estado na assinatura do contrato —disse, de repente, num tom sério—, e também por tê-la deixado em Colorado Springs sem avisar, em uma casa que não lhe era familiar, e em um ambiente desconhecido. Geralmente o meu comportamento não é assim.

Surpresa pela súbita declaração, ela ficou olhando para ele e a sua vontade de manter-se na defensiva desapareceu.

—Por que fez isso comigo, Blake? —perguntou com suavidade.

Blake tinha decidido ser honesto. Na noite anterior, depois de dormir com Jennifer, não conseguiu consumir o ato. A imagem da mulher que beijava não pertencia àquela que estava fisicamente nua por baixo de seu corpo, mas a Paige Valois. Foi um balde de água gelada para alguém habituado a tomar decisões e atingir suas metas em todos os planos.

Não conseguir esquecer-se de uma mulher era algo inédito, e uma incômoda sensação de pertencimento apropriou-se dele quando viu Paige rindo com Kirk. Se conheciam, é claro, e portanto Blake sabia que seu amigo era o tipo de homem que tentaria conquistar alguém tão linda como Paige. O problema? Que, sendo tão encantador e disposto a ter um relacionamento sério em vez de algo casual —como Blake preferia—, era o oposto dele, e conseguiria a atenção da sexy cantora sem muitos obstáculos.

Ele sabia que o contrato de Paige a impedia de sair abertamente de forma romântica com alguém, mas não estipulava que não o fizesse no privado, sob o teto de seus amigos mais próximos, caso estivesse interessada em uma pessoa. Pequeno detalhe, pensou. Blake sentiu-se furioso, como se alguém tivesse entrado em uma propriedade que continha bens que não queria que ninguém mais conhecesse. Era uma tremenda idiotice.

—Quer brincar de adivinhação?

Avançou até ela e segurou-lhe o pulso com a mão. Seus olhares se cruzaram com intensidade.

—Eu só quero uma resposta sincera.

"Eu posso dar uma meia."

—Porque continuo desejando você.

—É contraditório desejar uma pessoa e desprezá-la, como você fez comigo. Na verdade, Macron, muito amavelmente, depois de finalizarmos a assinatura do contrato, me chamou à parte e me pediu desculpas por sua ausência. Você acredita nisso? Tive que ouvir as desculpas de

alguém que não me devia nada, mas de sua parte, do presidente da empresa, nem uma palavra. Quer saber, Blake? —perguntou, soltando-se da mão quente que segurava seu pulso—. Isso não tem nada a ver com o que aconteceu naquela noite em sua mansão. Não é um assunto pessoal, mas profissional. E mesmo que seja difícil pra você acreditar em mim, ou me entender, a música é a minha vida. Não o dinheiro, muito menos a fama, e menos ainda um homem. Só a música.

Deixando-o sem palavras, Paige abriu a porta e voltou para a festa de aniversário infantil. Ela não ia dar a Blake o poder de tratá-la como se fosse mais uma mulher para adicionar à sua lista de conquistas.

Havia aprendido o suficiente por uma noite, mesmo que seu corpo clamasse a gritos para repetir o êxtase nas mãos de Blake. Afastar-se dele, depois de seu comentário de que ainda a desejava, fez arder o sangue que corria por suas veias, mas mais forte era o seu desejo de voltar a cantar e a gravar discos.

Homens havia muitos. Uma carreira profissional que a fizesse sentir completa, feliz e próspera, pelo simples fato de ser ela mesma, não. Ia mostrar do que era feita a todos que esperavam que fracassasse. Não acreditava que os Daniels achassem que ela fosse fracassar, pois não seriam sua família escolhida sem laços de sangue. Se referia aos outros, ao resto do mundo, que pareciam aguardar a próxima notícia onde se confirmasse a sua queda profissional definitiva. Não teriam esse gosto, e ela adoraria ganhar por mérito próprio o contrato por tempo indeterminado. Não iam tirar dela o que merecia tanto e o que havia buscado sem descanso: o sucesso.

Blake ficou surpreso com a forma como Paige o ignorou. A admirava por isso, mas não gostou nem um pouco. Mais uma vez havia se comportado como um menino com o ego desmedido, em vez de um homem de trinta e cinco anos com uma educação moderna e muito chão sob seus pés.

Com Paige, não acertava nem uma.

Pedia desculpas e, em seguida, imaginava que ela imploraria para voltar a estar com ele. A resposta de Paige foi um golpe para o seu ego e uma chamada para que despertasse de seu sono. Talvez o fato de ter se deitado com ela havia reivindicado uma ideia que começava a ocupar sua mente. Um pouco absurdo no início, mas parecia começar a fazer sentido.

Talvez fosse hora de começar a considerar a ideia de conhecer uma mulher para algo além de uma noite divertida ou várias. Alguém que conseguisse penetrar sua armadura emocional. Alguém que lhe permitisse acreditar que ainda havia alguma possibilidade para um coração envolto em pedra.

Já havia feito seu pedido de desculpas formal a Paige. Não havia mais nada para falar. Poderia dizer que ela foi apenas um fruto proibido que queria ter, e que o provou com gula. Sem planejar nem parar para pensar. O mel de Paige era viciante, sim, e seria melhor ele esquecer a ideia de sucumbir à tentação.

Com uma nova decisão em mente, e mais sereno, Blake voltou para a reunião.

Não era o primeiro aniversário dos filhos de Josh no qual participava. Gostava do lar que seu amigo tinha conseguido criar com Melinda. Talvez naquela tarde havia tido uma epifania, e o momento de ter filhos e voltar a confiar em uma mulher tinha acabado de começar a tomar forma. Só tinha que encontrar alguém que valesse a pena o seu tempo, seu esforço, e seu coração frustrado. Um grande desafio.

Aproximou-se do grupo de amigos que via com certa frequência.

Enquanto aceitava um copo de cerveja, o canto do olho correu para o que acontecia na piscina. As crianças estavam rindo e brincando na piscina. As mães, algumas, continuavam no quiosque

conversando, enquanto outras acompanhavam as monitoras, cuidando dos pequenos. Às vezes, seus amigos saíam para verificar se tudo estava bem com seus filhos e depois voltavam para continuar conversando entre homens.

No exato instante em que bebia um gole, captou a imagem de Paige. O biquini vermelho quase o fazia infartar. A observou no momento exato em que seu corpo curvilíneo se perdia na água da piscina.

"Boa sorte", foi o que desejou uma parte de sua anatomia diante da decisão que acabara de fazer momentos atrás de não tentar a si mesmo em voltar a tocar e acariciar a intimidade daquela mulher. Pigarreou, limpando a garganta, quando percebeu que Raul, um dos amigos do grupo, havia lhe feito uma pergunta e esperava uma resposta. Os outros, esperavam.

Blake era muito desconfiado, e notou o exato momento em que Josh fez a conexão entre a sua distração momentânea com o motivo que a causou. Se olharam brevemente, por um milésimo de segundo, mas foi o suficiente para que o representante de Paige, e acima de tudo um amigo de vários anos, deixasse clara a mensagem entre os dois. Um aviso que lhe dava a entender que, se machucasse Paige, de alguma maneira, ela teria quem a defendesse e não se tratava de uma equipe de advogados. Que a amizade entre eles tinha mais anos, mas não a ponto de permitir causar danos emocionais a alguém que os Daniels consideravam parte de sua família.

"Não tente a sorte, Blake." Mensagem captada, pensou o dono da Lion Records. Se soubesse o nível de amizade de Josh, Melinda e Paige, talvez a situação teria sido diferente... Ou não.

Blake tinha claro qual era seu objetivo, desde o momento em que Josh o pediu para aceitar a audição com Paige. Ela não iria fazer parte de sua empresa por mais tempo que o necessário.

CAPÍTULO 13

Três semanas depois...

Sheela olhou para Blake daquela maneira com a qual sempre costumava comovê-lo no passado. Quer fosse para seduzi-lo, amolecê-lo ou levá-lo a alguma peça de teatro que ele não gostava.

Ele procurou fingir indiferença mas, na verdade, sua ex-esposa não era o tipo de mulher que passava despercebida. Depois de todos aqueles anos divorciados, a possibilidade de que Sheela pudesse convencê-lo a voltar e ficarem juntos estava muito distante. E não porque ela não tivesse tentado, inclusive quando a tinta dos papéis do divórcio ainda estava fresca.

Ela havia dito, repetidas vezes, que continuava apaixonada por ele e que desejava que tivessem uma segunda chance. Queria lhe mostrar que podia voltar a confiar nela e recuperar o tempo perdido. Ele não acreditava nessas bobagens. Não acreditava em Sheela. No entanto, podia afirmar que, naquele instante, ela não estava mentindo.

As lágrimas não eram falsas, porque a conhecia, pelo menos disso tinha certeza. O leve tremor em suas mãos, com as unhas tão perfeitamente feitas, revelava que, por mais que talvez tivesse tentado não recorrer a ele, acabou recorrendo porque acreditava que ser a única opção naquelas circunstâncias.

Embora Irene tivesse ordens de nunca passar chamadas, e muito menos receber Sheela, o rosto inquieto —habitualmente tranquilo de sua assistente em Los Angeles— lhe dizia que não era uma ocasião que ele gostaria de ignorar, por mais que desejasse. Assim, lá estavam, às onze da manhã de uma segunda-feira, tentando manter uma conversa que não tivesse tons hostis.

Ele tinha passado três semanas de merda viajando entre os Estados Unidos e o Japão para uma possível aliança comercial em um mercado alheio à música. Não tinha notícias que indicassem que Paige estava descumprindo o acordo, por isso, imaginava que estava comportando-se de acordo com o estipulado no contrato. Era bom demais para ser verdade, e ele pensava em certificar-se de que Galeana não tivesse se deixado manipular pela aparente docilidade de Paige. "Ou talvez você queira saber se ela está saindo com alguém e tem sido muito discreta", disse um lado, bastante confiável, de sua consciência.

Estava todos aqueles dias tentando entrar em contato para pedir um encontro com uma mulher muito interessante que havia conhecido em um jantar, quatro dias atrás, mas por um ou outro motivo, não tinha conseguido ligar para ela. "Ou você está procurando desculpas para ir a Portland o mais rápido possível." Começava a dizer aquela vozinha em sua consciência. Era como ter um discurso do anjo bom e do anjo mau.

—Por favor... —disse Sheela tirando-o de seus pensamentos—, decida você, porque eu não tenho coração para algo assim.

—Por que você acha que eu tenho a solução? —perguntou entrelaçando os dedos de suas mãos entre si, sobre o tampo da mesa, olhando-a tão elegante sentada no sofá branco que ele tinha no centro de seu escritório. Sheela, quando estavam casados, sempre se recusava a sentar-se em um dos bancos em frente a ele, porque dizia que era sua esposa, uma convidada, mas não uma empregada ou um empresário. Desde então, parece que não havia mudado sua posição.

—Não conheço nenhuma outra pessoa que possa ser tão forte como você.

Blake soltou uma gargalhada.

—Ou muito estúpido.

—Blake...

—Foda-se, Sheela, você realmente acha que eu gosto da ideia? —perguntou—. Está me dizendo que Tritão tem câncer, e a única opção para ele deixar de sofrer é que eu escolha se o deixo morrer de dor apenas para prolongar o seu tempo neste mundo, ou se damos fim à sua vida, dormindo. —Passou os dedos entre os cabelos e esfregou a têmpora direita—. Não se trata de ter colhões, mas sim uma mente fria, e não consigo ter a mente fria agora que você me solta algo como isso no meio de uma semana de merda.

—Eu simplesmente não consigo... Eu amo Tritão como se fosse meu filho...

Se Blake reconhecia algo era a natureza generosa de Sheela com os animais. Além de seu trabalho habitual, ela costumava dedicar parte de seu tempo a causas a favor dos animais. E sim, Tritão era um cachorro muito mimado, a ponto de quase ser tratado como um bebê humano e ele entendia a dor que via em Sheela. E também sentia-se entre a cruz e a espada, porque ele gostava de Tritão.

—O que o veterinário disse? —ele perguntou com tristeza.

—Pode durar seis meses ou um pouco menos, com medicamentos, mas disse que esse câncer é agressivo e ficaria a maioria do tempo drogado, e não voltaria a sua rotina habitual. Também não é o mesmo desde que eu o levei ao veterinário. Como se soubesse que algo não está bem —sussurrou ela—, eu... Blake, não quero que Tritão morra, você entende? —perguntou de forma retórica, olhando para as mãos enquanto as lágrimas rolavam por suas bochechas.

Apesar de saber que não deveria, e que deveria manter-se afastado, Blake afastou-se da cadeira e sentou-se no sofá junto a Sheela. Segurou as mãos dela entre as suas. Ela ergueu os olhos, surpresa, por aquele gesto tão incomum desde que estavam divorciados.

—Não é uma decisão fácil para mim também. Mas eu gostaria de ter ido com você ao veterinário, ou que me ligasse antes.

—Eu liguei, mas...

Ele suspirou. Sim, era verdade. Tinha várias chamadas perdidas de Sheela e, geralmente, ou não as respondia ou respondia quando sentia vontade.

—Lamento não ter respondido agora. Deixe-me pensar, ok? —perguntou antes de se afastar.

As mãos de Sheela seguraram as de Blake. Ele ficou imóvel.

—Sheela...

—Blake, já paguei o suficiente com sua ausência —disse colocando a palma da mão no rosto de seu ex-marido—, minha consciência pesa, mas o meu coração tem sofrido o meu erro. Por favor, me dê uma chance de mostrar que não sou a mesma. Eu amadureci. Eu mudei. Deixa-me ganhar a sua confiança...

Ele não queria esse tipo de pressão. Não estava interessado.

Ficou de pé, para marcar a distância. Viu a dor da rejeição em Sheela, mas ele já não a amava. Não fazia sentido lhe dar falsas esperanças ou sequer considerar a ideia de que poderiam tentar. Era descabido e inútil.

—Tenho uma reunião dentro de alguns instantes e preciso prepará-la.

—Você dorme com ela? —perguntou, de repente, pegando sua bolsa da Burberry, antes de ficar de pé. Sheela era quase tão alta como ele—. Eu nunca perguntei, mas os rumores sempre me fizeram suspeitar e...

Ele franziu a testa.

—Não sei do que você está falando.

—Galeana e você.

—E o que isso importaria? Não faço declarações a ninguém sobre a minha vida pessoal. Sheela abaixou a cabeça, e Blake teve uma ideia que não gostou nada.

—Talvez eu devia ter perguntar um tempo atrás...

—Não venha me dizer que, depois de tantos anos em que teve a oportunidade de falar comigo e ser sincera, me enganou porque pensou que eu fazia isso primeiro... —disse murmurando, e me sentindo um nó na garganta.

—Nós éramos muito imaturos, eu em especial... Blake... —disse esticando a mão para tocar o antebraço masculino sobre o tecido que o cobria. Ele se afastou, e ela deixou a mão cair—. Eu tinha raiva, e sabia que você estava muito ocupado. Costumava passar horas e horas com ela no escritório. Eu me sentia cada vez mais sozinha...

—Não quero ter que lembrar isso, Sheela.

—Só depois do divórcio eu entendi meu erro.

Blake não podia ouvir mais bobagens.

—Eu me pergunto que karma devo estar pagando agora para ter que ouvir esta confissão de sua parte... Se é verdade o que acaba de me dizer...

—Eu enganei você porque acreditava que você dormia com Galeana, porque me sentia sozinha e outra pessoa me ofereceu consolo... Porque fui uma idiota por não falar com você quando sentia essas coisas, pois não queria que pensasse que eu quisesse me intrometer no seu negócio e no seu sucesso. Perdi você. E me arrependo todos os dias. Nenhum homem conseguiu preencher seu lugar, nunca... —sussurrou, olhando para ele.

—Por acaso você não disse que havia me enganado porque já não me amava? —Ele perguntou com raiva.

—Não pensei que você fosse descobrir. Achei que seria algo momentâneo, não planejei me apaixonar depois, ou acreditar que estivesse apaixonada por ele. Como ia dizer que amava você loucamente, mas me sentia deixada de lado? Você nunca gostou de mulheres dependentes emocionalmente, e eu estava me tornando uma.

—Quase quatro anos...—murmurou Blake, incomodado— e só agora vem me dizer tudo isso. Eu não queria uma mulher dependente, mas muito menos uma que fingisse sentir uma coisa quando, na realidade, sentia outra. Você me enganou, ponto. Não há justificativa. Não tente colocar em minha cabeça mais do que você colocou hoje. Vou pensar o que fazer com Tritão, mas Sheela, você não tem nada a ver comigo. Terminamos, e assim continuará para sempre. Você entende?

—O que posso fazer?

—Volte para a sua vida. Encontre algo que a faça feliz. Se você acha que saber se eu durmo ou dormia com Galeana vai aliviar o pequeno resquício de consciência que lhe resta por seu sentimento de culpa por sua infidelidade, sinto em dizer que nunca me deitei com ela. Você terá que viver com seus erros, até quando conseguir se perdoar. Eu não tenho nada a ver com sua vida. Depois que assinei os papéis, para mim não havia nem há como voltar atrás —disse com firmeza. Aquela visita tinha acabado de colocar mais uma camada de cimento sobre seu fracassado casamento.

Sheela sentiu o peso de seu erro como se tivesse sido ontem. Com a garganta seca, e segurando o choro, assentiu.

—Pelo menos, deixa eu lhe abraçar.

—Não acho que seja uma boa ideia, Sheela.

Ela concordou e se afastou.

—Entendo... Por favor, me avise da sua decisão sobre Tritão. Não é necessário que você esteja quando... —fez um movimento com a mão— Se você decidir que devemos colocá-lo para dormir...

—Entrarei em contato com você o mais rápido possível.

—Você me odeia? —perguntou com um sussurro, olhando para ele com seus grandes olhos verdes.

—Não sinto nada, Sheela. —Ela apertou a bolsa que levava em seu ombro, contra o lado, como se fosse uma boia salva-vidas. E, de algum modo, naquele instante era—. Acompanho você até a saída.

Paige havia encontrado em seu afastamento dos palcos uma paz que não se lembrava de experimentar desde o dia em que decidiu abandonar Portland. Durante aquelas três semanas teve algumas reuniões com Galeana. Sim, a mulher era implacável e um bloco de gelo, mas também sabia ouvir. E isso era muito importante para Paige.

Depois de pensar minuciosamente, e sob o conselho e aprovação de Melinda, decidiu comprar uma casa em Arlington Heights. Poderia ter feito muito tempo atrás, mas não encontrava motivos sólidos para isso. Passar dois dias em um hotel e, em seguida, desaparecer —quando Anthony tinha a ousadia de chantageá-la— era mais o seu estilo, mas agora tinha pouco mais de dois meses pela frente e a situação era diferente. Não podia comparar sua vida atual com a casa desgastada de Forest Grove, e que ela sempre via com olhos sonhadores. A propriedade foi demolida quando sua mãe morreu, e Paige sentiu um alívio indescritível.

Coral, é claro, reclamou por causa da demolição, mas depois ficou calada quando ganhou uma casa nova em uma área bastante pitoresca e segura. Claro, o título da propriedade estava no nome de Paige e Shawn. Nem se fosse louca a colocaria no nome de Coral, sua irmã era capaz de deixar para Anthony se ele ameaçasse deixá-la.

Abriu a janela do seu quarto. A casa tinha um estilo vitoriano e todas as instalações internas eram muito modernas. Com dois andares e vários quartos, que não ultrapassavam três, era mais do que suficiente. O ar entrou em abundância.

Voltou sobre seus passos e sentou-se na poltrona vermelha de encosto alto que tinha comprado para tocar violão. Todos os dias, além das atividades de caridade e das visitas surpresa ao hospital para pessoas carentes, ensaiava suas novas canções. Teria que escolher entre um total de vinte e cinco, apenas dez. Ela não era uma artista do tipo que comprava letras de escritores musicais famosos. O que tinha saía de sua própria inspiração. Do contrário, não poderia cantá-las nem vendê-las como suas.

Com um sorriso lembrou-se de como seu sobrinho Shawn a havia recebido dias atrás. Os olhinhos azuis se iluminaram ao encontrá-la na porta da escola. Não sem ter que brigar com seu cunhado e Coral, Paige conseguiu que a escola a designasse como contato alternativo de Shawn, e podia buscá-lo na saída das aulas, sem problemas.

—Tia, Pai! Tia, Pai! —havia gritado enquanto corria com o seu uniforme e a mochila no ombro, e um sorriso resplandecente.

Ela andaria descalça sobre pedras só pra ver aquele sorriso.

O menino havia feito ela prometer que não se afastaria dele tão rápido. E aquela não era uma promessa difícil de cumprir.

Sua irmã era um caso diferente.

Coral só reclamava que ela tentava comprar o carinho da criança com os presentes. Quando

ela iria entender que o amor não se comprava com presentes?, ela pensava e perguntava a si mesma. Era evidente que Shawn era um menino que precisava de atenção e que seus méritos, por menores que fossem, fossem reconhecidos para que ele adquirisse confiança em si mesmo. O dinheiro não tinha nada a ver.

Para alívio de Paige, seu cunhado parecia estar entretido brincando de fazendeiro na periferia da cidade e só voltava aos fins de semana para atender a oficina mecânica da qual era dono. Quase não o via, e também não era seu maior desejo encontrá-lo. O evitava, e —salvo se ele precisasse de mais dinheiro— Paige podia ir e vir à vontade com Shawn, sem que Anthony desse a menor importância.

Como era tão tonto e incapaz de perceber o filho maravilhoso que tinha?, pensava Paige enquanto afinava seu violão.

Era sábado à noite, e não tinha planos para sair a lugar nenhum. Quão solitária podia ser a vida de uma pessoa que tinha tudo, mas eram poucos os que se aproximavam para querer conhecê-la de verdade. Suspirou e começou a marcar os primeiros acordes da música que acreditava ser a sua quinta escolha. *Quatro dias sem você*. Era uma canção que falava de sua experiência emocional quando seu pai morreu.

Estava trabalhando em um álbum mais pessoal. Diferente. Mais sincero.

Melinda a fez prometer que não ia deixar de aproveitar sua estadia só porque tinha que cuidar com sua reputação. Na verdade, sua amiga lhe disse que, caso conhecesse alguém que despertasse seu interesse durante sua estadia no estado de Oregon, só precisava chamá-la e ela a ajudaria. Como sempre, Melinda conhecia os pormenores, não só de sua vida passada na pobreza, das chantagens e do assassinato, mas também sobre as cláusulas do contrato. Era sua única amiga. Podia confiar nela.

Só existia um segredo que não havia lhe contado, e esse segredo era sua tortura. Não entendia por que considerava o ocorrido com Blake como algo mais perigoso de falar a respeito do que todas as desgraças passadas. Talvez porque temia que, se falasse dele no passado, então jamais voltaria a vê-lo? Estava sendo ridícula.

Passava o dia seguindo a agenda de Galeana. Durante as tardes saía com seu carro para percorrer os lugares remotos na periferia. Gostava da bela natureza que tornava a cidade de Portland tão atrativa. Chegava exausta à noite, e aproveitava para relaxar com a sua música. Começava a se acostumar com a vida calma.

Mas isso era recente. Era quase uma novidade não ser o centro das atenções, e não exatamente por realizações louváveis. "Pobre da celebridade que hoje seja o centro do furacão das fofocas", pensou. A única coisa boa era que tudo estava parado no mundo de luzes e aplausos. Depois que deixava de ser notícia, depois de três dias, ou uma semana, se fosse Angelina Jolie ou Brad Pitt, então poderia ficar aliviada porque já havia outra vítima das fofocas e das más línguas.

Assim era o circo midiático.

De fato, os meios de comunicação ficaram loucos quando ela anunciou sobre seu tempo fora dos palcos para trabalhar em um novo álbum, e muito mais quando falou sobre sua assinatura temporária com a Lion Records. Não falavam de outra coisa, e não tardaram a bombardear Galeana e sua equipe.

A mulher, Paige não sabia como, conseguiu que os pedidos para entrevistas —além das que já havia dado em Los Angeles— continuassem. Inclusive se surpreendeu com o fato de que os paparazzi que a seguiam a deixassem em paz. Alguns jornalistas queriam saber o que havia motivado Blake Howard a lhe dar uma chance quando ele se dedicava apenas a novos talentos, e não a artistas já consolidados no mercado. Uma declaração contundente sobre segundas

oportunidades e confiança no talento, entre outras coisas, por parte de Galeana, deixou os entrevistadores satisfeitos. Não voltaram a insistir sobre Blake. Na verdade, pareciam quase habituados que o homem não aparecesse em nenhum evento de sua própria empresa, e que Galeana ou Macron estivessem sempre à frente.

O que a responsável pelas relações públicas da gravadora teria prometido para que deixassem Paige em paz? Às vezes, Paige pensava que com tantos artistas jovens contratados pela Lion Records, certamente ela teria oferecido várias exclusivas a diversos meios de comunicação para o restante do ano. A verdade é que não se importava.

Só restavam nove semanas e então assinaria o contrato.

Estava mais do que feliz com a ideia. Seu novo álbum a deixava empolgada. Também tinha pensado em mudar sua aparência. Talvez umas luzes no cabelo. Sorriu enquanto movia os dedos entre as cordas do violão.

Já tinha a sua sexta canção.

O estômago roncou quando fechou os olhos e recostou a cabeça contra o encosto. Havia passado mais de duas horas desde que se acomodara para ensaiar. Costumava perder a noção do tempo com sua música.

Era hora de jantar, mas não tinha nada na geladeira. Cozinhar não era sua especialidade. Poderia contratar um chef de cozinha ou até mesmo uma equipe de funcionários à sua disposição para que a ajudassem, mas preferiu não fazer isso dessa vez. Apesar de ter que pedir comida todos aqueles dias, quando poderia ter todos os luxos à disposição, tinha tomado a melhor decisão ao estar sozinha. Quando poderia voltar a desfrutar da, por enquanto aparente, calma que a rodeava? Valorizava aqueles dias como ouro em pó.

Um jantar sozinha, em um restaurante sozinho ou longe do barulho da cidade, seria ótimo. Não é que fosse a única estrela da música pela qual a imprensa pudesse se interessar. Já tinha Galeana trabalhando em sua imagem e coordenando tudo com sua assistente pessoal em Los Angeles para que tudo se encaixasse perfeitamente no esquema que estavam armando para o benefício da Lion Records, e a sua reputação pessoal.

Por outro lado, tinha outro motivo para manter-se otimista. Uma pessoa alheia aos interesses comerciais, próprios do mundo das luzes e das aparências em que ela trabalhava, estava interessada nela.

Sorriu com a ideia de devolver a ligação a Kirk, o amigo dos Daniels que havia estado no aniversário do pequeno Rubens.

Depois que Blake havia abandonado a festa, ela relaxou e conseguiu conversar com Kirk mais profundamente. Era um homem inteligente e com um ótimo senso de humor. E ao saber que ela estaria fora de Los Angeles, perguntou-lhe se a incomodaria que ele fosse um fim de semana para convidá-la para jantar. Só porque não queria dar o que falar para as poucas pessoas que poderiam reconhecê-la, teve que recusar o convite, mas gostava da companhia de Kirk. Pena que não conseguisse que seus cinco sentidos entrassem em curto circuito apenas por a sua presença.

Às vezes, era melhor não pensar no que não se podia ter.

Antes de entrar no chuveiro, chamou sua irmã para perguntar se ela gostaria de jantar comida tailandesa, e também se poderia levar sorvete com Nuggets de frango para Shawn. Coral disse que sim, só porque naquela noite estava exausta e não queria fazer o jantar. Aceitou relutante. "Se Anthony estivesse, com certeza não viria, não sei por que o detesta tanto, é um homem que só quer a sua ajuda e você recusa. Como não vai chantageá-la? Ele não tem outra maneira de conseguir que você o apoie em suas iniciativas", disse ela, e Paige fez o melhor que pode para evitar uma resposta afiada. Às vezes, se perguntava se, no parto das duas, por acaso sua irmã

teria ficado com uns neurônios a menos. Como podia ser tão insuportável! Só porque queria ver Shawn, ignorou as burrices de sua irmã.

—Você está tomando sua medicação? —perguntou à irmã antes de desligar o telefone. Quero lembrar que, assim como eu abro crédito para você comprar, eu também posso fechar. Você não pode sumir em uma depressão. Tem ido ver o doutor Tomlinson?

—Paige, minha mãe morreu há um tempo atrás, não preciso de uma substituta.

—Eu me preocupo porque você é minha irmã.

—Se revisar a nossa história passada, então vai entender porque eu não me sinto tão comovida.

—Não sei porque sempre temos que discutir o mesmo...

—Porque você nunca me pediu desculpas.

—Por ter ido atrás do meu futuro, por ter alcançado sucesso, e por usar o meu dinheiro para ajudar você, apesar de ser uma ingrata? —soltou um ar de irritação—. Vejo você em pouco tempo, Co-Co. Para o bem de Shawn, tente não ser impertinente.

—Meu filho é importante para mim.

—Então talvez não deveria ter, o tempo todo, comentários da professora em seu diário escolar expressando sua preocupação por a criança pegar no sono na sala de aula.

—Você é uma pedra no sapato, Paige.

—Será que isso significa que você não está dormindo bem e arrasta Shawn para seus problemas de sono?

—Estou consultando com esse doutor fajuto. Cumpro os turnos no trabalho. Me mantenho discreta para que a senhorita famosa que não se sinta ameaçada, caso se pergunte. E se Shawn fica acordado até tarde é porque fica esperando que Anthony volte no meio da semana o mais rápido possível desde que comprou aquela fazenda. Não devia ter comprado.

"Agora a culpa é minha?", perguntou a si mesma com incredulidade.

—Vejo você em breve, Co-Co.

Procurando esquecer a raiva que a atrevida e irresponsável Coral a causava, Paige abriu o chuveiro e entrou debaixo da água.

CAPÍTULO 14

—Eu tenho uma ótima novidade pra você, irmãzinha —disse Coral com um sorriso de orelha a orelha. Paige não comentou nada, e continuou comendo, enquanto Shawn a imitava com entusiasmo—. —O quê? Você não vai me perguntar do que se trata?

Devagar, Paige deixou de lado os talheres. As boas notícias de sua irmã, em geral, não eram assim tão boas para ela. Por isso tentou preparar-se para reagir com calma.

—Claro que me interessa, Co-Co. Me conta.

Coral sorriu. Um sorriso muito parecido com o de Paige. Talvez a única coisa que os diferenciava perante os olhos de quem conhecia o sorriso das duas, é que Coral tinha um pequeno espaço entre os dentes da frente, ao contrário da perfeita dentadura de sua irmã gêmea.

—Na verdade —começou, e segurou a pequena mão de Shawn— é algo que este pequeno está me pedindo há muito tempo. Pensei em esperar até que Anthony estivesse junto para dar a grande notícia.

—Pois, me diga logo —pediu Paige, e olhou sorrindo para o seu sobrinho. O menino era muito perceptivo, por isso ela cuidava muito das reações que tinha em frente a sua irmã maluca. Deu uma piscada para Shawn.

—Você vai ser tia de novo!

"Ai, não, demônios", pensou Paige. Sua irmã, mal conseguia ser responsável por um, e agora teria outro filho. Que cabeça?

—Uau... —foi o que conseguiu dizer— de quantos meses você está?

—Três, mas olha —disse alegre, ficando de pé— não dá pra perceber. Exceto pelos seios que têm crescido um pouco, mas fora isso, continuo com a mesma aparência.

Paige tentou digerir a notícia. Uma criança é sempre uma benção, mas quando seus pais eram um caos emocional, a possibilidade de estar passando por um momento de negligente egoísmo era alta.

—Não imaginei que você queria ser mãe de novo Co-Co —disse ela para tentar saber o que passava na cabeça de sua irmã menor.

A diferença entre uma e outra ao nascer era de um minuto. Paige era a mais velha.

—Anthony sempre quis mais um filho, então, já que estamos indo bem, eu disse que estava de acordo.

—Você já falou com o doutor sobre isso? Você sabe, por esse problema da sua ansiedade...

Depois do parto de Shawn, Coral havia caído em um quadro de depressão pós-parto terrível. Não queria saber da criança. Negava sua existência. Perdeu um de seus vários empregos de meio período que conseguia e abandonava a cada momento. Brigava constantemente com Anthony a ponto que Paige chegou a sentir pena por seu cunhado, e isso dizia muito sobre a gravidade da situação. Coral também ameaçava Paige de tornar público o seu segredo sobre a morte do padrasto de ambas, e que todos soubessem que existia uma mulher exatamente igual a Paige Valois vivendo em Portland, mas que trabalhava em um supermercado em vez de estar desfrutando a vida de luxo da irmã famosa.

Durou dois meses infernais aquele quadro. Tentou suicídio uma vez, mas Anthony chegou a tempo de impedi-la.

A internaram durante três semanas em uma clínica para que descansasse e voltasse ao normal, sob as instruções do doutor Tomlinson. Paige estava na Europa, e teve que suspender as duas

últimas datas para voar de volta para os Estados Unidos. Disse a Josh que sua irmã estava com problemas, e ele se encarregou de resolver o resto da sua turnê para que voltasse logo para casa.

Todo aquele quadro anterior era o motivo principal pelo qual Paige tanto odiava Anthony. Era tão miserável que usava sua pobre irmã, fazendo com que se passasse por ela em situações comprometedoras, toda vez que se recusava a dar o dinheiro que pedia ou qualquer outro favor. Como alguém poderia brincar com a saúde de outra pessoa em sã consciência?

As bebedeiras, os amantes e as outras coisas, eram todas orquestradas por Anthony. Os supostos amantes com os quais Paige saía em Portland eram amigos do seu cunhado, que se prestavam para seus esquemas. Na verdade, nunca acontecia nada, segundo Co-Co, e Paige acreditava porque sua irmã tinha dignidade e cuidava de seu corpo. Além disso, Anthony era extremamente ciumento, mas era a ambição que inibia seu ciúme e conseguia que seus amigos participassem de seus idiotices para chantagear Paige.

As ligações anônimas à imprensa no momento exato eram cortesia de Anthony, é claro, ou de algum amigo solidário que recebia um pouco de dinheiro, já que Paige queria acalmar a imprensa. Depois de todos os escândalos, Coral seguia sua vida, afinal, não era o seu nome que se envolvia em sujeira na imprensa local e internacional.

Quando Paige a confrontava, Coral se irritava e recorria à pobre desculpa de que era um problema de casal. Aquela desculpa era tão desprovida de sentido lógico, e tinha como ponto de partida a sua falta de medicação. Coral acatava tudo o que Anthony queria em benefício de seu casamento. "Nunca acontece nada com outros homens. Já com o licor é diferente, mas, eu gosto de beber de vez em quando", havia dito a Paige em uma ocasião.

Acaso não era doentio? Quase parecia a introdução de um romance de Stephen King, pensava Paige, angustiada sempre que negava algo a Anthony.

Ela não culpava sua irmã, porque Coral era vítima de sua condição, só por isso tinha paciência e tolerava as provocações dela. Mas Anthony ia pagar totalmente por elas. Seu detetive particular estava trabalhando a tempo integral, minuciosamente. Só esperava seu investigador particular, Will Valash, logo pudesse entregar as provas que levariam Anthony às autoridades. Além da chantagem, a vida que seu cunhado levava fora da oficina de automóveis era um mistério. Paige tinha certeza de que existiam negócios sujos, e sua intuição nesse sentido não falhava.

Tinha plena certeza de que tudo teria um final justo, e então ela poderia tomar medidas para limpar o seu nome. Assinar com a Lion Records era a sua saída para voltar triunfante aos palcos e dar um tapa com luva branca na imprensa.

Por isso, a notícia de que Coral ia ser mãe de novo, lhe causava angústia. Outra criança nessas circunstâncias? Meu Deus! Era um trunfo a mais para Anthony aprontar das suas.

—Claro, o doutor Tomlinson me deu os parabéns.

—Eu vou ter um irmãozinho! —exclamou Shawn.

—Ou uma irmãzinha —murmurou Paige com um sorriso que não transparecia no olhar—, por isso, agora você precisa se comportar melhor do que nunca. Assim vai ser um exemplo.

—Claro, tia, Pai.

—Paige, pode me fazer um favor? —interrompeu Coral.

—É claro.

—Quando eu contar na frente de Anthony, você finge surpresa?

"Não duvide", ela pensou.

—Conte com isso. —Teria tempo para pensar como proceder depois que seu sobrinho ou sobrinha nascesse. Agora estava correndo contra o relógio, e tinha que entrar em contato com Will para pedir que se apressasse em conseguir as provas contra seu cunhado.

Galeana tinha tudo controlado. Estava feliz por Paige ser uma pessoa que realmente amasse a música e, ao mesmo tempo, cumprisse com o indicado no contrato, já que assim facilitaria o seu trabalho. Os ânimos da imprensa haviam se acalmado desde que ela prometera uma exclusiva com Paige muito em breve.

Não podia se apressar em seus planos.

Por enquanto coordenava com sucesso as atividades mais discretas, mas que ela enviava à imprensa, em sua missão de limpar a imagem de Paige. Ela estava conseguindo, porque as manchetes agora questionavam se por acaso Paige estava voltando ao bom caminho ao voltar para sua cidade natal e fazendo uma pausa. Era o tipo de resposta que Galeana estava buscando.

Seu trabalho era reconfortante e, às vezes, também era uma merda. Principalmente quando tinha que deixar o coração de lado para alcançar seus objetivos corporativos, sem importar quem saía perdendo no processo. O que tornava seu trabalho, algumas vezes, difícil de lidar, também era o que trazia o prestígio que buscava para seus chefes. Apoiou a cabeça sobre as palmas das mãos e observou a grande mesa de escritório onde estava trabalhando há tantos anos.

Devia muito a Blake e também a Macron por terem confiado nela no momento em que mais precisava de um lugar para recuperar a confiança em si mesma. Sua lealdade à Lion Records era cega. E por esse motivo, apesar de suas dúvidas —o que não costumava ter—, pegou o telefone e ligou para dois de seus grandes amigos da televisão e da imprensa escrita.

—Olá, Jagger —disse ela, quando seu amigo da Leisure Gossip respondeu ao terceiro toque da chamada—, prometi ligar com uma proposta interessante.

O homem, que dirigia a revista mais lida do país, riu. Ele e Galeana se conheciam, e haviam dormido juntos muitos anos atrás, quando era apenas um menino oito anos mais novo que ela, e ambos pretendiam desfrutar do momento.

—Como sempre —respondeu o agora editor da revista—, eu mentiria se dissesse que não me surpreendeu com a bomba de que Paige Valois seria representada por você nas questões de relações públicas e que teria o apoio da Lion Records. Você vai me conseguir uma exclusiva com o seu chefe evasivo?

Galeana riu. De todos os jornalistas que conhecia, Jagger era o mais insistente —apesar dos anos e das inexistentes esperanças— na ideia de que Blake Howard desse as caras e contasse sua história de sucesso. E não apenas de sucesso, mas também qualquer outra informação que desse o que falar.

—Eu adoraria, mas isso não é negociável.

—Uma pena.

Galeana sorriu.

—Sem dúvida. Em todo o caso, Jagger, dentro de um mês você vai ter a melhor exclusiva sobre Paige Valois. Em troca, quero lembrá-lo que...

—Eu tenho que falar do seu trabalho para voltar ao lado bom da vida, não é?

—Exatamente.

—O que me garante que depois de eu contribuir com o seu trabalho, você vai contribuir com o meu de verdade?

Galeana fez sinal para sua assistente, que naquele momento passava em frente à porta de seu escritório, para que se aproximasse.

—Eu nunca falhei com você.

—Nisso você tem razão. Mudando de assunto, me diz uma coisa, você está livre esta noite?

Galeana soltou uma gargalhada.

—Jagger, esse barco partiu há muito tempo. Vou mantê-lo informado. Só queria lembrá-lo do nosso acordo.

—Uma pena, porque eu gostaria de desfrutar a vista nesse barco novamente... Em todo caso, minha linda Galeana, vou esperar sua ligação. Entretanto, você precisa lembrar de uma coisa. Se não cumprir o que promete, então...

—Você vai destruir Paige. Eu sei.

—Fico feliz que nós nos conhecemos tão bem.

—Até breve, Jagger.

Galeana pediu que sua assistente lhe trouxesse a agenda de Paige para as atividades da semana seguinte. Esperou um tempo até ligar para Mike Shug, apresentador do GO+, um programa de fofocas de celebridades. Concorrente direto de seu antigo amante. Ela sabia que Jagger ligaria para Mike para sondá-lo se por acaso conhecia algum detalhe especial de Paige que ele ignorasse, por isso, Galeana ia dar duas horas para ligar para Mike. Ela já sabia que tipo de informação passaria para um e para o outro, mas, o mais importante, em que momento faria isso. Eram muito competitivos e extremamente implacáveis. Gostavam de ser únicos, e Galeana os fazia crer que era exatamente assim sempre.

Uma das coisas importantes em trabalhar com relações públicas era aprender a lidar com o *timing*. Se cometesse um pequeno erro, as consequências —em especial com a imprensa— poderiam ser catastróficas. Por isso tratava de dosar as informações, jogar um pouco com os egos, e depois negociar o que podia ganhar em troca de certos benefícios dos artistas que a gravadora de Blake e Macron contratavam.

Pediu à sua assistente, Debra, que organizasse um jantar com crianças com necessidades especiais de um centro médico estadual em Eugene, uma cidade do estado de Oregon, para que Paige participasse e cantasse para elas algumas canções; e depois, tirasse algumas fotos para distribuir on-line à imprensa. Depois marcou a visita a um museu na cidade de Gresham para que Paige comprasse um quadro, e autografasse uma foto gigante que a famosa Annie Leibovitz havia feito para ela como doação. Essas eram as duas atividades. Cuidava para que Paige fizesse aparições específicas, mas com grande impulso da mídia pela causa que defendia.

A semana seguinte seria diferente. Já não trabalharia com crianças, mas com lugares para resgate de animais. Também incluiria um aquário. Depois deixaria que Paige descansasse, para que as últimas notícias que havia prometido a Jagger e Mike tivessem o impacto que Blake havia pedido no dia em que decidiu contratar Paige.

Afinal, a ideia era elevá-la à glória, para que a queda fosse embaraçosa e Paige não trabalhasse para a Lion Records.

Galeana levava muito a sério suas responsabilidades. Sem coração.

O tempo passou muito rápido, enquanto resolvia os detalhes com os artistas aos quais tinha que dar destaque essa semana, bem como com a organização de uma conferência de imprensa onde iriam anunciar a contratação de Diana Mars, a nova voz da música pop local.

Todos eram sempre novos, e eram poucos os que duravam. Assim era a vida.

Pegou o telefone e discou o número de Mike.

Dois dias depois.

—Existe algo que você não está me dizendo? —perguntou Blake a Galeana, quando foi pedir um relatório sobre Paige Valois.

Galeana o olhou, franzindo a testa.

—Não sei que tipo de pergunta é essa, Blake.

Ele se aproximou e se apoiou com as duas mãos sobre a mesa.

—Conheço você perfeitamente. Eu sei que não costuma falar de suas estratégias, e antes que eu possa criticar seus métodos, já conseguiu os resultados que eu pedi. Então, qual é o plano por trás da campanha com Paige?

—O que eu pensei inicialmente. Que não fique na empresa.

—Eu gostaria de saber como você vai conseguir isso —disse com sinceridade.

—O que faz essa ocasião diferente das anteriores, Blake? —perguntou desconfiada—. Você nunca se importou com o que eu faço ou deixo de fazer para cumprir suas ordens, ou as de Macron. —Ele a fulminou com o olhar—. Sou mais velha que você. E você conhece o dito popular "mais sabe o diabo por ser velho do que por ser diabo". —Blake deixou escapar um suspiro cansado—. Espero que não tenha acontecido nada entre vocês, porque isso poderia dificultar o meu trabalho. Não questiono o que você faz ou não, mas se há algo adicional que eu deva considerar, gostaria de saber para poder reprimir as possíveis consequências. Me entende?

—Minha vida pessoal ou profissional, não se discute jamais. É uma das regras de ouro na nossa relação de trabalho. Não comece a quebrá-la agora, Galeana.

Ela deu de ombros. Talvez outras pessoas ficassem nervosas ao ouvir a voz intimidadora de Blake, mas ela não. O conhecia bem, além disso, já tinha alguns anos de experiência profissional. Embora fosse indiscutível que, em certas ocasiões, preferia lidar com Macron a ter que encarar o rabugento Blake.

—Simples curiosidade —sorriu.

—Quero que me diga o que você está fazendo para limpar a imagem de Paige, além do que eu li em seus relatórios diários e semanais.

—Qual é o seu objetivo em relação a ela, mantê-la a curto ou a longo prazo na Lion Records? —respondeu em contrapartida.

—Que não fique na empresa, e não produza nenhuma de suas canções.

—Seu objetivo vai ser cumprido. Não precisa se preocupar. A reputação da gravadora está e estará a salvo.

Blake se afastou da mesa e cruzou os braços.

—Tudo bem. Agora eu tenho que sair da cidade. Já sabe como me encontrar em caso de alguma emergência, embora Macron esteja sempre.

Galeana assentiu.

—Boa sorte, Blake.

—Não preciso, mas aprecio a intenção —disse em tom cortante.

Geralmente, Blake não era tão idiota na sua maneira de se comportar com as outras pessoas, mas naquele dia tinha sido uma completa desgraça. Literalmente.

Depois de pensar profundamente, comunicou a Sheela que considerava que a melhor maneira para seu labrador parar de sofrer era colocá-lo para dormir. Prolongar a sua dor, apenas para que eles como donos o tivessem por mais tempo, era egoísta. Mantê-lo drogado para que ele não sofresse também não seria uma vida com qualidade para alguém tão doce e cheio de vida como Tritão.

Haviam ido juntos naquela manhã, ele e Sheela, ao veterinário com seu fiel amigo. Não podia comportar-se como um idiota, então, abraçou Sheela enquanto ambos seguravam as patinhas

peludas de Tritão. Blake costumava ser uma pedra, nada o dobrava nem o comovia, mas seu cachorro era uma coisa completamente diferente. Algumas lágrimas rolaram de seus olhos quando ele ficou imóvel sobre a mesa do veterinário.

O médico os deixou por um tempo para que ficassem a sós com o corpo de seu animalzinho.

Em vez de enterrá-lo, decidiram cremar seus restos mortais, para que Sheela ficasse com suas cinzas em casa. Tritão era a última ligação que lembrava o casal que uma vez haviam sido, e aquele cachorro, era o mais próximo possível de um filho para ambos.

Estava triste, pela primeira vez desesperado, e precisando de um outro consolo além de licor ou de uma mulher em sua cama. O tipo de tristeza que ele sentia não conseguia explicar. Por isso, agora em seu jato particular a caminho de Portland, não entendia de que forma Paige Valois poderia ajudar para que o seu humor melhorasse.

Talvez brigar ou discutir com ela devolvesse o ânimo que havia perdido. Talvez ver o brilho em seu olhar o estimulasse a provocá-la. Talvez...

Blake havia desistido em sua cabeça de questionar suas ações ou emoções com relação a Paige. De que adiantava tentar encontrar algum sentido em algo que não tinha sentido? Sua vida sexual depois da noite que tinham passado juntos, era inexistente. Jennifer o havia mandado aos infernos, e ele aceitou aquela situação porque, embora tentasse sair com outras mulheres, a imagem que tinha gravada na retina era a de uma cantora de cabelos dourados, olhos azul-anil, pele de alabastro, sorriso hipnotizante e a voz de um anjo. Como poderia melhorar aquela maldita combinação?

Com certeza a mulher o havia enfeitiçado.

Uma vez que pousou em Portland, alugou um carro e dirigiu até Arlington Heights. A descrição de Galeana costumava sempre ser precisa. Havia dito que era a casa número 3192, de dois andares, em estilo vitoriano, elegante, com uma cerca branca e cheia de flores no jardim da frente. Essa era a casa que ele iria buscar.

Apesar de que as canções de Paige tinham uma pitada de rebeldia, ousadia e apenas um pouco de romance, ele tinha visto um lado mais apaixonado e íntimo dela. Um lado que não queria que ninguém mais conhecesse. Finalmente aceitava, depois de três malditas semanas de trabalho infernal e de dois dias que o fizeram decidir colocar seu labrador para dormir, que ele tinha assuntos inacabados com Paige e pensava em ficar em Oregon até identificá-los e resolvê-los.

CAPÍTULO 15

—Voltou a filha pródiga do estado de Oregon —disse Anthony quando Paige abriu a porta para ele. Estava brincando com seu sobrinho—. Já sabia por minha esposa que você estava pela cidade. Profissionalmente acabada, Paige? —perguntou com malícia, dando uma batida na porta.

Ela se virou para continuar o que estava fazendo.

Coral estava trabalhando no supermercado no turno da tarde, por isso Paige se ofereceu para cuidar do sobrinho. Não queria que mandasse Shawn para os avós paternos, como sua irmã costumava fazer a maior parte do tempo quando ela estava na cidade e tinha uma casa para acolher o pequeno.

Estava um pouco cansada, porque havia recém retornado do evento no museu da cidade de Gresham, recebeu a ligação de Coral para que fosse pegar Shawn. Nessas três horas que estava com o menino, havia dado banho, cozinhado para ele, e agora jogavam quebra-cabeças. Estava com as energias esgotadas, mas não mais do que quando trabalhava nas turnês promocionais.

—Pelo seu bem, espero que não seja assim, não concorda? —respondeu sem deixar de brincar com Shawn, que tinha acabado de receber seu pai com um abraço. Pelo menos seu cunhado não despreza o afeto da criança, pensava ela—. Pra você é melhor que não matem a galinha dos ovos de ouro.

—Quem sabe, meus negócios ultimamente não vão bem —disse entrando na cozinha. Enquanto abria a geladeira gritou—: Espero que não tente me sabotar.

—É mesmo? E como eu poderia conseguir tal façanha quando não vivo nessa cidade e tudo o que você faz não me importa nem um pouco? —perguntou ela, sem deixar de brincar com Shawn.

Com uma cerveja na mão, apoiado contra o marco da porta da cozinha com o ombro, Anthony observou a cena. Bebeu em silêncio.

—Quero que me faça um empréstimo.

—Que pedido mais estranho —disse com sarcasmo—, se você acabou de conseguir uma propriedade avalizada por mim. Além dos duzentos mil dólares em sua conta. Não sei o que você tem em mãos, mas...

—Não é pra mim —interrompeu-a com um tom de voz que quase parecia arrependimento. Quase.

Paige disse a Shawn com uma voz baixinha que ele seguisse unindo as peças, pois ela iria falar com seu pai um instante. Saiu da sala e fechou a porta apenas o suficiente para vigiar Shawn, mas para que ele não escutasse a conversa que iria ter com Anthony. A mudança no estado de humor em seu cunhado para um tom mais calmo, quando estava sempre tentando intimidá-la ou ameaçá-la, era tão rara que a deixou em alerta.

—O que aconteceu? —perguntou. O fato de que ele e sua irmã sabiam onde estava morando já era por si um risco, mas não podia excluir sua família, embora neste conceito não estivesse incluído seu cunhado.

Anthony olhou para um lado.

—Talvez eu me envolvi com pessoas erradas —disse deixando de lado a garrafa de Stella Artois.

—Talvez? Não me diga —disse incomodada.

Paige cerrou os dentes e cruzou os braços.

—Eu fiz algumas transações que talvez não deram muito certo. Peguei um pouco mais de dinheiro emprestado. Era um negócio promissor, mas não foi conforme o esperado, e agora estou devendo cinquenta mil a um cara. Eu tenho seis dias de prazo para pagar...

—E se não pagar? —perguntou quase com medo.

—Os juros vão tornar a dívida impagável, e também farão algo contra sua irmã ou seu sobrinho.

Ela soltou os braços, derrotada. Não aguentava mais, simplesmente, não aguentava. Fez um gesto de negação com a cabeça, e deixou Anthony esperando em sua cozinha.

Caminhou até onde estava Shawn e abraçou-o, sem dizer nada. A criança, sem saber das emoções que transbordavam em Paige, lhe devolveu o abraço, e ela deixou escapar as lágrimas em silêncio. Não se importava que o idiota do seu cunhado estivesse esperando do lado de fora.

Ficou um tempo naquele estado, sentido o aroma tão típico de uma criança, e em nenhum momento ele reclamou. Era esse amor incondicional o que a impulsionava a deixar tudo por Shawn ou a suportar as chantagens de sua irmã e de seu cunhado.

Quando estava segura de poder encarar Anthony outra vez, pediu a Shawn que fosse ao seu quarto para ver desenhos animados um pouco.

Já de pé, voltou para a cozinha, e olhou para Anthony.

—Então, agora sou eu quem põe as condições. Você não tem com o que me chantagear. Você pode fazer o que quiser, mas não coloque mais o meu sobrinho nem a minha irmã em perigo. Ficou claro?

—Se você pensa assim...

—Preciso ver se Shawn está bem. Não se atreva a fazer nada de que possa se arrepender. Os alarmes dessa casa são sensíveis e se eu descobrir que você está tentando me enganar, de alguma maneira, eu chamo a polícia.

—Vou desfrutar do seu fornecimento de cerveja.

Ela o fulminou com o olhar antes de deixar o cômodo. Tinha que verificar que seu sobrinho estivesse bem. Ficar muito tempo sozinho não era seguro para nenhuma criança. Paige abriu a porta do quarto que havia decorado para Shawn. O encontrou com um grande sorriso.

Claro, como não estaria tão quietinho se estava com o cabelo cheio de tinta preta e a roupa manchada de batom? Paige acocorou-se ao seu lado.

—Rapazinho, de onde é que você tirou isso?

O menino apontou para a bolsa em que Paige costumava guardar sua maquiagem. Costumava deixá-la em seu quarto perto da cama. Não tinha pensado que Shawn passaria aquela tarde com ela, por isso esqueceu de colocar na cômoda alta tudo aquilo que ele pudesse pegar como brinquedo.

—Do seu quarto —disse ainda sorrindo. Depois fez uma expressão de tristeza—: Você está braba, tia, Pai?

—Não... —suspirou— não, meu anjo. Vamos ter que tomar outro banho.

—Nãã! —choramingou.

—Sinto muito, querido. Não temos outra opção. Mas se você deixar eu tirar toda essa pintura, vamos pedir pizza. O que acha?

—Sim, tia Pai! —exclamou.

E com isso, levou-o ao banheiro, e começou a tarefa de tirar as manchas de tinta. Depois colocou toda a roupa suja para um lado e preparou a banheira. Ia levar um bom tempo. Esperava que Coral chegue logo, porque estava exausta. Não podia se dar o luxo de ficar dormindo com uma criança pequena a seus cuidados. Além disso, tinha o cretino de Anthony a esperando no

andar de baixo.

Não podia acreditar na cara de pau que ele tinha para ir pedir mais dinheiro, e ainda dizer que sua irmã e seu sobrinho estavam em perigo. Quando terminou com Shawn, o menino deixou escapar um bocejo. Ela sorriu, o deitou e lhe deu um beijo na testa.

—Tesouro, eu vou descer um pouco, fique dormindo e quando sua mamãe chegar eu acordo você para ir para casa.

—Eu quero morar aqui —sussurrou, sonolento.

—Eu queria o mesmo, mas você tem seu papai e sua mamãe que o amam, meu príncipe. Estarei aqui sempre que você quiser, por acaso não sou sua tia favorita?

Ele riu.

—Sim, tia, Pai.

—Então, agora, durma Shawn. Vou deixar ligada a música que você gosta.

—Já sou grande, não tenho medo.

Ela sorriu. Porém, o sol estava alto no céu. Shawn tinha medo do escuro, mas durante a sua soneca, dizia que não tinha medo de nada.

—É claro que não tem medo. Descanse.

Desceu as escadas e encontrou seu cunhado com seis garrafas de cerveja vazias sobre a mesa de centro da sala. Ela olhou para o relógio. O tempo havia passado rápido. Havia deixado o tonto Anthony durante quase uma hora. E lá estava o resultado. O homem não costumava ser um bêbado, ao menos, não que ela soubesse. Não acreditava que sua irmã fosse tão estúpida para ter escolhido alguém que repetia o padrão do padrasto de ambas, embora não se podia duvidar de nada quando se tratava de Coral.

Daria o benefício da dúvida.

—Demorou demais —disse ele apontando para as garrafas, com aquela que tinha acabado de abrir naquele momento— e eu me entrenti.

—Estou vendo —cerrou os punhos ao lado do corpo— nem sequer perguntou por seu filho. Por acaso não lembra que tem alguém por quem deixar de fazer tantas bobagens?

Anthony se levantou. Ou, pelo menos, tentou.

O leve cambaleio ao caminhar, confirmava a Paige suas suspeitas de que os homens com quem seu cunhado havia se metido dessa vez eram perigosos. Anthony não costumava perder o controle. Algo deveria estar realmente mal para que tivesse bebido tanto. E, além disso, que tivesse feito caso, em vez de ameaçá-la como costumava fazer. "Deus, por favor, o ilumine ou o elimine."

Pensava em dobrar o pagamento a seu detetive particular se conseguisse os resultados logo. Não podia continuar daquele jeito. Coral poderia se divorciar de alguém como ele e conseguir uma outra pessoa que realmente valesse a pena. Que realmente a amasse e, com isso, a Shawn e ao bebê que estava a caminho.

Antes que Anthony fosse responder, bateram à porta.

Zangada e farta de carregar o fardo de outros sobre seus ombros, Paige abriu a porta de supetão. Sua irmã, com cara de poucos amigos, estava diante dela.

Sem sequer cumprimentá-la, Coral entrou na casa, e passou roçando o braço em sua irmã gêmea. Olhou para o seu marido, outra vez sentado confortavelmente em seu sofá branco e com uma cerveja na mão. Virou-se para Paige. Vestida com short azul, descalça, com o cabelo solto, e um top rosa claro, parecia uma mulher pronta para seduzir ou ser seduzida. Coral não era o tipo de mulher que pensava duas vezes antes de agir, principalmente quando sua irmã gêmea estava envolvida.

—O que meu marido está fazendo em sua casa? —perguntou venenosamente.

—Eu imagino que você tenha dito onde eu moro e que estou cuidando do filho de vocês, que por acaso é meu sobrinho. Está claro ou devo tentar explicar de outro modo? Eu pensei que você tinha pedido a ele para buscar Shawn, mas agora eu percebo —disse olhando enfaticamente para Anthony— que tudo com vocês dois é dinheiro ou dinheiro.

Coral a observou irritada.

Era ridículo sentir ciúme de sua irmã, mas Coral era assim desde que Paige começou a ganhar a atenção dos outros facilmente com sua voz melódica, e também com a sua personalidade natural para os rapazes. Paige era a boa menina, aquela com a qual todos os adolescentes tinham fantasias românticas e a viam como o par ideal para casamento. Coral, por outro lado, era totalmente o oposto, a garota rebelde, a qual procuravam para fazer festa ou divertir-se com um pouco de maconha numa tarde junto ao lago mais próximo, mas nunca a levavam a sério ou da forma como esperava. Por isso se mostrava sempre insegura, e estava constantemente buscando uma forma de punir Paige pelo mesmo motivo: ter deixado Portland para buscar uma vida melhor em outro lugar, longe dela.

Às vezes, achava que odiava Paige, mas também era consciente de tudo o que ela fazia por seu filho. Suas emoções eram contraditórias.

—O que Anthony faz aqui? —perguntou outra vez para Paige, relutantemente, apontando com um gesto de cabeça em direção a seu marido, e apesar de sua irmã ter acabado de respondê-la.

Ela usava um vestido de verão de listras vermelhas que chegava logo abaixo do joelho, sandálias com salto amadeirado e o cabelo preso numa trança. Era linda, mas o seu caráter a tornava pouco acolhedora para se aproximar e tentar ganhar seu favor.

—É sério, Co-Co? Você acha que eu me interesso no arrogante e perdedor do seu marido? É o que me faltava! —perguntou, incrédula, revirando os olhos—. Você realmente precisa voltar para as sessões diárias com o doutor Tomlinson. Saíam daqui os dois, agora mesmo!

Anthony se aproximou com raiva, agarrou-a pelo braço, balançando-a.

—Peça desculpas para minha esposa! —exigiu.

Paige não podia acreditar o quão lunáticos eram os dois. Suas semanas de paz, com aqueles dois, se acabavam em um piscar de olhos. Desculpas? Queria que lhe pedisse desculpas? Ah, sim! Os postes estavam urinando nos cachorros ultimamente, pensou, refletindo sobre o ditado popular.

—Desde quando você se importa com o bem-estar de minha irmã? Você tem vivido todo este tempo humilhando e se aproveitando dela, de sua falta de autoestima, para prejudicá-la ainda mais, e também para expô-la em público. Agora coloca em risco a vida dela e do meu sobrinho, mas tem a cara de pau de tentar se passar por cavalheiro? E além de tudo isso, vem me pedir dinheiro, apesar de eu ter que aguentar todas as malditas chantagens suas para que você deixe em paz as pessoas que eu amo.

Ele a sacudiu de novo, mas Paige o empurrou, sem conseguir livrar-se de Anthony. Coral, ante a declaração de sua irmã, manteve silêncio. Mas não o suficiente para guardar para si outra das grandes ideias, estúpidas é claro, que passavam por sua cabeça.

—Era isso o que você queria, não é verdade, Tony? —perguntou Coral com uma voz dura a seu marido, chamando-o pelo apelido que costumava usar com ele. Queria encontrar um motivo para tocá-la. Para saber se por acaso a sua pele é tão macia como a minha, né?

—Você está doente! —exclamou Paige pisando no pé de Anthony—, e você, Anthony, vá embora da minha casa agora mesmo!

—Como se atreve a falar comigo assim, sua puta? —perguntou Anthony agarrando-a pelo

queixo com tanta força que ela pensou que fosse quebrar.

Segundos mais tarde, tudo ao redor de Paige era um espaço vazio. O corpo de Anthony estava sobre a mesa de centro, agora quebrada, e ao seu redor, as garrafas de cerveja. A primeira coisa que passou sua mente foi Shawn. Logo lembrou que a criança tinha um sono profundo e, além disso, o quarto onde estava ficava muito longe para que ele pudesse ouvir o barulho que tinha acabado de ser gerado.

Atordoadada, Paige virou-se para a pessoa atacava Anthony a socos. Sua irmã havia deixado a porta aberta. "Que estranho o descuido de Coral", pensou ela, quando sua primeira reação foi ligar para a polícia, mas depois observou o perfil de um homem muito familiar.

—Blake...? —sussurrou em voz alta.

Quando viu a porta da casa aberta, e dois carros estacionados ao lado do carro —imaginava ele— de Paige, talvez por ser mais novo e luxuoso, pensou no pior. Não pensou duas vezes e saiu depressa. Ao colocar um pé na soleira da porta, ouviu vozes claramente irritadas, uma delas masculina. Sentiu a adrenalina à flor da pele. Entrou rapidamente e se deparou com uma cena que o fez ver tudo sob o filtro da raiva.

Sem medir as consequências, pulou sobre o homem que segurava Paige, machucando-a, e o jogou contra o piso. Embora não fosse o piso, mas uma mesa de centro com várias garrafas de vidro sobre a qual o tipo despencou. Começou a golpeá-lo como se fosse um saco de boxe.

Ouviu a voz de Paige, chamando-o. Mas demorou um tempo até que a névoa de raiva se dissipasse de seu sistema. Olhou para o homem que estava deitado no chão, inconsciente, provavelmente. Mas não se importava. Ele havia quebrado o nariz e cortado o lábio. Pois havia merecido. Nunca se ameaçava uma mulher fisicamente. Nunca.

Recuperando a respiração, virou-se segurou Paige pelos ombros. Acariciou seu rosto. E depois fez o mesmo com os braços. Usava um vestido de listras vermelhas. Franziu a testa quando ela sorriu para ele.

—Você está bem, Paige? —perguntou conturbado.

—Ui, que furioso, algo interessante para variar nesses dias de tédio —disse ela, piscando e sorrindo para ele.

Essa não era a recepção que esperava.

Na verdade, Blake tinha preparado um pequeno discurso para explicar a sua presença na cidade. Pelo que ele lembrava, os dentes de Paige eram perfeitos. A mulher em frente a ele tinha uma leve separação nos dentes da frente, além de que parecia ter curvas muito mais pronunciadas... "Estranho."

De repente, sentiu alguém tocando em suas costas com delicadeza. Virou-se. Piscou os olhos várias vezes. Estava enlouquecendo?, perguntou a si mesmo. Afastou-se da mulher de vestido vermelho listrado

—Blake...? —perguntou o clone de Paige. "Ou era Paige?"

—Não estou entendendo nada —murmurou, olhando para uma e para outra. Você tem uma irmã gêmea...? —perguntou retoricamente.

Paige deu de ombros. Tinha várias perguntas naquele momento, mas nenhuma saía de sua boca. Era como se sua vida fosse uma novela. Talvez deveria aceitar a oferta de uma emissora local, que ofereceu cinco milhões de dólares pelos direitos para escrever um roteiro sobre sua vida e levar à televisão em forma de série. Que tal? Agora parecia o momento ideal, disse a si mesmo.

—Ah, então, irmãzinha —disse Coral agachando-se para verificar se Anthony ainda estava respirando, e depois continuou falando— : Você tinha escondido esse bombom. —Levantou-se, para aproximar-se da irmã gêmea e lhe dar um tapinha no ombro.

Paige deu um empurrão em sua irmã, e virou-se para Blake. Este a olhava como se tivesse cinco braços e três pernas. Não o culpava.

—O que...? —ela sacudiu a cabeça—. O que você faz aqui, Blake?

Ele demorou mais alguns segundos até associar os detalhes e começar a montar as peças em sua mente. Uma a uma. Até que todos os eventos, relatórios, fotos e detalhes que havia lido sobre Paige se encaixaram. A conclusão à qual estava chegando parecia inacreditável, por isso preferiu deixar suas análises para mais tarde.

—Galeana me disse onde você estava morando, então eu decidi fazer uma visita. Não pensei que você estaria em uma situação pessoal complicada... Quem é esse? —perguntou apontando com desprezo para Anthony.

—Meu marido —interveio Coral, indo em direção a cozinha para buscar um pano com água e limpar o sangue de Anthony, que começava a recuperar a consciência— e eu sou a irmã gêmea da *miss popularidade*.

—Um pesadelo familiar, digamos, de forma mais concreta —disse Paige, quando encontrou a voz—, e minha irmã, Coral, veio buscar a meu sobrinho. Quando encontrou Anthony, seu marido, achou conveniente me confrontar. Você sabe, Blake, eu durmo com todos os homens que tenho ao meu redor, eu sou uma perdida.

Ele segurou seu rosto entre as mãos.

—Depois que sua irmã e o marido dela tiverem ido embora, você e eu vamos ter uma conversa.

Paige o afastou.

—Não temos nada o que conversar, então...

—Tia, Pai? —perguntou uma vozinha atrás deles, invadindo aquele caos.

Shawn esfregou os olhos. Ainda estava sonolento. Coral reparou em seu filho, olhando para Anthony atirado no chão, e correu para pegá-lo nos braços para que não presenciasse mais aquele espetáculo deplorável. O levou para cima das escadas, sem se importar com mais nada, e desapareceu.

Sem perguntar mais nada, Blake agarrou Anthony pelos braços e o arrastou para fora da porta principal. O deixou na calçada, não sem antes chamar a polícia para que o levassem. Não se importava com os protestos de Paige, pedindo que não o fizesse porque atrairia a atenção dos vizinhos.

Assumindo o controle da situação, Blake pediu a Paige que não ousasse sair de casa se não quisesse que alguém descobrisse como seu descanso da música havia aumentado de três para seis meses. Isso foi o suficiente para que ela fechasse a boca, exausta e desanimada. Não aguentava mais, e se tinha que perder tudo, seus ânimos a impediam de levantar mais uma vez naquele dia. Não podiam deixá-la em paz?

Nada ao seu redor fazia sentido. Ouvia barulhos e vozes sem realmente entendê-las. Terminou de recolher os pedaços de vidro e limpou a bagunça como se estivesse em piloto automático. Quando acreditou que tudo estava em ordem, saiu da sala e foi se refugiar em seu quarto. A porta estava aberta. Mas não se importava.

Enrolou-se sobre a cama e fechou os olhos. Shawn estava com Coral, portanto não acreditava que seu sobrinho estivesse em perigo. Não se importava com o destino de Anthony, nem um pouco, nem com o que Blake havia feito.

Na verdade, podia chegar o Apocalipse. Ela, simplesmente, não queria mais saber do mundo. Não tinha condições físicas para mais desastres naquele dia.

CAPÍTULO 16

Não fazia ideia de quanto tempo havia dormido, apenas que seu corpo parecia ter recuperado o ânimo. Doía a cabeça um pouco. Afastou os travesseiros. A luz em seu quarto era tênue. Certamente tinha esquecido de ajustar o interruptor antes de se deitar. Não que tivesse planejado alguma das situações vividas nas últimas vinte e quatro horas. Espreguiçou-se.

Entrou para tomar banho. E sentiu que sua mente estava menos nebulosa. Eram oito horas da manhã. Estava há mais de doze horas dormindo. O sono não podia ser recuperado, mas pelo menos ela estava com sua mente mais clara.

Secou o cabelo. Procurou em seu guarda-roupa por uma calça jeans e um top cor lilás com decote em V e sem mangas. Sandálias brancas. Ia tomar o café da manhã fora. Havia um Starbucks a dois quarteirões caminhando. O ar matinal seria a cereja do bolo naquela manhã.

Antes de descer as escadas, ligou para sua irmã para perguntar por Shawn. Depois de uma lista de reclamações, Coral disse que seu filho estava bem e que não precisava de uma tia intrometida que havia feito o pai ser preso sob acusação de invasão à propriedade. Paige não sabia do que ela estava falando, não se interessava em mais nada além de saber que Shawn não tinha visto nada que pudesse perturbá-lo.

Sua questão agora era Blake.

E essa questão foi resolvida rapidamente assim que ela colocou um pé no andar térreo da casa. O aroma de café vinha desde a ampla cozinha que ela tinha. Avançou pelo carpete com cautela. Não havia vestígios de sangue de Anthony. Tudo parecia normal, sem alteração, salvo pela falta da mesa de centro, mas se não morasse na casa ou não a visitasse com frequência, não notaria a diferença.

—Bom dia, Paige.

Ela ficou surpresa.

—Olá... como...?

—Quando vi que estava dormindo, não quis acordá-la. Arrumei um pouco aqui e ali, e perguntei para sua irmã onde estavam as chaves.

—Vasculhou em minha casa? —perguntou incomodada.

Os pertences que possuía naquela casa não eram muito pessoais, pelo menos não todos, mas as poucas coisas que tinha eram valiosas. Não gostava da ideia de outras pessoas bisbilhotando em seus pertences.

—Não —disse ele, de forma incisiva—, Coral me disse para tentar na mesinha ao lado da sua cama. Se não tivesse encontrado, teria a acordado porque precisava deixar a porta trancada. Em todo o caso, já está servido o café da manhã. Voltei do meu hotel cedo, caso você não tivesse vontade de sair depois do que aconteceu ontem. —Ela assentiu—. Trouxe bagels e café —acrescentou, apontando com a mão para que observasse a mesa posta.

Olhou para ele com desconfiança. Devia lembrar-se que seu contrato para continuar na indústria da música amparada pelo selo da Lion Records estava em jogo. Talvez fosse uma armadilha para ver como reagia. Ou talvez estivesse ficando paranoica. E quem não ficaria com os antecedentes familiares que ela tinha?

—E por que faria isso? —quis saber aproximando-se da mesa de café da manhã da cor branca, que ficava no centro da cozinha.

Era um espaço muito amplo e com muita luz.

Nas manhãs, Paige preferia comer alí do que na grande sala de jantar. O corretor de imóveis havia feito um bom trabalho. A casa preenchia todos os requisitos. Estava localizada em uma área elegante, privada, discreta e o interior tinha espaço suficiente para aproveitar, sem ser interrompida, quando precisava de um tempo sozinha em qualquer um dos quartos. Não tinha piscina, mas tinha uma jacuzzi no banheiro principal.

Os jatos de água quente eram a massagem perfeita antes de dormir, depois de um dia sentada trabalhando em seus processos criativos. Assim evitava se expor demais na rua e correr o risco de se encontrar com um paparazzi.

—Porque eu não fui justo com você.

—Blake, eu não assinei esse contrato para que você seja justo comigo além do que diz respeito à minha música. Este é um assunto pessoal e, se me lembro bem, não misturamos nenhum desses problemas na equação. Agradeço por ontem... Enfim. Obrigada.

Ele não perdeu o bom humor.

—Vamos tomar café da manhã —disse mudando de assunto—, já resolvi tudo para que ninguém na delegacia de polícia mencione que Anthony é seu cunhado.

—Como se já não soubessem...

—Você está livre, Paige. Eu o assustei e ele não voltará a incomodá-la.

Deixando escapar um suspiro, Paige sentou-se à mesa e começou a comer em silêncio. Não voltaria a incomodá-la? Haha! Depois de ter lhe dito que sua irmã e seu sobrinho estavam em perigo, a ideia de que Anthony —pessoalmente— voltasse a enganá-la lhe fazia até rir. Teria, mais uma vez, que lhe dar o dinheiro. Mas antes ia certificar-se de que Will estivesse presente.

Depois de sair do banho, havia ligado para Will. Sua investigador particular disse que faltava muito pouco para poder apresentar um caso sólido, e que ia começar a pesquisar quem eram os homens para os quais Anthony devia, quanto faltava pagar e como localizá-los.

—Entendi...

Blake havia tomado a decisão de mudar a maneira como a vinha tratando, bem como a percepção errada sobre a reputação de Paige que havia guiado suas ações em relação a ela. Naquela manhã, depois de sair do hotel, fez uma rápida ligação para Galeana. Pediu que verificasse tudo sobre a família de Paige, as coisas boas e as ruins, mas apenas vinculadas a Anthony Blanc.

Os vários socos que deu naquele homem ajudaram Blake a canalizar a sua tristeza pela morte de Tritão. Cada golpe desferido ao tal Anthony foi impulsionado pela impotência e pela raiva ao ver Paige tentando se livrar das garras daquele imbecil. Se a irmã de Paige não tivesse falado, o mais provável é que acabasse cometendo um assassinato naquela noite.

Nunca havia experimentado tal nível de raiva.

O cunhado de Paige havia sido detido, mas Blake sabia que ninguém apresentaria acusações formais, assim, em poucas horas estaria livre de novo. Duvidava muito que Paige quisesse ter algo que ver com a situação do cretino de Anthony. O destino que o homem teria não importava. Não fazia diferença.

Mais uns minutos de silêncio, e Blake terminou seu café. Cruzou os braços sobre o peito e depois deitou as costas na cadeira.

—Paige.

—É mesmo?

—Convere comigo.

—Estou comendo.

Para comprovar o que falava, deu uma mordida em um croissant. Ele sorriu.

—Você não vai ficar as próximas cinco horas sem comer, ou é o tempo que você costuma demorar entre uma refeição e outra?

Paige deu de ombros. E terminou sua refeição. Imitou o gesto de Blake, e também recostou-se contra o encosto da cadeira.

—O que quer saber?

—Tudo.

—É muito relativo. Talvez você deveria ser mais específico.

—Por que a imprensa não sabe que a causadora das suas desgraças foi sempre a sua irmã gêmea? Por que a protege?

—E como você chegou à conclusão de que não sou eu?

—Porque agora eu a conheço muito bem. —Ela ficou com o rosto corado e virou-se para um lado. Blake levantou-se, deu a volta na mesa. Pegou a cadeira que estava mais perto, virou-a, e sentou-se apoiando as mãos sobre a borda do apoio de baixo. Esticou uma mão e virou suavemente a cabeça de Paige para que o olhasse—. Ontem à noite, quando saía da delegacia de polícia, fui para o hotel ler algumas notícias suas dos escândalos passados. O cabelo da sua irmã tem um tom loiro diferente. A forma das curvas de vocês é completamente diferente. Ela tem os quadris mais largos, talvez por já ter sido mãe, e você não. Até mesmo o perfil tem umas pequenas diferenças. Somente alguém que tenha conhecido intimamente uma das duas, e soubesse que havia gêmeas na equação, poderia encontrar a diferença.

—Eu acho...

—Então, por que não saiu para limpar o seu nome? Você poderia ter esclarecido a situação há muito, muito tempo, e fazer com que a mídia engolisse suas merdas.

—E tirar a diversão deles? —perguntou com sarcasmo, mas ele notou um tom de dor em sua voz. E ficou furioso consigo mesmo por ter se considerado melhor do que ela. Por tê-la condenado sem ter fundamentos melhores do que umas fotografias e algumas fofocas na internet, jornais, revistas e outros meios da imprensa.

—Eu só quero entender.

—Não me diga...

—É pelo pequeno? —perguntou com cautela, e ao ver o brilho das lágrimas nos olhos de Paige, soube que havia acertado em cheio.

—Shawn é tudo para mim... Não tem culpa de que seus pais sejam um desastre —finalmente conectou seu olhar ao de Blake— e eu tenho que protegê-lo. Eu pago muito dinheiro pela segurança de meu sobrinho. Minha irmã e ele são tudo o que tenho.

—Mas há mais por trás de tudo isso e do seu silêncio, não é?

Paige baixou a cabeça e duas lágrimas rolaram de seus olhos. Blake as limpou com o polegar.

—Me conte.

—Como você poderia me ajudar?

—Talvez deixar de carregar o fardo da vida de outras pessoas sobre seus ombros, e deixá-los sobre os meus.

—Blake...

—Pode confiar em mim.

Ela procurou algum vestígio de falsidade naquela declaração. Mas não havia indícios de que ele estivesse mentindo.

Paige assentiu, e pela primeira vez, depois de ter feito uma vez com Melinda, abriu seu coração para Blake Howard. Começou o seu relato. Completo. Mencionou inclusive o problema de Euseb.

Durante a hora em que Paige relatou num tom monótono sobre seu passado, as chantagens, o julgamento e as outras coisas, Blake não a interrompeu. Segurou as mãos dela entre as suas, e isso foi tudo. Ela deixou que as lágrimas saíssem, e quando acabou, exausta, olhou para Blake esperando pela rejeição ou condenação, em especial por Euseb.

—E você teve que lutar contra todo esse inferno sozinha, todos esses anos? —perguntou espantado com a força daquela mulher—. E eu me queixando por coisas bobas ou experiências sentimentais tão comuns que tenho vergonha de reclamar delas... Caramba...

Ela deu de ombros. Sentia-se aliviada. Sentia-se leve.

—A vida não é fácil para todos, mesmo quando temos sucesso ou algumas contas bancárias abarrotadas de dinheiro...

Blake ficou chocado pela confissão. Comovido. E, naquele momento, soube qual era o seu maldito problema. Estava preso na rede de fogo que, sem saber, Paige havia criado ao redor da pedra que usava como escudo em seu coração. Sentia menos frio no peito, e um leve calor começava a acomodar-se nele. Admirava pouquíssimas pessoas, e agora, podia dizer que jamais havia conhecido uma mulher tão corajosa como a que estava diante dele.

—Me sinto pequeno, e um completo burro —confessou com sinceridade—, nunca conheci uma pessoa que, depois de todo o inferno que você teve que atravessar, continuasse lutando como você faz. E suportar toda essa carga midiática, a possibilidade de perder sua carreira, aceitar os termos de um contrato temporário, tolerar um ambiente hostil, e nem sequer é por você mesma. Você faz tudo por esse pequeno. Paige, eu me sinto arrasado por isso. Porque minhas estúpidas conclusões sobre você estavam marcadas pela ignorância e pelo preconceito.

—Não contei para que você sinta pena de mim... Nem que me considere para fazer caridade emocional. Eu contei porque...

—Você quer confiar em mim? Porque tenta confiar em mim?

Ele levantou-se, acocorando-se ao lado de Paige.

—Eu acho que a resposta é sim para ambas as perguntas —murmurou.

—Pena é a última coisa que eu sentiria. Vamos mudar esse adjetivo errado por admiração. Porque é isso o que tudo o que você me disse até agora realmente causa... Admiração. Deus. Nenhuma pessoa deveria passar por isso que você passa.

—Você não acha que eu sou uma assassina?

—Se eu estivesse perto de você nessa época, e tivesse conhecido a situação, não só teria atirado, mas teria esquartejado aquele canalha do seu padrasto —disse com raiva—. Isso se chama legítima defesa. E foi isso o que os membros do juri viram. Fico feliz que tenha sido assim. Mas, acima de tudo, fico feliz que seu padrasto esteja morto, caso contrário, quem estaria em julgamento agora por assassinato seria eu.

Ela sorriu com timidez.

—Obrigada por me ouvir.

—Paige, vamos começar de novo —pediu repentinamente e com uma sinceridade que não lembrava de ter colocado em suas palavras há muito tempo—, me dê a chance de conhecê-la.

—Teoricamente, você é meu chefe —respondeu com um sorriso— e eu não misturo trabalho com prazer, sabia?

Ele gostou de vê-la recuperar o seu humor.

—Eu não sou seu chefe, porque foi Macron quem participou como representante principal e é ele quem tem os documentos em seu nome.

Paige riu diante da ousadia de Blake.

—É isso, não é?

—E por acaso eu mentiria?

—Blake, eu não sei... —sussurrou com seriedade.

—Paige, eu quero jantar com você esta noite. Um encontro. Me dê essa oportunidade para me redimir. Discretamente, até que tenhamos resolvido o problema com seu cunhado.

—Já disse que Will está trabalhando nisso...

—É muito lento. Vou resolver do meu jeito.

—Não quero ser sua responsabilidade.

Ele negou com a cabeça e se levantou, pedindo que Paige fizesse o mesmo.

—Eu estou oferecendo minha ajuda, você pode uma vez na vida deixar tudo de lado e permitir que outra pessoa se encarregue de resolver um problema seu?

—Eu acho... Acho que posso —respondeu com um sorriso.

Blake assentiu. Imaginava que Josh conhecia os detalhes de Anthony e Coral, mas não sobre Euseb, embora, na ideia de Paige, seu representante não sabia de seu passado. Blake conhecia melhor seu amigo, conhecia seus métodos e o alcance de seus tentáculos quando seus negócios estavam envolvidos na contratação de um talento para a sua agência.

Se perguntava por que Galeana não havia feito um relatório sobre o passado de Paige mais consistente ou mais profundo. Ou, talvez, o alcance de sua profissional de relações públicas não tinha ingerência para fazer suas pesquisas em um tempo que não trabalhava na indústria musical e com o peso da responsabilidade que tinha agora. Embora o mais provável, do ponto de vista de Blake, era que Josh tinha conseguido mover os pauzinhos necessários para manter o passado da cantora, oculto. Estava feliz por isso, e o que menos importava eram os artifícios que Josh poderia ter usado para conseguir seus propósitos.

As irmãs Valois não tinham crescido em Portland, mas nos arredores, em uma área muito pobre e mal assistida pelo governo. Dificilmente poderiam reconhecer uma mulher como Paige nas fotografias antigas da região. Pelo menos nesse sentido, não existia risco para ela.

Blake sorriu para Paige. Gostava de ver como o rosto, que uma hora atrás estava descansado, mas cheio de sombras de preocupação, agora estava relaxado.

—Então, Paige Valois, gostaria de jantar comigo esta noite, e deixar de lado as preocupações, e somente desfrutar de uma noite com alguém que está muito interessado em conhecê-la em um novo começo?

Talvez a sua vida poderia começar a ter um pouco mais das cores do arco-íris. Compartilhar com ele a sua dor e as suas preocupações a fazia sentir como se tivesse feito a coisa certa. E a calma que experimentava por poder apoiar-se em outra pessoa, não tinha preço.

Sorriu.

—Sim, acho que eu gostaria muito, mas, quanto tempo você pensa em ficar? Seus negócios estão em Los Angeles.

Blake a agarrou pela cintura e a aproximou contra seu corpo.

—Meus negócios eu posso levá-los para onde quiser, e já é hora de eu tirar umas férias de verdade. Então, talvez essa cidade sirva para o meu objetivo.

—É mesmo? —murmurou Paige reconfortada com o calor que emanava do corpo de Blake. Ele era alto e bonito. Forte e compassivo.

Era possível descobrir muitas coisas sobre um homem com uma longa conversa. E era sincera ao dizer que estava agradecidamente surpresa pela forma como os ventos haviam mudado e por ter podido ser sincera com ele. Não temia nada. Sentia-se mais forte do que nunca e pronta para voltar a enfrentar o mundo com ânimo. Havia esperança. Mais uma vez, havia esperança.

—Ahã.

—Fico feliz então, porque sou uma cantora pouco conhecida. Talvez ainda não tenha ouvido falar de mim. —Blake sorriu acompanhando sua brincadeira—. Nada me agradaria mais do que mostrar algumas das minhas letras novas em que estive trabalhando para o meu próximo álbum. Eu levo muito a sério as minhas responsabilidades profissionais. Não sei se você gosta de música...

—Eu amo. Especialmente se ouço uma voz de anjo cantando uma canção.

Ela riu.

—Voz de um anjo?

—E uma boca feita para pecar —declarou com uma voz profunda.

—Uma combinação um pouco estranha —sussurrou ela, quando viu Blake abaixar a cabeça até que seus lábios ficassem a apenas milímetros de distância.

—Eu diria que é uma combinação tentadora. E você sabe o que eu quero fazer a respeito, Paige?

Ela negou com a cabeça, com o coração acelerado. Seus olhos azul-anil estavam extasiados sob o brilho do olhar masculino, e que parecia atravessar seu escudo emocional. A força do olhar de Blake era tão penetrante que ela parecia ouvir como seu escudo se quebrava em milhares de pedaços. Aquela barreira havia blindado e protegido seus sentimentos durante anos. E, pela primeira vez, tomou a decisão de permitir que outro ser humano tivesse a oportunidade de conquistar seu coração.

—Não, não sei... —ela sussurrou.

—Me entregar a ela.

Ele a beijou como se tivesse desejado por aquilo durante todas essas semanas. Tomou sua boca com a língua em um assalto intenso e sensual. A sentia agarrada em seu pescoço com as mãos, enterrando os dedos entre seus cabelos, enquanto ele acariciava suas costas e aprofundava o beijo.

Paige gemeu contra a boca de Blake porque parecia estar saboreando um chocolate tão delicioso como nunca havia provado. Aproximou-se mais contra o corpo quente de Blake, porque aproximar-se da sensual virilidade que emanava de seu corpo tinha acabado de se tornar uma imperiosa necessidade a ser saciada. Sentiu as mãos masculinas descenderem por suas costas e rodearem suas nádegas, cravando-lhe os dedos, como se quisesse se fundir e se tornar uma única pessoa com ela, da forma mais primitiva e básica.

Ele gostava da forma como o corpo de Paige se moldava ao seu. Deu uma palmada em seu traseiro e pediu que ela virasse.

—Blake? —perguntou em um sussurro. A pele de seu corpo estava sensível, e suas partes íntimas cobertas de umidade pelo desejo e expectativa de serem acariciadas por ele.

Ele teve que virá-la, por conta própria, porque, se continuasse olhando para aqueles olhos que começavam a envolvê-lo em uma trama sensual sem volta, ele não poderia continuar com a ideia de começar de novo com Paige de um modo diferente. Ambos sabiam que eram compatíveis sexualmente, e esse era um grande incentivo para qualquer casal que comesse a sair junto, mas ele queria descobrir mais segredos de Paige.

—Eu queria continuar, acredite em mim, mais do que eu poderia expressar...

Ela jamais saberia o quanto estava custando a Blake deixar de acariciá-la, especialmente quando a química entre os dois era inegável e ele sentia um nível de excitação tão persistente que chegava a doer. No entanto, depois de tudo o que tinham conversado, parecia que apressar a situação naquele momento significaria mandar uma mensagem errada. Ia tomá-la pouco a pouco. Além disso, também queria conhecer Paige em seus diferentes detalhes, se, por acaso, ela lhe

desse abertura.

Jennifer estava fora da equação. Era evidente. Não era uma mulher que se pudesse deixar de lado com tanta facilidade, pois era imponente, mas para Blake —comparada com Paige— não havia comparação. Sua interação com o sexo oposto, fora dos escritórios da Lion Records, era extremamente frustrante desde que ele havia aceitado o pedido de Josh de receber e ouvir Paige em privado.

A vida dava voltas e, ocasionalmente, também dava um tapa para o fazer acordar, deixar de lado o ego e o orgulho, mas nesse golpe de consciência, o empurrava em direção a um objetivo que lhe trazia ilusão. Uma ilusão que julgava perdida. Não sabia por quanto tempo ele e Paige iriam sair juntos, no entanto, tinha todas as intenções de que não houvesse mais mal entendidos.

Sua ex-mulher parecia ter saído de sua equação. A vida não costumava ser tão fácil quando se tratava de Sheela e, embora Blake considerasse necessário deixar de lado o cinismo, no caso dela tinha mais a ver com a experiência.

Só o tempo diria. No momento, seus caminhos estavam em cidades diferentes. Ela tinha colocado à venda seu apartamento em Los Angeles depois da perda de Tritão, e enviou uma mensagem de texto a Blake para lhe dizer que ia viver em São Francisco e que, agora que nada mais os unia, estava de acordo em não voltarem a ver-se.

Ele tinha deixado o passado para trás e, por questão de saúde mental, ficava feliz que Sheela —forçada pelas circunstâncias tristes de Tritão— teria tomado a decisão de começar de novo, em outra cidade. Agora ele podia desfrutar de uma ilusão com a última pessoa com quem havia esperado.

—Mas...? —murmurou ela, sentindo o hálito de Blake em seu pescoço.

—Quero levá-la para jantar, e quero que fique claro que não estou brincando com você.

Ela virou-se entre os braços de Blake. O contemplou.

—Isso nem me passou pela cabeça nesse momento. Muito menos depois da forma como você se comportou comigo esta manhã... Se você não tivesse vindo ontem...

—Eu vim, e isso é o que importa —disse com segurança.

—Sim... Acho que preciso agradecer a Coral por ter deixado a porta aberta, mais uma vez, desde que eu comecei a contar os descuidos com a segurança em relação às minhas propriedades.

Relutante, Blake se afastou e acariciou seu rosto com o dorso da mão.

—Aqui estamos só nós dois —disse ele.

Ela assentiu.

—Eu sei... Então, você vai tentar ser menos autoritário e mais obediente?

Blake não conseguiu evitar soltar uma gargalhada, e a vibração daquele som que para Paige parecia tão bonito, reverberou em cada canto de seu ser. O havia julgado da mesma forma tendenciosa que ele havia feito com ela. Nas menores injustiças se perdiam as melhores intenções do universo para fazer com que duas pessoas perfeitas, uma para a outra, se encontrassem.

—Eu posso pensar a respeito se depois você me der algo em troca.

—Vou tentar imaginar o que poderia ser —respondeu com o mesmo tom sedutor— agora, eu queria voltar a trabalhar um pouco em minha música. Tenho um projeto em mãos que eu tenho certeza que algum CEO adoraria, mas, se eu não acabar nas próximas semanas então vou perder a oportunidade de mostrar um trabalho diferente de minha autoria.

—Senhorita Valois, por que insiste em falar de trabalho? —perguntou ele, brincalhão. Era um lado de Blake que Paige começava a gostar.

—Talvez a ideia de não ter que preparar nada para esta noite me faça pensar em trabalhar, em

vez de qualquer outra coisa.

—Então fico feliz em poder dizer que eu quero convidá-la para jantar esta noite.

—Não me diga —murmurou ela, enquanto ele rodeava sua cintura com as mãos.

—Eu pego você às oito da noite? Vamos para um lugar discreto. O dono é meu amigo, assim não há risco de que a imprensa descubra quem é o misterioso homem com o qual Paige Valois sairá hoje.

Ela riu.

—Por enquanto a imprensa está entretida com o último nude de Orlando Bloom em uma praia da Europa, então eu não sou muito interessante para eles.

—Você é meu absoluto interesse, então terei você toda para mim. —Ele piscou para ela e pegou as chaves do carro que estavam em cima da mesa.

—Não sabia que você tinha uma veia possessiva.

—Nem eu, até que eu conheci você. —Inclinou-se para lhe dar um beijo que começou a se tornar o prenúncio da noite entre os lençóis que ele deseja fervorosamente, porém, não queria apressar o que, ambos sabiam, era inevitável.

Anthony esfregou os cabelos.

Estava sentado no banqueta alta do bar que costumava visitar de vez em quando. O negócio não ia bem. A concorrência era imbatível, especialmente quando se referia às grandes concessionárias de veículos da cidade, cujos serviços costumavam ser mais baratos e variados, então os pequenos empresários, como ele, não podiam competir com os preços e a clientela diminuía. O fato de ter antecedentes de prisão por invasão de propriedade e assalto também não o ajudava.

Quem diabos pensava que era esse tal Blake Howard?, perguntou dando um gole no uísque. Havia lhe dito que, se voltasse a tentar entrar no caminho de Paige, iria se arrepender.

Tomou outro gole do copo.

Lembrava-se da história que Coral havia contado sobre Paige durante uma noite de confissões de casal. O homicídio. Embora fosse difícil demais para trazer aquilo à tona, especialmente quando não existiam provas suficientes.

Bebeu a última gota de seu segundo copo de uísque. Johnny Walker.

Fazia tempo que tinha deixado de gostar de Coral. Ou talvez nunca a quis, mas viu nela potencial por ser a irmã gêmea de uma cantora famosa. Não estava enganado. Embora isso não significasse que quisesse ver ela ou seu filho, Shawn, em perigo. O afeto não tinha nada a ver. Anthony não era um assassino, apenas um pouco aproveitador, pelo menos em seu próprio ponto de vista.

Ele estava em sérios apuros por ter confiado demais em pessoas que, desde o início, o fizeram desconfiar. Maldita ambição, pensou ele, com tristeza.

Por seu filho, que era o seu retrato vivo, não temia tanto. Sendo protegido por sua cunhada, ele sabia que Shawn não seria um problema econômico nos próximos anos. Coral podia estar bem da cabeça ou não, para ele dava no mesmo, o que Anthony precisava era garantir seu futuro pessoal. Econômico.

Fez um sinal de negação ao bartender quando este lhe perguntou se queria uma nova rodada de bebidas. Não queria perder a razão. A ideia era relaxar e nada mais...

"Se pudesse voltar no tempo."

Acreditou que se envolver com os Burton, uma família dedicada ao tráfico de armas, seria

bom, pois lhe disseram que apenas precisava injetar capital e que lhe dariam uma parte dos lucros nas transações em que ele contribuísse. Que não precisava se preocupar com nada. "Dinheiro fácil e rápido."

Após a segunda transação, vieram os problemas.

Ele se tornou mais ambicioso ao receber o pagamento da primeira entrega com os Burton, e a segunda foi muito melhor. Fez algumas reformas na oficina mecânica e se atreveu a comprar equipamentos para o campo da fazenda. Não era nada barato, e os duzentos mil dólares a boba de Paige havia dado semanas atrás, serviram apenas para remodelar a propriedade e protegê-la contra os intrusos.

Assim, entusiasmado com as perspectivas futuras, Anthony pensou em emprestar dinheiro para aumentar sua percentagem de ganhos na próxima transação. O negócio com a próxima entrega dos Burton deu errado, e ele perdeu seu dinheiro. Desesperado para voltar a tentar, havia ido atrás de Unt Wakosky, um russo que era conhecido por emprestar dinheiro a taxas justas, mas que jamais perdoava uma dívida, e se a cobrasse atrasada, os juros eram uma monstruosidade.

Anthony perdeu o dinheiro inicialmente ganho com os Burton e, além disso, também o empréstimo de Wakosky.

Estaria acabado se não encontrasse uma solução em breve. Os juros aumentariam dia após dia, e os seis dias de prazo passariam em breve. O dinheiro final para quitar a dívida seria uma fortuna.

A fazenda que Paige havia avalizado era o único bem que lhe restava intocado. Agora teria que colocá-la à venda, mas não podia fazer isso sem a assinatura de sua maldita cunhada. Como explicaria a ela? Mais importante ainda, como conseguiria que ela aceitasse assinar a venda da fazenda quando não sentia nenhum tipo de interesse em sua existência se não fosse por Shawn?

Já eram quase quatro da tarde. Muito cedo para beber, mas não tarde demais para encontrar um modo de sair daquela merda.

Provocar o tal Blake nem passava por sua cabeça. Não parecia um homem que estava para brincadeira, e os hematomas em seu rosto comprovavam isso.

Sua cunhada não havia apresentado acusações, então Anthony saiu livre sob a ameaça de que, se tentasse ultrapassar a linha de algum modo, Paige não hesitaria em colocá-lo atrás das grades de alguma forma. Odiava ter demonstrado fraqueza diante dela, porque agora ela estava em vantagem. Mas ele era uma raposa velha, e sempre encontrava o calcanhar de Aquiles das pessoas.

CAPÍTULO 17

Cinco dias depois...

Os sorrisos das crianças foram o melhor presente para Paige durante sua visita ao hospital que tratava doenças incuráveis. Não considerava aquilo um trabalho ou uma obrigação. Realmente gostava da oportunidade de passar tempo com as crianças, embora sentisse triste ao saber que nenhum deles poderia desfrutar de uma vida plena.

Sua visita ao hospital era a última atividade na agenda de Galeana, que cuidava das relações públicas na Lion Records. Ela lhe enviava pontualmente, por e-mail, o itinerário com instruções claras para continuar melhorando sua imagem pública.

A ordem de Galeana era clara: o público e a imprensa deveriam perceber seu tempo de descanso dos palcos como algo voluntário, e também considerá-la uma pessoa que agora tentava dedicar tempo aos outros em vez de só para si mesma. A equipe pessoal de trabalho de Paige também coordenava os detalhes de Los Angeles. Ela não gostava de chamar a atenção, e por isso contratava um pequeno —mas eficiente— pessoal que pudesse resolver com agilidade qualquer necessidade.

—Obrigada por ter vindo... —disse com uma vozinha suave uma menina chamada Melanie. Um tumor cerebral agressivo e impossível de operar havia invadido seu sistema, e a possibilidade de salvar-se era inexistente.

Paige inclinou-se e a abraçou. Não pôde conter as lágrimas, e exigiu que o fotógrafo freelancer de Galeana não ousasse fazer fotos da cena. O homem obedeceu e se retirou do quarto.

—Obrigada a você, por me dar alguns minutos do seu tempo —respondeu, comovida.

—Você é a minha cantora favorita —sussurrou Melanie.

—É uma honra, princesa, obrigada...

—Quero fazer uma pergunta... Posso? —perguntou a menina de nove anos.

—Absolutamente.

—Alguma vez você pensa em ter filhos? Minha mãe só teve a mim, e agora está triste porque não vou acompanhá-la por muito mais tempo....

Paige ficou olhando para ela. O arrepio que lhe percorreu a coluna vertebral foi acompanhado de uma expressão de tristeza. Como era possível que alguém tão pequeno, com aquele sorriso cheio de esperança e aquela esperança transbordante em sua voz, não pudesse viver mais tempo? Por que tudo era tão injusto?

Jamais poderia entender a dor da mãe de Melanie, nem a de nenhum dos pacientes na ala infantil do hospital. Os pais pareciam querer aparentar força, mas o impacto era tão forte quanto nas mães. E se ela gostaria de ter filhos? Até aquele momento não havia pensado seriamente.

—Talvez algum dia, pequena —respondeu.

—Você tem namorado? Eu tinha um amigo na escola que se chamava Austin. Me dizia que eu era sua namorada. Que nojo que os meninos ficavam querendo dar beijos!

Paige não pôde fazer outra coisa senão rir, mas se calou de repente quando lembrou-se que Melanie jamais poderia ter a oportunidade de se apaixonar e mudar sua opinião sobre os meninos. Jamais poderia amar e permitir que outro ser humano entrasse em sua vida para formar uma família. E ela, que tinha a vida pela frente —ou, pelo menos, de momento parecia que sim

— havia permitido que o passado marcasse seu coração.

Tentou não transparecer a tristeza. Melanie tinha acabado de lhe ensinar, sem saber, assim como o resto das crianças, que amar era um privilégio dos que estavam vivos. Um presente precioso que todos pensavam já possuir, mas, ao mesmo tempo, o medo de comprometer-se inibia a capacidade de abrir-se para recebê-lo e concedê-lo.

—Sim, eu gostaria de ter filhos algum dia —respondeu com sinceridade e, naquele instante, a resposta que deu à Melanie foi a que sua alma sentia como a correta.

—Espero que você tenha muitos para que, quando algum ficar doente, você não fique sozinha como a minha mamãe.

"Meu deus, como pode permitir que seres inocentes morram deste modo?", perguntou a si mesma com um nó na garganta.

—Eu preciso ir, querida —sussurrou à beira das lágrimas, aquelas que vinham acompanhadas de soluços e desespero. O choro incontrolável—. Estão me esperando. Você me promete que vai ser boazinha e tomar a medicação?

—Claro que sim, e vou ouvir suas músicas.

Paige assentiu e saiu do quarto de Melanie. Depois foi até a área onde se encontrava o diretor da ala infantil. Tirou algumas fotos e deu alguns autógrafos adicionais.

Com discrição, deixou o hospital e depois embarcou em seu automóvel, no banco traseiro. O ar-condicionado estava no máximo, e o ar frio lhe ajudou a acalmar o sentimento de impotência por não poder mudar a sorte daquelas crianças. Respirou várias vezes até se recompor.

—Tudo bem, senhorita? —perguntou Falcon, o motorista.

—Sim, obrigada...

O motorista que havia contratado, assim como a equipe de trabalho que sua gravadora lhe concedia em qualquer parte do mundo que visitasse, tinha assinado um acordo de confidencialidade. A penalidade legal por revelar detalhes de seus destinos, conversas ou generalidades de sua vida privada à imprensa era praticamente a prisão. Uma medida extrema, mas que os advogados de Paige insistiram em implantar. Ela não recusou, em nenhum momento, especialmente porque seu cunhado a havia deixado com uma boa lição sobre essas possibilidades. Não podia fechar a boca de Anthony legalmente, mas com dinheiro sim.

Enquanto observava as ruas de Portland, através dos vidros escuros, pensou que sua irmã estava calma demais. E inclusive, Coral lhe perguntava sobre sua saúde ou seus planos para o futuro. A única coisa que interessava à sua irmã era o dia que teria seu crédito renovado para continuar fazendo compras e para pagar a babá de Shawn. Paige sabia que Anthony estava por trás de algum esquema, e sua irmã era uma idiota útil. Mas os dias de seu cunhado estavam contados.

Paige já havia recebido um relatório completo de seu investigador privado na tarde anterior. "Tráfico de armas. Gravíssimo. Na verdade, as pessoas para quem ele deve dinheiro são altamente perigosas, senhorita Valois", Will havia lhe assegurado. Paige não queria se envolver em problemas, mas precisava considerar que seu cunhado tinha transferências interbancárias feitas por ela. Menos mal que as últimas conversas por telefone, com as ameaças de Anthony, estavam gravadas.

Ela não se dedicava à investigação de crime organizado, mas com os documentos que Will havia fornecido, pensava em ir à justiça e pedir a guarda de seu sobrinho, Shawn. Faria o que fosse necessário para que ele ficasse longe de seu tóxico ambiente familiar, além disso, Coral não era a melhor mãe que uma criança podia ter. O que aconteceria com o bebê que estava a caminho?, Paige se perguntava, desesperada. Sua irmã era irresponsável e egoísta. Por querer

prender um homem decidiu ter um filho. Como se os filhos fossem moeda de troca comercial ou se, porventura, pudessem comprar o amor ou lealdade de um homem. Grande estupidez.

—Você disse que queria parar para comprar alguns brinquedos, esse destino ainda segue de pé, senhorita Valois? —perguntou Falcon.

—Não, Falcon... Espere um momento, por favor.

Seu próximo passo era ligar para seus advogados. Era hora de colocar as cartas na mesa, e usar as provas de Will como garantia da necessidade de recorrer a um tribunal para resolver assuntos de família.

Anthony veria como se resolvia a vida.

Apesar de que sua irmã merecesse sua raiva e indiferença pelo modo como havia contribuído para destruí-la durante todos esses anos, na verdade, Paige sentia pena porque não podia sequer imaginar como deveria ser sofrer da condição mental de Coral.

O carro parou em um semáforo, e ela aproveitou para ver suas mensagens de texto. Os dias anteriores haviam sido intensos, em todos os sentidos.

O primeiro encontro com Blake foi uma revelação. Sem fantasias nem máscaras, ele permitiu, durante as horas em que conversaram, que ela o conhecesse um pouco mais... Respondeu com humor, sarcasmo, tristeza, e exigiu, da mesma forma, respostas da parte dela.

—Então, sua irmã não tem sido o tipo de pessoa da qual você esperava receber apoio —disse com um gesto pensativo.

—Não a culpo. Ninguém pede para ter as doenças das quais sofre... Acho que somos uma daquelas famílias —disse dando de ombros— um pouco complexas.

—Fico feliz que Josh a tenha encontrado nesse concurso.

—Que não ganhei...

—Teria dado no mesmo, porque Josh teria feito o impossível para ter você em sua empresa. Somos muito persistentes. Nisso somos parecidos. Talvez seja por isso que nós somos bons amigos.

—Como se conheceram?

Ele havia contado sobre sua vida na Europa, brevemente, pois, embora Blake parecesse disposto a abrir-se com ela um pouco mais a cada vez, não deixava de manter suas reservas, e isso era algo que Paige já esperava. Não existiam milagres que transformassem uma pessoa discreta em uma completamente aberta.

—E o que você queria demonstrar lançando-se no mar quando era evidente que havia corrente e estava perigoso? —ela tinha perguntado ao saber que a amizade de Blake e Josh havia se fortalecido quando o agora marido de Melinda o salvara de morrer afogado.

Blake riu.

—Uma mulher, é claro.

—Claro —ela murmurou.

Paige sentiu vontade de chorar quando ouviu o que aconteceu com Tritão. Ela adorava os animais, e só a ideia de tomar a decisão de colocar um para dormir, por mais doente que estivesse, era desoladora. Por outro lado, saber que Blake havia tentado dormir com outras mulheres depois da noite juntos na mansão em Colorado Springs, não a deixou nada bem; mas ela havia exigido sinceridade, e esse era o preço: aceitá-la.

Ela não tinha uma opinião clara sobre a ex-mulher de Blake. Apenas tinha a tese de que perder um homem como ele não devia ser fácil, e pior ainda se o erro havia sido de Sheela. Ter sido infiel? Paige não conseguia assimilar dentro de seu sistema lógico como uma pessoa era capaz de trair outra a quem havia prometido fidelidade e compromisso. Não seria melhor ficar sozinho

para não machucar outras pessoas quando não havia certeza de querer um relacionamento com compromisso? O egoísmo do ser humano era algo histórico, e a infidelidade conjugal era um claro exemplo de uma de suas vertentes.

—Falcon?

—Diga-me, senhorita Valois.

—Vamos para a escola do meu sobrinho, por favor.

—Claro —respondeu o motorista. O homem tinha experiência trabalhando com celebridades e já sabia como devia tratá-las, bem como os momentos certos de falar e de se calar.

Ela gostaria de ter dito para irem até a casa que Blake estava alugando. Ele tinha garantido que não iria misturar a relação que começavam a construir entre eles com o trabalho, e só viajaria de volta a Los Angeles em caso de emergência, do contrário, Macron se encarregaria de resolver qualquer imprevisto, ou qualquer um dos gerentes.

Blake estava alugando um apartamento muito bonito a vários quarteirões de distância da casa que Paige havia adquirido. Era uma forma de ir com cautela na relação entre os dois.

Depois de suas saídas noturnas, os beijos entre ambos começavam a esquentar além da conta. As carícias eram inflamáveis, e o desejo parecia consumi-los. O prazer que proporcionavam um ao outro não terminava na cama. Blake parecia disposto a lhe mostrar as diversas formas pelas quais poderia levá-la ao êxtase, sem a necessidade de fundir seus corpos do modo mais elementar. Ela retribuía os prazeres com o mesmo entusiasmo com o qual os experimentava.

Mas ela sabia que aquela noite seria diferente. Muitas pessoas poderiam até dizer que, depois de terem se deitado juntos pela primeira vez, não fazia sentido prolongar o inevitável. Mas estavam enganadas. A expectativa e o desejo de vibrar outra vez sob a pele de seu amante, enquanto este estava completamente envolvido em seu sexo, seriam mais intensos após a espera. Embora fossem poucos dias.

Flertar e provocar um ao outro também era divertido. Poderiam quebrar o jogo de regras implícitas quando quisessem. Essa ideia a empolgava, e estava convencida de que a ele também. O controle de um com relação ao outro não era muito rígido, mas nem por isso Paige deixava de surpreender-se pela forma como Blake podia parar caso ela pedisse.

E com Blake não se tratava apenas de excitação a um nível sensual.

Ele conseguia estimulá-la a querer ser melhor como profissional. Era notável o conhecimento que possuía sobre a música e, ao mesmo tempo, o quão relaxado conseguia ficar quando precisava tomar decisões drásticas. Podia falar sobre tudo, e Paige acreditava que jamais se cansaria em uma conversa com ele. O genuíno interesse de Blake por suas opiniões conseguia consolar aquele lado dela que havia ficado sempre esquecido pela imagem errada que os outros costumavam ter sobre ela. Finalmente, depois de Melinda e Josh, alguém a enxergava de verdade, e isso era muito mais empolgante do que qualquer prêmio, contrato multimilionário ou até mesmo a intensa experiência de um show com os seus fãs.

Parecia ter vivido em pouco tempo, o ímpeto de uma relação —formal ou não— onde se falava de tudo, e aproveitava intensamente cada minuto. Era revigorante, e também a intimidava um pouco. Era como subir em uma montanha russa, com altos e baixos, mas nunca monótona.

—Chegamos —anunciou Falcon, tirando-a de seus pensamentos.

Ela sorriu.

—Volto em um momento.

Paige tinha conseguido que sua irmã lhe permitisse buscar Shawn na escola todas as tardes desde que estava em Portland. Aquele era o momento em família que ela gostava. Costumava almoçar com Coral e seu sobrinho. Anthony estava desaparecido do mapa, e sua irmã gêmea

dizia que ele estava muito sobrecarregado com a fazenda e a oficina mecânica. Paige não duvidava, mas faltava pouco tempo até que Anthony saísse de suas vidas. Se havia tido paciência durante aqueles quatro longos anos, agora não iria se desesperar.

—Tia, Pai! —exclamou Shawn quando a viu na entrada do corredor onde os familiares esperavam para pegar as crianças.

As medidas de segurança na escola eram muito rigorosas. Tudo era imediatamente relatado em quaso de qualquer dúvida sobre a identidade das pessoas que diziam estar autorizadas a buscar os alunos. Devido ao sigilo, à qualidade da educação e ao nível de segurança da instituição, o custo da mensalidade era um luxo que Paige podia bancar, e não se importava. Coral se encarregava de cobrir os gastos com material escolar, e Anthony... Bom, Anthony pelo menos tinha a decência de pagar os custos dos uniformes e os serviços básicos da casa em que vivia.

—Oi, Shawn —disse, pegando a mochila e colocando-a no ombro—, como foi hoje na aula, querido?

O menino sorriu. Era muito falante, apesar de seu ainda limitado vocabulário, e muito curioso sobre tudo ao seu redor. Gostava de pintar e desenhar, e além disso, já começava a questionar tudo em sua ânsia de entender a diferença do que considerava real ou fantasioso. Paige se emocionava quando o via dançando uma de suas músicas. Ambos tinham um pacto secreto. Shawn jamais deveria contar a ninguém que sua tia cantava para muita gente. Aquele pequeno acordo era uma medida de segurança, para ambos, e Paige ficava feliz que o menino estivesse sempre disposto a cooperar.

—Eu ganhei uma estrela por ter respondido a pergunta da professora e ninguém mais sabia, tia Pai —respondeu ele, mostrando a ela o adesivo em forma de estrela dourada que estava colado em sua camiseta.

—Isso merece um prêmio, o que você acha de um sorvete?

—Sim! —disse com um sorriso que a fez lembrar-se dos momentos felizes de sua infância, antes da morte de seu pai e do caos que tudo se tornou.

Quando o anoitecer tocou o céu, Paige deixou de lado as folhas pautadas em que estava trabalhando desde que havia deixado Shawn na casa de sua irmã. Ficava triste por despedir-se de seu sobrinho, mas em breve poderia pedir sua custódia. Sabia que Coral ia lhe dar dores de cabeça. Já imaginava isso, mas iria de todas as formas brigar pelo bem-estar de Shawn. Tinha que pensar na criança. Se precisasse mudar o foco de sua carreira musical para criá-lo, faria sem hesitar nem por um segundo, mas antes tinha que ir ao tribunal e ganhar o caso.

Essa noite iria sair com Blake. Vestiria seu vestido favorito.

Cada encontro com ele parecia ser o primeiro. Sabia que era o entusiasmo dos primeiros momentos com alguém novo. O amor jamais havia lhe dado alegrias, somente homens que saíam com ela apenas porque queriam algo em troca: aparecer bem na imprensa, publicidade ou cinco minutos de fama. Sexo? Sim, claro, isso também, mas Paige era mais esperta e não permitia que fossem muito longe antes de ela perceber o que queriam de verdade.

Conferiu seu telefone. Não tinha chamadas perdidas de sua assistente. Isso significava que não tinha com o que se preocupar. Podia desfrutar de mais um dia de tranquilidade. Pelo menos dentro dentro do possível, porque a situação de Anthony a incomodava. Queria poder voltar no tempo... "O passado era passado, sim, mas quando ficavam as marcas era difícil esquecer..."

No dia anterior, Blake teve que voltar de repente para Los Angeles para cuidar de um assunto

pontual em seu escritório, mas já estava de volta em Portland. Ou deveria estar no horário que haviam marcado seu encontro naquela noite. Iriam a uma peça de teatro que estava se apresentando na cidade.

Tirou do armário um vestido violeta.

Uma das grandes vantagens de ser famosa era ter sempre designers de moda de primeira linha que lhe mandavam modelos lindos para que aparecessem em festas de gala ou eventos especiais. Tudo tinha prós e contras.

Tirou sua roupa e procurou um conjunto de lingerie de seda preto. Sorriu ao ver seu reflexo quando terminou de ajustar o sutiã sem alças. O vestido violeta era de algodão, sem alças, e abraçava suas curvas. Na parte de trás, várias tiras delicadas formavam um entrelaçado elegante e charmoso. A saia do vestido cai até a altura do joelho. Paige procurou os sapatos. Pegou um salto alto de cor prata que destacava suas panturrilhas.

Blake continuava sendo o tipo misterioso de sempre, mas pelo menos ela conhecia um pouco mais do caminho que era escuro para os estranhos. Para Paige aquilo era um privilégio, assim como era um privilégio para ele que ela tivesse decidido compartilhar seu tempo, seus pensamentos... seu corpo. Ninguém a havia tocado do modo como Blake a tocava, e nem a deixado sentir-se tentada a provar o que parecia proibido. Parecia que ele despertava nela o seu lado aventureiro.

Soltou um suspiro, enquanto terminava de trançar o cabelo.

Paige tinha quase terminado o álbum que iria apresentar aos diretores musicais da Lion Records. Porém não havia decidido qual seria a última música que encerraria o álbum. Mas tinha algumas semanas de tempo pela frente para escolher com calma.

Josh estava certo quando sugeriu, tempo atrás, que precisava fazer uma pausa. Inclusive gostava muito mais da música assim, sem pressões, com uma sensação de adrenalina que, agora percebia, estava faltando. Muito disso também tinha a ver com Blake.

Não lembrava da última vez que havia sentido borboletas no estômago com a ideia de ver alguém com intenções românticas.

Paige procurou entre seus perfumes. Coco Mademoiselle.

Galeana a havia ligado momentos atrás. Tinha lido as manchetes da imprensa. *Paige Valois volta ao bom caminho. A princesa rebelde da música mostra seu lado altruísta. Paige numa faceta nunca vista antes. Paige Valois conquista o coração de seus fãs. Fora dos palcos, Paige Valois continua conquistando corações.* Era um excelente sinal, pensou a cantora. O seu "exílio" estava dando resultados. Talvez pudesse encontrar um modo de falar com Galeana para que advogasse por ela diante de Macron ou Blake, e começar logo a estudar os arranjos musicais do seu novo álbum, trabalhar a parte artística, material, e outros, bem como decidir as datas de gravação.

A possibilidade de antecipar a assinatura do contrato definitivo com a Lion Records parecia uma meta alcançável. Não podia dizer a Galeana que seu cunhado, apaziguado por enquanto e à espera de que Paige encontrasse uma solução para o seu novo problema econômico, no momento estava fora de jogo e, graças a isso, Coral estava medicada, coerente e mantendo um perfil discreto. E por isso Paige não estava nas manchetes escandalosas, como costumava ser quando Anthony não conseguia se safar, e ela se recusava a dar o que ele pedia.

Sentia-se eufórica porque, sinalmente, sua vida parecia alcançar um equilíbrio.

CAPÍTULO 18

—A música é linda, Paige —disse Blake quando ela terminou a última nota— tenho certeza que a equipe encarregada pelas novas produções vai pensar da mesma forma. Obrigado por compartilhar comigo.

—É mesmo?

Blake assentiu.

—Só quero que você saiba que eu estou trabalhando arduamente.

—Eu sei, e aprecio muito o esforço que você faz, porque demonstra o quanto significa a música e sua carreira para você. Depois que você me contou sobre Anthony, eu entendi tudo. Deveria deixar eu fazer alguma coisa por você... Poderia acabar com seu cunhado em um instante.

—Obrigada, Blake, mas é uma batalha que eu preciso lutar sozinha.

—Não precisa fazer isso...

—Fazer justiça é a única forma de curar as feridas.

—Então a música fala desses últimos quatro anos difíceis, por isso colocou o título *Ladainha*?

Estavam no apartamento que ele tinha na cidade, depois de terem passado para jantar em um restaurante tailandês e desfrutar de um pouco de música de rua enquanto passeavam pelos arredores com discrição. A peça de teatro estava muito boa, mas não ficaram até o final.

Enquanto andavam pelos arredores, à vista dos que passavam, não trocavam carícias, e apenas caminhavam como faria qualquer casal de amigos. Iam a passos rápidos, e assim evitavam o risco de que algum curioso se aproximasse de Paige caso percebesse sua presença.

Se alguma vez alguém se encontrasse com Coral, dificilmente a associariam com sua gêmea famosa. Em troca de usar uma peruca para não chamar a atenção, recebia de Paige um crédito nas melhores boutiques da cidade. Era um acordo justo, e que Coral quebrava somente quando Anthony tomava a decisão de usá-la para seus propósitos avarentos.

—Sim... —sorriu— você é muito esperto. —Ele deu uma gargalhada—. Eu ainda tenho que fazer alguns ajustes, mas estou muito feliz com o resultado.

—Se todas tiveram a mesma qualidade de *Ladainha*, acho que terão pouca coisa para ajustar no seu material. Ainda falta uma música para completar as dez?

—Estou trabalhando nela, sim. Tenho a impressão de que vou terminar esse material antes que acabem os três meses de teste.

—Isso é ótimo, Paige.

—Por que você não quer estar nos holofotes dos palcos, Blake? Você tem um ouvido muito bom e conquistaria muitos fãs.

—Quando eu era pequeno eu vivia essa coisa de câmeras, gritos e o fato de ser o centro das atenções. Às vezes, meus pais brigavam por fofocas mentirosas da imprensa, e me doía ver como minha mãe se esforçava por nos proteger. Minha irmã, Pauline, é outra história —sorriu—, ela gosta muito do mundo do espetáculo, mas agora está na última etapa da sua segunda gravidez e, por isso, está afastada por um tempo. Eu preferi ir para a Europa e, desde então, posso viver uma vida normal fazendo as duas coisas que mais gosto no mundo profissional.

—A música e os negócios através da Lion Records.

—Sim. Me divirto com ambos, sem precisar ser o centro das atenções...

—Você não acha que gera ainda mais curiosidade por ser tão esquivo e colocar Galeana diante

da imprensa, ou mesmo Macron, mas jamais você?

—Eu não sou notícia para eles, e é melhor assim. Minha vida pessoal se mantém isolada e não corro riscos de que a minha empresa acabe ficando em segundo plano. Também protejo, de alguma forma, a privacidade da minha família —deu de ombros— não sei se estou conseguindo me explicar.

Paige sorriu.

—Explicou bem, mas no meu caso eu gosto do carinho do público, saber que se identificam com minhas letras assim como eu, e, para mim, não existe maneira melhor do que nos palcos para colocar para fora o que carrego dentro de mim.

—Nós somos diferentes nesse aspecto.

Blake aproximou-se e segurou sua mão. A forma como ele a contemplou lhe causou um arrepio na pele.

—Paige, escuta —começou com traços de arrependimento no tom de sua voz— lamento ter julgado mal sobre as suas capacidades musicais, e também na questão pessoal —confessou, olhando para ela fixamente, caso ela tivesse esquecido que aquela era uma sincera verdade— espero que agora você consiga perceber que eu tento ser sincero com você, e não guarde ressentimentos.

Paige acariciou com seus dedos os dele.

—Fico feliz em ouvir você dizer isso... —aproximou-se mais e ergueu as mãos até rodear o pescoço de Blake—, mas já são águas passadas. —Sorriu—. Não acha?

—Sim...

Durante o dia anterior e naquela manhã, ele estava em seus escritórios centrais.

Galeana não havia conseguido convencer Malcom JJ, um novo cantor que estava há seis meses na gravadora, a desistir de sua tentativa de abandonar a companhia para assinar com a concorrência. O artista de origem porto-riquenha baseava sua decisão argumentando que não havia recebido a mesma publicidade que outros artistas receberam por parte da equipe de marketing da Lion Records, e que por isso seu disco de estreia havia apenas conseguido aparecer na lista da Billboard.

Macron estava atendendo sua própria agenda e, na ideia de Blake, nada apaziguava mais um artista do que o presidente da empresa. Por isso teve que voar de volta para Los Angeles para resolver o problema.

Depois de uma longa conversa com Malcom JJ. e seus advogados, conseguiram chegar a uma solução e ele concordou em continuar na gravadora. O menino era talentoso, mas se deixava influenciar muito pelo que os outros colocam em sua cabeça para fazê-lo duvidar.

Galeana estava de péssimo humor porque detestava falhar e, com isso, fazer com que Blake deixasse sua posição de discríção para resolver o que ela não conseguia. Geralmente, sempre tinha sucesso em suas ações e recebia uma generosa bonificação no final do ano. Não era do tipo que tolerava sua própria incompetência, e em situações como esta seu humor de cão saía à tona em sua mais primitiva essência.

Blake percebia que a sua principal executiva estava começando a se tornar um pouco cruel em seus meios de alcançar os objetivos. Não com os de fora, mas com a equipe interna da Lion Records. Algo questionável. Na verdade, Blake já tinha lido reclamações —através do gerente de recursos humanos— onde alguns colaboradores não concordavam com os métodos de Galeana de fazer lobby ou com a forma como ela agia se alguém preferisse tirar férias em vez de adiá-las porque ela assim havia decidido.

Blake tinha muita estima por Galeana, principalmente porque ela havia sido um pilar de apoio

durante o seu divórcio, como amiga e conselheira. No entanto, não ia permitir que mais queixas daquele tipo chegassem à sua mesa. Por isso, antes de pegar o voo de volta para Portland, havia tido uma conversa com ela. A bela profissional de relações públicas, é claro, não estava acostumada a ser repreendida por seus métodos de trabalho, mas era o que acontecia. Blake separava cuidadosamente os negócios de seu apreço pessoal dentro das portas da sua companhia. A única exceção era Macron, pois eram sócios e isso seria ridículo.

—Como você acha que eu vou conseguir os resultados que espera? —perguntou ela de braços cruzados e com uma expressão confusa no rosto.

—Não pressionando as pessoas que trabalham com você a ponto de preferirem buscar trabalho longe da Lion Records —respondeu ele com firmeza— eu nunca pedi que você fizesse coisas que vão além da ética. Nem que utilize um nível de pressão tão alto que as pessoas comecem a desistir. Isso não é uma fábrica com linha de produção, é uma empresa artística. Lidamos com outro tipo de talentos e possibilidades. Vamos, Galeana, se você tem passado alguns meses difíceis em sua vida pessoal, sabe que pode me contar. Tire um tempo de férias.

Ela o olhou com raiva.

—Eu tenho dedicado meus anos à Lion Records! Como ousa tentar chamar minha atenção como se eu fosse uma menina mimada? —perguntou ela, levantando as mãos com frustração.

—Galeana, ninguém é indispensável, e por mais que eu aprecie a nossa amizade, jamais vou permitir que isso interfira no meu negócio. Você sabe disso perfeitamente, então, por favor, não me faça repetir.

Ela então aproximou-se dele, com as mãos na cintura, a testa franzida e um olhar questionador.

—Eu posso lidar com isso —respondeu baixando o tom de sua voz de forma desconfiada— em todo o caso, agora eu quero fazer uma pergunta.

—Estou ouvindo.

—Aconteceu alguma coisa entre você e Paige Valois para que você tenha decidido verificar por si mesmo o que eu tenho dito nos relatórios sobre como vão as coisas com ela em Portland?

—O que eu faço ou deixo de fazer fora do escritório não é responsabilidade sua. Jamais confunda os papéis —respondeu, com raiva.

—Blake, cuidado, porque não precisamos de uma Helena de Troia nesta empresa. Foi preciso muito trabalho para alcançar o que construímos em nossa reputação. Se você colocar isso a perder por uma mulher que não sabe se vai lhe trair na primeira oportunidade que encontrar, o expondo ao ridículo, então não estarei presente para limpar o seu desastre pessoal. E se por acaso quisesse, o custo econômico seria alto.

Chateado, ele deu a volta na mesa para sentar-se em sua cadeira, deixando-a de pé. Sem convidá-la a sentar-se.

—Galeana, sempre admirei em você a força para ir em frente e sempre apreciei suas dicas, mas me parece que é o momento de você se aposentar do meu escritório e repensar suas palavras. Não tente exercer o papel de mãe, porque eu já tenho uma.

Em vez de responder, ela começou a rir.

—Todos os homens são iguais. Basta ver uma saia balançando e vão atrás dela. Então, Blake, faça como achar melhor. Mas que fique muito clara uma coisa. Assim como você e Macron amam esta empresa porque lhes pertence, eu tenho sido leal por anos, horas, e noites em claro que dediquei para montar a excelente reputação da qual a Lion Records goza no mundo da música.

—Seus insultos vão começar a me irritar mais do que já estou. Não quero dizer palavras que

terminem em uma decisão que cause desconforto para ambos...

—Como quiser, Blake. Mas lembre-se do porquê que você me contratou.

—Eu sei o porquê —expressou, bruscamente, e batucando com os dedos sobre a superfície de sua mesa.

—Então, lembre que eu sou a melhor na minha área quando estiver em apuros.

—É uma ameaça?

—Não, Blake. Você e eu não somos do tipo de pessoas que faz ameaças, mas também não do tipo que fica quieto quando é repreendido por fazer seu trabalho para atingir as metas corporativas.

—Você já sabe como me encontrar.

—Portland, é claro. Minha equipe estará atenta a qualquer necessidade de sua parte.

—Não esperaria outra coisa de você.

Depois que Galeana deixou o escritório, ele também aproveitou para se reunir com os gerentes comerciais que estavam na cidade e coordenavam outras cidades do país. Os números eram satisfatórios e as baixas nas vendas estavam dentro da margem esperada. Foi um longo dia.

Ao pousar em Portland, a simples ideia de ver Paige dissipou o seu desapontamento. Ele conhecia detalhes da vida dela que Galeana ignorava. Mas não pôde defendê-la, porque isso teria implicado deixar escapar uma confidência de Paige.

Agora ela estava em frente a ele. Tão linda com o vestido violeta, os olhos expressivos atentos às suas palavras, e também sentia o calor que emanava de seu corpo. Como se a conhecesse durante a vida toda.

Não acreditava possível adiar por mais tempo a possibilidade de tocá-la mais intimamente. Precisava experimentar a conexão que tinha com Paige, a qual ia além do mero prazer. Não procurava uma explicação lógica, só queria senti-lá outra vez entre os seus braços...

—Blake? —perguntou Paige, o fazendo voltar ao presente—, o que está acontecendo?

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

—Desculpe...

—Você estava muito longe em seus pensamentos... Alguma coisa que o preocupe? —perguntou com inquietação, acariciando com o dedo sua testa franzida.

—Sim —respondeu maliciosamente—, estou pensando como poderia me livrar desse vestido que você está vestindo hoje, e que tem me deixado louco a noite toda.

O sorriso largo de Paige era tudo o que ele precisava como resposta antes de inclinar-se para devorar a boca que tinha desejado saborear durante todo o dia. Ela separou os lábios para receber a ansiosa língua habilidosa de Blake. Ele deixou escapar um suave ronronar de prazer. Depois de longos minutos, o beijo continuava fascinante, mas, desta vez, a sensação se parecia mais com intensos sussurros de prazer ardente se espalhando pela pele como suaves carícias de penas de ganso.

Blake lhe mordiscou os lábios, e começou a beijá-la sem língua. Eram beijos delicados, firmes e aveludados. Paige rompeu o contato visual que tinha mantido com ele durante o intenso momento, porque era a única forma de tentar conter as lágrimas. A emoção de sentir-se em seus braços, protegida de todo o vendaval que existia em sua vida, começava a arrasá-la.

Ele colocou as mãos entre os cabelos macios de Paige e intensificou seus beijos.

—Está tudo bem? —perguntou contra sua boca, enquanto limpava com o polegar a lágrima solitária que começou a rolar pela face direita.

—Mais do que bem... —ela sussurrou, antes de calá-lo com seus lábios. Blake não disse mais nada, pois sua cabeça se deixou envolver pelo prazer de tê-la a seu lado.

À noite, no meio da sala de belas cortinas brancas e com piso de madeira coberto por um grosso tapete persa no centro, se despiram lentamente um ao outro. Conforme cada peça deslizava até o tapete azul com detalhes em vermelho e dourado, ambos beijavam a pele que ia ficando nua, acompanhado o momento com um sorriso, um gemido ou um suspiro de ansiedade.

Blake não desejava nada mais além de saboreá-la, desfrutá-la e abastecer-se do consolo que aquele corpo quente oferecia.

—Sempre pode ficar melhor —murmurou Blake, e ela soltou uma gargalhada que terminou em um gemido quando ele acariciou um de seus seios nus e apertou o mamilo ereto—. Está vendo? —perguntou mordendo seu lábio inferior e puxando-o um pouco.

—Malvado...

—Um elogio, eu imagino —respondeu Blake acariciando ambos os seios de Paige com as mãos, enquanto seus polegares esfregavam os mamilos, e seu membro pressionava contra o de Paige sobre o tecido da roupa íntima de ambos.

—Imagina errado —disse rindo com suavidade.

—Shhh —sussurrou Blake antes de descer uma mão e posicioná-la no monte de Vênus. O dedo médio pressionou a umidade que sutilmente ultrapassava o tecido das calcinhas de seda e esfregou.

—Blake...

—Mmm? —ele sorriu e começou a fazer movimentos lentos.

Ela não demorou até tirar as mãos dos braços tonificados por exercícios, e lhe percorrer as costas com a ponta dos dedos. Gostava de sentir suas mãos sobre o corpo, porque Blake parecia conhecê-la perfeitamente, como se conseguisse prever suas necessidades. A pressão que estava fazendo sobre seu clitóris a deixava inflamada de desejo, e não queria nada além de livrar-se do tecido de seda que impedia o contato entre seus corpos. Queria contato pele com pele. Porque nada era suficiente.

Quando encontrou o elástico das cuecas, introduziu as palmas das mãos abertas, para agarrar ambas as nádegas. As apertou com cobiça, porque eram duras e suaves ao mesmo tempo. O corpo de Blake era como uma tentação constante, especial quando se vestia com jeans e camisa branca. Parecia que havia saído de um sonho erótico, e agora estava em frente a ela para realizar suas fantasias.

—Eu adoro você —sussurrou ela.

—Não mais do que eu a adoro.

—Uma competição verbal? —perguntou sorrindo, ao mesmo tempo em que apertava as nádegas com suas mãos. Ele lhe devolveu o favor mudando a posição de sua mão, deixando de acariciá-la sobre a seda e empurrando o pequeno pedaço de tecido para o lado para tocá-la a pele com pele.

—Física... —respondeu introduzindo um dedo na vagina de Paige. Ela curvou-se, e Blake fez pressão com a mão que acariciava o peito esquerdo, beliscando o mamilo. A combinação dessas carícias quase fez com que Paige se contorcesse com a iminente chegada de um antecipado orgasmo. Não aconteceu porque ele deixou de tocar a vagina úmida mediante o protesto dela, que optou por trazer as mãos para a frente e agarrar o membro ereto de Blake. Acariciou-o de cima a baixo.

—E quem ganharia? —perguntou Paige enquanto ele a tomava subitamente em seus braços quando ficaram completamente nus.

—Aqui a resposta —respondeu ao chegar em seu quarto e deitá-la sobre o colchão com lençóis pretos. Ela começou a rir.

Em seguida Blake a cobriu com o seu corpo. Parecia uma linda fantasia de pele branca, curvas perfeitas e pele acetinada. Somente dele, pensou com egoísmo.

—Agora, senhorita, apenas continue desfrutando.

—Essa é uma ordem que desejo cumprir com total entrega —murmurou antes de perder-se nos beijos profundos de Blake.

Não queria apressar o momento. Queria saboreá-lo como se fosse um daqueles pratos deliciosos e caríssimos que raramente são provados na vida. As carícias tornaram-se mais exigentes. A fricção da pele com pele era um verdadeiro afrodisíaco. Blake, em vez de tentar chegar ao clímax, decidiu prolongá-lo. Aumentar a tortura porque a sensação era mais satisfatória dessa forma.

Para Paige, começava a ser doloroso sentir a ternura nos beijos de Blake, porque nunca havia se permitido conhecer o carinho. Seus esforços estavam sempre focados em proteger-se de ser ferida, e agora, enquanto a boca de Blake tomava seu peito, e seus dedos a acariciavam intimamente, ao mesmo tempo em que sentia o membro ereto de Blake contra sua pele —tentando-a—, suas memórias sombrias começaram a se diluir e foram substituídas pelas que estavam sendo criadas por ambos naquela noite, e as que haviam sido criadas ao longo das últimas semanas, desde que se conheceram. Até mesmo as lembranças agridoces de seus encontros e desencontros.

—Eu adoro acariciar seus seios —murmurou percorrendo por seus seios, enquanto Paige com as mãos entre os cabelos de Blake, se curvava para que a mão masculina que acariciava seu sexo rapidamente, tivesse pleno acesso.

—E eu... Blake! —gritou ela quando sentiu ele descer sem avisar até que sentiu sua boca em suas partes íntimas. Diante da vontade das mãos de Blake de que se abrisse para ele, concordou, e se deixou levar.

Olhou para o teto, atônita, surpresa porque o prazer que sentia era incomparável. Pela primeira vez permitia que um homem a levasse ao êxtase com a boca. Com ele tudo parecia tão bom e adequado... Mas nem por isso deixavam de assustá-la as possibilidades que poderiam construir, ou destruir, por causa do que estava acontecendo entre os dois.

—Quer que eu pare? —perguntou, afastando a boca.

—Não!

Com um sorriso, Blake, assentiu.

Estava desfrutando com os seus lábios, apoiado sobre os cotovelos, olhando-a nos olhos enquanto lhe dava prazer. Para Paige, olhá-lo nos olhos também, sem negar as emoções que a inundavam e sem negar o que estava acontecendo, lhe causava uma sensação muito diferente de tudo. Assustava, mas também lhe dava a liberdade de sentir-se plena, pois estava consciente das emoções envolvidas.

—Acaricie seus seios, Paige —ordenou, e ela não hesitou em seguir sua ordem totalmente—, Deus, você é simplesmente deliciosa —resmungou ele, antes de introduzir dois dedos nela, e com uma última suave sucção do clitóris, a ouviu chegar ao orgasmo.

Blake não podia se segurar por mais tempo. Acomodou-se para beijá-la, transferindo com sua boca o sabor dela mesma. Ela parecia tão rendida ao que a luxúria ditava, que aceitava sem reservas.

—Vire-se, Paige —sussurrou ao seu ouvido, mordendo o lóbulo direito, antes de acrescentar com a voz rouca e a ponto de explodir—: Se apoie com os joelhos sobre o colchão e também com as palmas das mãos.

—E você, não quer que eu o tome com a minha boca?

—Dar prazer a você, e tomá-la da forma como vou fazer pode ser tão prazeroso como o sexo oral.

—Não me diga...

—Eu lhe mostrar —sussurrou contra a boca de Paige, antes de virá-la.

Ela ficou na posição que ele havia pedido. Tinha vontade de beijar e olhar para ele, mas a ideia de que a tomasse por trás era atraente em todas as formas possíveis.

—Então mostre —respondeu ela olhando sobre o ombro.

Logo sentiu a ereção de Blake contra suas nádegas. Sentiu a palmada que lhe deu no traseiro, e gostou da sensação que sentiu depois do arrepio. Penetrou de uma única vez em sua vagina úmida, e a ouviu gemer. Ela moveu os quadris para senti-lo profundamente e começaram a se mover com rapidez. Era como se não tivessem o suficiente um do outro, porque a corrida que estavam correndo era para alcançar o clímax e para mostrar o quanto desejavam um ao outro.

Ele subiu as mãos pelo abdômen suave, e depois inclinou-se até conseguir alcançar os seios generosos de Paige. Adorava o contato dos seios firmes e macios dela. Não havia canção melhor do que aquela que ambos compunham naqueles momentos de prazer, ao entrelaçar os segredos de seus corpos se unindo.

—Paige...

—Oh, Blake...

Momentos depois, ambos se acomodaram de costas sobre o colchão, olhando para o teto. Quando a respiração dos dois desacelerou, se olharam. E aquele olhar dizia tudo. Acabavam de chegar a um ponto sem volta. Não era necessário falar o que seus corpos acabavam de dizer, nem o que suas almas sabiam.

Permaneceram em silêncio até que ele a puxou para seu lado. Deu-lhe um beijo nos lábios. Ela sorriu antes de deixar escapar um bocejo.

—Cansada? —perguntou ele, enquanto sentia ela acomodar a perna contra a sua, abraçando seu corpo.

—Nem um pouco —respondeu antes de fechar os olhos, descansando a mão sobre o peito de Blake e encaixando o rosto sobre o braço que a envolvia.

Com a mão que estava livre, ele cobriu os dois com o lençol.

—É o que eu pensava... —disse acariciando o quadril nu sob o lençol, antes de acompanhar Paige em seu sono.

CAPÍTULO 19

Ela estava lendo o e-mail deitada em sua cama quando Blake voltou do centro da cidade. Ele havia enviado uma mensagem de texto dizendo a ela que tinha uma surpresa. Paige não imaginava o que poderia ser.

Haviam passado os últimos cinco dias juntos, às vezes, na casa de um e do outro, mas geralmente honravam com os compromissos das manhãs a partir das sete e meia. Blake, porque tinha que resolver as coisas do escritório de Portland, e Paige porque ia à academia para depois voltar e trabalhar em seu novo material.

Durante os momentos em que não se viam, ela aproveitava para estar um pouco com Shawn. Sua irmã não se preocupava muito, a gravidez estava indo bem, de acordo com ela, e mal se notava, tanto que Paige duvidava se era mesmo verdade. Talvez tivesse ganhado peso, pois ultimamente não se cuidava na dieta pela ansiedade que a aparente crise de seu casamento com Anthony a causava, e tentava fingir outra coisa. Não se surpreendia com sua irmã, mas ficaria aborrecida, porque Shawn estava entusiasmado com a ideia que Co-Co havia criado de ter um irmão.

Paige havia tirado tempo para receber Will uma última vez. O dossiê informativo sobre Anthony estava completo, não era necessário mais nada, por isso agradeceu a seu investigador privado, por toda a paciência e trabalho. Lhe deu uma generosa bonificação e considerou aguardar o melhor momento para levar seu cunhado às autoridades. Ela havia contratado, sem que soubessem, seguranças para sua irmã e para Shawn, para protegê-los. Seus advogados se encarregaram das cláusulas de confidencialidade. Se o cretino de Anthony tinha dívidas e os mafiosos e pegassem, ou seja lá quem estivesse atrás dele, não importava.

Por outro lado, seu tempo com Blake parecia quase um sonho, mas tudo que é bom tinha um final. E Paige não se surpreendeu quando Galeana ligou para dizer que ela precisava arrumar as malas porque, em sua agenda, havia um compromisso com uma fundação para idosos que haviam sido abandonados por suas famílias e viviam em uma residência que exigia várias melhorias. Um show privado em Oklahoma City.

Deitada de lado, como estava em sua cama, ele sorriu ao ouvir os passos no andar inferior. Blake. Continuou lendo a mensagem de Galeana até o final. Havia anexado um compêndio de informação sobre as manchetes da imprensa e um monitoramento diário de tudo o que acontecia no entorno das celebridades, além dos rankings de seus vários trabalhos discográficos. De Los Angeles, sua assessora e Betty enviavam e-mails com pedidos de fãs de todo o mundo, em especial saudações de aniversário personalizadas. Paige respondia sempre, embora também houvesse mensagens genéricas devido à alta demanda de atenção que seus seguidores exigiam.

Josh havia lhe dito que estava muito contente porque, qualquer que fosse o motivo, a mídia não se referia mais a ela de forma depreciativa ou questionando alguma estupidez ou falsidade que manchasse o que realmente importava: seu trabalho musical e a sua reputação. Além disso, Melinda —que desconhecia, como todo o mundo, sobre sua relação com Blake— lhe disse que tinha recebido várias perguntas discretas de Kirk, perguntando sobre seu retorno a Los Angeles. Paige apenas respondeu Melinda com um sorriso e depois mudou de assunto.

Sua amiga não tinha nada de boba, por isso, se suspeitasse ou não que Paige estivesse saindo com alguém em Portland, não diria. Outra coisa que gostava em Melinda é que ela sabia quando pressioná-la e quando deixá-la tranquila. Falaram sobre um pouco de tudo, mas antes de se

despedir, a última vez que se falaram, ela disse que estava tentando não se fechar para o amor. E isso havia sido tudo.

Paige sentia falta de poder fazer o que tivesse vontade, apesar da perseguição dos paparazzi, mas faltava cada vez menos tempo para saber a resposta da Lion Records. Com Blake, que preferiam não falar de trabalho, salvo quando ele estava no computador trocando e-mails com sua equipe ou se, por acaso, Galeana ligasse e ela estivesse casualmente ao redor durante a chamada. Além disso, o apoio de Blake —imparcial— era constante em seu processo de trabalho no material que tinha em mãos.

—Olá, linda —disse ele, abraçando-a por trás, acariciando seu abdômen. Tinha sentido falta dela—, você teve um bom dia?

Ela ia se virar para beijá-lo, e ele sorriu.

—Agora, sim —respondeu, recebendo-o com um longo beijo que ele retribuiu.

Ao reparar o telefone de Paige aberto na caixa de e-mail, se afastou.

—Aconteceu alguma coisa com Galeana? —perguntou com um tom sério. A discussão de dias atrás com a sua profissional de relações públicas ainda estava em sua cabeça. Não comentou com Paige porque preferia manter os dois assuntos completamente separados.

Paige franziu a testa. Ela achou estranho, pelo menos agora, o tom

—Nada que você precise se preocupar —acariciou seu rosto, e ele inclinou a cabeça para beijar a palma de sua mão.

Ela assentiu.

—Eu tenho um show. Preciso viajar durante três dias. —Lhe contou do que se tratava—. Por isso, aconteça o que acontecer, preciso ir.

—Você tem notícias de Anthony? —perguntou, tirando os sapatos para se acomodar melhor sobre o colchão.

—Na verdade não, e isso absolutamente me tranquiliza. Deve estar tramando algo, mas a minha família está segura. Você sabe que a agência de segurança que eu contratei para eles é a melhor da cidade.

Ele assentiu.

—Seu sobrinho é um bom menino —disse. O havia conhecido dias atrás, e lhe pareceu um menino muito inteligente para sua idade. Certamente ficaria mais do que bem com Carrie.

Paige e ele falavam de muitos assuntos, porém, ele continuava relutante em comentar sobre a sua família. Achava que ela, às vezes, o olhava de maneira desconfiada, mas logo aquela expressão desaparecia de seu lindo rosto. Para ele, conseguir se abrir para uma pessoa era muito difícil, embora havia avançado um pouco com ela, e de qualquer forma mantinha seus segredos em relação à vida familiar. Não porque considerasse Paige uma ameaça, mas porque proteger-se era uma resposta automática e natural depois da decepção com Sheela.

—Sim —sorriu— ele é. Fico muito feliz de vê-lo crescer e aprender. Ele foi um dos principais motivos pelo qual eu decidi ficar aqui...

Ele se inclinou para beijá-la na ponta do narizinho arrebitado.

—Agora sei disso, querida. Você é uma tia muito boa com ele. Espero que quando for mais velho ele lembre de tudo o que você tem sacrificado por seu bem-estar. O que ainda não me explicou é por que você não faz alguma coisa contra Anthony —disse isso contendo sua raiva pela forma como aquele desgraçado a havia manipulado esse tempo todo. Queria fazer alguma coisa a respeito, e mandar para o inferno aquele indivíduo.

—Porque tudo tem um tempo, e eu não posso agir como bem eu quiser porque ele sairia ganhando... E não se trata apenas de dinheiro.

—Entendo, mas me irrita a ideia de que alguém tenha se aproveitado de você manchando sua reputação dessa forma. Quase custou a sua carreira musical!

Ela abaixou a cabeça e soltou um suspiro de cansaço.

—Nada é o que parece, percebe agora?

—Sim... E eu fui um estúpido com você.

—Nisso estamos de acordo. —Blake soltou uma gargalhada—. De qualquer forma, Blake, há algo que eu quero falar.

—Você já sabe que pode falar comigo de tudo.

"Ou não de tudo", pensou Paige no que estava a ponto de comentar. Mas, como poderia continuar se segurando? Tentava ser pragmática, e cada dia era mais difícil porque, precisava aceitar, estava começando a se apaixonar por alguém que não tinha feito nenhuma promessa, e ela também não. A partir do que ele dissesse, então poderia tomar certas decisões que incluíam afastar-se ou deixar-se levar pela força que seus sentimentos por Blake Howard começavam a ganhar.

—Faltam poucas semanas para cumprir o prazo do meu contrato, eu não gosto de mencionar esse assunto entre nós, mas tenho uma pergunta importante para fazer a respeito e, na verdade, isso está me rondando a mente todo este tempo. Você está consciente de que está saindo com uma pessoa tão pública como seus pais eram, ou como sua irmã é?

—Essa é a pergunta? —indagou, confuso.

Ela fez uma negação com a cabeça. Sentaram um de frente para o outro sobre o confortável colchão da cama de Paige.

—Apenas me pergunto como nos afetaria o contrato que tenho com a Lion Records, algumas semanas depois da data limite, quando meu contrato for definitivo —disse, muito confiante sobre a decisão final da empresa. Sabia que estava dando cem por cento, e fazendo malabarismos para equilibrar sua vida pessoal com a profissional—. Eu não gostaria que...

—O quê? —perguntou, ríspido. Instintivamente ficou tenso—. Você já está pensando em como tirar proveito da relação comigo, apesar de dizer que não foi sua intenção mencionar o contrato?

Nem bem terminou a pergunta e soube que havia acabado de cometer um grave erro e que, não importava o que dissesse, havia magoado Paige. Como ele explicaria que havia sido apenas uma reação instintiva? "Foda-se".

Estava acostumado com pessoas que só esperavam benefícios ou coisas por sua posição, em especial as mulheres, quer fossem paquera casuais ou relacionamentos sérios, e foi inevitável ficar na defensiva. Paige começou a afastar-se como um ouriço.

—Espera, Paige —disse, segurando-a com firmeza para que não saísse da cama— não é o que você está pensando. Eu não quis dizer... Escuta, não se trata de...

—Não, não precisa explicar. Eu não devia mencionar —respondeu—. Entendo que, apesar de tudo que você já viu e ouviu sobre mim, na verdade, você continua pensando o pior da minha pessoa.

Ele negou com a cabeça.

—Eu gostaria de continuar vendo você depois que acabarem esses três meses —disse sério—. Não importa o que aconteça... Não procure mensagens subliminares nas entrelinhas. Elas não existem —concluiu ele com um tom tranquilizador, mas que não causou nenhum efeito sobre ela.

—Imagino que não —respondeu com sinais de alarme ecoando em sua cabeça. Ela não tinha vivido o suficiente entre traições e menosprezos em vão. Seu lado cínico se ativou—. De qualquer forma... Já não importa. Posso ir fazer as malas? —perguntou, olhando para um lado.

—Paige...

—É uma viagem de três dias, e como dependo de mim, já que tenho um contrato que exige que eu cuide o mais mínimo detalhe para não dar o que falar...

—Me escute! —exclamou ele e logo a colocou sob seu corpo, deixando-a sem possibilidade de saída. Ela, surpreendida, abriu os olhos devagar—. Você está começando a se fechar para mim. Eu conheço você...

—Tem certeza, Blake, você me conhece? É por isso que questiona se acaso eu sou mais uma da sua lista de amantes, interessada em tudo o que você possui em sua conta bancária? Como você ousa questionar isso depois de ver o que eu tive que passar nas mãos da minha família, e quando sabe que eu tenho mais ou, pelo menos, a mesma quantia de dinheiro que você? Ah... Talvez então você entende grego o que eu falo em inglês, e interpreta conforme achar melhor.

Ele entrelaçou seus dedos com os de Paige e colocou as mãos uma de cada lado da cabeça dela, segurando-a para que não tentasse se afastar de novo. Ela lutou contra ele, em vão. Virou a cabeça para que ele não visse seus olhos cheios de lágrimas não derramadas. Não era nada fácil, pois estavam muito perto.

—Não sei o que vai acontecer quando acabarem esses três meses, Paige —disse Blake com suavidade, sentindo-se como um canalha. Ele costumava ser comedido em seus comentários... E Paige havia se infiltrado sob a sua pele, como heroína no sangue, e a simples ideia de que ela pudesse ser como as outras, o deixava louco. Se sentia viciado nela, e era uma sensação incomum e assustadora, mas não era, sob nenhuma circunstância, uma desculpa para o que ele havia dito—. Essa é a verdade...

—Você é o dono da companhia. A pergunta que eu fiz foi simples, e não tinha nada a ver com razões profissionais, mas não poderia contextualizar a minha pergunta sem esse antecedente que nos levou a nos conhecermos. Mas já que você colocou isso na mesa, pois está comigo todo esse tempo, a quem, se não a você, correspondem as decisões importantes?

—Macron também decide...

—Me diz uma coisa —disse aspirando o aroma viril e a cara colônia de Blake, mas nem por isso deixaria passar a ofensa que acabava ouvir—, o que é mais importante para você, sua família ou seu trabalho?

—A minha família é intocável, e o meu trabalho essencial no meu dia a dia. Não sei por que a pergunta...

—Às vezes tenho a impressão de que você valoriza mais a sua empresa do que suas relações interpessoais... Pode ser que esteja errada —disse com sarcasmo.

—Não sei de onde você tira essas conclusões.

—Observação, análise...

Ele a soltou. Passou as mãos entre os cabelos loiros.

—Não gosto quando as mulheres começam a perguntar além da conta —murmurou para si mesmo.

Com facilidade, ela se afastou, e baixou as pernas até tocar o chão.

—Tenho que fazer as malas, como mencionei, eu saio amanhã às dez da manhã, e preciso adiantar toda a minha rotina de trabalho antes de ir para Oklahoma. O que acha de falamos em outra ocasião? Vamos transformar isso em um mal entendido, eu tenho muita coisa ao redor para me estressar agora.

—Paige... —disse ele, levantando-se até chegar a ela, que o olhava com uma expressão triste e determinada. Não queria deixar a situação nesse estado. Também não encontrava palavras para expressar o quão confuso estava com as emoções que sentia com ela.

—Não tem problema, Blake. Eu entendi a mensagem.

—Escuta, Paige, não é algo comum que uma pessoa entre na minha vida da forma como você...—Naquele instante, entrou uma ligação para o telefone. Blake tinha uma linha telefônica destinada apenas para a sua vida privada e outra para os contatos de trabalho. Não podia ignorar o remetente, pois eram pouquíssimas as pessoas que tinham seu contato telefônico. Sua irmã estava nessa lista importante—. Só vou responder essa chamada, e depois temos que resolver isso. Tudo bem?

Ela deu de ombros. Agora sua visão estava clara. Por um instante acreditou que, de verdade, Blake sentia respeito por ela. Ao menos tinha acabado de perceber antes que fosse tarde demais... Antes que estivesse mais apaixonada por ele como acreditava que estava. "Que má pontaria tem o Cupido."

—Suponho que seja muito fácil para você julgar as pessoas e esquecer o que, de verdade, sabe sobre elas. Acreditei que pudesse encontrar um pouco de sinceridade... —apertou os lábios incomodada pelo que ele tinha acabado de dizer, como se atrevia?, pensou, mais magoada do que irritada—. Não se preocupe —disse quando ele tentou se aproximar, e, em resposta, ela se afastou mais—, eu estou acostumada com as decepções. Preciso tomar um banho. Conversamos em outro momento. Falta pouco para acabar meu tempo de teste com sua gravadora. Realmente espero que você esteja satisfeito com o trabalho que tem feito —disse referindo-se a si mesma.

Ignorando a chamada, Blake a pegou pelo braço e a segurou. Ela olhou para ele com desafio, e ele não hesitou em manter sua atenção fixa naqueles olhos que o cativavam.

—Não se atreva a me insultar dessa forma. O que aconteceu entre nós...

Ela escapou das mãos de Blake e o empurrou levemente.

—Atende o telefone, Blake. —Balançou a cabeça, tentando fazer com que o movimento apagasse os pensamentos que cruzavam sua mente. Respirou profundamente e falou de novo—: Tenho uma agenda de trabalho para cumprir. Quando assinar o contrato definitivo com a Lion Records, você não terá que me ver porque estarei em turnê, então tudo ficará esquecido. Eu fiz tudo o que foi me solicitado pelo seu departamento de relações públicas, ao pé da letra, e todas essas semanas eu tenho trabalhado duro em meu novo material discográfico. Nenhum de seus advogados pode se queixar de que não tenho feito a minha parte. Agora, se é a sua empresa o que preocupa você, não se preocupe por nada, ok?

Fazia tempo que Blake não dava explicações a nenhuma mulher, muito menos quando tinha a ver com suas emoções. Estendeu a mão para tentar acalmar com suas carícias a dor que via em sua expressão que —agora— estava distante. Então compreendeu o quanto doía também *a ele* a ideia de não voltar a vê-la ou saber dela fora do âmbito profissional.

—Não quero que...

Com um gesto da mão, ela deu por descartadas as explicações de Blake.

O telefone particular de Blake chamou pela terceira vez, e ele não pôde ignorar por mais tempo. Irritado consigo mesmo, viu como Paige se trancava no banheiro. Conteve-se de amaldiçoar com as palavras.

Era sua irmã quem ligava. Insistiu que voltasse a Los Angeles se quisesse ver nascimento de seu sobrinho. Disse que estava com a cesariana agendada para aquele dia e que ele não se atrevesse a esquecer de estar ao seu lado se quisesse continuar usando o sobrenome Howard. Não tinha opção. A gravidez de Pauline havia sido delicada, e se ela não tivesse ligado naquele momento, o mais provável era que se esquecesse do nascimento do sobrinho, em que momento sua família parecia ter ficado em segundo plano a ponto de ele esquecer de algo tão importante como a cesariana de sua única irmã? Era uma resposta que, sinceramente, arrepiava sua pele.

Relutante e com uma última olhada para a porta fechada, atrás da qual se ouvia o som da água do chuveiro caindo, Blake saiu da casa. Ligou para seu piloto e pediu que preparasse tudo para partir dentro de uma hora para a Califórnia.

Tinha setenta e duas horas para voltar. Depois resolveria tudo com Paige, e compensaria o mal tempo que ele tinha acabado de causar com a sua estúpida e agressiva desconfiança. O mau humor, consigo mesmo, se intensificou.

Antes de ir para o hangar privado, tinha que passar por uma floricultura, e marcou no GPS o endereço mais próximo que apareceu após uma breve pesquisa no Google. Sabia que não era suficiente como um pedido de desculpas por seu doloroso descontrole, mas podia começar por algo... Pelo menos até que pudessem se ver de novo.

Só seriam três dias ou talvez, com sorte, menos.

Anthony saiu assobiando de sua oficina ao cair da noite. Tinha acabado de pagar sua dívida com Wakosky. E seu futuro era novamente promissor sem a presença da cachorra de sua cunhada. Tudo estava resolvido, pensou ele, enquanto abria a porta de sua casa com uma expressão otimista.

Coral, é claro, o esperava sorridente, e quando se aproximou, lançou-lhe os braços ao pescoço. Como poderia tentar se livrar de uma mulher que o agradava sempre? Na cama não era a melhor, mas tinha amantes que supriam a falta de inclinação de Coral por compartilhar a cama com duas ou mais pessoas. Era uma puritana, e nisso se parecia com Paige.

—Papai! —exclamou Shawn quando o viu.

—Olá —disse bagunçando-lhe os cabelos antes de voltar a atenção para Coral—: Como você está, querida?

Ela deu um sorriso largo. Quando a chamava desse modo, Coral sabia que teriam sexo.

—Você está muito feliz hoje, querido. Por isso vou aproveitar para lhe dar as boas notícias. As melhores em muito tempo.

"Eu não acredito", pensou ele, antes de dizer a seu filho que fosse brincar com a babá. Shawn olhou para ele com ressentimento, mas Anthony não se importou. Estava eufórico, e a única maneira de deixar controlar a adrenalina era dormir com uma mulher. Tinha ligado para Olympia, mas ela estava em seu turno de trabalho no bar onde servia as mesas. Portanto, sabendo que Coral tinha o dia livre, foi para casa.

Estar casado com a gêmea de Paige lhe dava muitos benefícios. Aquele havia sido, em especial, um dia que o fazia lembrar porque divorciar-se dela não era uma boa ideia. Não no momento.

—Não me diga... —respondeu colocando as mãos em sua cintura.

Ela assentiu, com segurança. Pegou as mãos do seu marido e as colocou em sua barriga. Fez um sinal para ele com os olhos.

—Vamos ser pais pela segunda vez —disse, exultante.

Anthony olhou para ela e depois começou a rir.

—Outro de seus truques, Coral?

Ela levantou a mão e lhe acertou o rosto com um tapa. Depois, virou-se para sair do cômodo, mas durou pouco a fuga impulsiva porque, antes de dar mais um passo, sentiu Anthony a pegando nos braços para levá-la ao quarto dos dois.

Em vão protestou quando ele a soltou, sem delicadeza, no meio da cama. A despiu com dificuldade antes de baixar as calças, abrir suas pernas, e começar a devorar sua intimidade com

a boca até umedecê-la e ouvi-la gemer. Momentos depois, Coral lhe cravava as unhas nos ombros exigindo que a penetrasse.

Anthony tirou a cueca e ancorou-se no interior de Coral sem enrolações.

Os gemidos que ela emitiu o resto da tarde não foram de dor...

CAPÍTULO 20

—Você está um pouco distraído, hoje, irmãozinho —disse Pauline deitada na cama do hospital. Tinha dado à luz Andrew no dia anterior, depois de uma cesariana delicada. O ginecologista sugeriu que uma nova gravidez poderia ser perigosa para sua vida e que o melhor seria fazer uma ligadura. Isso aumentou o tempo da cesariana.

Blake olhou para a irmã com um sorriso do sofá de visitas na suíte de luxo do hospital. Estava feliz por ter estado presente durante o nascimento de seu segundo sobrinho. Ver sua família o fazia lembrar do quão sortudo era na vida por tê-la e, em especial, porque cada um havia cumprido o papel que lhe correspondia, sem momentos embaraçosos ou dolorosos a ponto de semear ressentimentos que duravam para toda a vida, como o caso de Paige.

Haviam passado dois dias sem saber nada da mulher que ocupava nesses dias sua cabeça por completo. Várias vezes tentou ligar, escrevia mensagens de texto que apareciam lidas e sem resposta, e quase chegou a ponto de entrar em contato com Josh para saber se ele tinha ideia se estava tudo bem com Paige. Haviam passado apenas quarenta e oito horas sem contato!

Nenhuma mulher, nunca, havia o evitado, muito pelo contrário. E essa falta de resposta o deixava louco de raiva porque não podia se afastar de sua família. Era uma situação estranha e injusta pelo *timing*. Estava impaciente por voltar a Portland ou até mesmo ir para Oklahoma ou onde diabos ela estivesse.

Quando Galeana o telefonou para parabenizá-lo pelo nascimento de Andrew, que acompanhou com uma bela e cara cesta de presentes da Carter's, disse também que ele não precisava se preocupar com nada, porque todas as ações estavam seguindo a linha que havia sido planejada desde o início com Paige. As palavras de Galeana somente o irritaram, porque desde que havia resolvido verificar por si mesmo como iam as coisas em Portland com Paige, tudo havia mudado por completo. Não apenas na sua forma de entender os negócios —porque agora podia desprender-se de sua dependência do escritório por uma pessoa com a qual se importava de verdade e que o atraía como o Sol atrai as flores—, mas também em sua maneira de sentir. As mentes masculinas que haviam servido de exemplo para levá-lo a crer que os homens eram muito pragmáticos em suas emoções não conheceram nunca alguém como Paige Valois, pensou Blake.

—Imaginação sua... —murmurou levantando-se. Deu uma volta pelo amplo espaço da suíte privada de sua irmã no hospital, e depois apoiou as costas contra a parede, de frente para Pauline.

Ela sorriu com malícia.

—Ou talvez seja porque eu conheço você que tenho minhas suspeitas de que não esteja sendo sincero agora? —perguntou ela erguendo uma sobrancelha.

Pauline tinha acabado de alimentar Andrew, e seus pais tinham deixado o hospital uma hora atrás diante da insistência de seu marido para levá-los para comer num lugar diferente do café do centro médico. Embora havia dito à imprensa e a seus seguidores que voltaria aos palcos, na verdade, ter seu filho nos braços a fez refletir e reconsiderar.

Grande parte de sua vida estava registrada em jornais, canais de televisão, programas de rádio e outros. Com experiência, pelo casamento de seus pais, podia dizer que chegaria um momento em que sua relação com Allan não resistiria a tantas marés como ela sabia que viriam: fofocas, romances inventados, crises de casal tiradas do além, e quem saberia que outras bobagens. Entendia a decisão que, sendo tão pequeno, Blake havia tomado de ir estudar na Europa para se

afastar da luz pública.

Ela não se arrependia de tudo o que havia deixado nos palcos, dos lugares visitados, da euforia de seus fãs e da possibilidade de brilhar fazendo o que tanto gostava, cantar, durante todos esses anos. Mas tudo tinha um tempo de vida, e agora era o momento de que seus filhos crescessem ao seu lado, mas não sob a tutela apenas de um pai e várias babás. Não era essa a vida que queria para seus filhos ou para Allan.

Por outro lado, sabia que Blake não era uma pessoa aberta para expressar suas emoções ou preocupações, e nem uma pessoa distraída. Nesses dias que estavam juntos, ela o havia pego no mundo da lua, enquanto ela ou seus pais falavam de qualquer coisa. A última vez que se lembrava de tê-lo visto nesse estado foi quando conheceu Sheela. No entanto, desta vez existia uma profunda diferença que Pauline não conseguia compreender totalmente.

Ele a olhou e fez uma careta.

—Não seja curiosa, mulher —disse Blake. Colocou as mãos nos bolsos da frente do jeans azul escuro.

A imprensa estava atenta ao nascimento de seu sobrinho, e Blake preferiu ser discreto. Cumprimentou um jornalista que, por um acaso do destino, havia sido seu colega de escola e com o qual mantinha o contato. Mas este não o entregou aos outros quando, protegido pelo capuz de seu casaco, entrou por uma porta lateral que —como era de se esperar— também estava cheia de meios de comunicação. Blake imaginava que sua irmã teria recusado vender, como outras famosas costumavam fazer, uma exclusiva de seu parto. Era uma das coisas que admirava em Pauline. Gostava das luzes, dos aplausos e da música, mas nunca colocava sua família em uma situação ruim na ânsia de lucrar. Nisso eram parecidos.

—Anda, me fala o que está acontecendo —insistiu ela, sorrindo abertamente.

Blake fechou os olhos, hesitante.

A verdade era que não tinha com quem conversar sobre Paige. Sequer podia pensar no que diria Josh, pelo menos depois de lhe acertar um soco, com relação a sua representada mais bem-sucedida. No entanto, estava convencido de que Josh tinha conhecimento da situação de Paige com Anthony, Coral e o pequeno Shawn, mas não sabia até que profundidade. Blake sabia que essa informação que Josh tinha era o que o impulsionava a sempre sair em férrea defesa a Paige quando a imprensa a fazia em pedaços.

—Eu conheci uma pessoa... A situação se complicou antes de eu vir, e não tive tempo de resolver...

—E por que você não teve tempo? —perguntou Pauline cruzando os braços— Espero que você não esteja tentando colocar a culpa em mim ou Andrew —disse em tom de brincadeira para tentar apagar a sombra no olhar de seu irmão.

—Eu já falei o suficiente.

Ela enrolou o tecido do lençol do hospital sobre seu abdômen. A cesariana doía um absurdo, mas ter seu filho nos braços valia por mil dores. A maternidade não era recomendável para todas. Não havia mulheres devotas que não queriam ser mães? Havia opções, o importante para Pauline era sentir-se feliz como mulher em qualquer papel que decidisse adotar. E ela estava feliz com os papéis que tinha escolhido. Agora tinha que começar a priorizar.

—Você não me disse nada —rio— vamos, Blake. Uma mulher, tudo bem, mas isso é um conceito tão amplo como o fato de que houve um mal-entendido —que não me disse do que se trata— que você não pôde resolver —voltou a rir diante da expressão frustrada de Blake—. Venha, me fala, homem, o que está acontecendo?

—É uma pessoa famosa, e que tem um contrato com a minha gravadora.

Pauline esfregou o queixo com o dedo, pensando. Não imaginava quem poderia ser, e isso que estava a par de tudo o que seu irmão mais novo fazia profissionalmente. Às vezes, lhe dava alguns conselhos. Desta vez, não conseguia imaginar o fato de que Blake tivesse permitido que sua vida profissional e emocional colidissem a ponto de distraí-lo ou preocupá-lo.

—É a primeira vez, desde Sheela, que você fica tão inquieto. Desta vez ainda mais... — Pauline abaixou o tom de sua voz, e ficou mais séria: Blake —insistiu— eu sou sua irmã e me preocupo com você. Por favor, confie em mim. Me diga o que está passando.

Com um longo suspiro, Blake, como nunca, começou a falar com a irmã mais velha a respeito de Paige. Boquiaberta, Pauline ouvia o nome da mulher que estava em todas as manchetes mais escandalosas, e com ele a história que Blake ia relatando. Quis interrompê-lo, mas se conteve. Obviamente, pensou para si mesma, ele guardava para si os detalhes que não cabiam a ela. Respeitou as pausas longas e curtas durante o relato, mas detestou ver a expressão confusa em um homem que —ela sabia— era seguro de si mesmo ao extremo. O quanto Paige Valois teria afetado Blake? perguntou a si mesma enquanto o ouvia.

—Eu não fazia ideia, Blake... Caramba —disse, com calma— eu gostaria de poder dar uma solução, mas acho que, neste caso, sua falta de resposta é consequência do que você disse a ela.

—Ninguém sabe o que aconteceu entre nós —disse.

—Galeana deve suspeitar. Não é nem um pouco boba.

—Nada do que eu faço, desde o meu divórcio, eu comento com ela. Não preciso de mais conselhos. Foi uma boa aliada quando precisei, mas prefiro manter Paige fora de questão. É melhor assim.

Pauline estendeu a mão, o chamando, e ele se aproximou. Apertou os dedos de sua irmã na palma de sua mão, tendo o cuidado para não machucá-la porque por ali estava passando o soro por via intravenosa.

—Blake, você é tão cego para não perceber o que aconteceu nessas semanas que estive com Paige?

—Não —respondeu, de forma direta.

Fez uma tentativa de tirar sua mão da mão da irmã, mas ela o impediu.

—Você está apaixonado. Por que é tão difícil pra você dizer isso?

—Só é... Não sei...

Ela olhou para ele, triste pelo dano que Sheela havia causado a seu irmão, mas também sabia que, se Paige fosse capaz de penetrar em uma pessoa tão fechada como Blake, então era alguém especial e valeria a pena que ela lhe desse o benefício da dúvida. Jamais haviam cruzado seus caminhos nos palcos, além de que ambas cantavam gêneros musicais diferentes, mas confiava nos instintos de Blake.

—Pense um pouco mais, e não fique mais tempo preso aqui. Vá buscá-la. Nós temos a melhor rede de contatos do mundo —disse, fazendo referência a seus pais— e você pode encontrá-la sem precisar ligar para o seu escritório ou para o exército de assistentes que trabalha para Paige.

—Não posso fazer isso, Pauline.

—Por quê? —perguntou.

Ela ouviu a porta do quarto se abrindo e os interrompendo. A enfermeira apareceu na soleira da porta com Andrew nos braços. Pauline não havia percebido que já estava há quase duas horas conversando com Blake. Uma das poucas conversas longas naquele ano, mas tinha valido a pena se ele estava mais aliviado por ter falado com alguém.

Agora seu filho precisava de toda a sua atenção, e logo voltariam seus pais e Allan, por isso, ela e Blake já não poderiam mais continuar a conversa. Pauline pensou que, quando seu irmão

soltou-lhe a mão para colocá-la cuidadosamente sobre o lençou, ele ficaria calado diante da pergunta que ela havia feito. Manteve essa ideia até que Blake pegou Andrew nos braços para entregá-lo a ela.

—Porque caso você tenha razão, Pauline, e eu esteja apaixonado por Paige, ela não está apaixonada por mim.

Pauline pensou que seu irmão, se alguma vez tivesse oportunidade, seria um grande pai. Já era tempo de, caso seu coração desejasse, começar a considerar a paternidade no horizonte. Mas, agora havia outras prioridades para ele, e a que encabeçava a lista era ser sincero consigo mesmo e com Paige. Naquele momento, Pauline não podia pensar outra que não fosse desprezar Sheela pela desconfiança que havia semeado em Blake, com sua infidelidade, com relação a outras mulheres.

Ela não pôde responder, porque naquele instante ouviu o barulho das vozes de seus pais rindo com Allan, e também a voz de Carrie. Blake mudou completamente sua expressão confusa e pensativa por outra de bom humor. "Interessante", pensou Pauline sorrindo para seu irmão, antes de voltar sua atenção para o seu bebê e o resto da família que entrou na suite.

O salão de luxo do Skirvin Hilton Oklahoma City onde Paige estava apresentando sua última canção, no show para angariação de fundos de caridade, já não tinha espaço para mais ninguém. Sentia-se feliz por poder ajudar e usar aqueles momentos para dissipar a tristeza que experimentava pelo ocorrido com Blake dois dias atrás. A fachada de alegria que utilizava, em conjunto com seu vestido curto azul e a maquiagem suave da noite, servia como um escudo que conseguia fazer com que ela mesma fugisse da realidade.

Galeana estava na cidade para garantir que tudo estivesse em ordem. Havia chegado com sua equipe de trabalho e começado a organizar cada hora da agenda de Paige com minuciosa precisão. Tinha uma meta para cumprir, e não lhe importavam as caras de irritação que, com fingimento, a cantora de Oregon tentava ocultar quando lhe dava uma orientação. Restavam poucas semanas para cumprir os três meses e Galeana não perdia tempo.

Os ingressos para o show no hotel, localizado na One Park Avenue de Oklahoma City haviam esgotado a uma velocidade vertiginosa, especialmente porque os fãs de Paige sabiam que ela estava ausente dos palcos e sua repentina generosidade de afastar-se do seu ostracismo temporário —ou pelo menos assim percebia o público— em benefício de terceiros era uma novidade que não podiam deixar passar. O mais importante na equação era que a cidade recebia Paige pela primeira vez, e muitos de seus seguidores —pensando ou não na causa beneficente para a qual seria o dinheiro das entradas— não perderam tempo em pagar a alta soma que valeu cada entrada. Todo esse contexto servia para os propósitos de Galeana.

A especialista em relações públicas da Lion Records decidiu ampliar as datas de apresentação na cidade. Um show adicional dentro de três dias, em benefício da mesma fundação daquela noite. Seria anunciado ao público no final do show naquele dia, e Paige estava ciente da decisão.

Aquele tempo fora de sua agenda de trabalho serviria para Paige curar a ferida que havia sido deixada dias atrás pelo comentário insensível de Blake, antes de se afastarem. Não era fácil ignorar as ligações, mensagens, nem as flores que haviam chegado a cada noventa minutos à porta de sua casa em Portland, até que ela deixou a cidade para voar para Oklahoma. Não desejava nada mais do que falar com ele, vê-lo, rir com ele e sentir suas mãos percorrendo sua pele, mas estava magoada e preferia focar no que daria mais satisfação para o momento: a música.

Não podia ceder à vontade de lhe responder quando a máscara de Blake havia deixado transparecer a verdadeira opinião que ele tinha sobre ela. Sentia-se usada e, mais do que isso, uma idiota. Como não viu claramente desde o início? Que cabeça poderia ter imaginado que alguém como Blake poderia olhar para ela de forma diferente, de forma verdadeira...? Ele, que vivia no mesmo ambiente de brilhos e luzes, que trabalhava dia a dia com egos, e que tinha uma família muito famosa, claramente estava influenciado pelo que os outros diziam dela, apesar de ter aberto sua alma, contando coisas que nunca havia dito a ninguém. Talvez devesse começar a procurar uma pessoa que estivesse fora de seu entorno musical. Não era fácil, pois sua vida era restrita por motivos de segurança, mas não impossível.

Dentro de três dias, no mesmo local e pela mesma causa, Paige iria repetir o show. Ela não gostava da atitude de Galeana ultimamente.

Faltavam poucas semanas para encerrar os três meses de teste, e em vez de estar mais amável diante de sua iminente incorporação à Lion Records, Galeana se comportava de forma ríspida, embora nunca indelicada. Paige não tinha vontade de discutir. Havia algo mais importante do que seus problemas sentimentais, e tinha a ver com Shawn. Ao voltar a Portland, seus advogados a esperavam para preparar o caso que iam apresentar à Corte contra Anthony. Paige tinha decidido, não só processar Anthony por extorsão, abuso e desvio de fundos, mas que também ia usar todas as provas reunidas —e que seus advogados haviam considerado como válidas apenas cerca de trinta por cento, por considerar que as demais poderiam levar o Juiz que recebesse o caso a questionar a forma como haviam sido obtidas e colocasse a situação contra Paige— para exigir a guarda de Shawn. Teria que deixar à luz pública a situação com Coral, mas sua prioridade era pensar em seu sobrinho. Não se importava em ser mãe jovem se era dessa forma seus sobrinhos tivessem uma vida plena, sem inconsistências emocionais como aconteceu com ela e sua irmã gêmea.

—Paige —disse Galeana enquanto caminhavam sobre o caro tapete do piso do hotel onde ficavam os quartos da equipe de comunicação e relações públicas da Lion Records. A assistente de Paige, juntamente com uma maquiadora que também tinha especialidade em fazer penteados, tinha voado desde Los Angeles para ajudá-la a se preparar para o dia do evento e agora, devido à mudança na agenda, ficaria vários dias com a cantora—, muito obrigada por ter atendido todas as solicitações que eu tenho enviado até hoje. Estamos contentes.

Ela a olhou com um sorriso. Não tinha por que dar-lhe a entender que não era felicidade o que estava em seu coração naquele momento.

—Claro, Galeana, não há problema. —Já havia passado da meia-noite e queria tirar a maquiagem, o vestido justo e os sapatos altos que estavam a matando—. O que acha se continuarmos falando amanhã? Foi uma jornada cansativa. Espero que o comunicado de imprensa continue nos beneficiando.

A outra mulher assentiu.

—Eu gostaria que jantasse com o filho do presidente da fundação 2Care depois de amanhã. Me disse que é fã da sua música e admira o seu talento nos palcos. Está tudo coordenado, então você não precisa se preocupar —assegurou ela.

—Claro, não há problema. Você já sabe que até as próximas semanas estou, tecnicamente, nas mãos da sua agenda de trabalho —sorriu.

—Eu passo os detalhes...

Paige lhe fez um gesto delicado com a mão para silenciá-la. Galeana franziu a testa diante do inesperado detalhe da situação. Mas deixou passar porque tinha coisas mais importantes.

—Betty, minha assistente, já está comigo. Por favor, Galeana, envie para ela uma atualização

dos planos de trabalho para mim. Você tem seu endereço de e-mail, porque sempre encaminho suas instruções para que qualquer detalhe também seja ajustado com a minha equipe, em Los Angeles, —respondeu.

—Então vou avisar a Mangfred Patrollmon que você o verá depois de amanhã. Ele é casado com a filha de um senador, e, embora ela não possa participar desta vez, ele insistiu que não saísse da cidade sem conhecê-lo. São pessoas com muita influência social, Paige, e têm uma reputação impecável. Seria a cereja do bolo, vulgarmente falando, um grande impulso se virem você com ele.

—Sim, claro, diga a ele que será um prazer —sorriu—. Tudo o que for em benefício da fundação, até mesmo jantar com um fã adicional, vale a pena para o objetivo, ainda mais se é o filho do presidente da fundação.

—Perfeito. Descanse.

—Você também.

Galeana se afastou com os seus elegantes sapatos Christian Louboutin.

Paige entrou em seu quarto, e uma insistente voz em sua cabeça lhe dizia que havia algo de errado no comportamento de Galeana naquela noite. Mas não a conhecia o suficiente para julgá-la, e durante esse tempo em que se comunicavam, jamais havia passado uma impressão diferente de ser uma mulher gentil e eficiente.

"Imaginação minha", pensou antes de programar o despertador para as seis da manhã. Ia descer à academia do hotel. Seu personal trainer não estava fisicamente presente, mas ela fazia uma chamada por Skype para que ele a conduzisse em sua rotina de exercícios. A vida de celebridade tinha muitas vantagens, mas o preço que ela pagava começava a sobrecarregá-la emocionalmente. Algum dia encontraria alguém que arriscaria tudo para estar ao seu lado? Que enxergasse além do seu físico, e não a julgasse por comentários de terceiros?

Enrolou-se com o edredom e, nua como estava, acomodou-se entre os travesseiros da cama king-size.

Paige acordou em plena madrugada, com o rosto banhado em lágrimas, e a respiração agitada. Havia tido um pesadelo. Desta vez não era Euseb, mas Blake, zombando dela, de seu passado, acusando-a de ser uma assassina e gritando que não queria vê-la nunca mais.

Mesmo naquelas horas em que todo mundo dormia na América do Norte, seu coração não podia negar que a única pessoa capaz de consolar sua solidão, não só era a única pessoa que a havia machucado, mas também a única que amava. Era uma piada desesperadora e cruel.

Depois das quatro da madrugada, assustada com a magnitude de seus sentimentos, levantou-se para vestir a roupa de ginástica. Ia ter que acordar seu treinador duas horas antes do tempo. Já via como seria o resto do dia, quando o sol clareava o céu de Oklahoma City.

CAPÍTULO 21

Paige considerou Mangfred uma pessoa agradável, e por um instante duvidou daquela percepção inicial ao abrir as portas do restaurante, onde haviam ido, e receber os flashes das câmeras fotográficas que a cegavam. Desorientada por um momento, e incomodada no instante seguinte, Paige tentou esconder seu rosto com a bolsa Chanel que usava naquela noite. "Que raios?", perguntou-se enquanto ligava desesperada para que Falcon fosse buscá-la imediatamente.

Sabia que o fato de ter feito um show e que faria outro em breve era do conhecimento local, mas não o jantar com o filho do presidente da fundação 2Care. Era difícil manter o segredo em seu mundo profissional. Imaginava que algum dos garçons ou dos curiosos teria feito o alerta. Por acaso teria que viver o resto de sua vida reservando uma área completa de cada restaurante que frequentava para não ser dedurada? Teria que viver sempre *underground*? Havia fases em que já não conseguia suportar a situação de ser perseguida pelos meios de comunicação, e essa era uma delas.

—Eu entendo que você gosta de chamar a atenção, Paige —disse Mangfred enquanto tentava dar passos para fugir das perguntas dos jornalistas da imprensa—, mas, por que você contratou esses abutres? Galeana me disse claramente que seria um jantar discreto.

—*Há quanto tempo você é amante do marido da filha do senador Marcusen?* —gritou uma jornalista.

—*Paige, o seu afastamento momentâneo tem sido uma grande mentira para esconder o romance?* —perguntou outra.

—*Ei, Paige! Nós fale da sua carreira musical! Você acha que a Lion Records permitirá que você seja a amante do marido da filha de um proeminente senador e cause escândalos? Você tem medo de ser demitida?* —gritou outro jornalista, como se fosse uma pergunta qualquer sobre o clima ou as próximas alterações nas direções das linhas do trem.

—*Você espera um filho de Mangfred?* —ouviu outra pessoa gritar.

Ela apenas continuou caminhando, a passos rápidos, mas não por isso deixava de ouvir o que lhe perguntavam. Agarrada na mão masculina que a guiava com agilidade até o estacionamento privativo do hotel onde estava seu automóvel, Paige começou a especular diversas dúvidas. Não se livraram dos flashes. Estavam cercados.

Com dificuldade, Mangfred abriu a porta para Paige e depois deu a volta no carro para ocupar o assento do motorista. Não havia planejado sair com ela em seu próprio carro, mas fazê-lo em vias separadas, como achava que era o mais seguro.

—Eu não os chamei —respondeu ela, com raiva, e colocou o cinto de segurança—. Me dê o endereço do lugar para onde vamos agora.

—A minha casa é a única saída —murmurou ligando o motor do Jaguar—, porque a minha experiência nesse tipo de situações é quase inexistente.

Paige ligou para seu motorista e lhe informou o lugar onde deveria ir buscá-la. Mangfred se afastou como se fosse perseguido pela CIA. Enquanto, em silêncio, seu acompanhante dirigia, ela procurou informações sobre ele na internet. Ficou boquiaberta ao saber que ele tinha problemas com sua esposa, aparentemente, por causa de várias infidelidades, e a crise em seu casamento estava colocando em apuros a candidatura do senador Marcusen como representante do partido conservador, ao qual ele pertencia.

A porta da casa se abriu devagar e apareceu uma bela ruiva. Elegante e sóbria. Paige observou o anel de casamento que usava no dedo anelar com um incrível diamante em forma de pera.

—Suponho que eu deva ser gentil —disse a mulher com acidez e uma evidente expressão de aborrecimento ao ver seu marido com Paige na entrada da porta—. Sou Anabelle Patrollmon. Paige Valois? A cantora, certo?

—Assim dizem —respondeu tentando se mostrar amável, mas não conseguiu. A tensão no casal era palpável.

Os três perceberam o momento exato em que a cena foi captada pela lente de uma câmera. Anabelle pediu que seu marido e Paige entrassem. Fechou a porta.

—Não é o que você pensa, querida —disse Mangfred em um tom cauteloso. Sim, ele havia sido infiel à sua esposa duas vezes, e não tinha como justificar, mas não ia permitir que o acusassem de algo que não tinha nada de verdade nas fantasias de Anabelle—, a mídia vai tentar inventar um caso onde não existe.

—É isso, não é? —perguntou, com cinismo, a Paige.

—Não tenho a melhor reputação, mas se você leu ultimamente os jornais ou viu informações sobre mim, então você deve saber que o que faço está focado em ajudar os outros com o meu talento e o meu dinheiro, mas não em promover a ruptura matrimonial —disse com ironia.

Depois de observá-la por um longo tempo, indiferente ao desconforto de Mangfred, Anabelle assentiu e estendeu a mão para a cantora.

—Não são tempos bons para mim. Lamento ter tratado você desse modo pouco cordial, Paige. Imagino que você deve ter lido sobre ele —apontou para seu marido com a mão— e eu ultimamente.

—Na verdade eu não tinha ideia de nada, até que pesquisei sobre vocês por causa das perguntas que os paparazzi lançaram na saída do jantar que tivemos hoje. E antes que você pense algo, o jantar foi marcado a pedido da responsável pelas relações públicas, porque seu marido é filho do presidente da 2Care.

—Entendo...

—Annie —disse Mangfred chamando sua esposa com afeto—, por favor, não vamos fazer Paige sentir-se pior. Afinal, mais uma vez, o que acaba de ocorrer é consequência das ações e erros do meu passado com o nosso casamento...

A mulher, confusa e um pouco triste, assentiu. Era difícil saber os limites quando o engano já havia estado presente duas vezes em sua relação, porque uma vez que esses capítulos passavam a ser história, um fantasma ficava à espreita para tentar reviver os velhos medos.

—Amanhã haverá notas na imprensa, Anabelle —adverteu Paige— e não será fácil para você nem para Mangfred, porque costumam ser pouco amáveis nas colunas de fofocas. Pior será para mim, é claro —disse com amargura—, mas eu acho que a minha equipe de relações públicas se encarregará de aliviar o vendaval como sempre...

A ruiva deixou escapar um suspiro. Assentiu ao ver a expressão de derrota na amiga de seu marido.

—Meu pai é um homem muito conservador, Paige, e o meu casamento com suas crises lhe deu dores de cabeça constantes... —baixou o olhar— Você quer ficar e tomar uma bebida conosco? Talvez seja o melhor para nos conhecermos um pouco, e assim os paparazzi se cansam.

—Não precisa...

—Insistimos —disse Mangfred tomando a mão de Anabelle— e eu acho que merecemos. São tempos difíceis para todos —comentou, fazendo referência à posição política de seu sogro.

Paige olhou para um e para outro.

—Eu acho que, de qualquer forma, estou presa aqui até que os paparazzi desistam e saiam ou que eu saia de algum modo discreto.

Mangfred concordou.

—Você certamente tem um motorista particular, não tem? —perguntou, pois ele não havia ido buscá-la por indicações expressas de Galeana.

—Sim, eu tenho um motorista, mas não quero que os jornalistas que nos seguriam o reconheçam... Vocês compreendem. —Passou uma mão pelo rosto, cansada—. Aceito tomar uma bebida. Obrigada...

O casal assentiu.

—Vamos pedir que o nosso motorista leve você ao seu hotel quando o cenário estiver menos agitado. O que acha? —perguntou Anabelle.

—Obrigada —respondeu Paige—, e lamento por este mal-entendido. Embora não posso dizer que não estou acostumada —concluiu ela, com amargura.

—Não foram bons meses para nós, Paige, por isso compreendemos como você deve se sentir nesse momento... Me desculpe por ter acreditado que você e meu marido... —deu de ombros— dizem tantas coisas na imprensa...

Paige assentiu.

—Calma, não precisa se explicar, eu entendo perfeitamente o que você está tentando me dizer. Em todo o caso —disse mudando o tom de voz triste por um mais animado—: Vamos brindar à calma que com certeza chegará depois da tempestade —disse com um sorriso que não demonstrava alegria.

Paige tinha em mente ligar para Galeana o mais rápido possível, e estava surpresa que ela não houvesse entrado em contato primeiro. "Certamente estava lidando da melhor forma possível com a imprensa." Não queria nem imaginar a cara de Blake quando chegassem os jornais do dia seguinte. Depois dos últimos momentos que haviam compartilhado juntos, não queria nem sequer considerar a possibilidade de que ele pudesse lhe dar o benefício da dúvida.

Ela já havia enviado uma mensagem de texto a Betty para que falasse com as pessoas em Los Angeles e pusesse sua equipe habitual de colaboradores a trabalhar. Um grupo pequeno, não maior do que quatro pessoas, mas que era muito eficiente. Também esperava a qualquer momento a ligação de Josh, e sabia que um discurso nada agradável a esperava.

E Paige acreditava que sua vida havia começado a se equilibrar...

A imprensa havia a destruído naquela noite, nem bem entrou no hotel. Notícias de última hora nos canais de entretenimento enchiam as manchetes, e claro, as especulações dos apresentadores. Ela era o alvo de muitos dardos. "Que surpresa", pensou ela com sarcasmo.

Mal pôde conciliar o sono. As chamadas não atendidas de Blake continuavam aumentando em seu telefone, e as mensagens de texto que —embora tivesse muita curiosidade em ler— ignorava, não cessavam. Não queria saber dele, não queria saber de ninguém.

Anabelle a ligou para dizer que não se preocupasse, que nem ela nem Mangfred guardavam rancor algum, nem a culpavam, e sabiam que era parte do trabalho que costumava fazer a imprensa marrom. Paige lamentava por eles.

Galeana a ligou no exato instante em que deixou a casa dos Patrollmon e se dirigia de volta ao hotel em Oklahoma, com o motorista do casal.

Não ficou surpresa ao encontrar a entrada principal cheia de paparazzi. Impossível que tivesse sido de outra forma. Sua vida aparentemente tranquila havia chegado ao seu final, e com isso

também a possibilidade de continuar na Lion Records e estender seu contrato.

Como diabos podia ter tanta má sorte?

As redes sociais que acompanhavam Paige eram um caldeirão. Os que a apoiavam e os acusadores haviam se metido em uma guerra de opiniões midiáticas. Ela ligou para sua assessora em Los Angeles e pediu que Betty trabalhasse com Mario, o especialista em redes sociais, a fim de bloquear as mensagens ofensivas e tentar não dar asas aos opositores nem aos fãs, porque precisava parar, de algum modo, aquela hecatombe *on-line*. Porque agora ela era a *destruidora de lares*.

Que tal?

—Falaremos sobre isso amanhã de manhã —disse-lhe Galeana em tom seco por telefone— não posso garantir boas notícias.

—Eu fui o jantar como você me pediu —disse, interrompendo-a—. Isso foi tudo o que eu fiz, e estou pensando em ir nesse exato momento até o seu quarto para esclarecermos o assunto. Me estranha que você queira adiar uma conversa dessa importância.

A profissional de relações públicas, a poucos quartos de distância no oitavo andar do hotel, revirou os olhos enquanto contemplava com um sorriso a televisão e a imagem de Paige saindo tropeçando dos lugares que havia visitado. A televisão estava em silêncio, mas as manchetes a agradavam. Havia cumprido sua missão.

Virou a cabeça para o homem que ocupava o outro lado da cama, nu. Ela não tinha problemas em contratar os serviços sexuais de alguém quando precisava. Preferia pagar pelo prazer de um orgasmo, ou dar a si mesma por conta própria quando não tinha tempo, do que lidar com as complicações das relações de casal. Não queria sofrer momentos estúpidos de depressão, como os de seu passado.

Fez um gesto com a mão ao garoto de programa que era dez anos mais novo que ela. Apontou para si mesma, e levantou o baby-doll de seda em tom pérola. Não precisava explicar mais, o homem se posicionou entre as pernas de Galeana e começou a dar-lhe prazer com a boca de um jeito que ela deixou escapar um suspiro. Até lembrar que estava ao telefone. Mas, a partir daquela noite, Paige Valois era um caso do passado, e não voltaria a ser um problema em sua agenda de trabalho.

—Não era necessário chamar a imprensa para informar que estava retomando sua vida pessoal —disse com dureza enquanto ergueu os quadris quando o garoto de programa lhe deu uma lambida entre seus lábios íntimos— se não sabia...E não se atreva a vir, Paige, não são mais horas de conversar. —Ela preferia divertir-se com uma língua complacente degustando suas áreas mais íntimas.

—Me acusar, sem saber os fatos, me parece uma baixaria de sua parte. Você é minha profissional de relações públicas!

—Sou a profissional de relações públicas da Lion Records, querida. Não esqueça. De qualquer forma, vamos ajustar todos os detalhes o mais rápido possível. Preciso dormir —mentiu quando sentiu que não poderia manter mais frases coerentes se seu amante continuasse chupando seu clitóris e penetrando-a com os dedos como estava fazendo naquele momento— porque preciso consertar seu desastre com a mente fria.... Com certeza, não é mais necessário que você fique para o show extra que combinamos. A fundação decidiu cancelá-lo pelo ocorrido desta noite, e o valor dos ingressos cobrados após o anúncio desta noite sobre a possível apresentação, será devolvido aos compradores e doadores.

Aquilo soou como um soco no estômago a Paige. Se sentia culpada e, ao mesmo tempo, sabia que não era por sua causa.

—Mas não é justo para as pessoas que se beneficiam...

—Eu só cumpro com as decisões do quadro de diretores da fundação, Paige.

—Galeana, eu não acho que...

Paige ficou olhando para o aparelho, furiosa, quando a mulher desligou o telefone sem lhe dar opção de continuar falando. Estava a ponto de ir bater em sua porta e mandá-la para o inferno, mas não tinha forças. Sentia-se exausta. Derrotada.

Precisava ouvir a voz de seu sobrinho, dizendo que a adorava. Porque o amor de Shawn era tão puro como apenas o afeto de uma criança podia ser. Tinha que continuar sendo forte, por ele. Faltava pouco para que pudesse pôr freio aos últimos quatro anos de constante estresse causado por Anthony.

Quis continuar pensando em modos de responder à imprensa. Sua assessora interviria. Outro de seus erros havia sido pedir-lhe que ficasse um pouco à margem para dar mais espaço a Galeana em sua agenda. Jamais voltaria a confiar em outros que não fossem parte de sua equipe, meticulosamente, escolhida por ela.

Dormiu e teve um sono calmo. Ou isso é o que diria estando à beira do mar, sem nada mais que o som das gaivotas e um par de barcos ao longe. Quando foi receber o café da manhã, gostaria de não ter aberto os olhos. Tinha, como sempre pedia cada vez que viajava de um estado para outro, ou de um país para outro, os exemplares físicos dos principais jornais.

Deixou ao lado o suntuoso café da manhã que havia pedido, em sua tentativa animar-se. Mas apenas conseguiu provar dois ou três bocados.

As manchetes que lia eram rudes e estavam cheias de ódio.

Não acreditava no que seus olhos liam. Uma ideia mais absurda que a outra. Soltou uma gargalhada amarga quando leu que a acusavam de estar grávida de Mangfred e que Anabella havia decidido aceitar a criança e reunir-se com Paige para corrigir discretamente a situação. Por que, em vez de escrever colunas jornalísticas, não se dedicavam a escrever romances de fantasia? Ela já deveria estar acostumada a esse tipo de idiotices, mas não era bem assim...

Depois de tomar um banho, decidiu ir até o quarto de Galeana e colocar as suas opiniões sobre a mesa. Paige não entendia como um mundo relacionado à arte de combinar sons de um modo maravilhoso, tinha essas matizes tão nocivas e carregadas de maldade. Como era possível que não tivesse morrido de um ataque cardíaco ainda?, perguntou a si mesma, indo de um lado para outro sobre o tapete de seu quarto com o iPhone na mão.

Não teve tempo de pensar muito em sua discussão com Galeana na noite anterior porque recebeu um telefonema de Josh.

Ela já esperava, e supôs que não havia recebido a ligação na noite anterior porque já era tarde da madrugada e Josh estaria dormindo com Melinda. Uma das regras de ouro dos Daniels era não levar o trabalho para casa. Imaginava que, se Josh estava ligando, era porque tinha a permissão de Melinda.

—O que aconteceu? —perguntou ele com cautela em sua voz.

Não existia recriminação, e isso a tranquilizou, um pouco. Paige contou tudo com detalhes. Tal como havia sido, sem aumentar ou mudar as circunstâncias. Inclusive mencionou o quão bem os Patrollmon haviam se comportado com ela.

—Entendo... Paige, há algo que você deve saber.

—O quê? —perguntou em um sussurro.

Naquela manhã, usava um vestido azul, curto e muito sexy. Saltos altos e elegantes. Havia se maquiado com cuidado e feito uma trança bem ajustada. Se algo lhe animava era ver um reflexo seu com estilo em frente ao espelho. E não havia outra maneira...

—Macron entrou em contato comigo. Por isso demorei para ligar, assim que amanheceu o dia hoje.

Paige apertou os dedos contra o telefone que, pelo menos, era inquebrável sob as mãos de um humano. Olhou para o lindo relógio de parede que estava acima de uma das cômodas do quarto, ao lado do mini-bar. Onze horas da manhã.

—Sim, entendo.

—Eu sinto muito, o contrato da Lion Records vai ser cancelado... Fiz o possível para convencer Macron de que o desastre na imprensa não era sua culpa, porque eu conheço você, e sei o quanto estava trabalhando para que tudo funcionasse de acordo com as orientações da gravadora. Além disso, a agenda de trabalho que você seguiu era sugerida por Galeana, por isso, tudo foi calculado —comentou, com evidente preocupação—. Macron apenas protege a sua companhia, e os advogados da gravadora são implacáveis nesse sentido.

—Só faltavam três semanas e meia, Josh... —sussurrou— apenas três semanas e meia.

—Eu sei, Paige, e me irrita saber que aconteceu tudo isso. Você já falou com Galeana?

Ela reteve as lágrimas. Permaneceu um tempo em silêncio para evitar a possibilidade de que sua voz falhasse ao tentar falar.

—Vou lá falar com ela nesse instante, porque foi ela quem organizou o jantar com Mangfred. Tudo foi planejado e calculado, não havia nenhum modo de que alguém soubesse, salvo algum garçom ou empregado do hotel, ou talvez até alguém do restaurante que teria falado, mas isso está fora do meu alcance e também do de Galeana. Isso Macron precisa entender. Eu... — esfregou os cabelos—, merda.

—Isso não é tudo, Paige —disse Josh, fazendo-a parar quando ela já tinha a mão sobre a maçaneta da porta principal— por favor, me escute antes de ir falar com Galeana.

—Não sei como isso poderia piorar —murmurou, sentando-se à beira da cama.

—Antes que eu diga o que eu vou dizer, quero que saiba que eu sempre confiei em você. Inclusive quando eu pensava que não conseguiria mais. —Paige sentiu o coração se acelerar—. Nunca julguei você por acreditar no que os outros diziam a seu respeito, porque eu sempre soube a verdadeira razão por trás de todos os escândalos que foram inventados as suas custas. A verdade é que eu esperava que, em algum momento, você sentisse confiança de falar comigo sobre o que a atormentava e causava tanto mal na imprensa, mas eu sempre respeitei sua vontade de manter sua vida familiar e seu passado longe das nossas conversas.

—Josh, você sabe sobre a minha família? —perguntou com a voz baixinha.

—Sim, Paige. Melinda nunca me contou nada, se acaso você se pergunte, embora eu imagine que sua defesa tão decidida em relação a você seja porque ela sabe mais do que diz saber sobre a sua vida... Será que me engano?

"Sim, Melinda era uma pessoa leal", pensou ela.

—Não...

—A minha confiança em você como profissional nunca diminuiu. Confio no seu talento, e é por isso que tenho ficado ao seu lado contra o vento e a maré. Mesmo conhecendo o seu passado familiar complicado, seu contrato comigo foi calculado e eu assumi os riscos. Voltaria a assinar com você, porque vale a pena, Paige. Como cantora, compositora e amiga. Não tenha dúvidas disso, jamais.

Ela deixou escapar as lágrimas que lhe irritavam os olhos desde que leu os jornais.

—Vocês são a minha família, Josh... Obrigada...

—Preciso confessar que eu investiguei você, depois de ouvir você naquele concurso de canto, há anos atrás. Paguei pelo silêncio em relação ao julgamento pelo homicídio não culposo pela

morte de seu padrasto.

—Josh...

—Você fez em legítima defesa, eu aplaudo e admiro você por ter tido culhões para isso.

—Você me investigou...?

—Você precisa entender que é algo que eu faço com todas as pessoas que quero para a minha agência de talentos, eu não conhecia você além de sua voz, mas eu não assino apenas com um nome, eu trabalho com uma família. Meus representados são parte da minha empresa, mas eu vejo muito além do dinheiro. Portanto, investigar você não foi nada pessoal.

—Não o recrimino por isso, você não me conhecia... —disse com alívio ao saber o nível de lealdade de Josh.

—Paige, eu sei sobre Anthony, eu sei da existência de Coral, mas não podia ajudá-la até que você mesma decidisse me contar e, por isso, peço desculpas... Mas agora, que parece que tudo vai sair à luz, eu não tenho como protegê-la ou fingir que não conheço os fatos.

Paige não se sentia traída, porque entendia que Josh jamais faria algo para prejudicá-la. Só estava atordoada pela forma como tudo havia mudado de repente. Se em algum momento acreditou que os Daniels eram as melhores pessoas que já havia conhecido, aquele momento reforçou sua crença. Nem tudo estava perdido em suas relações interpessoais. Josh e Melinda eram, definitivamente, a melhor família que poderia ter escolhido. Acaso os amigos não eram uma família que se escolhia?

—Josh... Não foi culpa sua, eu não tinha ideia... Obrigada. Não sei... Obrigada... E, o que é isso que sairá à luz sobre meu passado? —perguntou, sentindo como se mãos apertassem sua garganta a impedindo de respirar com normalidade.

—Eu não tenho ideia de como aconteceu, mas muitos dados referentes a sua família, quando não era famosa, o julgamento, tudo, sairão hoje a noite no programa *Gossip Around*. Um dos meus contatos me ligou para avisar, e eu achei que seria necessário que você soubesse antes que fosse ao ar hoje. Quando perguntei por mais detalhes, ele teve que encerrar a ligação porque ia entrar em uma reunião. Não consegui entrar em contato outra vez... Por isso, decidi avisá-la...

—Existe alguma forma de evitar a transmissão para eu dar a minha versão? A equipe de comunicação da sua empresa? Meu pessoal?

—Sinto muito, Paige... Temo que seja impossível. Já estamos trabalhando numa maneira de neutralizar os efeitos negativos, mas não conseguiremos fazer com que deixem de colocar a informação no ar.

—O canal de fofocas mais visto da televisão nacional vai me destruir —murmurou, já sem poder conter as lágrimas, pensou em Shawn—. Josh, meu sobrinho Shawn... Preciso pensar nele. Ah, Deus —abaixou a cabeça— tudo o que eu fiz foi para proteger Shawn, que quando crescer não se sinta envergonhado, nem perseguido pelos fantasmas da má fama de sua família, que tenha a tranquilidade que eu jamais tive.

Josh esfregou as têmporas com a mão direita.

—Eu não sei quanta informação eles têm, e eu gostaria de saber para previni-la, mas quero que saiba que eu não tive nada a ver e que nunca, jamais, revelaria algo tão pessoal. Nem minha esposa.

—Eu sei que vocês jamais me trairiam...

Então, uma ideia cruzou sua mente, e imediatamente sentiu uma corrente fria percorrendo sua coluna vertebral. Sentia como se seu coração competisse com Usain Bolt em plenos jogos Olímpicos e, dessa, não era Bolt quem tinha a preferência como vencedor da competição.

—Josh, eu preciso desligar, há algo que eu preciso fazer nesse exato instante.

—Paige, espera...

—Até logo.

Ela encerrou a ligação e foi até o quarto de Galeana. Praticamente derrubou a porta a golpes para que ela abrisse.

As luzes do hotel de luxo eram quentes, e não combinavam em absoluto com a forma como Paige se sentia. Se alguém era capaz de cometer um homicídio naquele momento, esse alguém era ela. Voltou a bater na porta com insistência. Não pensava em ir embora até que a mulher abrisse, caso contrário, estava disposta a ligar para a recepção para comunicar alguma mentira, contanto que lhe dessem uma chave-mestra e assim pudesse entrar.

Passaram-se cinco minutos até que, com o rosto relaxado e coberta por um roupão de seda violeta, apareceu Galeana na porta. A olhou com uma sobancelha levantada.

—Posso saber a que se deve essa interrupção? —perguntou cruzando os braços. Estava cuidadosamente vestida e sua mala de viagem estava feita. Seu trabalho estava terminado, e seu lado sexual feminino saciado. Havia sido um momento ideal

Sem ser convidada, porque as boas maneiras era o que menos a preocupava, Paige passou por Galeana e ficou de pé no centro do quarto. A profissional de relações públicas, dando de ombros, fechou a porta.

—Diga-me o que diabos aconteceu —exigiu Paige olhando para ela com um olhar desafiador.

Galeana, tão serena como costumava ser quando o seu trabalho havia sido bem sucedido, sorriu, aproximou até o mini-bar e pegou uma garrafa de água Evian. Bebeu sem pressa, e ofereceu —claro que ofereceu— uma a Paige, que —é claro— recusou.

—Me explique, Paige.

—Preciso explicar!? —perguntou com incredulidade, sem esperar resposta, e continuou—: Você armou uma armadilha. Foi você quem enviou os paparazzi e deixou transparecer algo que não era verdade. Você planejou tudo, e eu não entendo, por que estragar o trabalho de todas estas semanas desse modo, Galeana?

—Moça, eu tenho muitas coisas importantes na minha agenda, entre elas não está zelar por seu bem-estar emocional.

—Você já percebeu o que envolve todas as manchetes de hoje? Os esforços, o tempo, tudo se foi à ruína. Não entendo...

—Não é tão difícil deduzir quando ninguém quer saber de você em outras companhias... Se soubesse desde o início do assunto com seu cunhado, da verdade por trás dos seus escândalos, então poderia ter economizado essas semanas de planejamento e ter ido direto ao ponto.

—Qual ponto? —perguntou com acidez.

Galeana suspirou com tédio.

—Não podemos nos dar ao luxo de tê-la na companhia porque, em vez de ser rentável, nos traria mais perdas em esforços nas constantes tentativas de anular os efeitos dos seus constantes problemas de comportamento. Então tive que montar todo esse plano para depois encontrar uma forma de me livrar de você, legalmente.

—Problemas de comportamento! —exclamou incrédula— E o que você me diz então sobre a reportagem que sairá esta noite? O que você diz da minha vida pessoal, dos meus mais íntimos segredos, que agora serão públicos graças a você? —perguntou, mal contendo a vontade de sacudir a mulher que tinha diante dela, tão fria como um bloco de gelo, ou até mesmo tornar-se alguém sem educação e puxá-la pelos cabelos por todo o quarto como se fossem duas mulheres das cavernas.

Galeana mexeu na pulseira de ouro com diamantes que tinha no pulso esquerdo da mão.

Continuaria mantendo a confidencialidade, não apenas de seus métodos, mas de suas fontes de informação, porque era uma forma de preservar efeitos aleatórios não desejados em suas ações para alcançar os objetivos a que se propunha, na ânsia de manter a reputação da Lion Records e, ao mesmo tempo, agradar seus donos: Blake e Macron. Desta vez não seria diferente. Não tinha por que ser. Sorriu lentamente. Como um leão que, diante de uma presa desesperada, estava a ponto de dar o golpe final para aniquilá-la. Os profissionais como ela nunca revelavam seus métodos, nem os golpes de sorte que contribuíam para alcançar suas metas de trabalho, então só lhe restava colocar a cereja no bolo. Ao ter recorrido a ela, Paige havia facilitado a situação.

—Paige, você deveria se acalmar. Além disso, por que você acha que a reportagem desta noite teria a ver totalmente comigo? —perguntou, piscando o olho—. Eu não planejei, mas quando oportunamente fiquei sabendo, não pude deixar de usar a informação do modo mais conveniente que eu encontrei.

—Me acalmar...—murmurou.

Paige sentiu em peso lhe caindo sobre os ombros. Pesado demais para segurar naquele momento, no entanto, tirou forças de onde não tinha para continuar em pé sem quebrar-se.

—Posso pedir uma água de valeriana —comentou com solícita hipocrisia.

—Você está sugerindo que mais alguém teve a ver com isso? —indagou o que era óbvio pelo comentário anterior da mulher.

Foi decepcionante a ideia de que Blake estivesse por trás do vazamento de sua vida pessoal para a imprensa e que sairia naquela noite, o estopim que levou Paige procurar com urgência a Galeana.

—Não é segredo para mim que você mantém um caso com Blake. —Paige abriu e fechou a boca, e a italiana continuou—:Eu o conheço como a palma da minha mão, e por isso não posso permitir que ele ponha em jogo o que tanto me custou para alcançar: sua privacidade longe das manchetes, o declínio da reputação empresarial, e a falta de confiança de potenciais e lucrativos talentos musicais que, em vez de subtrair, somam à Lion Records.

"Como a palma de sua mão, é?", pensou Paige sentindo o ciúme a devorando viva, e também ofendida pelo insulto sobre ela como profissional. Aproximou-se, sem pensar, e virou a cara de Galeana com um tapa.

—Você acha que isso se trata de você, egoísta estúpida? —perguntou, já havia perdido as estribeiras.

Surpresa, a mulher de origem italiana cobriu o rosto com a mão. Depois a abaixou. Podia responder, mas o caso de Paige estava enterrado. A menina não tinha futuro musical, ao menos não na Lion Records. Se conseguiria ou não reerguer sua carreira nos palcos, já não era seu problema.

—Você cometeu um grave erro ao se apaixonar por Blake, menina —disse—. Para ele, a única coisa que tem valor é a sua companhia, e agora você já entendeu claramente. Vou deixar passar esse tapa, porque eu não brigo com meninas desse jeito. Você já perdeu a batalha sem saber que lutava uma. Lhe desejo boa sorte, e agora, ou você sai do meu quarto ou eu chamo a segurança.

Consciente de que poderia cometer um homicídio pela segunda vez em seu caso, decidiu ir embora. Havia saído ilesa de um assassinato, em legítima defesa, mas não poderia prever como aconteceria com outro —contra Galeana— executado com premeditação e por traição. Esses eram seus pensamentos de humor negro naquele momento. Portanto, o mais seguro era afastar-se de Galeana. Em sua imaginação, no entanto, não havia limites.

—Você e todos os Blake do mundo podem ir transar na santa paz —murmurou Paige sem que

Galeana a ouvisse, porque a mulher já estava a caminho da mesa de cabeceira para cumprir sua ameaça de chamar a segurança. Saiu batendo a porta.

Andou a passos rápidos até seu quarto, sentindo-se derrotada.

Galeana apenas tinha acabado de confirmar que não havia agido sozinha para que sua vida pessoal chegasse a um canal de televisão de alta audiência noturna. Agora tudo se encaixava, pensou Paige com pesar. O súbito interesse de Blake nela, em sua música, sua vida... Os momentos na cama, tão cheios de risos, palavras que continham uma carga emocional e sexual, e a maravilhosa sincronia de seus corpos não podiam mentir, mas, o que mais poderia pensar, se não que Blake era um grande ator?

Era tola porque, apesar de sua dor, queria ouvir a voz masculina que deixava sua pele arrepiada, vibrava em seu coração e a convidava a desenhar fantasias entre os lençóis. Não queria voltar a derramar mais lágrimas ao lembrar da sinceridade fingida de Blake quando, pela primeira vez, lhe falou sobre Euseb; o tempo em que esteve em Portland, fingindo que iria resolver negócios para depois dizer que tinham algo pendente entre os dois e que queria explorá-lo sem amarras; as viagens repentinas a *negócios* quando ela já havia lhe aberto sua alma, e sim, também seu coração, porque todas aquelas situações foram uma fachada para deixá-la sem contrato apenas poucas semanas de cumprir os meses de teste com a Lion Records.

Tudo fazia mais sentido com as peças do quebra-cabeça completas, pensou com raiva. Sentia-se enganada e traída a um nível que nem sequer podia comparar com Coral ou sua mãe, nem mesmo com o cretino de Euseb. Aquela era a comparação emocional que comprovava que realmente amava a Blake.

Ninguém havia chegado a tocar o seu coração a ponto de ser capaz de destruí-lo, e esse poder apenas alguém que possuía por completo o seu amor poderia ter. "Maldito Blake Howard." Deixou que suas barreiras se debilitassem pouco a pouco diante dele para deixá-lo entrar. Todas as pessoas em sua vida a haviam traído, e não deveria se surpreender com Blake, porém, estava surpresa.

Que a verdade fosse conhecida a respeito de Coral iria limpar o seu nome, sim, e também faria com que as chantagens do estúpido de Anthony parassem. Certamente nas próximas manchetes da imprensa Paige ficaria como uma heroína ou uma mulher valente, mas, o que ganharia com isso quando Shawn algum dia soubesse a verdade sobre os pais que, com egoísmo, haviam se aproveitado do amor que Paige tinha por seu sobrinho pequeno? O que ganharia em troca de ter seu nome limpo quando havia entregue seu coração ao homem errado e este tinha orquestrado sua queda profissional sem se importar com nada além de uma maldita empresa?

O cenário não era nada animador, mas, quando Paige havia se deixado vencer?

Uma mulher caía uma, duas, mil vezes, e nunca deixava que as circunstâncias a destruíssem. Ela continuaria. Continuaria erguendo seu castelo e desafiando seus opositores para que seus sonhos não morressem. Se houvesse um amanhã, então ela sonharia com um amor correspondido, uma carreira cheia de satisfação —ainda que não implicasse necessariamente dinheiro— mas, o mais importante de tudo, se houvesse um amanhã ela gostaria de ter uma família rodeada de amor incondicional, uma família que fosse só sua.

Blake contemplou, estarrecido, a tela da televisão no quarto do hospital em que estava sua irmã. Ela teria alta na manhã seguinte, por isso ele havia decidido cuidá-la nos turnos da noite, enquanto seu cunhado se encarregava de atender a Carrie em casa e seus pais descansavam confortavelmente na mansão que tinham em Beverly Hills.

—Você deveria voltar para casa —sussurrou de sua cama, Pauline— não vão me sequestrar pela minha fama se eu ficar aqui.

Ele virou o rosto, agarrando firmemente o controle da televisão, e riu.

—O melhor que você faz é ficar quieta.

—Que doçura de irmão que eu tenho. Pois saiba que meus fãs não diriam o mesmo...

—Não faço parte desse grupo tão eminente de adeptos —disse zombando.

—Que perda para o mundo —respondeu ela, rindo— logo a enfermeira volta com Andrew nos braços para eu alimentá-lo.

A expressão de Blake ficou séria.

—As mulheres são dignas de admiração. Eu não sei se poderia ficar em pé só para dar de comer a um ser humano que, além de tudo, me causa uma dor terrível.

—É por isso que vocês, por inveja, tentaram dizer que nós somos o sexo frágil, quando na verdade é o contrário —disse ela piscando e disfarçando um bocejo.

Blake riu, depois se acomodou melhor na cadeira e, aborrecido, começou a passar os canais de televisão sem sentido. Estava a ponto de desligar a televisão para dormir quando o rosto de Paige apareceu na tela. O observou, tentando absorvê-la por completo, como faria um homem perdido em alto-mar ao encontrar uma garrafa de água fresca que pudesse devolver a calma a seu corpo.

Havia perdido a conta de quantas vezes tentou se comunicar com Paige, o número de buquês de flores, especialmente quando recebeu a chamada de Macron horas antes para dizer que os advogados estavam prontos para rescindir o contrato com Paige e lhe explicou os motivos. Como um louco, Blake procurou as notícias on-line para obter mais detalhes, e irritado por tudo o que leu, ligou para Galeana sem conseguir localizá-la, e assim descarregou a sua ira com a assistente desta, Mandy. A mulher, nervosa, disse que Galeana estava voando de volta para Los Angeles, naquela mesma noite, com toda a equipe que havia ido para Oklahoma para trabalhar com Paige.

Que ironia da vida, pensou Blake. Tinha recebido o que havia desejado inicialmente: Paige havia descumprido os termos do contrato, e já não faria parte da Lion Records nem teria a oportunidade de estender seu contrato. Olhou para a sua irmã que, com uma sobancelha erguida, esperava que dissesse o motivo pela maldição que havia acabado de deixar escapar.

—O quê?

Pauline sabia que quando seu irmão estava irritado, era melhor deixá-lo concluir o processo. Também queria ver o que diziam naquele programa de celebridades. Queria saber o que tanto incomodava a Blake.

—Aumente o volume da televisão, Blake...

Ele assim o fez, e atônito, continuou ouvindo como todo o passado de Paige saía à luz. Inclusive o episódio do assassinato do padrasto abusivo. Amigos, ou supostos amigos, confirmaram a situação com testemunhos. "Em que momento havia se armado toda aquela confusão?", perguntou a si mesmo espantado. Todos os moradores do bairro onde ela havia vivido quando jovem, e antes de conhecer Josh, de repente, pareciam saber mais do que realmente havia sido, e era, a vida de Paige...

Sentiu raiva por ela, porque sabia como devia estar angustiada e furiosa naquele momento. Queria estar ao seu lado, abraçá-la, confortá-la. Esses sentimentos protetores surgiam nele quando se importava com alguém, e por Paige sentia algo mais do que apenas interesse por seu bem-estar. Ele conhecia sua paixão pela música, a força para lutar por seus sonhos, o prazer de seu corpo, o doce sabor de seus beijos, sua compaixão e entrega pelas pessoas que lhe importavam de verdade, e a forma como ele podia abrir sua mente e seu coração para ela com uma impressionante facilidade.

O que sentia por Paige Valois ia além do mero prazer que costumava cegar os homens num primeiro momento. A admirava e, mais do que isso, a amava. Sua irmã havia percebido antes que ele tivesse consciência do que sentia em seu coração.

Apertou os dedos até que sentiu as pontas ficando brancas.

Estava amando uma mulher quando acreditava que isso não aconteceria novamente depois de Sheela. Em vez de ganhar a confiança de Paige, o que ele havia feito da última vez em que estiveram juntos foi destruí-la com suas poucas, mas duras, palavras ao sentir-se vulnerável. Não poderia culpá-la se acreditava que havia sido ele quem deixou a caixa de Pandora sair à luz. Mas sim, poderia tentar convencê-la de que ele não tinha nada a ver. Galeana teria que dar muitas explicações assim que aterrissasse em Los Angeles.

Quando a reportagem acabou, Pauline soltou um grunhido nada feminino, e Blake elevou o olhar. Estava tão concentrado em seus pensamentos, nas imagens que via, no que ouvia, e em suas especulações pessoais, que precisou de alguns segundos para controlar o vendaval de emoções e lembrar que não estava sozinho. Ele balançou a cabeça e olhou para sua irmã.

—O que houve, Pauline? —perguntou.

—Você sabia de tudo isso sobre Paige, e continuou saindo com ela? Você precisa fazer suas malas e ir ver como ela está, Blake, agora mesmo.

—É uma mulher de aço com um coração nobre... —murmurou, triste como se tivesse sido ele quem a havia deixado exposta em carne viva para o mundo.

Pauline assentiu com tristeza.

—Imagino que você não amaria alguém que não tivesse essas qualidades, Blake.

Via o tormento nos olhos de seu irmão. Consciente do nível de cuidado que ele tinha em sua vida pessoal e sua privacidade, o fato de que tinha sentimentos tão intensos sobre Paige Valois —uma pessoa pública e que lutava contra vento e a maré, apesar de seu passado, com os fantasmas e as dificuldades de uma carreira nos palcos mundiais—, só confirmava a certeza de Pauline de que, finalmente, Blake havia encontrado alguém à sua altura. O assunto, no entanto, era complexo, pois ele tinha que provar sua inocência diante de uma pessoa que sempre havia sido sempre considerada culpada e que estava acostumada que todos falhassem com ela. Aquela era uma dedução que Pauline podia fazer com base em tudo o que havia acabado de ouvir. Pelo rosto de Blake, deduzia que muitas das coisas que haviam dito na reportagem era verdade. Não era nada fácil o cenário para Blake.

—Você já ajudou o suficiente por aqui, irmão, e creio que você precise ir com ela. Paige precisa de você mais do que eu ou Andrew... E você precisa esclarecer todo esse cenário confuso.

—Ou decapitar Galeana Miconti.

—Ou isso... —murmurou. Conhecia a reputação da mulher. Não queria prender Blake com mais perguntas, mas não podia deixar de fazer mais uma—: O que você acha que fará Paige agora?

—Não sei o que diabos ela deve estar pensando neste momento... —começou a andar de um lado para outro com um nervosismo que não se lembrava de ter experimentado em outro momento de sua vida— não sei o que fazer —confessou com angústia.

Pauline sentiu pena.

—O que o seu coração diz? —perguntou com suavidade.

Ele olhou para ela, franzindo a testa.

—Não sei... A última vez que falamos eu não deixei nenhuma base para que tivesse uma boa opinião sobre os meus motivos para estar com ela... Já disse que ela está com raiva, e não a

culpo... —ele praguejou— Talvez até acredite que eu tenha feito uma armadilha... E que deixei tornei sua confiança pública —apontou para a tela da televisão que agora transmitia notícias de outra celebridade— nessa porcaria de programa.

—E foi isso? —perguntou com cautela.

—Não. Eu jamais trairia Paige dessa forma, porque já conheço a dor da traição da pior maneira, e fazer algo assim para outra pessoa seria um golpe baixo.

Pauline assentiu.

—Então você precisa fazer algo para mostrar que está ao seu lado. E o mais importante, que ela saiba que você a ama. Você pelo menos insinuou isso?

Blake deixou escapar uma risada amarga. Guardou as mãos nos bolsos do jeans azul marinho.

—É fácil, não é? Enquanto não conversei com você eu não tinha claro o que sentia ou não por ela... É difícil para eu me abrir para uma pessoa, Pauline, você sabe.

Ela assentiu.

—Se você não arriscar, como você vai conseguir ter certeza do que você quer ou precisa?

Blake não tinha uma resposta para essa pergunta, pois tinha feito algo mais do que apenas se arriscar com Paige. Havia entregado o seu coração e, ao mesmo tempo, o tinha destruído sem pensar por causa de seus absurdos medos do passado.

—A maternidade a deixou filosófica? —perguntou tentando tirar o tom sério da conversa. Precisava processar muitas informações antes de pegar um vôo para Oklahoma.

—Sempre —fez um gesto apontando para a porta— e agora, vá, mas antes chame a enfermeira porque já passou mais de cinco minutos desde a hora de Andrew mamar.

—Sim, senhora, —respondeu Blake antes de inclinar-se e dar-lhe um beijo na testa.

CAPÍTULO 22

Anthony estava gostando do jantar daquela noite. Tinha tido um bom desempenho no trabalho. A fazenda que sua cunhada havia avalizado já estava a venda. Não tinha tempo para continuar perdendo naquela bobagem e era melhor ganhar um dinheiro que pudesse usar em lazer do que acabar com as costas em vão. Não voltaria a dar ouvidos aos seus amigos, o que eles sabiam de negócios?

No início pensou que poderia ser rentável a fazenda, com base nos comentários que lia na internet, mas havia muito a fazer, e não soube disso enquanto finalmente não estava imerso nesse mundo desconhecido. Ele não nasceu para ser escravo, nem para perder a oportunidade de aproveitar os fins de semana pescando ou as noites bebendo cerveja com os amigos. Ele era o dono de uma oficina mecânica, por que diabos teria que começar do zero?

Aquilo não era para ele.

—Querido, você pode atender porque estou terminando de arrumar o cabelo?! —gritou Coral, quando ouviu que batiam à porta pela segunda vez.

Shawn estava dormindo, e ela não queria ter que consolar seu filho outra vez porque a irresponsável de sua irmã não podia viver sem armar confusões por onde ia. Por que Paige tinha que ser tão egoísta e tentar sempre ser o centro das atenções?, perguntou-se ela olhando para o espelho. Se fosse por ela, jamais teria tido Shawn, mas claro, Paige queria que ela se escravizasse o resto da vida sendo mãe. Mas, olhando o assunto por outro lado, sem Shawn, não teria conseguido segurar Anthony ao seu lado.

Esperava que o bebê que ela carregava em seu ventre servisse para reforçar seu casamento nos próximos anos. Durante o tempo de gestação, ela tinha que ter cuidado com a combinação de medicamentos e seguir o que dizia o seu ginecologista e também o seu psiquiatra. Infelizmente, não poderia continuar trabalhando no supermercado, mas teria que ficar em repouso porque era uma gravidez de risco. Às vezes, odiava viver.

Era tão injusto que ela sofresse dos problemas em sua mente, problemas econômicos, enquanto Paige tinha a bajulação, o sucesso e todos os homens que quisesse ter. Mas sua irmã gêmea era uma puritana. Era cautelosa.

—Abre, Tony! —voltou a gritar.

"Por que era tão difícil para aquele homem fazer algo que o pedissem?", se perguntou, e de má vontade desceu as escadas para cuidar de algo tão simples como receber uma visita ou algum entregador que fosse levar algo urgente de última hora. Ergueu o cabelo com um rabo de cavalo.

Coral foi até a sala e encontrou Tony esparramado sobre o móvel com uma cerveja na mão, enquanto na televisão passava um jogo de futebol americano. Aproximou-se e mexeu em seu braço para que ele a ouvisse. Ele olhou para ela.

—O que você quer, mulher?

—Eu não sou sua empregada, e da próxima que não abrir a porta você vai ter que encontrar alguém pra foder com você à noite.

—Isso não é difícil —respondeu com um sorriso malicioso.

—Estúpido, nem tendo um filho a caminho você consegue deixar de pensar em safadezas — sussurrou Coral.

—Ninguém pediu para você deixar de se cuidar com os anticoncepcionais, querida.

—Você me dá nojo, Anthony.

—Você não diz isso quando está com meu pau dentro de você.

—Grosseiro... —murmurou.

Percorreu o corredor revestido de madeira, e abriu a porta depois de verificar pelo olho mágico de quem se tratava. Ia esboçar um sorriso com uma frase amável, mas Blake não lhe deu tempo de falar.

Vestido com calças pretas bem justas em suas fortes pernas, sapatos bem lustrados, e uma camisa azul que marcava os músculos de seu tronco, braços e a força de suas costas, o presidente da Lion Records rapidamente encontrou Anthony. Não lhe deu oportunidade para reconhecer quem se aproximava.

Agarrou-o pelo colarinho da camisa e o jogou ao chão. Com uma chave aprendida nas aulas de defesa pessoal tempos atrás, o imobilizou, mas não podia impedi-lo de dizer insultos e tentar se livrar. Na primeira hora da manhã do dia seguinte após ter deixado o quarto do hospital, havia ido até a sede de seus escritórios em Los Angeles, e entrou furioso na sala de Galeana.

—O que está acontecendo aqui...? Ah, é você, olá, Blake —disse ela, levantando-se da cadeira executiva de cor azul. Ela havia chegado na madrugada, em um voo privado de Oklahoma com a equipe de trabalho.

—Quero que me explique que diabos aconteceu com Paige Valois.

Ela ergueu uma sobrancelha, e depois cruzou os braços.

—Fiz exatamente o que você me pediu no início, Blake: Que ela quebrasse, de qualquer maneira, alguma das cláusulas do contrato para que não fizesse parte da companhia...

—Não foi isso o que eu pedi.

Ela pigarreou, clareando a garganta, descruzou os braços e caminhou em direção a ele. Mantendo uma distância prudente.

—Você deve se lembrar que a minha memória é maravilhosa. Então, entre outras coisas que você me disse um tempo atrás, cito o mais importante: "Não importa o que aconteça durante o seu encontro com Paige Valois, no final, você precisa fazer com que ela descumpra o contrato."

Para não perder as estribeiras no escritório, Blake apertou os punhos atrás das costas com força. Ela tinha razão. Aquelas foram suas palavras.

—Como você conseguiu as informações de sua vida privada que saíram na reportagem? Como você pôde dar um golpe tão baixo, Galeana? Você expôs uma pessoa inocente no processo e cujo futuro ficará marcado por crenças erradas de sua família —disse ele com Shawn em mente.

—Minha mente não está no que pode acontecer a terceiros, pois trabalho para cumprir as metas da Lion Records. Além disso, não compartilho minhas fontes de...

—Me diga quem é a sua fonte, maldita!

Desde que trabalhavam juntos, aquela era a primeira vez que havia visto uma expressão tão carregada de uma raiva mortal em Blake, e se assustou. Engoliu em seco.

—O cunhado de Paige entrou em contato comigo e me disse que, em troca de uma história muito interessante, ele queria trezentos mil dólares.

—Você não tem autorização para oferecer esse dinheiro a ninguém, Galeana.

—Eu nunca usei o dinheiro de emergência nesses anos, que tenho guardado em meu nome como responsável pelas relações públicas para usar em momentos de crise. Então...

—Não era uma crise, e orquestrar tudo da forma como você fez só mostra seu lado maligno como profissional.

Ela deu de ombros.

—Você tem o que você pediu, e nunca questionou meus métodos desde que conseguisse o que queria. Ela não fará parte da companhia, porque quem assinou o contrato como principal

representante foi Macron, e ele faz ideia de seus namoricos ou interesses pessoais em Paige, por isso vai validar as cláusulas de descumprimento.

Ele se aproximou, ficando praticamente sobre ela, com toda a sua altura e maneira sombria de observar aqueles que ousavam desafiá-lo. Nunca havia levantado a mão para uma mulher, nunca, e não pensava em iniciar naquele momento. Com seu nariz quase tocando o dela, a fulminou com seu olhar.

—Recolha todas as suas coisas. Você cruzou uma linha muito tênue.

—O que está dizendo? —ela perguntou, incrédula.

—Você está demitida, Galeana. Minha vida privada não precisa influenciar a minha vida profissional, e você sempre soube disso. O que você fez para Paige não tem nome. Antes de ir eu quero esses trezentos mil dólares que voce deu a Anthony Blanc na conta da Lion Records, ou você terá que encarar os advogados da gravadora por desvio de fundos corporativos.

—Mas eu consegui o que você queria!

—Adeus, Galeana.

Blake não se importava que a porta tivesse ficado aberta e que o pessoal que rodeava o andar onde ele trabalhava tivesse ouvido a briga. Todos tinham uma cláusula de confidencialidade, então era melhor manter a boca fechada se quisessem continuar recebendo os bônus e benefícios da empresa como colaboradores.

Depois de sair do seu escritório, voou para Portland.

Queria começar a limpar o lixo que rodeava a vida pessoal de Paige antes de ir falar com ela. Ficou feliz que estivesse em Oklahoma, porque seus níveis de autocontrole estavam sobrecarregados e tinha certeza de que, ao vê-la, a primeira coisa que faria seria tomá-la entre seus braços e beijá-la até que perdesse a razão.

—Me solta, seu idiota, se não quer que eu quebre sua cara! —gritou Anthony no momento em que Blake voltou a prendê-lo contra o piso sem dificuldades quando o cunhado de Paige tentou levantar-se para acertá-lo.

—Vamos —ordenou enquanto o levantava com facilidade e o empurrava até a saída— vamos dar um passeio para resolver umas coisas importantes.

Anthony tentou, inutilmente, se livrar das mãos do empresário. Coral não fez nada para ajudá-lo. "Aquela puta", pensou Anthony, antes de sair cambaleando e ser colocado em um luxuoso carro com motorista. Era um Lincoln de vidros escuros.

—Para onde?

—A primeira parada é um escritório jurídico muito importante.

—Para quê...? —perguntou, mas um soco de Blake o acertou em cheio na boca, fazendo com que se calasse.

Blake ordenou ao motorista que começasse a dirigir em direção à primeira rota que havia programado antes de chegar à casa dos Blanc. Tinha providências para tomar antes de começar sua tentativa de demonstrar a Paige o que sentia por ela e, em seguida, pedir que o perdoasse pelo dano que, através de sua companhia e de Galeana, ele havia causado a ela e sua família.

Quarenta e oito horas depois...

Paige teve que adiar seu retorno a Portland, embora isso não a impediu de ter uma reunião em

Oklahoma com Josh e seus advogados para encontrar uma maneira saudável de resolver a situação com a mídia. Havia contratado um profissional de relações públicas especializado em crise. Seu nome era Dean Chastain. A agenda de Paige agora consistia em participar de todos os programas que a convidassem para contar sua história, seu ponto de vista sobre os fatos de seu passado.

Ela repetia o mesmo discurso nos estúdios de televisão dos principais shows de Oklahoma, estações de rádio, e dava entrevistas por telefone a jornais ou revistas, em qualquer região geográfica em que se encontrassem, para deixar claro que não era mais uma vítima de violência doméstica, mas sim uma sobrevivente, e que tinha feito o que podia para seguir em frente. Em seu discurso, ensaiado e elaborado por Dean, se tornava mais fluente à medida que repetia.

Voaria —de qualquer maneira— para Los Angeles nos próximos dias. Não poderia evitar a selva onde teria que entrar e, pela milésima vez, sair com um sorriso, mesmo que por dentro se sentisse despedaçada. Repetiria o mesmo discurso até cansar. Até que a imprensa se importunasse de sua consistência verbal e parasse de tentar encontrar brechas que lhes permitissem investigar mais além. Era um esforço mental sem igual, pois, além de preservar a sua reputação e se tornar porta-voz das mulheres maltratadas física ou verbalmente, tinha que cuidar para não deixar transparecer mais detalhes que pudessem dar a entender que havia algo mais por trás de seus —às vezes— olhos tristes.

Em sua mente, não deixava de pensar em Shawn.

Não sabia nada sobre seu sobrinho, porque quando se desocupava da agenda de trabalho ele já estava dormindo, e falar com sua irmã maluca não era opção. Dean havia se encarregado de enviar uma pessoa para fechar a matraca de sua irmã gêmea, bem como para acabar com sua necessidade de ganhar atenção, e nesse pacote estava incluso Anthony. Assim, Paige não se preocupava mais com os dois.

Seu advogado pessoal e representante da firma Costa&Menchu, Lamar Menchu, sempre a atendia pessoalmente e lhe informou que Anthony havia assinado dois dias atrás uma confissão juramentada sobre as chantagens, abusos de confiança e outras idiotices que cometeu contra ela. Paige não podia acreditar naquele súbito gesto de boa vontade, certamente ele tinha algo em mãos. Lamar informou que, na carta, Anthony confessou ter recebido dinheiro da profissional de relações públicas da Lion Records em troca de seu testemunho. Aceitava não voltar a aproximar-se de Paige para pedir absolutamente nada, e também não falar sobre sua vida privada novamente.

Por outro lado, descobrir que suas suspeitas de que Blake havia tornado pública sua história eram falsas a fizeram se sentir triste e culpada por ter duvidado de sua integridade. Como esperava ter uma família no futuro se não conseguia confiar ou dar o benefício da dúvida a alguém? Sua única justificativa era que, com Galeana maliciosamente semeando discórdia contra Blake, o impacto da reportagem, a preocupação por seu sobrinho, e por sua carreira, foi difícil conseguir pensar com a cabeça fria. Quem em sã consciência teria conseguido? Tudo estava tão confuso que se considerava feliz por ainda não ter sofrido um ataque.

Entre o desastre sempre havia alguma boa notícia. E essa seu advogado havia dado ao acrescentar na conversa que haviam defendido que fosse aberto um processo contra Anthony pela custódia de Shawn, e que essa carta que seu cunhado havia assinado adiantaria em muito todo o processo. O prognóstico da situação era favorável.

Agora ela precisava se preparar para, dentro do tempo estipulado, ir à Corte. Tolerar as birras de Coral. Ouvir as especulações... Quando acabaria todo aquele pesadelo? Além disso, havia um bebê no ventre de sua irmã. Parecia que estava perdendo dinheiro com uma história de vida tão

boa para publicar em um livro.

Foram as quarenta e oito horas mais turbulentas vividas recentemente.

Como imaginou no início, depois de ver a reportagem, ela havia se transformado em um marco da luta pelos direitos das mulheres contra a violência familiar, o abuso verbal, e inúmeras coisas mais. Achava tão triste que o ser humano tentasse, em um dia, mudar dor causada durante anos. A memória coletiva era frágil, em especial a dos jornalistas. Ela não se considerava uma referência de nada, só queria poder levar sua música a mais pessoas!

—Paige —chamou Josh à porta do hotel.

Estavam a esperando para se dirigir ao aeroporto de Oklahoma, rumo a Los Angeles, mas ela precisava fazer uma parada em sua cidade natal.

—Entre, por favor, não tranquei a porta porque sabia que você viria. —O representante musical entrou na suite. Estou terminando de guardar essa roupa —disse de costas para a porta —, eu gostaria de fazer uma parada em Portland. Eu tenho que ver Shawn, por favor. É importante para mim. Quero saber como ele está, e acho que terei que aturar Coral ou o idiota de Anthony.

Ao não ouvir resposta de Josh, ela fechou a mala, e levantou-se.

—O que você acha de...?

Sua mente ficou em branco. Não pôde terminar a frase.

—Olá, Paige —disse Blake, junto com seu amigo Josh.

O marido de Melinda a olhava com um sorriso de desculpas.

—Me parece que, antes de viajar para qualquer lugar, você pode ouvir o que o meu amigo aqui tem a dizer.

—Espera... —começou ela, mas Josh já estava fechando a porta atrás de si.

Ela fechou os olhos e virou-se para caminhar em direção à janela com uma bela vista da área ao redor. Abraçou a si mesma. Não sabia como encará-lo. Era demais. Finalmente, havia ido lhe buscar...

Logo sentiu os braços de Blake rodeando sua cintura, e também o queixo apoiado suavemente sobre sua cabeça.

—Sinto muito por tê-la tratado como fiz dias atrás, Paige —começou Blake—, e não consegui voltar. Meu sobrinho Andrew nasceu, e foi a ligação da minha irmã que me tirou de Portland. Eu teria ficado por você.

—A família é mais importante...

—Tentei entrar em contato, mas não consegui me comunicar com você.

—Não por falta de tentativas —murmurou Paige, olhando para a cidade, mas também para o reflexo tênue de ambos no vidro da janela. Havia recebido todas as flores, as ligações, mensagens de texto, as gravações de voz na sua caixa mensagens, e-mails para a sua conta pessoal... Ela não respondeu nenhum.

Blake sorriu. O fato de não ter se afastado de seus braços, lhe dava uma esperança. Tê-la tão perto aquecia o seu frio coração novamente. Poder abraçá-la daquela forma, ou de qualquer outra, era um bálsamo para a incerteza que o havia moído naqueles dias infernais longe e sem saber de Paige.

—Eu tive que deixar alguns assuntos resolvidos em Portland antes de vir para Oklahoma. —Ela abaixou as mãos até pousá-las sobre as de Blake, que estavam em sua cintura feminina, deu-lhe leves toques com a ponta dos seus dedos—. Menos mal que meu cérebro ainda funciona e, apesar da retaliação de palavras que não me enganei que receberia, tive que ligar para Josh como a minha última opção para chegar até você. Ele me disse que você estava aqui e que iria embora

hoje mesmo. Tive que me apressar, e a única coisa que me impediu de chegar mais cedo foi o discurso de Josh. Disse que se voltasse a magoá-la ele teria que usar seus punhos para se comunicar —sorriu.

Ela virou-se entre seus braços, com lágrimas nos olhos sem derramar.

—Sinto muito —sussurrou ela, ignorando tudo o que tinha acabado de ouvir sobre Josh— eu não acho que consigo suportar mais peso sobre meus ombros. Ainda tenho muitas coisas por resolver. Meu sobrinho, minha carreira, meu... —suspirou— tudo. Sinto ter duvidado de você...

—Eu não dei motivos para você confiar depois da nossa última conversa.

—Sinto muito, Blake —murmurou de novo.

Blake olhou-a com doçura. Acariciou seu rosto com a mão, sem deixar de segurar sua cintura com a outra mão livre.

—Por que você sente? Fui eu quem causou toda essa dor. Por idiota e egoísta. Por ter duvidado de você desde o início, por ter condenado sem antes conhecê-la, e quando finalmente me dei a oportunidade de chegar até você, já era tarde demais. Esqueci completamente de ter dito a Galeana que fizesse o possível para você não assinar o contrato final... Você não tem ideia do quanto lamento esta situação. As palavras que eu disse da última vez que estivemos juntos me perseguem como uma sombra ao lembrar da sua expressão de dor, embora tentasse disfarçar o contrário —lhe acariciou a bochecha— e você não precisa carregar nenhum peso sobre seus ombros. Eu carregarei por você, Paige...

Ela olhou para ele sem entender.

—Do que você está falando?

Ele lembrou das palavras de sua irmã. A única opção era arriscar-se.

—Eu teria que fazer muitos atos com boas intenções para demonstrar o que quero dizer, mas sinto que com você não tenho mais tempo a perder. E eu não quero arriscar perdê-la... Não quero dar a oportunidade de que outro fique com o que, o meu coração sabe, é meu por completo. Você.

—Blake...

Ele sorriu, mas os nervos não o abandonaram. Tinha ainda muito claras as palavras de Josh quando ele disse que esqueceria da amizade de ambos caso Paige voltasse a sofrer o vendaval de desastres dos últimos dias, ou mesmo se tivesse o olhar triste e perdido que a acompanhava quando saía das entrevistas com os diferentes canais da imprensa. Quando Blake lhe prometeu que faria todo o possível para consertar as coisas com Paige, Josh então lhe disse o itinerário do vôo e o incentivou a apressar-se porque não poderia segurá-la se ela quisesse partir logo. Mais uma vez, Blake estava em dívida com Josh.

—Paige, apesar dos meus extraordinários níveis de imbecilidade —ela sorriu pela primeira vez naquele tempo e Blake se encorajou para continuar— e de tudo o que eu disse para arruinar sua confiança em mim e magoá-la, quero que me perdoe. Porque a minha consciência não me deixa tranquilo, a minha alma se sente culpada e o meu coração não consegue encontrar o ritmo. Eu preciso saber se tenho uma chance para demonstrar que estou apaixonado por você. Não, deixe-me corrigir. *Loucamente* apaixonado por você. Com meu coração completamente aberto, preciso confessar que eu amo você. Amo como não pensei que pudesse amar novamente uma mulher, e você tem o poder de me destruir com uma única palavra ou me dar a chance que desejo para eu poder amar você como você merece.

—Blake... —murmurou, com lágrimas rolando pelo rosto, enquanto ele enterrava os dedos entre seus cabelos e a acariciava com doçura desse modo— não sei o que dizer —disse olhando para ele com seus grandes olhos azuis, cativando-o por completo. Porque aqueles olhos, como

lagoas azuis, eram tão sinceros e cheios de emoção que o convidavam a perder-se em suas águas e não querer jamais sair delas.

—Que me perdoa...?

—Não é tão fácil negar-me a isso —disse—, e há um motivo pelo qual eu vou fazer isso, apesar de tudo...

Os olhos de Blake se iluminaram. Havia sentido falta do toque de sua pele de seda durante todo aquele maldito tempo longe dela. Os dias sem ela pareciam décadas. Décadas infames.

—É mesmo?

—Quando duas pessoas se amam, o mais difícil é deixar o orgulho de lado, e também perdoar quando a dor da ofensa causou tanto dano. Mas eu amo você, Blake, e me aterroriza a simples ideia de como poderia arrasar comigo se voltasse a me machucar da forma como ocorreu até agora... Eu vivi situações extremas e difíceis, mas nunca amei ninguém como amo você. A mesma força do amor pode destruir e construir. Quero pensar, me esforçar, em construir —disse com uma indescritível sensação tomando conta de si. Seus hormônios femininos dançavam, sua pele parecia de repente mais sensível, mas era o seu coração que batia em seu peito com uma emoção única e indescritível.

—Você me ama também —sussurrou— Você me ama também! —exclamou com uma risada cheia de felicidade. Ela não pôde evitar rir, especialmente quando Blake a tomou nos braços e girou com ela pelo quarto—. Preciso beijá-la, preciso agora mesmo, Paige —disse antes de colocá-la em pé e começar a saborear o prazer de seus beijos. Uns beijos que conheciam a redenção e a esperança. O melhor sabor do mundo, porque era o da mulher que amava, e que lhe correspondia. Porque sua alma agora se sentia completa.

As leves mordiscadas dos beijos de Blake a fizeram tremer por antecipação, e ela devolveu cada um de seus avanços com a mesma paixão. Desejava mais, porque com Blake não podia evitar. O calor de seu corpo, o aroma de sua colônia cara misturada com o cheiro tão próprio dele, e suas mãos acariciando-a por toda parte, enquanto seus lábios habilidosos a provavam e tomavam seus sentidos, a fizeram esquecer por completo a realidade.

Sentir-se amada, correspondida, era uma experiência completamente nova, e ela queria desfrutá-la ao máximo. Não importava o tempo que durasse, um minuto, ou uma vida. Jamais menosprezaria aquilo que tanto havia demorado para encontrar.

Blake abandonou a boca de Paige apenas para beijá-la no pescoço, enquanto introduzia uma mão entre seus cabelos. Depois voltou aos seus lábios carnudos. Ela fechou os olhos e se deixou levar pelo prazer de tê-lo, amá-lo, e ser correspondida. Sua intimidade desejava ser suprida naquele momento, e o único capaz de chegar profundamente a seu interior era o homem que estava tomando seus seios com ambas as mãos, apertando seus mamilos com os polegares, ao mesmo tempo em que pressionava a pélvis para deixá-la consciente do quanto a desejava.

Ele gemeu contra a boca de Paige enquanto sentia sua língua ardente entrelaçando-se com a sua. A apertou mais contra ele. Desceu as mãos pela blusa de seda branca até chegar ao traseiro coberto pelo jeans vermelho. Agarrou-o com firmeza, acariciando.

—Blake... eu preciso ir a Portland —murmurou contra sua boca masculina.

—Mais tarde...

Ela só riu e voltou a beijá-lo.

Tão imersos estavam um no outro, a ponto de começarem a tirar a roupa com impaciência, quando bateram à porta. Paige tentou afastar-se, mas ele não permitiu. Gritou a quem estivesse do lado de fora que esperasse dez minutos. Depois, sem parar de beijá-la, desabotoou o botão do jeans, abriu o zíper, e enfiou as mãos por entre o elástico da calcinha. Quando sentiu a morna

umidade na intimidade de Paige, Blake introduziu seus dedos entre os lábios íntimos.

—Blake... —ela gemeu quando ele começou a masturbá-la.

—Eu adoraria que fosse outra parte do meu corpo —disse lhe mordiscando a orelha— que estivesse esfregando contra sua umidade, mas não temos muito tempo antes que nos interrompam de novo.

—Eu também gostaria disso...

—Que nos interrompam? —perguntou, brincalhão, dando leves toques e esfregando-a com os dedos. Não parava de beijá-la. Falavam tropeçando seus lábios, tentando respirar, sufocando seus gemidos e desfrutando do prazer.

Ela moveu seu sexo mais intensamente contra a mão que a acariciava.

—Não...

—Bem —disse Blake, girando-o de tal forma que as costas de Paige ficaram apoiadas contra seu peito.

Sem lhe dar opção para nada, Blake simplesmente afastou por um instante suas mãos do sexo de Paige para tirar sua blusa. Rapidamente se desfez do sutiã e os seios ficaram entre suas mãos. Os acariciou e massageou, enquanto ela rebojava o traseiro contra o seu membro ereto. O desejo era tão grande que, se Paige continuasse se movendo daquela maneira, ele iria ejacular naquele exato instante.

—Atrevida...

—Aprendo rápido —disse entre suspiros enquanto os dedos de Blake beliscavam seus mamilos com força, fazendo-a soltar um gemido prazeroso.

—Que ótimo, minha vida —disse baixando suas calças, suas calcinhas. Ambas as peças ficaram enroladas nos tornozelos de Paige. Estava completamente nua—. Olhe para sua esquerda. —Ela obedeceu—. O que você vê neste espelho?

—Eu, completamente nua... enquanto você... ahhh —ela gemeu enquanto ele com uma mão lhe esfregava o mamilo e com a outra lhe esfregava o clitóris— Blake...

—Esse é o meu nome. O único nome de homem que você vai lembrar tocando seu corpo para sempre.

—Isso é muito possessivo da sua parte.

—Não consigo evitar com você —disse ele, excitado, ao contemplar a imagem de ambos, de lado, no espelho do quarto. Gostava daquela perspectiva dos seios generosos e arrebitados de Paige. Tinha os seios mais gostosos que ele havia visto e experimentado. Ela era toda sua, e o amava. Não ia deixá-la escapar.

Acelerou os movimentos de seus dedos, acariciou-lhe os seios com intensidade e consciente de que seus bruscos beliscões causavam a Paige uma deliciosa sensação de dor combinada com prazer ao sentir como ele a masturbava. Ver a expressão de êxtase no belo rosto da mulher que amava quase o levaram a se despir e penetrá-la com rapidez. Mas esse prazer de conceder a liberação sexual a Paige, também era uma satisfação para ele e, além disso, ela era sua prioridade de agora em diante, neste e em todos os sentidos de sua vida.

A própria ideia de um tempo indeterminado a seu lado, o levou a esfregar com ímpeto seu clitóris. A penetrava com o dedo médio, simulando o que seu membro masculino estaria fazendo, enquanto com a junta do dedo polegar acariciava o clitóris e brincava, às vezes, com o dedo indicador no meio de seus lábios vaginais.

—Blake... Blake...

—Eu sei, meu amor —murmurou contra a orelha de Paige enquanto a sentia contraindo-se em torno de seu dedo e curvando as costas com um suave grito de prazer—. Eu amo você, Paige —

disse em seu ouvido quando ela, pouco a pouco, recuperou o fôlego.

Com um risinho excitado, e feliz, Paige virou-se.

—Eu amo você, Blake Howard.

—Temos, infelizmente, que nos vestir...

—Você não quer...? —agarrou-lhe o membro ereto sobre o tecido da calça com firmeza e um sorriso maroto, esfregando seu corpo nu contra o dele, vestido como estava.

Blake estava prestes a responder quando voltaram a bater à porta. Desta vez, a voz de Josh foi como um balde de água gelada. Com se fosse uma ordem, deu uma palmada no traseiro de Paige pedindo que fosse ao banheiro para se vestir. Com deliberada lentidão, ela acariciou os próprios seios levemente, e sob o olhar faminto de Blake, rindo, Paige foi ao banheiro e fechou a porta após ela.

Josh, ao ver o cabelo de seu amigo despenteado, não fez nenhum comentário. Imaginava que tudo tinha ido bem. O informou de que o avião de Paige sairia dentro de uma hora para Portland, mas Blake pediu que fossem no seu.

—Então, não preciso lhe dar um soco, não é mesmo? —perguntou Josh, olhando para o rosto levemente suado de Blake.

Ele lhe lançou um olhar de advertência e Josh começou a rir.

—Paige é uma mulher muito generosa, com um coração de ouro, Blake. Não vai lhe dar outra oportunidade se você a magoar novamente, ou se alguém do seu círculo fizer isso —disse Josh em um tom confidencial, enquanto dois carregadores entravam para levar as bagagens da cantora e colocá-las no carro que se dirigiria para o hangar privado—. Ela pode se defender sozinha, mas não pode suportar tudo. Sempre carregou um fardo muito pesado.

—Eu sei... Eu sei.

Josh lhe deu um tapinha no ombro em forma de apoio.

—Farei todo o possível para mantê-la ao meu lado.

—Só há uma maneira de fazer isso —comentou Josh.

Não foram necessárias palavras para que compreendessem ao que o outro se referia.

—Tudo a seu tempo.

—Oi, Josh —disse Paige aparecendo, impecavelmente vestida, assim como seu cabelo e sua maquiagem, como se não tivesse tido um orgasmo sensacional minutos atrás. Para seu azar, o banheiro ficava longe da sala, e não pôde ouvir o que os dois amigos falavam—. Tudo pronto para Portland?

—Iremos no avião de Blake, mas o resto da equipe da empresa de Dean vai em um voo comercial.

—Uma viagem com Blake Howard? Isso é algo incomum em nossos habituais padrões de discrição, Josh —disse Paige rindo.

Blake lhe deu uma piscada de olho e a atraiu para seu lado dando um beijo nos lábios, sem se importar com o que Josh poderia pensar ou não, e depois sorriu com ternura. De fato, não se importava mais com o que os outros poderiam pensar ou saber de sua vida, muito menos quando estava tão feliz por ter Paige ao seu lado.

—Espero você lá embaixo, amigos —disse Josh, deixando-os a sós novamente.

Paige abraçou a Blake.

—Não voltarei a cometer o erro de não lhe dar a oportunidade de se explicar, de falar comigo, de me deixar saber os fatos. Quero compensá-la por tudo isso, Paige. Vou fazer isso.

Ela acariciou seu rosto.

Podia estar ressentida com ele, fazê-lo implorar para ela dizer que lhe perdoava, se passar por

uma mulher interessante e inalcançável para vê-lo sofrer como ela havia sofrido com toda a imprensa expondo sua vida privada, e poderia brincar e colocar em prática mil testes com todo aquele drama que costumava parecer divertido, mas, quem perderia no final, se não ela mesma? Estar longe da pessoa amada, quando era possível perdoar e aproveitar o tempo construindo memórias para apagar ressentimentos, era mais uma tortura do que uma lição pelos erros cometidos.

Podia ter vinte e poucos anos, mas não tinha vontade de brincar com jogos cujo final já conhecia. Pelo menos neste caso. Ela ia perdoá-lo, porque o amava, e também porque as atitudes de Anthony, Galeana, ou que quer que estivesse envolvido, não eram as atitudes de Blake. Não podia condenar um pelas ações de outros. E essa era a forma mais honesta de ver a situação.

—Você não precisa fazer isso, mas se quiser, eu não vou lhe impedir —disse brincando.

Ele a beijou no nariz arrebitado.

—Saber que você me ama também é a melhor música que você podia ter cantado para mim, querida —disse ele com ternura—. Há uma situação em particular para a qual você precisa estar preparada antes de aterrissar em Portland.

—Está relacionada com Anthony?

—Está, sim. Não é algo que você possa eliminar com uma ordem.

Ela assentiu.

—Minha irmã está esperando um bebê, Blake —sussurrou— não sei como pôde ser tão inconsciente. Nem sequer dá tempo suficiente para Shawn!

—Vamos resolver isso —disse pegando-a pela mão para começar a viagem até o estado de Oregon—, você vai ver.

—Juntos —murmurou Paige, apertando seus dedos entre os dele e atraindo sua atenção para que a olhasse nos olhos—. Juntos, Blake.

—Sempre.

Ele tinha um segredo que não podia contar ainda, e sabia que Josh não iria trair sua confidência.

Paige era generosa, e não a merecia, mas ele era um bastardo egoísta e a queria ao seu lado. Por isso, sabia que era importante mostrar que não estava brincando, que era sincero e que se arrependia por suas decisões terem resultado em ações que causaram efeitos colaterais que a machucaram. Blake havia pensado em seu plano secreto, muito antes de saber se Paige poderia ou não perdoá-lo; se voltaria a vê-la em breve, pessoalmente.

Arriscar tudo para mostrar à Paige o quão arrependido estava, o quanto se importei e o quanto a amava, tinha sido sua única opção. E continuava sendo porque, mesmo sabendo que seu amor era correspondido, não ia desistir de seu plano...

CAPÍTULO 23

No aeroporto de Portland, a fim de evitar a imprensa e serem fotografados, Blake e Paige solicitaram um serviço de segurança que os recolhesse diretamente na pista do terminal. Embora não fosse uma viagem longa, a ideia de organizar as agendas de ambos para sincronizá-las de tal forma que pudessem se ver com mais frequência era um pouco cansativa depois da intensidade dos últimos eventos.

A primeira parada foi na casa de Blake, pois sabiam que Paige estaria rodeada de pessoas curiosas e dos meios de comunicação atentos a qualquer indício da presença da bela mulher para cair sobre ela como vermes, Josh os acompanhou. Pediram comida a domicílio, quando já eram quase sete da noite.

O representante e amigo de Paige bebeu seu copo de whisky, um Johnny Azul. O avião particular de Blake o levaria de volta a Los Angeles dentro de algum tempo, por isso Josh não tinha pressa. Melinda tinha ouvido feliz as notícias sobre o ocorrido entre sua melhor amiga e Blake.

Josh sentia-se à vontade observando, no sofá que estava em frente a ele, a confortável e romântica interação entre Blake e Paige. Ela repousava a cabeça no ombro masculino, e ele, com o braço rodeando seus ombros, lhe acariciava o braço com carinho. Jamais pensou que voltaria a ver seu amigo apaixonado, e desta vez —ao contrário de Sheela— o olhar tinha uma cor mais intensa. Via neles o reflexo do tipo de relação especial que ele e Melinda tinham em seu casamento.

Não era difícil perceber que quando duas pessoas eram compatíveis, de verdade, quando eram, sem dúvida, almas gêmeas. Em um brinde silencioso, os três levantaram os copos que tinham na mão. Sorriram.

—Então, Blake, o que tem ocorrido com relação a Anthony? —perguntou Josh, tal como havia sido acordado que perguntaria quando estivessem os três em particular na propriedade de Blake. Faltavam quarenta e cinco minutos antes que seu amigo revelasse seu segredo. Era arriscado porque, apesar de que ela estava feliz, não se podia ter certeza da sua resposta... nem a sua reação.

Blake se afastou de Paige e foi até seu quarto, sem dizer nada. Voltou segundos depois com um documento que tinha o logotipo de uma luxuosa empresa de advogados com escritórios em várias cidades dos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Dinamarca. Entregou a ela.

—O que é isso...?

—Eu gostaria que você desse uma olhada. Você pode ler com nós ou...

—Eu vou ler aqui —respondeu ela, abrindo o documento. Blake sentou-se a seu lado.

Anthony havia assinado uma carta, legalmente certificada, onde afirmava ter oferecido a história das irmãs Valois à imprensa em troca de dinheiro. Em outra parte, afirmou que tinha chantageado Paige e utilizado Coral como oportunidade de troca durante quatro anos. Também aceitava afastar-se da vida das gêmeas e pedir o divórcio a Coral, sem opção para negociar ou solicitar benefícios econômicos de qualquer tipo. Finalmente, Paige, com lágrimas nos olhos, leu que Anthony aceitou criar um fundo financeiro de oitenta mil dólares para a universidade de Shawn e para o bem-estar de seu filho por nascer.

Atordoadas, Paige deixou o papel de lado. Quando levantou os olhos, Josh não estava na sala. Ela não tinha ouvido ele sair devido à concentração e ao conteúdo de sua leitura. Virou o rosto

para Blake, ele a observava com uma expressão neutra.

—O que você pediu em troca...? —perguntou em um sussurro.

Ela usava um vestido curto de cor vermelha que se lhe havia subido ligeiramente alguns centímetros acima do joelho ao acomodar-se, nesse momento, até ficar mais perto de Blake. O vestido não tinha mangas, e o decote em V permitia que usasse um colar curto de ouro com um pingente do mesmo material rodeado de safiras. Um presente de Melinda, quando lançou seu primeiro disco. Não usava no momento nada além de delineador e blush como única maquiagem.

—Não ir a julgamento.

Blake não sabia se havia cruzado uma linha tênue de confiança com ela ao se intrometer em assuntos de sua família. Nem se alguma vez voltaria a querer vê-lo, depois de as más ações de Galeana.

Ela o sentiu ficar tenso.

—Por que você se incomodou tanto? —perguntou, acariciando-lhe o rosto e o deixando surpreso, antes de acomodar-se sobre seu colo. Ela sentiu ele ficar relaxado, e depois rodeou-lhe o pescoço com os braços e se embriagou do delicioso aroma de sua pele masculina. Ele firmou o quadril para segurá-la.

—Você não está com raiva?

—Estou grata.

A expressão de Blake relaxou e ele agarrou Paige, sem esforço, colocando-a de tal forma que ficasse sentada sobre seu colo. Agora podia olhá-la nos olhos. Podia ver suas emoções refletidas naquelas acolhedoras águas azuis.

—É mesmo?

—Sim, Blake. Você não tem ideia o quanto significa para mim que tenha deixado de lado o câncer que é a presença de Anthony em torno da minha família.

—Enquanto estou falando com você, seu cunhado está recolhendo seus pertences para ir morar em outro lugar. Como ele vai fazer isso não é problema meu, e não deve ser o seu também.

—Coral... —murmurou, pensando em sua irmã gêmea.

Blake colocou as duas mãos na cintura de Paige e a acariciou sobre o vestido, com toques firmes. Da posição em que se encontrava, podia ver a calcinha bege que estava usando. Não era o momento de ceder aos seus desejos, pensou, evitando a tentação de desabotoar a gola do vestido e se livrar do sutiã que —certamente— combinava com as calcinhas. Essa mulher era a sua perdição.

—Em troca de uma nova casa longe de Portland, com Shawn, aceitou manter rigorosamente o tratamento psiquiátrico com o doutor Tomlinson. Tem que aceitar o divórcio que Anthony vai pedir, e seu sobrinho é a prioridade número um, não importa o que ela queira ou não. O bebê que está a caminho deve ser cuidado com o mesmo carinho que Shawn recebe, e caso haja reclamações suas, ou de qualquer outra pessoa por negligência, entrarão medidas legais na tentativa de dar a custódia temporária de seus filhos ao parente mais próximo, você, até que Coral retome as rédeas da sua vida.

Paige olhou para ele, espantada, comovida, confusa. Ele tinha conseguido resolver um dilema pessoal que, embora desejasse mais do que qualquer coisa, ela não tinha conseguido resolver.

—Uma casa longe de Portland? —perguntou com a voz baixinha.

—Eu imaginei que um lugar longe das más memórias, imprensa por toda a parte, e incômodos olhares depois do que saiu à luz sobre seu passado, seria o melhor para que Shawn e o bebê fossem criados.

—Blake, eu não tenho uma propriedade em...
—Minha casa em Colorado Springs. Vou colocá-la no nome de Shawn.
—Você não pode fazer isso! Eu vou pagar pela casa, mas...
—Eu posso fazer o que quiser com o meu dinheiro. Essa propriedade eu ganhei de herança da minha família e, embora haja muitas lembranças, em especial com você —ele piscou e Paige acabou deixando escapar um sorriso que aliviou o coração do sexy empresário— acho que é hora de outras pessoas terem a oportunidade de construir novas memórias.
—Eles não são sua família, nós não somos a sua família... É demais.
—Nunca nada será demais se eu puder lhe dar tranquilidade.
—Mas, Blake, não posso aceitar...
—Exato, você talvez não possa aceitar, mas Shawn é uma criança, e eu disse que ele teria muitos brinquedos.
—Não sei como você teve tempo de fazer isso... Não sei como...
—Isso é o de menos. Quando eu quero alguma coisa, eu movo céu e terra para conseguir, Paige, você deve saber disso.
—E o que era que você queria?
—Você, meu amor, você.
—Em que momento você fez tudo isso, Blake? Eu não sei o que dizer... Não tinha que lutar minhas batalhas... Você não sabia se eu iria corresponder...
Ele colocou os dedos sobre seus lábios, para silenciá-la.
—Não lutei suas batalhas, eu a ajudei a terminá-las depois das intermináveis lutas todos esses anos, meu amor. E não fiz tudo isso pensando se você poderia ou não corresponder, mas porque amo você, e eu prefiro ver você com outro —que eu mataria, é claro— em vez de saber que você está sofrendo em silêncio quando tudo ao seu redor está caindo aos pedaços.
—Ah, Blake —murmurou antes de se inclinar para beijá-lo, enquanto as lágrimas molhavam seu rosto— eu o amo tanto, tanto —sussurrou contra sua boca, enquanto o beijava como se fosse a última vez. O beijou com tudo o que possuía, com cada célula do seu corpo envolvida, porque agora era muito diferente dos beijos geralmente sensuais com ele, esse beijo foi comovente, lindo... Foi um beijo que selava o início de uma vida que tinha acabado de mudar para sempre.

Trinta minutos mais tarde, deitados na cama de Blake, cobertos com um caro lençol de seda cinza e ao calor da pele quente um do outro, observaram as manchetes da noite em *Gossip Around*. "Blake Howard sai das sombras e nos conta sua história. Não percam esta noite."

Paige levantou, apoiando-se sobre os cotovelos e olhou para ele.

—O que significa isso?

—Você deve ouvir o que vai acontecer.

Ela ouviu a história de Blake. Sua vida na Europa. Encantador, bonito e sexy, com seu terno sob medida sendo entrevistado pelo apresentador estrela, Caspian Rutherford. Os primeiros minutos da entrevista eram a respeito de suas realizações profissionais, falou de seu divórcio, e também da felicidade que representava para ele, a vida em família. Quando faltavam seis minutos para acabar, Blake disse que voltaria em um momento, mas Paige estava tão vidrada na tela que apenas assentiu. Como podia ter tanta sorte?, perguntou ela a si mesma, abobada pela voz, pela postura e a eloquência de Blake para guiar a entrevista à vontade quando deveria ser exatamente ao contrário.

—Então, Blake, por que você decidiu dar esta entrevista quando trabalhou tão duro para

permanecer no anonimato estes anos? —perguntou Caspian.

Paige aumentou mais volume, com o coração agitado. Sentou-se na posição de lótus, enquanto cobria os seios nus com o lençol.

—Uma mulher, é claro —respondeu ele, e Caspian riu.

—Fale-nos sobre isso —pediu o entrevistador.

Ela colocou a mão direita à altura do coração, como se assim pudesse impedir que continuasse batendo tão rápido.

—Há alguns dias, saiu uma reportagem neste programa sobre Paige Valois, expondo seus segredos mais privados e dolorosos. Sou culpado por tê-la julgado erroneamente, assim como fizeram vocês —os jornalistas, o público e a imprensa marrom— ao longo de muitos anos. Paige é uma mulher com um coração de ouro e de absoluta integridade, acima de tudo, corajosa, e isso é algo do que poucos podem se gabar. É ela o motivo por que estou aqui —continuou olhando para a câmera, como se falasse apenas para ela— eu vim para dar a minha primeira entrevista, mesmo quando tenho cuidado da minha privacidade com tanto zelo esses anos, porque apenas uma mulher que conseguiu conquistar meu coração, sem sequer tentar, poderia ter me levado a expôr a minha história á opinião pública.

—Essa é uma entrevista previamente gravada, você acha que Paige pode perdoar as atitudes de Galeana Micontti em nome da Lion Records, ao vender a sua história?

Blake voltou a olhar para a câmera.

—O que eu sinto por Paige vai além do ego ou orgulho. Eu só espero que, quando ela ver esta reportagem, possa me perdoar pelo que eu fiz...

—Se não for assim?

—Eu não sou um homem que se dá por vencido, Caspian —respondeu, mas não olhava para o jornalista de cabelos pretos, e sim para a tela. Para Paige.

Naquele momento, o apresentador começou a perguntar sobre os sucessos musicais que viriam a seguir na agenda da Lion Records, e outros temas distantes do plano pessoal de Blake. Ela não ouviu mais nada... Blake havia acabado de declarar seu amor na televisão aberta. Não só isso, mas havia aparecido, voluntariamente, na televisão com a finalidade de chegar a ela, sem saber se ela gostaria de vê-lo ou ouvi-lo ou perdoá-lo...

—Paige.

A voz de Blake a assustou. Virou o rosto para a esquerda. Ele estava de novo a seu lado, na cama.

—Eu...

—Sou bom em guardar segredos —disse Blake— e espero que você tenha gostado. Embora —ele tirou do bolso uma caixinha e a abriu diante dela— eu acho que este é o melhor guardado.

—Oh, Deus —murmurou Paige quando viu o brilho do anel de diamantes no estilo princesa, e depois Blake ajoelhando-se em frente a ela.

—Paige Valois, eu a amo, e me sinto um sortudo por você também me amar. Não quero ter que passar um dia mais longe de você. Forma, por favor, uma família ao meu lado, quero acordar e dormir ao seu lado. Quero fazer você sorrir, e ganhar o direito de desfrutar do seu amor. Conceda-me a honra de poder chamá-la de minha esposa. Você aceita se casar comigo?

Ela soltou um riso nervoso que se misturou com um soluço.

—Blake... —assentiu duas vezes, e ele deslizou o delicado anel em seu dedo. Ficou perfeito. Depois ficou de pé para aproximar-se dela—. É lindo.

—Você não me disse que sim... —murmurou ele contra a suave boca de Paige.

—Sim, claro que vou casar com você.

Ficaram abraçados, nus, durante um longo tempo. Não só haviam deixado descobertos seus corpos, mas também o coração um para o outro. Nenhuma dor poderia ser aplacada, nenhum segredo perdoado, e nenhuma alma redimida, se não houvesse um presente com o poder de conquistar os mais difíceis objetivos. O amor.

EPÍLOGO

Dois anos mais tarde...

Paige terminou de cantar a última canção durante o mini recital que ofereceu como presente de aniversário a sua sogra, Sabrina Howard, pelos sessenta anos. Greg, seu sogro, havia lhe pedido que fizesse o favor de cantar para eles naquele dia. Paige não podia recusar e, na verdade, gostava muito das noites com a sua nova família, enquanto conversavam de música, histórias e planos de viagens para o futuro. Se sentia bem-vinda, e querida. Aqueles sentimentos eram genuínos, e por isso os valorizava intensamente.

Os aplausos não demoraram quando os convidados a observaram fazer uma rápida saudação. Ela sorriu para os presentes, mas seu olhar estava fixo em uma única pessoa. O único capaz de fazer seu mundo girar com tanto otimismo, que a incentivava a ser melhor profissional, melhor pessoa, e que enchia suas noites de beijos e deliciosos gemidos de paixão. Blake era um amante, amigo e marido maravilhoso. Tinham suas brigas, nada era perfeito, mas continuavam a aprender um com o outro. As agendas de trabalho estavam ocupadas, no entanto, ambos encontravam uma maneira de achar um espaço para dedicar-se diariamente um ao outro, salvo quando Paige estava em turnê pela Europa ou em outras cidades dos Estados Unidos. Esse tempo de casados havia sido um desafio constante.

Depois do casamento, e de conversarem muito, ela assinou um contrato —exigindo seus próprios termos— com a Lion Records. E terminava naquele ano. As turnês musicais haviam sido intensas, e ela estava exausta. No entanto, podia dizer com orgulho que o seu melhor trabalho era "Se houvesse um amanhã." Havia intitulado seu disco de dez canções inéditas com base naquilo que sempre desejou, e agora, por fim, tinha: uma família. Os arranjos musicais Blake fez com Pauline. Foi uma colaboração maravilhosa, e Paige gostou muito do trabalho em conjunto. Cada canção era uma confissão sincera de algum aspecto de sua vida. Finalmente podia dizer que havia cantado do seu coração e com toques mais pessoais.

—Que maravilhoso! —gritou Sabrina, aplaudindo com um sorriso antes de se aproximar do palco improvisado que haviam colocado no grande salão da casa dos pais de Blake—. Obrigada, Paige.

—Foi um prazer, feliz aniversário! —sorriu.

Tinha um ano e meio de casada com Blake.

Depois de comprometerem-se, ele a levou para conhecer sua família. Ao contrário do que poderia ter imaginado, depois da má impressão dos anos anteriores, os Howard foram muito agradáveis e gentis com ela. Com Pauline, a quem ele sempre via de longe na entrega de prêmios ou festas de celebridades, teve uma conversa aberta e sincera desde o início.

—Quero lhe dar as boas-vindas à família —havia lhe dito no dia do casamento, que foi celebrado de forma discreta em uma bela propriedade rural nos arredores de Los Angeles— e agradecer porque você devolveu ao meu irmão a vontade de amar e, acima de tudo, porque graças a você, agora ele sorri de verdade.

—Ah... Obrigada.

—Você pode contar sempre com o apoio de todos nós —disse apontando para a família Howard, incluindo o marido de Pauline— porque agora somos também sua família.

Melinda havia sido sua Dama de Honra, e Josh a levou ao altar no dia de seu casamento com Blake. Foi um dos dias mais bonitos e emocionantes. Seu sobrinho, Shawn, levou as alianças de casamento. Carrie, a sobrinha de Blake, foi a florista. Não houve celebridades presentes. Apenas a família e amigos íntimos. A recepção não havia superado as setenta pessoas.

Coral —durante a recepção— pediu perdão por todo o mal que, ao lado de Anthony, havia lhe causado no passado, e agora que estava de volta no caminho certo e vivendo em uma nova cidade, inclusive confessou que havia começado a sair com um dentista em Colorado Springs, divorciado e sem filhos, que adorava Shawn e Corina, sua filha mais pequena.

Paige não guardava rancor em relação a sua irmã. Tinha decidido deixar o passado no esquecimento. Não podia arrastar aquelas correntes nas costas e fingir ser feliz. Sua relação com Coral era distante, mas mais respeitosa e sincera. Shawn, o seu querido menino, crescia com rapidez, e seria sempre o seu mais mimado, mas tinha que deixar Coral ser mãe, e Paige devia dedicar todos os seus esforços não apenas para ser feliz, mas para consolidar a sua família com Blake.

Enquanto os convidados começaram a conversar uns com os outros, Paige caminhou por entre as pessoas para chegar até Blake. Seu amado Blake.

Vestido com calça azul marinho sob medida, sapatos lustrados e uma camisa branca que ficava como uma luva, ele sorriu. Quando chegou até ele, sem se importar com quem estivesse presente, a abraçou e lhe deu um breve, mas apaixonado beijo.

—Olá, senhora Howard —disse-lhe contra os lábios.

—Blake —murmurou, olhando para um lado e outro. Sua sogra fez um aceno, e depois se afastou de ambos para atender seus amigos— aqui não.

Ele acariciou suas costas descobertas. Paige usava um vestido preto que se ajustava às suas curvas, e quando se virava mostrava uma faixa das costas descobertas, em forma de V, até chegar quase ao limite com o início de seu bumbum. Era, ao mesmo tempo que elegante e conservador, muito sexy. Blake estava louco para tirar-lhe o maldito vestido.

—Seu contrato com a Lion Records expirou ontem...

Ela riu.

—Agora estou desempregada —brincou— e talvez eu fique um tempo fora dos palcos para algo mais... digamos, pessoal.

Blake a apertou mais próximo a ele. Estavam em um canto discreto do salão, mas nem por isso longe da vista dos que gostavam de reparar neles.

—Ah, sim...?

Paige assentiu.

—Terminei minhas turnês com sucesso. Talvez o dono da gravadora saiba pelos ganhos que eu proporcionei a ele, e porque —tão generosamente— decidimos fazer uma doação para criar albergues em zonas sensíveis por furacões nos Estados Unidos. Agora, eu tenho uma pergunta, pois provavelmente me indicarão para vários Grammy, mas já não vou estar fora do país por mais tempo.

—Ah, ah, uma pergunta, o que seria? —perguntou Blake colocando a testa sobre a de Paige, adorando-a com seu olhar e sentindo-se feliz por ter vencido suas inseguranças e receios sobre o amor. Por Paige.

Ela tomou as mãos de Blake e colocou-as sobre a sua barriga ainda plana.

—O que acha da possibilidade de o dono da gravadora, desistir de renovar o meu contrato para, em troca, assinar um por período indeterminado?

—Paige...

—O que você me diz?

Ele sorriu. Foi a segunda vez, porque a primeira ocorreu no dia em que se casaram, que ela observava como os olhos de Blake pareciam encher de lágrimas não derramadas.

—Você vai me contar o que estou pensando, o dono da Lion Records não vai querer assinar um novo contrato com você até depois de cinco anos.

Ela soltou uma gargalhada.

—Já negociaremos —piscou para ele antes de abraçá-lo e sussurrar—: Agora precisamos assinar o contrato mais importante.

—Além de sermos os melhores amantes? —perguntou, provocando-a.

Paige lhe deu um beijo nos lábios, sorrindo.

—Sermos os melhores pais a partir de setembro —sussurrou, antes de Blake tomá-la pela mão para escaparem juntos da festa e celebrar, em particular, aquela tão maravilhosa notícia.

SOBRE A AUTORA



Escritora equatoriana de romance e ávida leitora do gênero, Kristel Ralston é apaixonada por histórias que transcorrem entre palácios e castelos da Europa. Embora gostasse de sua profissão como jornalista, decidiu dar outro rumo a sua carreira e ir para o velho continente estudar um mestrado em Relações Públicas. Foi durante sua estadia na Europa que leu vários romances que a cativaram e impulsionaram a escrever o seu primeiro manuscrito. Desde então, nem em sua grande biblioteca pessoal, nem em sua agenda semanal, faltam livros deste gênero literário.

Em 2014, Kristel deixou seu trabalho no escritório com horário regular em uma importante empresa do Equador, onde trabalhava como diretora de comunicação e relações públicas, para dedicar-se por completo à escrita. Desde então, já tem dezenove títulos publicados, e esse número promete continuar em ascensão. A autora equatoriana não trabalha apenas de forma independente na plataforma da Amazon, KDP, mas também possui contratos com editoras como o Grupo Editorial Planeta (Espanha e Equador), HarperCollins Ibérica (com seu selo romântico, HQÑ), e a Nova Casa Editorial.

Seu romance "Laços de Cristal", foi um dos cinco manuscritos finalistas anunciados no II Concurso Literário de Autores Indies (2015), patrocinado pela Amazon, Diario El Mundo, Audible e Esfera de Libros. Este concurso recebeu mais de 1.200 manuscritos de diferentes gêneros literários de 37 países de língua hispânica. Kristel foi a única latino-americana, e a única escritora do gênero romance entre os finalistas. A autora também foi finalista do concurso de romance romântico Leer y Leer 2013, organizado pela Editora Vestales da Argentina, e o blog literário Escribe Romántica.

Kristel Ralston tem publicado vários romances como Tentação ao amanhecer, Votos de traição, Um homem de família, Reckless, Estava escrito nas estrelas, Entre as areias do tempo,

Brilho do luar, Enquanto não estava, Ponto de quebra, A vingança errada, O preço do passado, Um acordo inconveniente, Laços de cristal, Sob suas condições, O último risco, Voltar a ti, Um capricho do destino, Desafiando o coração, Além do anoitecer, entre outros. Os romances da autora também podem ser encontrados em vários idiomas como inglês, francês, italiano, alemão, hindi e português.

A autora foi indicada por uma reconhecida publicação do Equador, Revista Hogar, como uma das mulheres do ano de 2015, por seu destacado trabalho literário. No mesmo ano, participou da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no estande da Amazon, como uma das autoras de romance mais vendidas da plataforma e na qualidade de finalista do II Concurso Literário de Autores Indies. Repetiu a experiência, compartilhando seu testemunho como escritora de sucesso da Amazon KDP em espanhol, em março de 2016, percorrendo várias universidades da Cidade do México e Monterrey.

Kristel é a primeira escritora equatoriana de romance romântico reconhecida nacional e internacionalmente. Ela fixou sua residência temporária em Guayaquil, no Equador, e acredita firmemente que os sonhos se tornam realidade. A autora gosta de viajar pelo mundo e escrever romances que convidem os leitores a não deixar de sonhar com os finais felizes.

Twitter e Instagram: @KristelRalston

Facebook: KristelRalston, Books

Web: www.kristel-ralston.com